

---

---

# CONTRIBUTOS PARA UMA VISÃO ESTRATÉGICA DA INVESTIGAÇÃO NA ÁREA DO DESIGN EM PORTUGAL

---

---

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

MARIA JOÃO LOPES GUERREIRO FÉLIX

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM DESIGN

## VOLUME II

Documento definitivo

### ORIENTADOR

Professor Doutor Vasco Afonso Branco  
Universidade de Aveiro

### COORDENADOR

Professor Doutor Fernando Moreira da Silva  
Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

### JÚRI

#### PRESIDENTE

Doutor José Duarte Centeno Gorjão Jorge  
Professor Associado com Agregação, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

#### VOGAIS

Doutor Vasco Afonso da Silva Branco  
Professor Associado do Departamento de Comunicação e Artes, Universidade de Aveiro

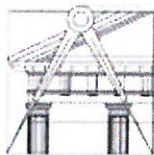
Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva  
Professor Associado com Agregação, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutor João Paulo Martins  
Professor Auxiliar, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutora Ana Cristina dos Santos Guerreiro  
Professora Auxiliar, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Doutora Maria João Bravo Lima Nunes Delgado  
Professora Adjunta, Instituto Superior de Ciências Educativas

Doutor João Vasco Matos Neves



**U**  
LISBOA  
AN FUNDAMENT  
ET LIBERT

TD  
291.4  
UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE ARQUITETURA

OFERTA

---

# CONTRIBUTOS PARA UMA VISÃO ESTRATÉGICA DA INVESTIGAÇÃO NA ÁREA DO DESIGN EM PORTUGAL

---

**MARIA JOÃO LOPES GUERREIRO FÉLIX**

---

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR EM DESIGN.

---

## DOCUMENTO DEFINITIVO

### VOLUME II

#### ORIENTADOR |

PROFESSOR DOUTOR VASCO AFONSO BRANCO,  
UNIVERSIDADE DE AVEIRO.

#### COORIENTADOR |

PROFESSOR DOUTOR FERNANDO MOREIRA DA SILVA,  
FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TECNICA DE LISBOA.

#### JÚRI

##### PRESIDENTE |

DOUTOR JOSÉ DUARTE CENTENO GORJÃO JORGE,  
PROFESSOR ASSOCIADO COM AGREGAÇÃO, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA.

##### VOGAIS |

DOUTOR VASCO AFONSO DA SILVA BRANCO,  
PROFESSOR ASSOCIADO DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E ARTES, UNIVERSIDADE DE AVEIRO;

DOUTOR FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA,  
PROFESSOR ASSOCIADO COM AGREGAÇÃO, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA;

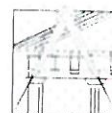
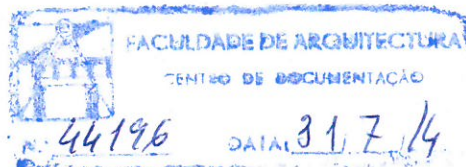
DOUTOR JOÃO PAULO MARTINS,  
PROFESSOR AUXILIAR, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA;

DOUTORA ANA CRISTINA DOS SANTOS GUERREIRO,  
PROFESSORA AUXILIAR, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA;

DOUTORA MARIA JOÃO BRAVO LIMA NUNES DELGADO,  
PROFESSORA ADJUNTA, INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS EDUCATIVAS;

DOUTOR JOÃO VASCO MATOS NEVES,  
PROFESSOR ADJUNTO, ESCOLA SUPERIOR DE ARTES APLICADAS DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO.

Lisboa, Dezembro de 2013



FACULDADE DE ARQUITECTURA

BIBLIOTECA



0990031943







## ÍNDICE DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE 1 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA FAUTL</b>	15
<b>APÊNDICE 2 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELAS EDIÇÕES ANTERIORES A 2012/2013, DO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA UA</b>	22
<b>APÊNDICE 3 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA UA</b>	28
<b>APÊNDICE 4 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA FBAUP</b>	39
<b>APÊNDICE 5 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN DE EQUIPAMENTO, DA FBAUL</b>	45
<b>APÊNDICE 6 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN DE COMUNICAÇÃO, DA FBAUL</b>	51
<b>APÊNDICE 7 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN, DA UL</b>	58
<b>APÊNDICE 8 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN, DO IADE</b>	61
<b>APÊNDICE 9 - EXEMPLO DE UMA GRELHA DE ANÁLISE ATRAVÉS DA FICHA DE REGISTO DE UMA TESE DE DOUTORAMENTO</b>	67
<b>APÊNDICE 10 - TESSES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	73
<b>FBAUL - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 11 - TESSES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	74
<b>FBAUL - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE</b>	
<b>APÊNDICE 12 - TESSES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	75
<b>FBAUL_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	

<b>APÊNDICE 13</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	76
<b>FBAUL_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 14</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	77
<b>FBAUL_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 15</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	78
<b>FAUTL - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 15 a)</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	79
<b>FAUTL a) - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 15 b)</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	80
<b>FAUTL b) - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 16</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	81
<b>FAUTL - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.</b>	
<b>APÊNDICE 16 a)</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	82
<b>FAUTL a) - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.</b>	
<b>APÊNDICE 17</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	83
<b>FAUTL _ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS</b>	
<b>APÊNDICE 17 a)</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	84
<b>FAUTL a) _ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	
<b>APÊNDICE 17 b)</b> - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012	85
<b>FAUTL b)_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	

<b>APÊNDICE 18 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	86
<b>FAUTL _ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 18 a) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	87
<b>FAUTL a)_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 18 b) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	88
<b>FAUTL b)_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 19 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	89
<b>FAUTL_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 19 a) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	90
<b>FAUTL a)_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 19 b) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	91
<b>FAUTL b)_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 19 c) TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	92
<b>FAUTL c)_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 20 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	93
<b>FBAUP- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 21 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	94
<b>FBAUP- - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE</b>	

<b>APÊNDICE 22 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	95
<b>FBAUP- _ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	
<b>APÊNDICE 23 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	96
<b>FBAUP- _ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 24 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	97
<b>FBAUP- _ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 25 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	98
<b>UA- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 25 a) TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	99
<b>UA- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 26 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	100
<b>UA- - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.</b>	
<b>APÊNDICE 26 a) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	101
<b>UA- - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.</b>	
<b>APÊNDICE 27 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	102
<b>UA _ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	
<b>APÊNDICE 27 a) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	103
<b>UA _ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	
<b>APÊNDICE 28 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	104
<b>UA_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 28 a) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	105
<b>UA_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO</b>	

<b>APÊNDICE 29 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	106
<b>UA _ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA</b>	
<b>APÊNDICE 29 a) - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	107
<b>UA _ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA THROUGH DESIGN, ÁREA</b>	
<b>APÊNDICE 29 b) TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	108
<b>UA _ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 30 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	109
<b>UL- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA</b>	
<b>APÊNDICE 31 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	109
<b>UL_ NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.</b>	
<b>APÊNDICE 32 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	109
<b>UL _ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.</b>	
<b>APÊNDICE 33 - TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	110
<b>UL _NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.</b>	
<b>APÊNDICE 34 TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012</b>	110
<b>UL _ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.</b>	
<b>APÊNDICE 35 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DA SECÇÃO DE DESIGN DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO CIEBA</b>	111
<b>APÊNDICE 36 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DE CENTROS DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN CIAUD</b>	121
<b>APÊNDICE 37 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DE CENTROS DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN ID+ -UA</b>	132
<b>APÊNDICE 38 - ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DE CENTROS DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN ID+ -FBAUP</b>	143
<b>APÊNDICE 39- ENTREVISTA AO COORDENADOR DA LINHA DE INVESTIGAÇÃO EM CULTURA MATERIAL E CIÊNCIAS DO DESIGN, UNIDCOM</b>	153



## INDÍCE DE ANEXOS

<b>ANEXO 1</b> - PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO EM DESIGN DA FAUTL	165
<b>ANEXO 2</b> - PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO EM DESIGN DA UA + FBAUP	167
<b>ANEXO 3</b> - PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO DA FBAUL	168
<b>ANEXO 4</b> - PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO DA UL	170
<b>ANEXO 5</b> - PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO DO IADE	170
<b>ANEXO 6</b> - RELATÓRIO PRELIMINAR DA CAE NOVO CICLO DE ESTUDOS   CARACTERIZAÇÃO DO PEDIDO FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO RELATÓRIO DA CAE - NOVO CICLO DE ESTUDOS	172
<b>ANEXO 7</b> - RELATÓRIO PRELIMINAR DA CAE NOVO CICLO DE ESTUDOS   CARACTERIZAÇÃO DO PEDIDO UNIVERDIDADE DE AVEIRO RELATÓRIO DA CAE - NOVO CICLO DE ESTUDOS	177
<b>ANEXO 8</b> - RELATÓRIO PRELIMINAR DA CAE NOVO CICLO DE ESTUDOS   CARACTERIZAÇÃO DO PEDIDO INSTITUTO DE ARTES VISUAIS DESIGN E MARKETING RELATÓRIO DA CAE - NOVO CICLO DE ESTUDOS	183
<b>ANEXO 9</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO DAS ARTES	189
<b>ANEXO 10</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO DAS ARTES-RESULTADO	189
<b>ANEXO 11</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO DAS ARTES - RAMO EM DESIGN	190
<b>ANEXO 12</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - RAMO EM DESIGN - RESULTADO	190
<b>ANEXO 13</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - ESPECIALIDADE EM DESIGN	191
<b>ANEXO 14</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES E ESPECIALIDADE EM DESIGN-RESULTADO	191
<b>ANEXO 15</b> - DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - TÍTULO DA TESE EM DESIGN	192

<b>ANEXO 16 - DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - TÍTULO DA TESE EM DESIGN_</b> <b>RESULTADO</b>	192
<b>ANEXO 17 - DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - RAMO E</b> <b>ESPECIALIDADE EM DESIGN</b>	193
<b>ANEXO 18 - DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - RAMO EM</b> <b>DESIGN</b>	193
<b>ANEXO 19- DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO -</b> <b>ESPECIALIDADE EM DESIGN</b>	194
<b>ANEXO 20- DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - TÍTULO EM</b> <b>DESIGN</b>	194
<b>ANEXO 21 - EXEMPLO DE UMA TESE DE DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES E</b> <b>RAMO DESIGN</b>	195
<b>ANEXO 22 - UNIDADES DE I&amp;D DA FCT   ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS</b> <b>ARTÍSTICOS</b>	197
<b>ANEXO 23- UNIDADES DE I&amp;D DA FCT   FICHA DE REGISTO   ÁREA</b> <b>CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS   RESULTADOS DA AVALIAÇÃO</b> <b>2007 - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DE ESTUDOS EM BELAS-</b> <b>ARTES (CIEBA)- FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE</b> <b>LISBOA</b>	202
<b>ANEXO 24- UNIDADES DE I&amp;D DA FCT   FICHA DE REGISTO   ÁREA</b> <b>CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS   RESULTADOS DA AVALIAÇÃO</b> <b>2007 - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITECTURA URBANISMO E</b> <b>DESIGN - (CIAUD) - FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE</b> <b>TÉCNICA DE LISBOA</b>	214
<b>ANEXO 25- UNIDADES DE I&amp;D DA FCT   FICHA DE REGISTO   ÁREA</b> <b>CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS   RESULTADOS DA AVALIAÇÃO</b> <b>2007 - CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM TERRITÓRIO, ARQUITECTURA E</b> <b>DESIGN (CITAD), UNIVERSIDADE LUSÍADA</b>	220
<b>ANEXO 26- UNIDADES DE I&amp;D DA FCT   FICHA DE REGISTO   ÁREA</b> <b>CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS   RESULTADOS DA AVALIAÇÃO</b> <b>2007 - UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN E COMUNICAÇÃO -</b> <b>UNIDCOM/IADE DO INSTITUTO DE ARTES VISUAIS, DESIGN E</b> <b>MARKETING</b>	229
<b>APÊNDICE 27- UNIDADES DE I&amp;D DA FCT   FICHA DE REGISTO   ÁREA</b> <b>CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS   RESULTADOS DA AVALIAÇÃO</b> <b>2007 - ID+ (INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, MEDIA E</b> <b>CULTURA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO</b>	236

**APÊNDICE 28- INFORMAÇÃO RELATIVA AOS RELATÓRIOS DE  
PROGRESSO DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO CREDITDAS PELA FCT- 239  
PERÍODO DE 01.01.2011 À 31.12.2012. FBAUL, CIAUD, ID+, UNIDCOM**



---

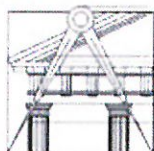
## APÊNDICES

---



## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA FAUTL

FAUTL - PROFESSOR DOUTOR FERNANDO MOREIRA DA SILVA



### 1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]

- 1.1 CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

FMS- Eu penso que existem. Como quaisquer outras áreas disciplinares há características próprias do doutoramento em design. O doutoramento em design, talvez por ser uma área do conhecimento, ainda menos consolidada, necessita de cruzar informação que lhe vem de várias fontes e utilizar metodologias próprias de modelos quer analíticos, quer conceituais, quer ainda matemáticos, ou seja tanto, vai beber às ciências sociais. Tanto vai beber à parte artística, como vai aos modelos mais rigorosos das próprias ciências. Talvez em relação aos outros, o design em si, como é um grande chapéu de chuva, tem um conjunto de saberes que se ligam, que se cruzam e por isso é difícil nós fazermos, ou abordarmos, um tópico investigativo isolado. Para já porque nós temos como centr, de todas as nossas investigações, o ser humano e cada vez e depois, para além disso, há sempre muitas formas de aproximação, muitas áreas que se cruzam e nós estamos muito conscientes disso o que não acontecia até há uns tempos onde as coisas estavam um bocadinho separadas

A pessoa, imaginemos, de ciências sociais, ou sou de sociologia que a sua tese abordava apenas as questões da sociologia, pois quase que nem lhe passava pela cabeça, ou seria quase considerado um sacrilégio a um grão de arroz, se tocasse na parte da filosofia. Enquanto que o designer não. O designer diz: é a perspectiva do designer sobre isto.

Enquanto que as belas artes continuam a estar muito ligadas à parte das artes, o design pela própria disciplina em si, está muito mais próximo das técnicas e das tecnologias e fazemos um bocadinho o conciliar entre os aspetos artísticos e a própria ciência, porque tentamos resolver problemas.

Ora isto não é efetivamente uma postura artística. Por outro lado o doutoramento em design tem a possibilidade de estar perfeitamente articulado com a sociedade civil e com o mundo empresarial, etc.

1.2 EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.

SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

FMS- Eu penso que sim, penso que por um lado, e neste caso concreto, não estamos isolados se o programa doutoral tem como pares, por exemplo, no caso aqui da Faculdade de Arquitetura, o programa doutoral em arquitetura e o programa em urbanismo. Houve, e cada vez mais há, um esforço para que haja cruzamento, para que haja momentos em que os alunos, independentemente do programa doutoral, possam sentar-se à mesma mesa, discutir temáticas, estudar em conjunto disciplinas ou unidades curriculares como as metodologias de investigação, que hoje em dia são dadas em conjunto, quer um aluno seja de arquitetura, do urbanismo ou de design. Os alunos têm a possibilidade, em termos de optativas de estarem mais próximos do urbanismo ou da arquitetura, ou do design. Ora isto vai, quer queiramos quer não, moldar o próprio curso, por isso se a instituição tem mais do que um programa doutoral e há esta possibilidade de transversalidade é lógica que as pessoas vão buscar

informações a outras disciplinas a outras áreas. Por isso há efetivamente uma influência, até quase uma certa contaminação.

No nosso caso o design sempre foi, desde que foi criado a montante da arquitetura, ou seja, está intimamente ligado a esta problemática e é um design completamente diferente, por exemplo, do design das Belas Artes que é nitidamente um design que está ligado à matriz artística e que vem muito por arrasto da própria arte em si e, neste caso, contaminado pela pintura, pela escultura, enquanto nós somos muito mais ligados e tentamos resolver problemas ligados a este universo que vai desde o espaço urbano até ao ser humano.

### 1.3 COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÉMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

FMS- Eu com isto não concordo. Eu acho que todos os trabalhos de investigação que se fazem, a nível, por exemplo, deste programa doutoral, que é o que eu conheço melhor, todos os trabalhos, todos os tópicos investigativos e depois o processo para encontrar um real contributo para o conhecimento, passa sempre por uma forma de avaliação e de validação. Sempre. Hoje em dia é perfeitamente possível, os métodos as técnicas, que existem, permitirem que nós possamos chegar a esse nível porque se a pessoa disser: é algo que não posso implementar porque não é um objeto, mas se forem linhas de orientação é perfeitamente possível ter painéis de especialistas, painéis de utilizadores, cruzar essa informação, introduzir alterações, nessas mesmas linhas, de acordo com os feedbacks que existem nesse número de painéis, o número de participantes, a quantidade desses painéis, tudo isso é perfeitamente possível acautelar e eu acho que o real contributo para o conhecimento está lá.

### 1.4 COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

FMS- Eu penso que deve ser orientado como qualquer outro estudante de doutoramento. Os cursos vieram trazer uma nova possibilidade que

é a das pessoas não estarem sozinhas e quando eu digo sozinhas, é esse isolamento quer ao investigar, quer na relação apenas com o seu orientador ou com a sua orientação, eu penso que era muito limitativa. O curso veio trazer a possibilidade de se formarem grupos, das pessoas interagirem dentro da turma, de interagirem com outros colegas, que conhecem ao nível das optativas, que estão no mesmo espaço, de termos seminários, de termos workshops, de termos várias conferências, de termos debates e isso, quer queiramos quer não, são efetivamente formas das pessoas confrontarem e de mostrarem os seus tópicos investigativo

Por isso o orientar do aluno, hoje em dia, está muito contaminado por toda esta envolvência. Não é só o orientador, ele recebe informação de muitas fontes, inclusive, até das discussões que trava com os próprios colegas e isso é extremamente saudável, porque aquilo que nos importa a todos. Eu, pelo menos, como orientador, não me consigo considerar senhor do conhecimento e aprendo todos os dias e aprendo com os meus orientandos e esta troca é extremamente importante. Por isso esta abertura ao conhecimento, que é isso que nos importa, é contribuir para o conhecimento. Isso é que é para nós fundamental e se isso se faz pelo orientador e também por outras vias ótimo. Por isso é que cada vez mais nós dizemos aos alunos que logo que tenham os primeiros resultados, quer seja a nível dos processos, quer seja a nível dos primeiros resultados, ou de intermédios, devem disseminá-los, devem difundir, devem de criar o seu próprio blogue ou uma página webb, ou devem de fazer artigos, ou ir a um congresso ou uma conferência mostrar, fazer efetivamente uma difusão disso e confrontar e sentir. Porquê? Porque se calhar esse mesmo tópico investigativo está a ser feito no país, perto de nós, noutra programa doutoral e está a ser também investigado por outra pessoa e não é por isso que é menos válido. Porquê? Porque o nosso background pessoal é diferente. Basta isso que até podemos estar dois a investigar a mesma coisa que não vamos, de certeza, fazer a abordagem da mesma forma, não vamos chegar aos mesmos resultados. Isto é muito saudável porque podemos, de repente, trocar informações sobre novas fontes. Fontes literárias e

outras que entretanto possam aparecer. Logo a orientação dos estudantes de doutoramento, em design, que eu entendo estar muito desperto para o mundo e para tudo o que o rodeia, porque a própria prática do designer obriga a que ele, como há pouco eu referi, cruze muita informação e depois esta abertura muito mais para o conhecimento e não apenas para os aconselhamentos da mestria do orientador.

## **2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]**

### **2.1 CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÊMICA DESTE GRAU?**

FMS- Totalmente e cada vez mais. Cada vez mais o doutoramento em projeto é um doutoramento válido porque muitas vezes são esses doutoramentos que conseguem fazer avançar, em termos técnicos, em termos tecnológicos e são essas respostas que a sociedade, a indústria, as empresas, esperam de nós e por isso é tão válido um doutoramento em projeto como qualquer outro.

### **2.2. ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?**

FMS- Sim. Há muitos projetos de investigação que são efetivamente projetos práticos.

## **3. [DOUTORAMENTO EM OBRA]**

### **3.1 EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?**

FMS- Nós temos o Conselho Científico que definiu critérios específicos para o doutoramento em obra e a posição que nós temos é a do rigor, sendo a exigência de um doutoramento em obra exatamente igual ao de uma investigação de qualquer outro doutorando. Porquê? A única diferença para mim é que nós não temos que ir procurar o tópico investigativo fora. O tópico investigativo está na nossa obra, mas não é por dizer estou a trabalhar há 30 eu tenho 2000 projetos feitos, que isso faz com que eu possa fazer um doutoramento por obra, porque eu terei

que encontrar, na minha obra, onde, ou de que forma, é que houve um real contributo. O que é que eu trouxe de novo com a minha obra para. E isso pode ser feito com cinco projetos. Pode ser feito com vinte projetos. Não precisam de ser 2000. E não é por quantidade, não é por volume de obra, é pela importância que a obra dessa pessoa teve, no avanço ou no trazer algo de novo, por isso tem sempre que se encontrar um contributo e o tópico, não se vai buscar fora, vai-se buscar dentro. Agora tem que se dizer o que é que trouxe de novo. Estou a trabalhar há muitos anos nisto e acho que já não preciso de fazer doutoramento. Mentira. Isso não é um doutoramento de prova, por isso é que o Conselho Científico, em que fiz parte da Comissão, constituiu e trabalhou nesses critérios, sendo a nossa preocupação a de ter as mesmas exigências, o mesmo rigor de qualquer outro doutoramento. Pura e simplesmente se a pessoa tem uma obra e ao longo da sua obra conseguiu encontrar esse contributo, então avance, mas tem que constituir-se na mesma, tem que ter tópico investigativo, tem que ter tudo.

#### 4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]

##### 4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?

FMS- Cada vez mais, sobretudo a nível da estrutura internacional, os doutoramentos são fundamentais para a profissão. Porquê? Porque as grandes empresas consideram que se esta pessoa é um perito, é um expert, neste tópico, porque até fez doutrina nele, então é a pessoa indicada para poder estar a dirigir esta equipa, ou a dirigir este laboratório, ou a dirigir precisamente este grupo de investigação, ou esta zona de trabalho, seja o que for, por isso grandes empresas, nomeadamente a Google, por exemplo, para muitos dos seus quadros, neste momento, para dirigir grandes equipas, até às vezes multidisciplinares, procura doutores.

MJF- EM PORTUGAL ENTÃO SERÁ ESSE O CAMINHO. MAS ATÉ AGORA NÃO SE TEM VERIFICADO.

FMS- Eu penso que sim. Antigamente o doutoramento era muito para a progressão académica, cada vez mais, as pessoas o procuram, porque começa a haver um vazio, a nível da investigação, no mestrado. Não há tempo para fazer investigação, é apenas uma aproximação e é no doutoramento que se faz investigação. Muitos sentem que isso é importante para o seu crescimento pessoal e profissional, como refer. Muitas vezes essa informação, que nós colhemos do doutoramento, aplicamos nas empresas, aplicamos no nosso mundo do trabalho e por isso cada vez mais será normal as pessoas fazerem doutoramentos e pós-doutoramentos. Penso que é um processo perfeitamente normal, não apenas para os que têm, por exemplo, profissão académica, mas para todos aqueles que querem melhorar-se. E, hoje em dia, os desafios são constantes e precisamos de nos atualizarmos e por isso eu dizer que o douramento não é sequer uma meta, o doutoramento e os pós-doutoramentos são uma etapa, é efetivamente o caminho que muitos já estão a seguir e que vão continuar, porque aí têm a possibilidade de desenvolver mais tópicos investigativos, mais investigação de real aplicação, depois na sua profissão.

Se me perguntar, por exemplo, sobre aprova de agregação, que é a última prova pública de um Prof. essa sim, esse eu penso que continuará a ser para quem faz a progressão académica. Agora o doutoramento e todos os projetos de pós-doutoramento, não um, mas se calhar são vários, começam a ser necessidades que as pessoas têm de voltar ao ensino, dentro daquele triângulo que eu referi, que é a investigação, o ensino e o mundo da sociedade civil. E por isso estas ligações que se fazem entre estes três vértices e todas elas são extremamente válidas.

## APÊNDICE 2

### ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELAS EDIÇÕES ANTERIORES A 2012/2013, DO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA UA

UA PROFESSOR DOUTOR VASCO BRANCO, RESPONSÁVEL PELAS EDIÇÕES ANTERIORES A 2012/2013



#### 1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]

1.1 CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

VB- Eu acho que existem diferenças que decorrem da natureza disciplinar de cada uma das áreas. Eu acho que a definição de um doutoramento na lei, define como fundamental, a dimensão da originalidade e a admissão de produção de conhecimento novo, portanto isso é transversal, a qualquer programa doutoral, e todos eles percorrem isso. Agora o que penso que está subjacente à pergunta é o que é que num doutoramento se sente que tenha dependência direta, sendo um doutoramento, que será sempre na área da filosofia, porque é que se notam as diferenças disciplinares? Porque as ontologias disciplinares são diferentes e, portanto, mesmo quando nós falamos em algo mais abstrato e mais puro, há uma influência dos interesses disciplinares, em cada uma das situações, e portanto eu acho que sim, que há uma diferença objetiva que depende das ontologias de cada uma das disciplinas porque o doutoramento irá, de certa maneira, fazer o enfoque nessas diferenças ontológicas. Como é que isso se traduz? Se eu fizer um doutoramento aplicado à natureza da arte, à natureza da engenharia, à natureza do design, eles são diferentes, ou seja, enquanto

eu na engenharia vou procurar sempre, num doutoramento. Estamos a falar, no sentido mais aplicado do termo, o processo de otimização, qualquer uma dimensão algorítmica que me permita otimizar um processo, qualquer que seja, o ponto de vista da resolução de um problema, mas enquanto na arte, do ponto de vista prático, aquilo que eu vou procurar é uma relação entre a minha interpretação do mundo e a maneira como eu a questiono e a dimensão técnica da tecnologia sobre a qual eu vou verter o meu trabalho sem estar preocupado ou numa dimensão de serviço específica à resolução da necessidade de alguém ou do desejo de alguém.

Já o design não, cruza de, certa maneira, estas duas esferas e terá sempre a preocupação de perceber a dimensão do outro, a dimensão de como é que pode ajudar, na satisfação de uma necessidade, na transformação de um desejo em desígnio, com uma dimensão autoral, ou seja, com uma intervenção de construção de significado que parte da interpretação do mundo do próprio protagonista, do próprio designer e olhando, portanto, também para a tecnologia disponível.

Eu gosto muito de usar algo (que penso que é Enzo Manzini que diz) que o designer trabalha entre o possível e o pensável e a investigação em design tenta, por um lado aumentar o limite do pensável, e por outro lado exaurir o possível, na conjugação com o anterior para propor uma nova solução para um desejo, para uma necessidade. Portanto na investigação em design a própria ontologia da disciplina nota-se.

1.2. EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.

SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

VB- É uma questão que cada um fala por si, a esse nível, por exemplo, o nosso doutoramento tem, de um lado, a comunicação e a arte, e a comunicação e arte em Aveiro tem música tem novas tecnologias de

comunicação e no design não vem diretamente, não é incubada, numa escola de belas artes como, por exemplo, no caso do nosso parceiro que é a Faculdade de Belas Artes do Porto, em que o design é incubado tipicamente naquilo que era uma escola de tradição artística que tinha pintura, escultura tinha as artes plásticas e de repente faz a incubação de uma formação em design. O nosso doutoramento é um doutoramento em design com as preocupações daquilo que é a cultura da própria disciplina. É óbvio, que todos nós, pela nossa formação, se calhar eu tenho um *apport* que tem um pensamento muito mais formatado pelo lado da engenharia porque tenho uma formação em engenharia, como outro colega meu que venha das belas artes terá um outro tipo de pensamento que decorre da sua formação, mas eu acho que as coisas não têm que ter, cada vez mais, essa influência mas sim subserviência não, ou seja o design é uma disciplina com corpo próprio, quanto a mim, com uma prática e com um corpo teórico próprio, com um pensamento próprio passível de ser autónomo e ter esse quadro ontológico bem definido e portanto venha de onde vier, na medida em que as coisas vêm sempre de algum lado, tem sempre uma mãe e um pai, não quero dizer que tenham que se manter influências vincadas ou pelo menos submissões por esse facto.

1.3 COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÉMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

VB- Eu entenderia isso mais com a relação entre a investigação de carácter qualitativo e quantitativo. As investigações de carácter quantitativo têm o seu próprio conforto porque normalmente dizem que os números provam. As investigações qualitativas ou de carácter fenomenológico ou de outras, etnográfico etc., são metodologias igualmente consistentes mas que parecem, nomeadamente em algumas escolas, que não dão suficiente conforto aos candidatos.

Uma das coisas fundamentais é que o design tem que ter a sua própria linguagem, os seus próprios métodos, a sua própria ideia de lidar com a sua realidade. Não precisa de estar a copiá-la, como diria Nigel Cross,

nem da arte nem da ciência. Portanto nesse sentido é preciso também que quem conduz isso seja muito claro junto dos investigadores, pois eles não têm que copiar modelos têm é que arranjar modelos que hoje em dia, cada vez mais, há pares no âmbito da própria disciplina. Têm que arranjar modelos de investigar que sejam validados pelos seus próprios pares, que não precisam de ser iguais, porque a disciplina não é igual.

#### 1.4 COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

VB- Isso gostava eu que me dissesse. Sei lá. É como os outros. O que é uma orientação? Como o próprio nome indica é ter a capacidade de ouvir as inquietações quando somos nós a propor o tema porque também já temos alguma ideia sobre o assunto que gostaríamos de ver investigado. Quando nos trazem um tema, que nos agrada e que nos agrada pensar, trata-se de fazer a partilha de pensamento sobre as reflexões do candidato. Há uma ideia, muitas vezes errada, em que se pensa que é o orientador que trabalha. mas não, quem tem que trabalhar é o estudante de doutoramento e o orientador tem que seguir, não digo literalmente, mas criativamente aquilo que o próprio tema encerra que é orientar. Tentar que as pessoas batam o mínimo possível contra a parede e quando as pessoas começam a bater numa parede qualquer, deve-se ser capaz de as desviar para a parede mais próxima. Eu vou citar o Bertrand Russel que tem uma coisa engraçada que é que "para quê repetir sempre o mesmo erro quando há tantos erros novos a experimentar", e um orientador o que deve fazer é tentar que a pessoa não repita o mesmo erro e passe para o próximo. No fundo é ajudá-lo a desenvolver o seu próprio raciocínio e a sua própria cultura sobre o tema que se propõem estudar e investigar.

## **2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]**

2.1 CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÉMICA DESTE GRAU?

VB- Claramente. Não tenho o mínimo de dúvida sobre isso. E aliás eu diria que, com a minha tipologia de formação, a minha metodologia de pensamento, para um país como o nosso, um doutoramento em projeto devia ser a natureza da coisa, devia ser profundamente natural. Nós precisamos de muitas soluções porque temos muitos problemas e portanto eu acho que a natureza do nosso tecido económico, do nosso tecido institucional, do nosso tecido industrial, pede uma intervenção de design generalizada. Eu acho que o design tem um contributo imenso para dar numa série de sentidos. Tem uma dimensão política que é importante afirmar e que pode ser profundamente útil.

2.2 ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?

VB- Tem e deve ter cada vez mais. Eu acho até que os doutoramentos, de base empresarial, ou ligados às empresas, deveriam invadir esta disciplina, mas isso é a minha opinião pessoal.

## **3. [DOUTORAMENTO EM OBRA]**

3.1 EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESSA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?

VB- Existem e existiu um que é do Francisco Providência que está definido. Há uma regulamentação sobre isso que consiste na possibilidade de se fazer reconhecimento de alguns percursos de vida notáveis, no âmbito da disciplina que existe em Portugal, mas que deve ser profundamente reservado e cautelosamente reservado a eles.

## **4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]**

4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?

VB- Com a nossa estrutura empresarial, para já o significado dos doutoramentos em design são reconhecimento de competências letivas

e o reconhecimento de competências para uma determinada pessoa se afirmar no corpo de docência do ensino superior politécnico e universitário, em Portugal

Fundamentalmente o seu resultado pragmático é esse. Nós não temos ainda uma integração, e isto é transversal, nas nossas PME's não há doutorados em nenhuma disciplina. Eu penso que não me estarei a enganar a dizer isso, não tenho também nenhuma evidência numérica a sustentar aquilo que eu estou a dizer, mas é intuitivamente daquilo que ouço nos telejornais e de ler algumas coisas é que não há, nas várias valências disciplinares, muitos doutorados nas empresas. Se nós considerarmos que um doutor se forma estudando profundamente uma área disciplinar ou uma temática disciplinar, dentro de uma área como o design, se isso fosse vocacionado para uma realidade empresarial, isso podia ser muito importante porque estamos a falar num pensamento que transcende a mera operação e que pode ter uma valência estratégica muitíssimo mais forte e portanto isso seria importante.

## APÊNDICE 3

### ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA UA

UA PROFESSOR DOUTOR FRANCISCO PROVIDÊNCIA



**Francisco Providência, PhD**

**Diretor do Programa Doutoral em Design UA / UP (Universidade de Aveiro)**

Entrevista por Maria João Félix em 18 maio 2013

#### **1. O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN?**

1.0 O doutoramento em design é a prova de defesa pública de terceiro nível que, por isso, implica a demonstração de criação de novos domínios de conhecimento em design.

1.1 O doutoramento em design refletirá a sua própria especificidade ontológica e genealógica de projeto, assim se distinguindo dos doutoramentos em artes plásticas, ciências e tecnologias. Na génese dos seus processos de produção está uma atitude *abductiva* (e não tanto *dedutiva* como procuram as ciências, ou *indutiva* como se verifica nas artes).

A vulgarizada reflexão do reitor do Royal College of Art, Christopher Frayling sobre a investigação em design (citado por Margolin1998<sup>1</sup>), ainda se mantém como estrutura possível desta atividade científica,

---

<sup>1</sup> "I propose four core topics, or topoi, for design studies: design practice, design products, design discourse, and one more different from the other three – metadiscourse, which is the reflexive investigation of the field itself. I intend these four topics to embrace the complexity of design culture and the roles that its different actors – designers, managers, theorists, critics, policymakers, curators and users – play in it. The topics arise from a recognition that design is a dynamic activity whose methods, products and discourse are interactive and constantly changing".

MARGOLIN, Victor. Design Studies: Proposal for a new doctorate. In HELLER, Steven (ed), The education of a graphic designer. New York: ed. Allworth Press, 1998.

abrindo uma importante alternativa à investigação teórica sobre a sua prática. Frayling divide a investigação em três modelos:

1. A investigação nuclear sobre Design (“research into art and design”)<sup>2</sup>;
2. A investigação através do Design (“research through art and design”)<sup>3</sup>;
3. A investigação para o Design (“research for art and design”)<sup>4</sup>.

Resumindo, no pensamento de Frayling, detalhado por Margolin, verifica-se um faseamento de três modos de investigação (e consequente doutoramento), que vão da tradicional observação teórica sobre a disciplina do Design e suas produções materiais (recorrendo a outras áreas disciplinares como a História, a Psicologia ou a Sociologia...), a observação etnográfica dos processos de produção dos designers (procurando esclarecimento sobre as suas metodologias de produção e criação), até à mais comum das práticas projetuais em Design (observando o próprio produto projetado como manifestação de conhecimento).

Se no primeiro modelo se trata dos Estudos teóricos em Design ainda que dirigidos à prática, aos produtos, aos discursos ou aos metadiscursos do Design; no segundo modelo encontra-se a Investigação orientada pela prática, reflexão centrada no projeto e dirigida à compreensão metodológica do seu desenvolvimento; e no

---

<sup>2</sup> No primeiro modelo incluem-se não só os estudos tradicionais sobre história, teoria e crítica, mas também a investigação no campo da estética e da percepção, assim como as perspectivas técnicas, materiais e estruturais. Os Estudos em design (MARGOLIN, 1998), desdobram-se em quatro tópicos:

- 1.1 O estudo sobre a prática do Design (que inclui o estudo das atividades relacionadas com a concepção, planeamento e fabrico de produtos);
- 1.2 O estudo sobre os produtos do Design (nos quais se deverá dar relevo à identidade e interpretação dos produtos e ao seu papel na cultura);
- 1.3 O estudo do discurso do Design (sobre a ontologia do Design, os diferentes argumentos do que seja ou possa vir a ser esta disciplina);
- 1.4 O estudo dos estudos em Design ou metadiscurso (a reflexão epistemológica sobre este campo de conhecimento em si mesmo).

<sup>3</sup> O segundo modelo centra-se no projeto e relaciona-se com o que é conhecido em Inglaterra por Investigação orientada pela prática (“practice-led research”). Como exemplos são citados o estudo do comportamento de materiais, o desenvolvimento de uma tecnologia para cumprir uma nova tarefa ou a reflexão metodológica sobre o desenvolvimento de projecto.

<sup>4</sup> O terceiro modelo é a mais difícil de caracterizar na medida em que os seus resultados se concretizam no objecto, ou num corpo de objetos desenhados. A Investigação / experimentação em design processa-se numa das três vertentes:

- 3.1 em obra, (através da investigação de novas linguagens, com base em novos processos, materiais ou programas);
- 3.2 em especulação teórica;
- 3.3 na convergência das duas abordagens anteriores.

terceiro, os resultados da investigação estarão aplicados no novo produto desenhado, resultando a investigação quer na obra, quer na sua teorização, quer ainda na convergência de ambas.

Há, porventura, nesta divisão de três tipologias de doutoramento, a assunção das três tipologias semióticas de conhecimento: por pensamento dedutivo, indutivo e abdutivo:

O pensamento dedutivo das ciências naturais; o pensamento indutivo da observação etnográfica e o pensamento abdutivo do projeto em design.

Daqui se poderia deduzir que em Design *todo o autor é um doutor em potência*, na medida em que cada autor constrói um domínio metodológico original, uma sintaxe própria que se reconhece nos produtos da sua ação; cada autor é um agente de mudança, através dos artefactos, dispositivos e serviços por si criados, também eles parte dessa mudança. O autor em design é então, na taxonomia de Frayling e Margolin, um investigador para o Design (“research for art and design”), que realiza a sua teorização em espécie, isto é no projeto de design. A sua investigação experimental, poderá processar-se através da investigação de novas linguagens, com base em novos processos, materiais ou programas, (mas em obra), especulando teoricamente sobre essa experiência, ou na convergência das duas abordagens (e muitos dos autores que cumulativamente à sua prática projectual desenvolvem atividade docente, fazem-no implicitamente).

Daqui resulta que, se por um lado o *doutoramento em obra* (projeto) será aquele que melhor defende os interesses do Design enquanto disciplina autónoma na relação com as suas pares universitárias, também será aquele que mais dúvidas e dificuldades comporta pela difícil determinação dos contributos inéditos que a sua inovação comporta para o conhecimento. Na verdade, o doutoramento sobre a própria obra, ou na realização da própria obra, obrigará a uma tomada de consciência sobre o que nela significará construção de um novo domínio de conhecimento. A defesa da “tese” nestes casos, deverá recair sobre a apresentação da obra como construção laboratorial, que se

constitui como enunciado e demonstração, obrigando o seu autor a cindir-se em réu e juiz da mesma causa.

Poderemos ainda abordar o tema de outra forma. Considerando a estrutura vitruviana da arquitetura, fundada nos três propósitos da *firmitas, venustas e utilitas* (a durabilidade e resistência da coisa ou firmitas; a sua beleza ou apreciação estética ou venustas; e a sua utilidade, comodidade ou adequação prática ou utilitas), poderemos admitir a sua projeção para o design na consagração de idênticos radicais plasmados na autoria, programa e tecnologia (considerando a *autoria* como venustas, o *programa* como utilitas e a *tecnologia* como firmitas), ou seja, a garantida beleza do objecto, a sua adequação à finalidade do programa e a sua qualidade construtiva.

Reconhece-se também no tema de Vitruvius<sup>5</sup> (RUA, 1998) os antecedentes aristotélicos (recuperados por Séneca<sup>6</sup> (2009: 229)) sobre a causa das coisas, considerada sob três pontos de vista: a própria matéria (tecnologia) sem a qual nada pode ser produzido; o artífice (autor) que a transforma; e a forma (programa) apropriada que a cada objecto compete. Séneca<sup>7</sup>, devolvendo voz a Aristóteles, encontra o primado das causas distribuído entre a *matéria prima*, o *artífice* e a *forma*. Essa será, para ele, a justificação dos princípios arquitectónicos ditados por Vitruvius.

Assim, se o exercício de Design implica um *autor*, um *programa* e uma *tecnologia*, reconhecemos o seu distanciamento à Arte que abdica de um *programa* externo (enunciando-o a partir do autor), à Engenharia que abdica de um *autor* (focalizando-se na universal optimização entre programa e tecnologia) e à Ciência (que centrada na gestão dos seus objectivos teóricos, abdicará do domínio *tecnológico*). Assim,

---

<sup>5</sup> H.Rua (ed.), Vitruvius. *Os Dez Livros de Architectura*. Lisboa, Departamento de Engenharia Civil, Instituto Superior Técnico, 1998.

<sup>6</sup> SENECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio* (traduzido do inglês por J.A. Segurado e Campos). Lisboa: ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2009 (4ª edição).

<sup>7</sup> Tendo nascido duas dezenas de anos mais tarde, o filósofo Lúcio Aneu Séneca, regista de forma universal (e devidamente justificado pelo discurso dos ancestrais) o que Vitruvius, de modo prático, particularizará para a *Architectura*.  
Escreve Séneca: "Aristóteles entende que a causa se pode considerar de três pontos de vista: \_A primeira causa é a própria matéria sem a qual nada pode ser produzido; a segunda é o artífice; a terceira é a forma imposta a cada objecto" (SENECA, 2009: 229).

contrariando os procedimentos da ciência, da engenharia e da arte, o design (que engloba a arquitetura), manterá esta relação de tensão e inclusão no complexo sistema projectual, capaz de integrar três interesses nem sempre convergentes: a cultura do seu agente, as solicitações do mercado (ou do seu cliente) e os meios para as realizar. Assim entendido o Design enquanto *desenho de artefactos, dispositivos e serviços de mediação cultural*, não deveria prescindir ao longo do processo da sua avaliação, do reconhecimento da tripla resposta da *forma* (como valor estético), da *função* (como antecipação de desejo) e da *construção* (como exequibilidade material do projeto), ainda que fundada no Desenho (sem desenho não haverá design).

Ao libertar-se do jugo tecnológico pelo desenho, o artesão medieval descobre na Renascença a dimensão abductiva do pensamento em design que lhe permitirá “imaginar aquilo que não é, para que seja e venha a ter...” (como a ele se refere Francisco de Holanda em 1571). Esta condição de princípio tem hoje diferentes repercussões no panorama da investigação internacional em Design, estruturada sob três géneses distintas do Design na busca da sustentação económica, social e cultural.

1. O Biodesign. Carmelo Di Bartolo, defende a via da tecnologia na antiga tradição de um Design Industrial, que procura agora nos fenómenos naturais, o modelo para a sua eficiência. A emergência do biodesign, na senda da biónica, entende o design como estritamente funcional, dirigido quer pela simbiose, quer pela seleção natural, com o fim único estratégico da sobrevivência.

Centrado na tecnologia e no conhecimento da ciência, o biodesign apoia-se na promessa dos dispositivos técnicos, na imitação dos padrões biológicos como solução técnica testada pelas espécies, na miscigenação homem-máquina e na dimensão virtual como meio para potenciar desempenhos artificiais de sobrevivência (e desumanização);

2. O Ecodesign. Ezio Manzini, confrontado com a insustentabilidade de uma sociedade fundada no consumo de produtos industriais, defende

um Design para a inovação social como factor de sustentabilidade. Trata-se de um ecodesign, entendido como design de serviços, centrado no redesenho dos indivíduos e do meio, no redesenho da própria sociedade, dos seus valores e culturas, para que, a partir de uma consciencialização ecológica e política dos cidadãos se motivem novos modelos societários espontâneos, mais criativos e sustentáveis.

O design de serviços ganha em Manzini uma dimensão política e social alternativa, que o aproxima da eco-nomia (“eco” que significa o que é relativo à casa - *oikos*).

3. O Metadesign. Andrea Branzi, defendendo a continuidade cultural da disciplina fundada no desenho, concebe novos objectos metáfora dirigidos ao mundo para comunicar ideias através da sua forma, enquanto veículos poéticos. Trata-se da valorização de um design de comunicação que, na tradição mais artística, continua a encontrar motivos estéticos e operativos para propor objectos críticos e estéticos, sem se sobrepor à liberdade do outro.

Partindo da experiência autobiográfica do autor, o design não abdica da dupla resposta prática e simbólica, como construção de um desígnio que vê no seu meta-discurso, a função primeira.

Nestas três expressões do design contemporâneo, lemos três programas e intenções distintas: a científica – tecnológica do Biodesign, a política - social do Ecodesign e a artística – poética do Metadesign, assim constituindo, de certo modo, uma aproximação à ciência, à arte e à tecnologia em vez da alteridade do seu afastamento.

1.2. É natural que a inscrição dos Programas Doutorais em determinadas áreas disciplinares contaminem os seus métodos, objectivos e expectativas. A formação avançada em design tem sido apropriada por diferentes áreas de conhecimento como a gestão, a engenharia, a arte e mais recentemente a arquitetura, vendo nisso uma possibilidade acrescida de maior viabilidade económica dos seus formandos. Também a história da disciplina na cultura dos países onde

se instala, poderá modelar a sua formação. É evidente que nos países europeus como a Alemanha, o design esteja mais próximo da engenharia pela sua ligação politécnica às escolas de industriais e nos países do sul de tradição mais próxima às Belas Artes, o Design apareça mais vinculado à estética.

1.3. Os estudantes de doutoramento deverão posicionar-se relativamente à dificuldade ou impossibilidade de prova dos seus projetos no âmbito da validação científica do conhecimento que encerram, como as demais áreas de produção de conhecimento universitário. Há no entanto uma fronteira que separa o exercício teórico do prático que não pode ser esquecida: o teórico trabalha com a expectativa da sua aplicação prática; o prático produz o que a teoria poderá estudar.

Ainda que todo o projeto concretize o que não havia ainda (e nisso resida a sua condição natural de inovador) podemos fazer depender a sua plena justificação enquanto “tese”, da demonstração de promover um novo domínio de produção (metodologia), ou de produto (forma), ou ainda de função (desempenho).

A diversidade de formatos de inovação disponíveis também se aplicará ao projeto: o projeto poderá ser radicalmente novo (fenotípico) se apresentar meios originais de produção (adequados a um determinado meio, ambiente ou cultura); poderá ser polinizadamente novo (genotípico) sempre que apresentar novas formas ou soluções, produto da hibridização (por vezes oriundos de outros meios técnicos e conceptuais); poderá ser incrementalmente inovador (critotípico) se somar ao existente um contributo de valor novo (o que acontece sempre que submete o existente às grelhas da análise crítica, com resultados tanto mais relevantes quanto mais exigentes e diversificadas forem essas grelhas).

O que se verificará mais difícil no âmbito da defesa do projeto, não será tanto a demonstração da sua novidade mas, por limitações processuais, o reconhecimento da origem de todos os contributos preexistentes ali

convocados. Aquilo que é a “citação” como prática científica corrente, justificando verbalmente a sua origem genealógica, será tecnicamente mais complexo de fazer pelo desenho, a não ser que se remete para o relatório da sua memória ou se sobreponha ao desenho sob o formato de legenda.

1.4 Julgo que um estudante de doutoramento em design deverá ser orientado como qualquer outro estudante. Na academia a revisão da literatura constitui vulgarmente um dos principais meios de tutela e orientação científica que, no âmbito de Design, também se verificará. No entanto e enquanto domínio de conhecimento que se realiza pela prática projectual, o orientador deverá trazer para a mesa do enunciado de partida não só o esforço intelectual daqueles que refletiram teoricamente sobre a prática (assim produzindo conhecimento), mas também daqueles que o fizeram na própria prática, isto é, o trabalho dos seus pares. Só assim se poderá limitar ou anular a divergência entre o pensar e o fazer que deve fundar todo o projeto em design, assim se admitindo *um saber no fazer que o pensar não pode superar*.

De resto o estudante deverá ser orientado para o maior êxito individual no mais curto espaço de tempo e, conseqüentemente, fazendo do seu estudo de doutoramento um processo que se assemelhará ao projeto de design orientado, gerindo-o como projeto dirigido para os resultados, constantemente validado por protótipos e para isso integrando o mais vasto número de contributos gerido a partir de uma metáfora (ou meta forma); ou seja, aplicando ao doutoramento os mesmos princípios de que a gestão da inovação (Ideo) se apropriou por observação dos métodos criativos do Design, sistema hoje universalmente designado por *Design thinking*.

A possibilidade de realizar o doutoramento em design em ambiente empresarial, na realização de um projeto concreto por ela solicitado ou proposto, constituirá uma enorme valia para o conjunto dos agentes implicados (doutorando, orientador, instituição de acolhimento e economia).

## 2. O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO?

2.0 Um doutoramento de base projectual é aquele que faz converter em projeto todo o conhecimento produzido pelo seu autor, resultando na concepção de novos produtos, dispositivos ou serviços.

A filiação do projeto ao sítio ou à empresa que o acolherá, permitirá fazer uma oportuna e necessária reflexão em torno da gestão de design nas organizações.

O design poderá contribuir, na sua expressão mais *básica*, para a optimização dos meios de produção na concretização de respostas que, no mínimo, serão ergonómicas e funcionais (assim começou o *desejo* de valorização do produto industrial durante a revolução industrial).

Na sua expressão de *boas práticas*, o design desenvolve metáforas que congregam conhecimento, em parte simbólico, superando a dimensão prática para a conquista de um valor de marca com que responde ao mercado (assim passou a *desenhar* uma atribuição de um valor de troca aos objetos, superior ao seu valor de uso).

Mas na sua expressão de *excelência*, o design é agente de inovação, passando a desenhar o destino do mercado, através de desenhos que antecipam o futuro (esta é a condição de liderança das empresas e o mais valioso *desígnio* do design).

Em resultado do exposto a condição para que o projeto, na plenitude do seu estatuto de novo conhecimento, possa constituir “tese” de doutoramento, será a potenciação ao nível de excelência das organizações que o acolham ou a fundação de novas organizações.

2.1 Evidentemente que considero que um “Doutoramento em projeto” tem lugar no quadro da definição académica do grau de doutoramento, sendo mesmo recomendável como alternativa a outros formatos de produção de conhecimento científico e tecnológico. Em relação à Arquitetura esta prática tem já tradição em Inglaterra<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Peter Carl professor jubilado da Universidade de Cambridge e diretor dos doutoramentos em projeto no London Metropolitan University.

2.2 Também pelo exposto se considera que este tipo de doutoramentos, já presente no Programa Doutoral que dirijo (dois dos doutorandos), constitui um meio experimental para a avaliação e revisão da produção de conhecimento em design.

### **3. DOUTORAMENTO EM OBRA**

3.0 O “Doutoramento em obra” está previsto na legislação portuguesa que, cada uma das universidades, acolheu com maior ou menor diligência. Na Universidade de Aveiro este processo está devidamente acautelado e confirmado pela defesa de diversas provas na área da Gestão e do Design.

3.1 Eu próprio defendi “doutoramento em obra” recorrendo à obra em design por mim realizada nos últimos 10 anos (condição da legislação interna em vigor). Tratou-se de fazer a demonstração pública do seu contributo inovador para a disciplina, a partir do relato crítico da obra realizada. Não se trata por isso de avaliar a qualidade técnica da obra realizada, mas do seu valor de investigação enquanto laboratório de produção de conhecimento e, conseqüentemente, de contributo universal para a inovação e para o ensino desta disciplina.

### **4. RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO**

4.0 O Doutoramento em Design deveria constituir uma oportunidade formativa determinante para a inovação da profissão em design, constituindo uma reflexão orientada que, para além de confirmar o estado-da-arte no seu tempo, permitirá a construção de uma metodologia criativa capaz de produzir avanços de conhecimento mais rápidos, do que o isolamento solitário do atelier.

4.1 Considerando-se que toda a inovação constitui oportunidade de antecipação e conseqüentes vantagens económicas, o estágio formativo

ao nível do doutoramento trará também evidentes vantagens profissionais para os designers. Estas vantagens poderão ser tanto maiores quanto a orientação do doutoramento possa contar com os préstimos complementares de outras áreas de conhecimento, o que nas universidades de menor dimensão físico se tornará mais acessível.

PS: Sobre os doutoramentos em projeto de Arquitetura, por Paulo Providência, PhD, Prof. Auxiliar na formação de Arquitetura da Universidade de Coimbra.

“Para um doutoramento em projecto que não se baseie numa actividade profissional prolongada (de 10 anos) há, a meu ver, dois modelos:

Um é o da famosa Harvard GSD, ou seja Harvard Graduate School of Design. Nessa escola americana eles distinguem, nos programas de doutoramento, dois tipos; o doutoramento "em filosofia", que é o normal, e dá direito ao uso de título PhD (Doctor of Philosophy), e o Doctor of Design que usa o acrónimo DDes. Este segundo tipo de Doutoramento é dirigido para a Investigação Aplicada; nesse sentido, tem também uma Tese de Doutoramento (com todas as partes, estado da arte, objectivos, metodologia, etc.) mas cuja natureza de investigação é um trabalho prático. Anexo os links para aprofundamento na matéria, assim como um documento que descreve os procedimentos da escola e da tese.

<http://www.gsd.harvard.edu/#/academic-programs/doctoral-programs/ddes/procedures-and-policies.html>

Sobre o Peter Carl, acho que a página onde figurava o programa de doutoramento da London Metropolitan University (que se chamava Research & PhD Program) já desapareceu; apenas encontrei na pág. 150 da Summer Exhibition de 2011 uma referência a esse programa. Fiquei agora sem perceber se esse programa de doutoramento se mantém activo, ou não.

## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN DA FBAUP

FBAUP PROFESSOR DOUTOR HEITOR ALVELOS



### 1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]

- 1.2 CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

HA-Nas diferenças operativas eu penso que aquilo que me tem sido dado a ver de uma maneira geral nos doutoramentos em Artes Plásticas, tendem a seguir um rumo mais exploratório e alguns deles, pelo menos muito vocacionados para uma decifração do trabalho artístico dos próprios investigadores, dos próprios candidatos-estudantes.

O doutoramento em design tende a seguir uma via mais ortodoxa, chamemos-lhe assim por falta de melhor palavra, sendo portanto esta ideia de um processo científico que vai problematizar uma realidade exterior, estabelecer uma metodologia de abordagem e depois confrontar-se com a validação dessa metodologia. Isto também acontece muitas vezes em doutoramentos em Artes Plásticas, mas pelo que me tem sido dado a ver com frequência o universo de estudo acaba por ser a própria prática artística coincidente.

Nos doutoramentos em design curiosamente raramente os estudantes têm vindo a concentrar-se na sua própria produção, mas isto é uma

leitura do que eu tenho visto, ou seja, quer nos estudantes que oriento, quer dos estudantes aos quais dou aulas, quer nas teses que tenho arguido.

1.2. EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.

SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

HA- Sim. Claro que sim. Eu faço também parte do Conselho Científico da FCT e produzimos um documento estratégico em 2011 que o afirma inequivocamente.

Portanto estou no Conselho Científico Conselho Científico para as Ciências Sociais e Humanidades da FCT desde 2010, e uma das nossas primeiras ideias foi a de auscultar todos os Centros de Investigação das Ciências Sociais e Humanidades em Portugal que tivessem sido avaliados positivamente pela FCT com Muito Bom ou Excelente. Ouvimos mais de 100 unidades de investigação, e com base nessa auscultação produzimos um documento síntese com recomendações, quer para os centros de investigação, quer para a Direção da FCT. Estou a referir esse documento e essa presença no Conselho Científico porque com frequência a questão da multidisciplinaridade coloca-se, com todos os labirintos em termos de validação que se levantam. Tem a ver com o problema de como avaliar um projeto multidisciplinar, se um determinado painel é de uma área, provavelmente vai desvalorizá-lo perante outros que são exclusivamente da sua área, ou como é que se constitui um painel específico, enfim todos esses problemas. Agora eu diria que a multidisciplinaridade nem sequer precisa propriamente de um advogado de defesa, porque é uma espécie de evidência incontornável. Ela tem vindo a ser potenciada, tem vindo a revelar-se, aliás, uma necessidade crescente e ainda por cima o próprio design, enquanto disciplina e território, tem vindo ele próprio também a desdobrar-se em funções inclusivamente já distantes daquilo que era a

sua vocação original. Nós olhamos para o design há 20 ou 30 anos e víamos essencialmente "design gráfico" e "design de equipamento". E hoje, como vamos fazer um mapa do universo do design? A questão da consultoria, toda a questão da tecnologia de ponta, a questão dos interfaces, a questão dos brandings, da moda, culinária...

A semana passada, por exemplo, num encontro nacional de estudantes de design, falava-se de design e agricultura: um membro na assistência caricaturava: "porque não design e agricultura?". Exatamente: e porque não agricultura? Isto há 20 anos parecer-nos-ia uma anedota, mas neste momento é viável, é legítimo e provavelmente importante pensar a relação entre design e agricultura. Portanto, se o design ainda por cima tem esta história recente em termos de ciência, ele obtém uma margem de manobra acrescida para ele mesmo também se aventurar por determinados caminhos que se calhar seriam mais difíceis de abrir por disciplinas mais cristalizadas no seu paradigma.

A resposta portanto é sim: se um determinado doutoramento está situado no Parque Tecnológico da Universidade do Porto, isso claramente que vai definir o seu carácter. Se está numa escola de arquitetura claramente que isso vai definir o seu carácter, se está numa escola de arte claramente que vai haver também algo aí a funcionar: e ainda bem. porque é desse modo que se pode criar um mapa que diferencie efetivamente os cursos. Eu penso que um problema que frequentemente sucede em Portugal é o facto de os cursos serem concorrentes sem nada que os distinga a não ser a sua localização geográfica, ou o staff ou o valor das propinas, quando aquilo que podemos fazer num país tão pequeno é começar a cultivar efetivamente fatores que diferenciem a própria vocação dos cursos em causa.

### 1.3 COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÉMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

HA- Acho que devem perceber isso. É assim, chama-se ciência (falta aí uma palavra: "validade científica"). Pode ter validade estética, pode ter validade funcional, pode ter validade afetiva. Validade científica não

terá. Estamos no território da ciência, é assim a vida. Aquilo que as pessoas têm também que perceber é que há muitas formas de validar e há validações preliminares, há validações transitórias, há validações sujeitas a clarificação, as coisas raramente são definitivas. Não é passível de validação e cai tudo? Claro que não. Eu recordo-me sempre dum exemplo clássico de uma dissertação de mestrado que argui, que consistia basicamente, numa experiência a nível educativo que tinha duas turmas a seguirem um determinado plano de ação, sendo que a investigadora em causa depois compreendeu, já muito tarde na sua investigação, que as diferenças etárias nas turmas ditavam grandes assimetrias de resultados. Ou seja, aquilo que ela queria que fosse um grupo de controlo não podia ser porque havia ali outras variáveis. O que é que ela fez? Escreveu a dissertação e disse isso mesmo: implementei este sistema, tardiamente percebi que o fator X estava a interferir com os resultados, portanto futuramente vou repetir a experiência com duas turmas em que o factor X estará estabilizado. Passou e muito bem. Problematizou corretamente, estabeleceu corretamente uma metodologia, identificou claramente quais foram os erros metodológicos cometidos e prometeu repetir a experiência. Não foi conclusivo, ok, mas detetou o problema e sugeriu a sua subsequente replicação.

#### 1.4 COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

HA- Integrado em estratégias mais amplas e de longo curso. Penso que cada vez mais temos que nos emancipar de um paradigma tácito e frequente, segundo o qual um estudante de doutoramento desenvolve um projeto que consubstancia exclusivamente a sua própria visão. Parece-me que ainda existe muito essa tendência, e penso que ela vem em parte do próprio paradigma do criativo, do ato criativo enquanto ato isolado, de autor. Lá está, se entramos na ciência, é para mim de extrema importância quem entra perceber que está a entrar no território do conhecimento. E o território do conhecimento tem antecedentes, tem contextos, tem gente a trabalhar em áreas complementares, em áreas paralelas - e é a partir de todo esse universo

que o trabalho pode efetivamente florescer. Haverá capacitação metodológica, científica, mas depois o trabalho não terá eco, não se inserirá em algo mais amplo. Daí que as tais áreas de investigação, quer do doutoramento, quer do Centro de Investigação, sejam importantes porque vão permitir a quem chega confrontar as suas próprias intenções com aquilo que são áreas estratégicas já mais amplas e de maior alcance e longevidade.

## **2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]**

2.1 CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÉMICA DESTE GRAU?

HA- Tem, desde que esse projeto seja comunicável cientificamente, ou seja tem uma tese que lhe é adstrita e que problematiza a matéria projectual - ou melhor, a valida enquanto metodologia de decifração. O que não me parece de todo viável é o proverbial "trabalho falar por si".

2.2 ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?

HA- Claro que sim, e não falta gente a trabalhar nessa perspetiva.

## **3. [DOUTORAMENTO EM OBRA]**

3.1 EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?

HA- Eu vejo-os como uma possibilidade, mas sempre na mesma perspetiva: não é uma questão de colecionar trabalhos numa espécie de exercício patrimonial. Obviamente que pode-se apresentar um percurso criativo, mas nesse percurso criativo vai ter que ser reconhecida uma problematização, uma metodologia e vai-se ter que proceder a uma interpretação e a conclusões. Portanto a obra de uma pessoa pode ser obviamente a matéria-prima, mas a sua simples exposição não é compatível com aquilo que são os preceitos científicos, nem a estes se deve substituir. Problematização, metodologia, interpretação, conclusões.

#### 4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]

##### 4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?

HA-Eu acho que é a mais-valia de compreenderem como mais acuidade e profundidade as realidades em que estão inseridos profissionalmente. Referindo do novo o caso da Transformadora, eu vejo uma clara e inequívoca relação entre o que era a Sino-design, que depois passou a ser a Transformadora, e o que foi o percurso do Anselmo Canha que é o seu Diretor criativo: fez connosco o mestrado em design de imagem, e daí em grande parte extraíu uma forma de desbravar os desafios da contemporaneidade, que transportou para a empresa. Há uma relação direta: a capacidade de uma empresa de design se re-situar no território da consultoria.

Eu não diria que obviamente o mestrado em design de imagem é o responsável, mas contribuiu claramente para a possibilidade desse salto. Portanto penso que são claras mais-valias em termos de consciência, de decifração da realidade, são oportunidades também de determinadas vocações intelectuais se cumprirem em articulação com o trabalho prático. Serão também a forma de encontrarmos soluções para coisas que estão em becos sem saída pura e simplesmente porque nunca ninguém se dedicou a questioná-las. E pode ser que começando a questionar: "será que isto tem fatalmente de ter esta forma?", "como se desembrulha este equívoco?", "como é que isto poderá vir a ser?"... Pode ser que tenhamos boas surpresas.

**ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM  
BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN DE EQUIPAMENTO, DA  
FBAUL**

FBAUL PROFESSOR DOUTOR RAÚL CUNCA



**1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]**

1.1 CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

RC- Eu acho que existem sobretudo, porque hoje em dia os doutoramentos são cursos de doutoramento com uma parte curricular e essa parte curricular, seguramente, no doutoramento em design, é diferente de uma parte curricular de um doutoramento em bioquímica por exemplo. Seguramente será diferente. Depois também acho que existem diferenças não nas metodologias, porque isso as metodologias possivelmente vários orientadores as podem assumir, não sendo da área de design, mas existem diferenças em termos da especificidade da temática quando estamos a falar de design de equipamento ou de design de comunicação. Aí eu penso que também, porque isto parte sempre da mesma leitura e eu não consigo muito bem fazer a distinção entre a investigação e o design e, segundo esse raciocínio da investigação em design, eu acho que possivelmente, sobre a orientação, aqueles que têm esses componentes de design fazem uma orientação diferente, não quer dizer que seja melhor ou pior que os outros, mas na realidade existem diferenças.

1.2. EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.

SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

RC- O nosso doutoramento, o nosso programa doutoral, é melhor falar no nosso não é, para depois podermos falar daquilo que é a minha perspectiva, é um programa que está sobretudo orientado numa coisa que se chama Conferências e Núcleos em que os doutorandos podem escolher nas várias áreas, porque o nosso doutoramento é um doutoramento que abrange diferentes áreas, mas tem sempre seguro que o doutorando que queira só fazer relatórios, na área do design de equipamento, tem um número de conferências suficientes para o fazer. Portanto ele é livre de escolher, naquele panorama de conferências, que é um panorama vasto, as conferências que quer assistir para produzir os seus relatórios da fase inicial do primeiro semestre, mas assegura-se sempre que, em cada especialidade, existe a possibilidade de doutoramento.

Se quiserem assistir só às conferências e trabalharem sobre as conferências do primeiro semestre do design de comunicação, por exemplo, podem-no fazer.

1.3. COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÊMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

RC- Eu acho que o processo não deve ser esse. O processo nessa vertente mais teórico-prática deve ser ao contrário. Deve-se produzir a investigação para se chegar a um resultado material. Essa pergunta pode ter várias nuances que é a nuance também de se um doutoramento não tem este modelo teórico-prático ou se tem como resultado um projeto, se é um doutoramento eminentemente teórico se deve ter uma vocação ensaística ou uma vocação de investigação? Que é outra questão que também se põe. Se o doutoramento deve ser um

ensaio ou deve ser uma investigação? Agora nesse ponto de vista se nos estamos a dirigir para uma questão que tem a ver mais com uma vertente teórico-prática, ela deve partir exatamente do contrário, deve partir da investigação para a sua construção prática.

#### 1.4. COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

RC- Eu comecei por dizer que os designers estão habituados a fazer um trabalho um bocadinho autoral, é uma coisa que não é fácil para eles. Eu não sei se não é fácil, não há é possivelmente, às vezes, estruturas que potenciem isso e que proporcionem isso porque os designers são bastante acessíveis e conseguem-se moldar. Aliás, o ser designer implica isso. Ninguém pode projetar, ninguém pode ser designer se não tiver uma grande abertura de espírito, quer dizer, geralmente as pessoas são determinadas, teimosas como costume dizer aos meus alunos de licenciatura não podem ser designers porque é a antítese exatamente de ser designer. A metodologia de design é encontrar caminhos e estar sempre num contínuo de encontrar caminhos até chegar a um caminho que possivelmente é a soma de vários caminhos Possivelmente não existe, como nós há pouco falámos, estruturas que potenciem isso, nós tentamos fazer isso um bocadinho ao nível do 2º ciclo de estudos, ter grandes equipas a trabalhar na investigação, mas também não a fazemos como queríamos, seguramente que não. O design na realidade tem especificidades e esta é uma delas, esta que acabei de falar e a orientação dos estudantes muitas vezes tem a ver exatamente com estas especificidades. Nós temos um mundo, temos uma forma; eu para falar num outro aspeto, costume dizer aos meus alunos de licenciatura, de forma muito simples, que ser-se designer é-se designer 24 horas por dia, portanto, não se é designer só quando se chega a um sítio e vamos agora começar a pensar em investigação ou vamos agora começar a pensar naquilo que vai dar o resultado da investigação, aquilo que vai dar o resultado do nosso projeto. Portanto designer é-se designer mesmo quando se está a dormir quer isto dizer,

é-se designer porque ser designer implica uma postura de leitura do mundo que é uma postura diferente de ser advogado.

Nós muitas vezes estamos constantemente a fazer trabalho, a ler reações das pessoas, a perceber por sinais e por indícios, e por caminhos sobre coisas, portanto a leitura é uma leitura constante e essa é uma parte que eu também costumo dizer aos meus alunos que a escola, no sentido de escola ateniense, não pode ensinar. É a única coisa que as escolas não podem ensinar é o autodidatismo, é ter essa vocação e ir para um supermercado e dizer, mas porque é que quem desenhou este objeto escolheu esta solução. Isso é uma coisa que não se pode ensinar é uma coisa que se vai fomentando, mas não se pode ensinar.

Nesse aspeto a investigação, em design, também tem uma leitura e um certo conhecimento que é propiciado por esta análise, por esta capacidade de análise que o design tem como especificidade disciplinar que outras disciplinas não têm. Dos pontos de vista mais diversificados desde a história, eu, por exemplo, posso estar a ler uma cadeira e perceber porque é que aquele autor tomou aquela solução. Possivelmente alguém que não é designer não consegue ter essa leitura. Desde a história, desde os métodos, consigo também perceber porque é que alguém optou por um método ou apresenta como estratégia, por exemplo, o IDEO. Porque é que o IDEO há um tempo a esta parte, tem umas metodologias que são umas metodologias muito usadas no design, porque realmente são designers e possivelmente quem investiga sobre isso percebe o que é que se percebe ou se formos mais atrás, ao Gui Bonsiepe, por exemplo. O que é facto é que o design tem especificidade.

## **2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]**

### **2.1 CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÉMICA DESTE GRAU?**

RC - Eu sou sempre um bocadinho cético em relação a essas coisas, eu acho que é evidente e não consigo distinguir profissão de projeto de investigação. Um doutoramento pode-se fazer em projeto. Um doutoramento em design não tem que ser uma coisa de 300 páginas ou

de 100 páginas, não tem que ser, pode ser uma coisa que deve ser feita em projeção desde que esse projeto tenha uma fundamentação. Não pode ser gratuitamente, em projeção até porque um projeto de doutoramento tem que ter a dimensão de um doutoramento, eu acho que é sempre muito mais arriscado, é sempre muito mais fácil fazer um doutoramento teórico, desde que nós tenhamos encontrado uma mina, qualquer coisa que sabemos que aquilo intuitivamente vai produzir uma tese original com todo aquele enquadramento do doutoramento. Em projeto é muito mais difícil.

É evidente que os designers também têm essas qualidades premonitórias e intuitivas. Por exemplo, a matemática desenvolve-se muito, senão ninguém chegava a resultados matemáticos, e saber que aquele projeto tem a dimensão para ser um projeto de doutoramento, mas eu acho que é sempre mais difícil até pelo facto das pessoas terem que deter este fado que é o fado do design, da formação superior em design, isto é um fado muito antigo, que é o ter que se deslocar em dois registos, um registo que é um registo, possivelmente mais teorizante e outro que é um registo mais prático.

## 2.2 ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?

RC- Tem, há várias pessoas a fazerem doutoramentos teórico-práticos.

### 3. [DOUTORAMENTO EM OBRA]

#### 3.1. EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESSA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?

RC- Não houve ainda nenhum doutoramento em obra e eu também em relação a isso tenho algumas reservas. Primeiro eu considero que o doutoramento em obra está legislado e tem que se fazer, penso que possivelmente não foi suficientemente discutido ainda, e possivelmente deveria ser discutido e não houve espaço para discutir o que é isto do doutoramento em obra em design. Deveríamos discutir, até numa plataforma mais alargada. Na minha opinião muito sincera é como é o doutoramento honoris causa. Não se pode atribuir um doutoramento em obra a uma pessoa que tem legitimidade de obra, ao nível

internacional, com as dimensões que cada honoris causa tem que ter em cada uma das universidades, porque aí damos-lhe o doutoramento honoris causa se ele tiver essa distinção.

Agora o doutoramento em obra, no meu ponto de vista, tem de ter a legitimação de alguém que produz um trabalho em projeto ou em obra, mas que saiba contextualizá-lo primeiro. Aquele trabalho é importante em que contexto e que saiba também sustentá-lo do ponto de vista da importância que ele tem para o design. Agora se é apenas um catálogo de projeto, sem a sua fundamentação sobre ela, eu acho que nem num Honoris Causa cabe, porque o Honoris Causa tem, em cada universidade, o seu modelo, eu acho que é uma coisa que devia ser mais discutida. Eu não sei, não conheço ainda nenhum doutoramento em obra, mas acho que tem que ter uma substância sobre a importância daquela obra porque também o regulamento diz que se pode dar o doutoramento em obra, , mas a pessoas que têm uma distinção sobre a obra que fizeram num determinado momento ou em vários momentos e isso tem que ser apresentado, tem que ser alvo de trabalho.

#### **4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]**

##### **4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?**

RC- Isso é outra pergunta também interessante, porque possivelmente as pessoas fazem um doutoramento, possivelmente não, com a certeza completa, eu não quero acreditar que as pessoas façam um doutoramento só para ter um grau ou para dizerem que é uma coisa fina ser Doutor, portanto não acredito que isso seja assim. Seguramente é para poderem evoluir, do ponto de vista científico, cultural e até também social porque o doutoramento é uma das prerrogativas da carreira universitária, porque as pessoas ou fazem o doutoramento ou vão-se embora, mas seguramente, aqueles que são profissionais, para que possam pensar na profissão e na investigação, que são duas coisas uníssonas, do meu ponto de vista, com uma projeção diferente daquela que fazem.

**ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM  
BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN DE COMUNICAÇÃO, DA FBAUL**

FBAUL PROFESSOR DOUTOR JORGE DOS REIS



**1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]**

- 1.1 CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

JR- Um doutoramento em artes plásticas parte sempre de uma análise que assenta em termos de um espectro mais analítico de individualidades, isto é, a análise de um indivíduo enquanto produtor de um determinado imaginário pessoal.

O design por seu turno parte sempre de uma análise que assenta sobre um pragmatismo mais essencial, um pragmatismo que tem a ver também com um determinado assentamento na vida real no contexto social, do tecido social, do que se faz, do que se estuda. Não quer dizer que no campo das artes plásticas não se estude, por exemplo a fruição da obra de arte . E nós no design não estudemos, por exemplo a forma com uma cadeira comunica uma determinada ideia, portanto nestes aspetos há questões que são próximas e que se afastam, mas há aqui um aspeto muito importante que tem a ver com isto que os ingleses chamam "*cross fertilization*". Isso foi um aspeto que lá em Londres era muito importante. "*Cross fertilization*" significa que um campo vai fertilizar o outro campo e na generalidade nós lá tínhamos sempre dois orientadores. Isto é um marcador normalmente e de forma lógica do

campo do design e um orientador de outra área. Por exemplo eu tive no meu mestrado um orientador na área do design e uma pessoa ligada à linguística porque estava a trabalhar relações fonéticas e tipográficas da escrita.

Eu lembro-me que havia colegas minhas que estavam a trabalhar, por exemplo, na área da escultura, a tactilidade e tinham orientadores na área da antropologia juntamente com os das artes plásticas. Portanto essa relação, ou melhor, essa diferenciação entre um doutoramento em artes plásticas e em design, também se coloca na forma como se equaciona esse aspeto da “*cross fertilization*”.

1.2 EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.

SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

JR - Não. Eu penso que, na minha opinião, as áreas têm que partir de determinados núcleos, núcleo próprio individualizado. Neste caso o doutoramento em design de comunicação, o doutoramento em arquitetura, o doutoramento em cenografia, têm que partir de um núcleo, de certa forma cerrado, sendo que depois pode haver um processo mais tarde, na própria tese, de acoplar e associar determinadas áreas de saber, mas depois. Agora o cerne o doutoramento é numa área e tem que corresponder a essa área.

O aluno tem que ser capaz, no seu corpus teórico, no seu estado da arte, de demonstrar que conhece a literatura desse mesmo “*mettier*”. Imagine um doutoramento em design de comunicação, por exemplo na área de *information design*, tem que, no seu estado de arte colocar todas as investigações, por exemplo, feitas sobre os estudos relativos aos diagramas dos metropolitanos do mundo. Tem que conhecer. A área específica do doutoramento tem que estar cerrada. Isso é um aspeto e depois pode abrir, na própria tese.

Eu percebo bem a sua pergunta e faz todo o sentido porque nas antigas escolas de Belas Artes é muito interessante ver isso e tem a ver com o perfil e com a tradição das próprias Faculdades, onde o design e as artes plásticas sempre tiveram uma relação muito intensa.

Aliás, as escolas que eu conheço que é esta em particular e o ISCTE são escolas muito diferentes porquê? O ISCTE, por exemplo, é uma escola claramente das ciências sociais e da economia, muito circunscrita e nós somos uma escola algo dual. Por um lado o design enquanto atitude pragmática de solução de problemas projetuais e por outro as artes plásticas que têm o perfil que nós sabemos em que eu acho que esses aspetos se contaminam de uma forma saudável, isto é, a nossa análise do objeto enriquecesse-se por esse universo mais amplo das artes plásticas. Aliás muitos dos nossos autores da literatura etc, são autores comuns. Por exemplo Bruno Munari e outros, são autores comuns ao universo das artes plásticas e ao universo do design.

Aqui eu acho que nas Faculdades de Belas Artes esse aspeto é mais relevante porque estamos aqui todos juntos. Frequentam as mesmas disciplinas comuns.

Os alunos frequentam os ateliers uns dos outros e isso é perfeitamente normal. Aliás até é um aspeto que se potencia, porque justifica a investigação em arte e design e tem a ver com esta questão da "*cross fertilization*". A forma como nós acoplamos outras áreas para estudar a nossa área.

Ora se temos aqui áreas que nos permitem abrir o leque já temos possibilidades de ir neste seguimento.

### 1.3 COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÉMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

JR- O que nós fazemos para resolver esta questão, que é muito importante, é ir buscar, neste caso, às ciências sociais, as metodologias para depois resolver os nossos problemas, por exemplo, trabalho de campo. Temos uma situação, temos um *focus group* o que fazemos é claramente ir buscar um grupo experimental, um grupo de controlo a

estrutura dos grupos piloto e ir buscar esse universo às ciências sociais para trabalhar aqui. Isso é claramente uma forma, mas haverá outras possibilidades de tornar e de criar esse pragmatismo, de validar as coisas, mas as metodologias de validação são muito importantes e, na generalidade, vamos buscá-las às ciências sociais.

Eu acho que a metodologia das ciências sociais é transversal e nós estamos à procura de *what is research in art and design* que era a grande questão do Christopher Fryling. Portanto é importante pensar que temos outro território seguro que todas as outras áreas utilizam, que é o das ciências sociais.

#### 1.4 COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

JR- Eu acho que a orientação deverá ser uma orientação transversal no sentido em que o doutoramento tem um perfil, e uma seriedade e uma exigência que é idêntica ao de qualquer outra área, depois assumir claramente um aspecto que nos diferencia que é um universo visual riquíssimo. A riqueza e intensidade e o brilhantismo que as áreas ligadas às artes visuais têm. Da mesma forma que, por exemplo se assumem os doutoramentos da área de música, a sonoridade e a expressão sonora e a exploração ilimitada do próprio som, aqui a exploração ilimitada da visualidade da imagem e do próprio desenho.

## 2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]

### 2.1 CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÉMICA DESTE GRAU?

JR - Tem. Digamos que sim e vamos, cada vez mais, caminhar para aí, sobretudo tem a ver com o perfil. Eu também considero uma coisa, um aspeto que me parece relevante. Eu acho que é mais fácil uma tese teórica e de reflexão gerar um pensamento que é novo, relativamente a um determinado objeto, é um território em que estamos todos mais familiarizados, é uma forma de trabalhar a que estamos mais

habitados. Depois no que diz respeito ao *research by practice* ser capaz de produzir uma determinada investigação que gera um trabalho prático que seja novo que seja doutoral, é mais difícil. Porquê? Porque se coloca no mesmo plano dos trabalhos de atelier que era a grande questão do Christopher Fryling. De que forma é que um projeto realizado no atelier e um projeto realizado na Universidade vão os dois no mesmo sentido? Porque é que um é doutoral e o outro não é? Ou melhor porque é que aquele que está no atelier não é doutoral e porque é que este que é feito na academia é? Às tantas muitos desses projetos que são feitos na academia não são doutorais porque vão ao encontro de um tipo de estratégia assente na resolução de um problema meramente economicista, gerar uma novidade para o consumidor, e não no sentido de que não é um objeto que é reflexivo que é consequência de uma reflexão que articula a bibliografia com um objeto que assenta meramente sobre uma consequência da evolução e do desenvolvimento do próprio mercado. Portanto este aspeto é um aspeto complexo, acho que é um aspeto que está no cerne desta questão do *research by practice* e um aspeto que eu acho que vamos continuar a falar muito e a refletir muito sobre isto.

Por exemplo se se desenvolve uma ferramenta para ser aplicada no campo do ensino, como no caso do meu mestrado em que desenvolvi uma ferramenta tipográfica para o ensino de uma segunda língua, neste caso *english second language*. Neste caso eu fui para a sala ou para a aula, fiz um trabalho de campo *in the experimental group, control group* e fiz uma investigação extremamente concentrada e focada nos ditames académicos para chegar à construção desse mesmo objeto. Este é um aspeto muito importante que é o objeto ser consequência desse processo de investigação doutoral e sente-se claramente, dá uma validade e dá uma integridade. Uma validade ao objeto que os objetos feitos no atelier não têm. Eu acho que é um aspeto importante.

## 2.2 ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?

JR- Nós ainda não temos assim teses ainda não saíram, mas todos estamos um pouco na expectativa de ver.

### 3. [DOUTORAMENTO EM OBRA]

#### 3.1. EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESSA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?

JR- Vejo muito bem, vejo o doutoramento em obra. Eu acompanhei o Francisco Providência que fez o doutoramento em obra e eu aliás fui uma das pessoas que mais insisti com ele para definir um lugar, um espaço e um tempo para fazer um doutoramento em obra, articular as obras, enquadrar as obras. Bom eu considero que o doutoramento em obra também se chama, por vezes, doutoramento por dossier para ir à procura de uma expressão mais francófona, assenta sobre uma estruturação claramente académica dos projetos e essa articulação só é possível se o trabalho tiver consistência. Se o trabalho não tiver consistência esse processo de estruturação de organização de sequencialidade do próprio quadro conceptual do doutoramento não se consegue construir, nem um modelo teórico nem um quadro conceptual. Isto é um filtro.

De repente eu podia dizer assim: não agora também quero um doutoramento por dossier, e então o que é que nós íamos ver? Íamos olhar para a coisa e perguntar: que quadro conceptual e que modelo teórico é que está aqui? Não há. Isso tem a ver possivelmente com alguma relação com a academia que esses autores têm previamente que é uma coisa que eu estou a dizer entre parêntesis. Pode constar no seu inquérito, mas essa relação com a academia pode ser um dos aspetos a relevar na forma como se dá consistência ao doutoramento por dossier que o diferencia do doutoramento Honoris Causa, porque tem que se diferenciar.

Estive agora envolvido no doutoramento Honoris Causa do escultor Chartres de Almeida. Um dos aspetos que me pareceu a mim relevante e

um dos aspetos que justifiquei foi muito interessante. O trabalho dele tem a ver com uma exploração minimalista e quase tipográfica e linguística da escultura, isto é, há uma determinada análise, uma determinada longevidade e um determinado tempo que permite a construção de um quadro conceptual e isso é claramente um filtro para percebermos se da mesma forma que os doutoramentos normais, entre aspas, têm um filtro projetual que corresponde ao seu contributo para o conhecimento e a novidade. Os outros também têm que ter um filtro e esse filtro acho que é bastante claro não é muito dúbio, não é muito ambíguo, na minha opinião. É perceptível, eu diria, não é preto no branco, exige alguma perspicácia no discurso de análise, mas acho que com esse esforço se percebe.

#### 4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]

##### 4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?

JR- Uma de obra estúdio quer dizer estudo: A nossa profissão particularmente consegue aqui uma coisa muito pedagógica, outras profissões conseguem menos e há outras que ainda muito menos até, mas a nossa profissão tem um perfil muito pedagógico porque por vezes a nossa profissão, no campo do design gráfico, transforma-se numa profissão de mera citação. Porquê? Porque vemos uma fotografia de um autor, um tipo de letra de outro autor e o que fazemos é um trabalho de *art direction*. Às vezes as pessoas não têm consciência disso, de que estão meramente a citar e nesse sentido o trabalho já em si, já é tão pedagógico que assume a questão da citação e a forma como articulamos esses dados todos e exige sempre uma reflexão. Lá temos a questão da metodologia descritiva. Portanto essa reflexão, essa teorização sobre a produção ainda é intrínseca daí eu achar que a questão dos mestrados e dos doutoramentos em design se relacionam, de alguma forma, com a questão prática da própria profissão de atelier e depois com a questão reflexiva das ciências sociais porque é uma

profissão extremamente social. Assume uma relação com o recetor, com o leitor e com o observador. Por outro lado essa tal citação também se dilui um pouco, ou melhor também se contradiz porque os designers produzem os seus próprios tipos de letra produzem as suas próprias ilustrações, produzem os seus próprios suportes, tudo isto faz com que isto seja antagónico com o que eu acabei de dizer, mas é complementar e gera esta riqueza, esta intensidade reflexiva, que tem a própria profissão

## APÊNDICE 7

### ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN, DA UL

UL PROFESSOR DOUTOR HÓRACIO BONIFÁCIO



#### 1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]

- 1.1. CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

HB- Diferenças existem, particularmente entre Doutoramentos em Artes plásticas ou Design e em Ciências e Tecnologias, todavia não serão essenciais. O método científico será sempre o mesmo: elaborar uma hipótese, prová-la e produzir teoria. A heurística e a hermenêutica estão sempre presentes, o objecto é que é obrigatoriamente diferente e isso naturalmente obriga a adaptações em que o sentido crítico é fundamental.

- 1.2. EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.  
SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

HB- O Doutorado em Design deverá ser específico. O Design é uma área disciplinar própria. Naturalmente que as áreas disciplinares que refere, tocam em franjas que pertencem também ao Design. Penso que, e isso aconteceu, e ainda acontece com muitos doutoramentos em Arquitectura, que foi uma certa confusão com áreas mais consolidadas e com mais tempo, como é a História. É evidente que uma área como o Design que se relaciona tão directamente com o homem, tem que sofrer influências de todas as matérias com este relacionadas, e isso deve estar contemplado nos programas de Doutorado.

- 1.3. COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÉMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

HB- Claro que esta noção é difícil de ultrapassar num trabalho académico, mas também é evidente que o trabalho em áreas de menor tradicional conforto académico, esta questão tem que ser adaptada ao objecto de estudo, que apesar de tudo é concreto e não apenas uma hipótese ou uma miragem.

- 1.4. COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

HB- Não encontro diferenças substantivas entre uma orientação em Design e em qualquer outra área

## **2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]**

2.1. CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÉMICA DESTE GRAU?

HB- Claro que é mais fácil no caso dos mestrados, mas no Doutoramento deveríamos caminhar no mesmo sentido. Um projecto pode ser entendido e analisado utilizando as regras e os métodos científicos reconhecidos.

2.2. ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?

HB- Sim

## **3 [DOUTORAMENTO EM OBRA]**

3.2 EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESSA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?

HB- Se se refere a Doutoramentos ligados directamente ao projecto, neste momento não

## **4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]**

4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?

HB- O Doutoramento é sempre um grau de valorização de qualquer profissional e não se aplica só a académicos. Além da valorização pessoal, o aumento do conhecimento e da investigação numa área onde se trabalha é, naturalmente, uma mais valia para a profissão.

## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA DOUTORAL EM DESIGN, DO IADE

IADE PROFESSOR DOUTOR EDUARDO CÔRTE-REAL



### 1. [O QUE É UM DOUTORAMENTO EM DESIGN]

- 1.1. CONSIDERA QUE EXISTEM DIFERENÇAS ESSENCIAIS ENTRE UM DOUTORAMENTO EM ARTES PLÁSTICAS, UM DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIA E UM DOUTORAMENTO EM DESIGN? QUAIS?

ECR- Sim. Eu diria que é impossível fazer um doutoramento em design sem ter uma cultura nessas duas áreas complementares. Portanto uma pessoa que tenha só uma cultura nas artes terá grandes dificuldades em fazer um doutoramento em design outra que tenha só uma cultura científica terá muita dificuldade em fazer um doutoramento em design. Pode fazê-lo, mas mal. Portanto a diferença é essa precisamente é que a cultura de ambos os universos é importante para o doutoramento em design.

Eu individualmente tenho estudado um termo que se chama *designology*, e esse termo que é uma derivação de um termo mais antigo que se chama *praxiology*, ou seja, a teoria da prática. Tem avanços e recuos nessas convicções que tem essa de *designology*. Quando me convidaram para fazer um capítulo dum livro sobre *designology* novamente estava a pensar nisso Ou seja, o design desde que foi para a universidade teve uma atitude relativamente predatória em relação a um conjunto de métodos e nalguns casos até metodologias que são doutras ciências. Imagine, psicologia ou sociologia, ou antropologia e,

de certa maneira, nunca criou um método próprio, criou somatórios de métodos que legitimam a investigação científica em design e aquilo que a faz ser investigação em design é só o tema e ter lá a palavra design. É claro que desde há um certo tempo, sobretudo em Inglaterra, se inventou o conceito de research by project, Lembrando Christopher Frayling e aquele texto Research in Art and Design, mas a posição do Frayling temos que percebê-la. Ele era o Chefe do Royal College que tem coisas desde cerâmica, que se faz com as mãos, pintura, história de arte e design industrial, etc. Tem todas estas coisas, não é só uma escola de design em sentido puro. A minha opinião é a de que a investigação em design só tem dois objetivos, ou dois resultados. Produtos ou sistemas de produtos novos, ou produtos de educação, ou seja, conhecimento, teses que venham depois informar a educação e isto corresponde a caminhos metodológicos que são diferentes. Mas se eu quero dar o título de Doutor em design a alguma pessoa, eu preferia que ela fizesse alguma coisa e que fizesse alguma coisa sobretudo usando métodos de visualização. Já não digo que desenhe alguma coisa, mas que use métodos de visualização, para ser claramente específico como doutor em design.

- 1.2. EM GERAL, CADA PROGRAMA DE DOUTORAMENTO PERTENCE A UMA ÁREA DISCIPLINAR. NO CASO PARTICULAR DO DESIGN OS PROGRAMAS INTEGRAM-SE EM ALGUNS CASOS, NAS ÁREAS DA ARQUITETURA, TECNOLOGIAS, BELAS ARTES, ENTRE OUTROS.  
SERÁ QUE ESTA RELAÇÃO ENTRE O DESIGN E OUTRAS DISCIPLINAS, TEM OU DEVERÁ TER, UMA INFLUÊNCIA SOBRE A NATUREZA TEMÁTICA E A ORIENTAÇÃO DE PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO CRIADOS E AFETA OS RESPECTIVOS RESULTADOS?

ECR\_ Eu julgo que claramente o design beneficia de dar um salto um pouquinho mais para cima e de se colocar na área das humanidades e não pensar nem sequer que é artes e humanidades mas é uma disciplina da área das humanidades. Quando isso começa a se ramificar a opção é ok vamos pôr debaixo da arquitetura é absurdo, se calhar devemos pôr acima da arquitetura, portanto ou das artes plásticas, ou pelo menos em paralelo, mas eu acho que havíamos de estar mais acima. Há uma divisão clara entre humanidades e ciências e depois dentro das

humanidades incluem as artes e o design aí entra claramente na questão das humanidades e portanto aí estamos num campo muito vasto que não limita o design. Mais uma vez trabalhamos numa situação muito pantanosa em que acho que as soluções vão ser darwinianas, ou seja, vão emergir se calhar coisas que nós ainda não pensamos que existem.

As pessoas que estão a dirigir os doutoramentos assimilaram os métodos e as metodologias do seu doutoramento, associaram-se a uma espécie de visão de como deve ser o doutoramento e têm-no desenvolvido e até é bom que se clarifique o tipo de doutoramento que se pode fazer num sítio e noutro.

Mas eu acho que neste momento o que caracteriza os programas doutorais é esta questão da importação de métodos de outras áreas que ficaram mais ou menos cristalizados ou em grandes escolas. Não se pode deixar de reconhecer uma influência, por exemplo de Delft, na Faculdade de Arquitetura, como não se pode deixar de reconhecer uma influência do Politécnico de Milão em Aveiro e portanto são estas duas misturadas um pouco com Inglaterra, com os Professores que fizeram o doutoramento em Inglaterra e essas metodologias. O problema disto é que nós não estamos a criar nada nem de novo nem de específico para o design.

1.3. COMO DEVEM OS ESTUDANTES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN LIDAR COM O PONTO DE VISTA ACADÉMICO DO QUE "O QUE NÃO SE PODE COMPROVAR NÃO TEM VALIDADE"?

ECR\_ Eu acho que a atividade e daí voltamos à praxiologia. A atividade do design foi sempre, até agora, uma atividade, em certa medida, profética, ou seja, o design é uma espécie de pitonisa: isto vai acontecer assim. E há qualquer coisa neste tipo de atitude, que eu diria menos comprovável, que é essencialmente característico do design e portanto perder, naquilo que são os seus estudos ao mais alto nível, esta capacidade de profetizar, porque uma coisa é a novidade comprovada, que deixa de ser novidade, outra é a novidade anunciada e que pode ser uma grande novidade.

Se não treinarmos ou se permitirmos que esse tipo de profetização, obviamente sujeitando a pobre criatura, o estudante, a muita leitura e a muita imersão naquilo que é a cultura já existente, para ele não correr o risco de estar a dizer coisas que já foram ditas. Eu diria que essa capacidade de ser profético é aquilo que se exige a um estudante de doutoramento de design.

#### 1.4. COMO DEVE SER ORIENTADO UM ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO EM DESIGN?

ECR\_ Aquilo que me parece que todos os programas doutorais falham é nisto. O estudante de doutoramento não está a trabalhar no mesmo espaço que o seu supervisor ou coordenador e para nós, aqui no nosso programa doutoral é fazer com que as pessoas venham para aqui e sobretudo pratiquem a investigação e não que saibam muito sobre a teoria da investigação. Aprendam a fazer investigação com aqueles que estão a fazer investigação e para isso é preciso permanência, ou seja, estar no mesmo sítio, as pessoas verem-se todos os dias, não é anualmente que é um pouco os vícios que vêm do facto de nós termos uma grande massa de pessoas que precisavam de progredir na sua carreira ou fixar-se na sua carreira e começaram, vindas dos mais diferentes sítios, a fazerem doutoramentos noutros sítios sem residirem. Portanto eu acho que a primeira condição para a supervisão é a residência e é estarem sob o mesmo teto todos os dias, até pode ser ao ponto de se fartarem rapidamente. E se nós pensarmos em termos de laboratórios, quer de mestres, em termos artísticos há essa residência, essa presença constante e que nós por tradição, nos nossos doutoramentos, em geral, temos o supervisor que está num sítio e depois temos o coitado do outro que vem fazer umas visitas ao supervisor. Portanto a supervisão realiza-se em residência e estando permanentemente a lidar com os problemas ou as situações que vão surgindo.

## 2. [O QUE É UM DOUTORAMENTO BASEADO EM PROJETO]

2.1 CONSIDERA QUE UM DOUTORAMENTO EM PROJETO TEM LUGAR NO QUADRO DE DEFINIÇÃO ACADÊMICA DESTES GRAUS?

ECR- Sim. Sobretudo se nós queremos fazer doutoramentos em design, se quisermos fazer em teoria do design é uma coisa, mas se quisermos fazer em história do design pode ser outra coisa. Doutoramentos em design mesmo, só por projeto.

2.2. ESTE TIPO DE DOUTORAMENTO TEM LUGAR NO PROGRAMA QUE DIRIGE?

ECR\_ Já me respondeu que sim. Mas calma, nós temos duas vias claras que as pessoas podem optar. Uma via que é projeto e outra que é educação e na educação nós privilegiamos que o resultado sirva para a educação em design e o resultado do projeto que sirva para o mercado. E o resultado da educação em design também achamos que esses estudos se podem concretizar no ensino secundário. Portanto as pessoas optam por realizar um projeto, optam por fazer um estudo que eu diria mais clássico, mas que vai resultar em qualquer coisa que tenha aplicação num programa, numa disciplina e numa área do conhecimento associada ao design.

## 3. [DOUTORAMENTO EM OBRA]

3.1. EXISTEM DOUTORAMENTOS EM OBRA NESTA INSTITUIÇÃO? COMO É DEFINIDO? COMO VÊ?

ECR- Por lei, que é uma coisa muito simples. A lei permite a qualquer pessoa que tenha as condições para se candidatar ao doutoramento, ou seja, um mestre ou alguém que seja reconhecido com um equivalente a mestre pelo Conselho Científico agarrar na sua obra, no domínio das artes, (que é uma coisa que as pessoas se têm esquecido, porque a lei é especificamente para o domínio das artes) chegarem aqui e dizerem assim: marquem-me júri. Por lei está dispensado de todo o programa

doutoral e chegar aqui, esta é a minha obra, avaliem-me, marquem-me júri.

Portanto nós não podemos negar a pessoa nenhuma que tenha as condições através da lei, as condições para obter um grau de doutor, ou seja, ter o grau de mestre, que chegue aqui com a sua obra compilada e peça um júri. Portanto, como é óbvio, nós temos que respeitar a lei.

A lei é muito clara, ou seja, e as pessoas leem a lei de uma forma enviesada. Portanto nós neste momento cobramos emolumentos. Primeiro se não for no domínio das artes não é avaliável, segundo se for uma obra em design, nós vamos avaliar o aspeto artístico da obra em design, que pode ter ou pode não ter. Em terceiro, de chumbar. Eu sei que se estão a criar aqui toda a sorte de complicações a regulamentar esta coisa, quando isto é uma coisa muitíssimo simples e depende da pessoa. A pessoa chega e claro se for mau chumba e aqui são os pares que vão decidir, mas que já são professores académicos que conseguem avaliar o grau de originalidade e a importância na disciplina se é semelhante ou não a um doutoramento.

#### **4. [RELAÇÃO ENTRE UM DOUTORAMENTO EM DESIGN E A PROFISSÃO]**

##### **4.1 QUE SIGNIFICADO PODE TER UM DOUTORAMENTO PARA OS PROFISSIONAIS DO DESIGN?**

ECR- Já tínhamos falado sobre isso. Acho que pode ter muitíssimo, dizia-me outro dia uma colega: há umas pessoas que estão a achar que se tiverem PHD no cartão porque vão a conferências internacionais e há uns PHD no cartão. Isso é o menos importante como é óbvio, mas pode ser a motivação para algumas pessoas. Acho que já falámos sobre isso, Sobretudo devia ir ao sítio onde acontecem as ideias, conseguir voltar a esse sítio onde acontecem as ideias, voltar a encontrar um ambiente, daí a importância da residência. Um ambiente onde se esteja a pensar.

**EXEMPLO DE UMA GRELHA DE ANÁLISE ATRAVÉS DA FICHA DE REGISTO DE UMA TESE DE DOUTORAMENTO**

**JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA**

DOUTORAMENTOS CONCLUÍDOS | FICHA DE REGISTO

TÍTULO DA TESE	REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO NA SINALÉTICA
DOMÍNIO CIENTÍFICO	ARTES
RAMO	NÃO DISPONÍVEL
ESPECIALIDADE	NÃO DISPONÍVEL
ORIENTADOR (ES)	MARIA DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA LOPES
CO-ORIENTADOR (ES)	NÃO DISPONÍVEL
DOUTORAMENTO REALIZADO EM	PORTUGAL
INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIVERSIDADE DE AVEIRO - UAV
UNIDADE ORGÂNICA	NÃO DISPONÍVEL
ANO DA CONCLUSÃO	2005
PALAVRAS-CHAVE	NÃO DISPONÍVEL
APOIOS	NÃO DISPONÍVEL

**OBSERVAÇÕES**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Design, realizada sob a orientação científica da Prof. Doutora Maria da Conceição de Oliveira Lopes, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

**INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR**

José Pedro Barbosa Gonçalves de Bessa, Licenciado em Artes Plásticas Pintura, Mestre em Fine Art and Theatre, Interdisciplinary Historical and Theoretical Studies. É Professor Auxiliar, no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

**RESUMO**

O presente estudo propõe-se reflectir sobre o modo como a pictografia utilizada na moderna sinalética, longe de constituir (assim o apregoava o optimismo modernista dos anos 50 e 60) uma espécie de "linguagem universal", intuitiva e de reconhecimento imediato, antes apresenta, pelo contrário, enquanto forma de comunicação, algumas importantes limitações.

Não só a pictografia sinalética, não tem um alcance universal - até porque historicamente situada, como qualquer outra linguagem, num contexto cultural preciso (neste caso o do Ocidente), mas a sua própria pretensão "universalista", obrigando a um elevado grau de redundância na transmissão da mensagem, predispõe ao uso empobrecedor da caricatura e do estereótipo, como formas de comunicar. Acresce que as características do médium ou do processo representativo gráfico, espartilhado na tradicional dialéctica entre ênfatismo e exclusão, são igualmente propensas à reprodução de estereótipos socioculturais, e.g. de género. Verifica-se ainda o uso sistemático do falso neutro, ou masculino genérico: a frequência de ocorrência de representações masculinas é muito superior às femininas, sendo aquelas utilizadas para ilustrar o conceito de "pessoas (usuários) em geral".

Esta área cada vez mais importante do design de comunicação, supostamente empenhada na procura de uma linguagem informativa neutra de alcance o mais universal possível, compreende assim uma componente ideológica, possivelmente inelutável mas que é importante compreender e documentar.

Na primeira parte da presente tese são examinadas as origens históricas da sinalização e sinalética modernas, bem como os pressupostos teóricos que lhe estiveram/estão subjacentes; já na segunda parte, uma análise de conteúdo, quantitativa e qualitativa, a 49 programas de sinalética (perfazendo um total de 2 848 pictogramas e sinais) conclui da sub-representação do elemento feminino, bem como do seu estatuto de forma "marcada", relativamente ao masculino.

#### INTERPRETAÇÃO

Foi propósito deste trabalho, segundo o autor, pretender mostrar que a pictografia sinalética é, por essência, conservadora sendo lenta na mudança de representação dos temas, verificando-se algum melhoramento ou modernização dos programas no que respeita a estereótipos de género associados à profissão, todavia permanecem a associação entre mulher e cuidados com as crianças, bem como a associação entre mulheres e determinadas profissões. Em casos como "balcão de informações", "recepção (hotel, hospital)", ou "compra de bilhetes" a interacção representada, ou relação cliente/empregado repete-se invariavelmente: quem assiste, recebe ou atende clientes masculinos é sempre uma mulher, enquanto que o contrário nunca sucede. De um modo geral, os cargos de autoridade ou de chefia (ou pelo menos assim considerados) são representados por figuras masculinas. O contraste e a desproporção numérica existentes, em termos de género, entre as profissões de médico e enfermeiro, ou entre as profissões de professor e educadora de infância (ou auxiliar) são, desse ponto vista, exemplares.

Segundo o autor, um estudo sobre *representações do masculino e do feminino na sinalética*, não é - ou não deverá ser, pelo menos no caso presente - um estudo de História do design.

Questões de análise histórica, tais como a identificação e datação dos programas, averiguação do contexto em que foram produzidos, ou identificação de autores são certamente primordiais, todavia esse exame insere-se num âmbito mais alargado de preocupações e matérias, que abrange questões de género, representação, transmissão de valores, feminismo e conceitos/políticas de comunicação. Um estudo sobre representações de género será sobretudo um estudo sobre práticas discursivas enquanto meio de reprodução e/ou questionamento de estereótipos sociais e uma reflexão sobre o modo como construímos a nossa identidade interiorizando determinados traços que nos definem como homem ou mulher.

Segundo o autor, o presente trabalho pretende contribuir, ainda que de forma muito modesta, para a definição de uma nova área de estudos, até há bem pouco tempo desconhecida nas universidades e institutos politécnicos portugueses, e a que é habitual chamar “Estudos de Design”. Distinguir-se-ia esta da tradicional História do Design por reunir vários campos do saber e incluir tópicos como (e entre outros) o papel mediador do design entre usuário e meio envolvente, as questões da ideologia/discurso, ou a responsabilidade ética e social do design. É a tentativa de esboço dessa nova área disciplinar que este capítulo analisa, através duma revisão da literatura existente sobre assunto.

A reflexão sobre novos caminhos, na investigação do design, esteve presente na 4ª Conferência Internacional da EAD/European Academy of Design, que, entre 10-20 de Abril de 2001, teve lugar na Universidade de Aveiro, subordinada ao tema *Desejo, Desígnio, Design*. A conferência teve como orador convidado de abertura Victor Margolin, da Universidade de Illinois/Chicago e editor da revista *Design Issues*, que apresentou uma comunicação subordinada ao tema “Design Research and Its Challenges”. Margolin tornara-se conhecido por, em 1989 e novamente em 1992, ter defendido a necessidade de uma nova disciplina académica ou área de estudos, a que chamou *Design Studies*. Considerava ele que a História do Design permanecera refém de esquemas de pensamento e categorias herdadas da história de arte, e.g. na sua tendência em privilegiar uma lista escolhida de grandes nomes e obras isoladas, considerados momentos altos duma espécie de *Geistesgeschichte*. Em alternativa, Margolin propunha uma definição abrangente de design: não uma classe de objectos mas uma práxis, uma actividade em mudança constante e sem uma identidade fixa.

O autor afirma que, diversos autores negaram, à época, a necessidade desta nova disciplina: a História do Design era já suficientemente abrangente, tendo-se revelado capaz, nos últimos anos, de integrar as novas contribuições oriundas dos *cultural studies*, “*material culture*” e antropologia. Consensual entre todos, contudo, estava o reconhecimento do design como actividade múltipla e complexa, cujo estudo deveria ser (re)pensado, à luz do crescente interesse pelas questões do sentido, ideologia e discurso.

A abordagem do design enquanto acto colectivo de *produção e troca de significados*, mais do que de fabricação de objectos, situava a nova disciplina próximo dos *Cultural Studies*. Com origem no Reino Unido, em finais dos anos 50, caracterizam -se estes por uma forte interdisciplinaridade, abarcando áreas diversas que vão desde as culturas juvenis e urbanas, à etnografia, e aos estudos sobre as mulheres. Especialmente importante, no contexto do design, será a sua recusa em distinguir entre *high culture* e cultura popular ou cultura de massas. Todavia, também os *Cultural Studies*, enquanto disciplina académica, são praticamente inexistentes nas universidades portuguesas, pelo que neste trabalho foram analisados com algum pormenor, em termos de referencial teórico e métodos utilizados.

Ao longo da presente dissertação o autor insistiu sempre no papel constitutivo da cultura em termos dos modos de ver, classificar, narrar, e investir o mundo de significado, bem como na sua função potenciadora de mudança/manutenção das relações de poder existentes em torno das questões de género, sexualidade, classe social ou etnia.

## ÁREAS DE INVESTIGAÇÃO E CRITÉRIOS METODOLÓGICOS

A presente dissertação consta de duas partes, sendo a primeira designada por Enquadramento Teórico e a segunda por Estudo de Casos e Apresentação dos Resultados.

A Introdução, ou **capítulo 1**, apresenta a problemática associada ao tema das representações do masculino e do feminino no design de sinalética, o problema, objectivos, metodologia utilizada e hipóteses que servem de suporte a toda a dissertação. Segue-se o Enquadramento Teórico, composto pelos capítulos 2, 3, 4, 5 e 6.

O **capítulo 2** discute a tentativa, ocorrida em inícios dos anos 90, de criação de uma nova área disciplinar, a que se convencionou chamar *Design Studies*.

Ao longo desta dissertação, as questões de análise histórica (e.g. a identificação e datação dos programas de sinalética), sendo embora importantes, enquadram-se num âmbito mais alargado de preocupações e matérias, como sejam a relação entre design e género, ou a influência das práticas discursivas na reprodução e/ou questionamento de estereótipos sociais. Também os *Design Studies* substituem a tradicional história do design, consubstanciada numa lista escolhida de grandes nomes e de obras isoladas, por uma abordagem interdisciplinar, que toma em linha de conta as contribuições oriundas dos cultural studies, da antropologia e da semiótica. O design é aí reconhecido como uma actividade múltipla e complexa, acto colectivo de *produção e troca de significados*, mais do que de fabricação de objectos.

O **capítulo 3** apresenta a(s) teoria(s) e epistemologia(s) feministas, cujo contributo se revelaria fundamental para uma correcta enunciação do problema, e correspondente delimitação e caracterização do objecto de estudo. Elemento-chave do feminismo contemporâneo, o conceito de "identidade de género" permitiu compreender que os significados de *masculino* e *feminino*, mais do que simples resultado da diferença sexual anatómica, configuram um conteúdo incerto que varia com as diferentes sociedades e culturas, ou com os contextos discursivos que, dentro de uma mesma sociedade e cultura, têm lugar. O feminismo não constitui, todavia, um movimento unificado, antes se caracterizando por uma pluralidade de abordagens e estratégias organizativas, uma diversidade de perspectivas teóricas acerca das causas da subordinação e opressão das mulheres, bem como dos possíveis caminhos para a sua eventual superação. Igualmente tratada é a questão do género do investigador, e.g. a possibilidade de um conhecimento feminista masculino.

O **capítulo 4** relaciona o aparecimento da moderna pictografia sinalética com a prevalência, no período pós-II Guerra Mundial, de uma visão ingénua, mecanicista e linear da comunicação, encarada como mero meio de transmissão de informação.

O carácter icónico dos pictogramas obscurece o facto de toda a linguagem assentar num código. Quer a pictografia, quer o código escrito, não são um mero conjunto de etiquetas ou de nomes que se colocam nas coisas (concepção "transparente" da linguagem) mas um sistema organizado de signos, uma realidade cultural construída por homens e mulheres em função da sua relação com o mundo e que apenas existe enquanto processo multidireccional e dinâmico. O capítulo passa assim em revista, de uma forma resumida, diversas teorias e conceitos utilizados no estudo da comunicação, com destaque para a escola semiótica e o pós-estruturalismo feminista.

O **capítulo 5** estuda a origem histórica, evolução e desenvolvimento dos diversos sistemas de símbolos gráficos, enquadrados dentro das respectivas épocas e contextos de utilização; discute ainda os conceitos de "símbolo gráfico", "pictograma" e "sinal", e distingue entre "sinalização"

(sistema predefinido e de aplicação universal independentemente das características do meio envolvente) e “sinalética” (sistema criado ou readaptado a cada caso particular).

O **capítulo 6** reflecte sobre as várias tentativas de equiparar uma linguagem visual, composta de imagens-silhueta e formas geométricas arquetípicas, a um sistema análogo (embora simultaneamente distinto) da língua verbal.

A confusão entre *pictograma* e *ideograma* constituiu um primeiro equívoco daqueles que quiseram ver, na pictografia sinalética e na aparente “naturalidade” das imagens por ela utilizadas, o ideal cumprido de uma linguagem universal. Convergiam nessa ilusão a teoria da “linguagem-retrato”, elemento central do neo-positivismo lógico de Viena (de que fez parte O. Neurath, criador do Isotype), bem como os primeiros esboços de ergonomia cognitiva ditados por uma *Gestalttheorie* que favorecia a *percepção* à custa da *interpretação* e o inato e o biológico a expensas do cultural e do adquirido.

A segunda parte, designada Estudo de Casos e Apresentação dos Resultados, é constituída pelos capítulos 7 e 8.

O **capítulo 7** dá conta da constituição do *corpus* de análise. Seleccionando de entre uma plethora de elementos disponíveis em meio urbano ou editados em CD-Rom (na maioria dos casos programas compósitos, constituídos a partir de imagens preexistentes, e/ou impossíveis de datar), o presente estudo assenta sobretudo em compilações de signos pictográficos editadas em livro, mas também em catálogos comerciais, artigos publicados em revistas da especialidade, ou mesmo programas de sinalética divulgados pela internet. 49 sistemas pictográficos, compreendendo um total 2 848 sinais foram ordenados de acordo com a fonte e assinalados pelas suas iniciais, em maiúsculas, seguidas do nome por extenso, país de origem, data e nome(s) do(s) designer(s) e/ou empresa respectiva, quando conhecidos.

O **capítulo 8** desenvolve uma análise de conteúdo do *corpus* de programas acima enunciado. Dos 2 848 sinais iniciais, oriundos de diversos países e representando quase meio século de sistemas pictográficos, dos anos 60 à actualidade, foram seleccionados 767 envolvendo a representação de uma ou mais figuras humanas (vd. “Apêndice de imagens”). Estes últimos foram seguidamente divididos em dois grandes grupos: programas e sinais correspondentes às décadas de 60-80 e programas pertencentes às décadas de 90-2000.

A análise global, quantitativa e descritiva dos programas, é acompanhada duma análise qualitativa e interpretativa, e.g. por comparação iconográfica de casos singulares. O objectivo é descobrir de que modo o feminino se encontra subrepresentado (ou não) nos programas; averiguar o papel desempenhado pela sinalética na reprodução de modelos estereotipados de masculino e feminino, e.g. a

associação entre género e determinadas profissões e/ou papéis sociais (parentalidade); e verificar a utilização (ou não) do “falso neutro” ou masculino genérico, e do feminino como forma “marcada” daquele.

Por último, o **capítulo 9**, “Conclusões e comentários”, faz um balanço dos resultados obtidos (confirmação das hipóteses), e sugere algumas recomendações para o futuro no sentido de corrigir ou, eventualmente, minorar os problemas detectados. Mantém-se todavia a convicção de que a pictografia sinalética, tal como tem vantagens relativamente à linguagem falada ou escrita, tem também algumas limitações que não são facilmente ultrapassáveis.

A dissertação é complementada por uma lista bibliográfica e por um anexo de imagens contendo os 767 pictogramas que foram objecto de análise.



APÊNDICE 10

**TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



**FBAUL - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIENTÍFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA**

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIENTÍFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
JORGE MANUEL DOS REIS TAVARES DUARTE	TRÊS MOVIMENTOS DA LETRA: O DESENHO DA ESCRITA EM PORTUGAL.	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
JORGE MANUEL SIMÕES ALVES	CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA PRÁTICA DO DESIGN INDUSTRIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO EM PORTUGAL	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
RAÚL JOSÉ RIBEIRO DE MATOS CUNCA	TERRITÓRIOS HÍBRIDOS DA CULTURA DO HABITAR	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
VÍTOR MANUEL TEIXEIRA MANAÇAS	PERCURSOS DO DESIGN EM PORTUGAL	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
PAULO JORGE MARTINS PARRA	DESIGN SIMBIÓTICO. CULTURA PROJECTUAL, SISTEMAS BIOLÓGICOS E SISTEMAS TECNOLÓGICOS	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
ISABEL MARIA DÂMASO RODRIGUES	ESTRATÉGIAS DE DESENHO NO PROJECTO DE DESIGN: UM ESTUDO SOBRE O USO DO DESENHO COMO RECURSO INSTRUMENTAL E CRIATIVO AO SERVIÇO DO PENSAMENTO VISUAL DO DESIGNER DE EQUIPAMENTO	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
VICTOR MANUEL MARINHO DE ALMEIDA	O DESIGN EM PORTUGAL, UM TEMPO E UM MODO: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DESIGN PORTUGUÊS ENTRE 1959-1974	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
PAULO JORGE ALCOBIA SIMÕES	DIDÁTICA DE METODOLOGIAS PARA A FACILIDADE DE USO. DESIGN DE DIAGRAMAS E SUA REPRESENTAÇÃO VISUAL	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
SOFIA LEAL RODRIGUES	DESENHO, TIPOGRAFIA E PUBLICIDADE. O CASO DO MODERNISMO PORTUGUÊS	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
CÂNDIDA TERESA PAIS RUIVO PIRES	AS ARTES GRÁFICAS NA CULTURA NACIONALISTA DO ESTADO NOVO PORTUGUÊS. PENSAR, PROJECTAR, FAZER (REVISTA PANORAMA, PRIMEIRA SÉRIE, 1941-1949)	ARTES	UL_UNIVERSIDADE DE LISBOA	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES

APÊNDICE 11



**TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

**FBAUL - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.**

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
JORGE MANUEL DOS REIS TAVARES DUARTE	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2009	BELAS-ARTES	DESIGN DE COMUNICAÇÃO
JORGE MANUEL SIMÕES ALVES	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2004	BELAS-ARTES	DESIGN DE EQUIPAMENTO
RAÚL JOSÉ RIBEIRO DE MATOS CUNCA	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2004	BELAS-ARTES	DESIGN DE EQUIPAMENTO
VÍTOR MANUEL TEIXEIRA MANAÇAS	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2006	BELAS-ARTES	DESIGN DE EQUIPAMENTO
PAULO JORGE MARTINS PARRA	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2008	BELAS-ARTES	DESIGN DE EQUIPAMENTO
ISABEL MARIA DÂMASO RODRIGUES	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2008	BELAS-ARTES	DESIGN DE EQUIPAMENTO
VICTOR MANUEL MARINHO DE ALMEIDA	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2010	BELAS-ARTES	DESIGN DE COMUNICAÇÃO
PAULO JORGE ALCOBIA SIMÕES	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2011	BELAS-ARTES	DESIGN DE COMUNICAÇÃO
SOFIA LEAL RODRIGUES	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2012	BELAS-ARTES	DESIGN DE COMUNICAÇÃO
CÂNDIDA TERESA PAIS RUIVO PIRES	BELAS-ARTES	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2010	BELAS-ARTES	DESIGN DE COMUNICAÇÃO

**TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FBAUL\_NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
JORGE MANUEL DOS REIS TAVARES DUARTE	MARIA JOÃO GAMITO		TIPOGRAFIA, CALIGRAFIA, NOTAÇÃO, LEGIBILIDADE, LETRA	
JORGE MANUEL SIMÕES ALVES	ROGÉRIO FERNANDO DA SILVA RIBEIRO	EDUARDO CHITAS		
RAÚL JOSÉ RIBEIRO DE MATOS CUNCA	ROGÉRIO FERNANDO DA SILVA RIBEIRO			
VÍTOR MANUEL TEIXEIRA MANAÇAS	ROGÉRIO FERNANDO DA SILVA RIBEIRO			
PAULO JORGE MARTINS PARRA	ROGÉRIO FERNANDO DA SILVA RIBEIRO	PAULO ALEXANDRE GOMES DA CUNHA E SILVA	DESIGN INDUSTRIAL, EVOLUCIONISMO TECNOLÓGICO, SISTEMA PROTÉTICO, OBJECTO-PRÓTESE, EVOLUCIONISMO SIMBIÓTICO, DESIGN SIMBIÓTICO.	
ISABEL MARIA DÂMASO RODRIGUES	RAÚL JOSÉ RIBEIRO DE MATOS CUNCA	LUÍSA D'OREY CAPUCHO ARRUDA	DESIGN DE EQUIPAMENTO, DESENHO COMO MEIO, ESQUISSO, REPRESENTAÇÃO VISUAL, PROCESSO DE DESIGN	
VICTOR MANUEL MARINHO DE ALMEIDA	EMÍLIO M. TÁVORA VILAR	AURELINDO JAIME CEIA	DESIGN, INSTITUCIONALIZAÇÃO, PROFISSIONALIZAÇÃO, EDUCAÇÃO, PORTUGAL 1959-1974	
PAULO JORGE ALCOBIA SIMÕES	HUGO GONÇALVES FERRÃO	EDUARDO HERRERA FERNÁNDEZ	DESIGN DE INFORMAÇÃO, DIAGRAMAS, DIDÁTICA DE METODOLOGIAS DE DESIGN, USABILIDADE	
SOFIA LEAL RODRIGUES	EDUARDO CÔRTE-REAL	EDUARDO DUARTE	DESENHO, ILUSTRAÇÃO, TIPOGRAFIA, PUBLICIDADE, MODERNISMO	
CÂNDIDA TERESA PAIS RUIVO PIRES	EMÍLIO MANUEL TÁVORA VILAR	MARIA MARGARIDA T. BARRADAS CALADO	ESTADO NOVO, SPN/SNI, ARTES GRÁFICAS, REVISTA PANORAMA	

APÊNDICE 13



**TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FBAUL\_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
JORGE MANUEL DOS REIS TAVARES DUARTE	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES		MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	COMUNICAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO
JORGE MANUEL SIMÕES ALVES	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	MASCULINO	DESIGN DE EQUIPAMENTO	
RAÚL JOSÉ RIBEIRO DE MATOS CUNCA	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	MASCULINO	DESIGN DE EQUIPAMENTO	DESIGN INDUSTRIAL
VÍTOR MANUEL TEIXEIRA MANAÇAS	PROFESSOR UNIVERSIDADE LUSÓFONA		MASCULINO	ESCULTURA	HISTÓRIA DA ARTE
PAULO JORGE MARTINS PARRA	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	MASCULINO	DESIGN DE EQUIPAMENTO	
ISABEL MARIA DÂMASO RODRIGUES	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	FEMININO	DESIGN DE EQUIPAMENTO	
VICTOR MANUEL MARINHO DE ALMEIDA	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	
PAULO JORGE ALCOBIA SIMÕES	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	CIÊNCIAS EMPRESARIAIS, ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO, ESTRATÉGIA E DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL
SOFIA LEAL RODRIGUES	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES		FEMININO	PINTURA	TEORIAS DA ARTE
CÂNDIDA TERESA PAIS RUIVO PIRES	PROFESSOR UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	CIEBA	FEMININO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	TEORIAS DA ARTE

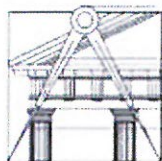
**TESES DE DOUTORAMENTO EM BELAS-ARTES, ESPECIALIDADE DESIGN, REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FBAUL\_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
JORGE MANUEL DOS REIS TAVARES DUARTE	A CALIGRAFIA, A POESIA TIPOGRÁFICA E AS ARTES PLÁSTICAS.	RESEARCH INTO DESIGN			CALIGRAFIA E TIPOGRAFIA.
JORGE MANUEL SIMÕES ALVES	DESIGN INDUSTRIAL NOS CAMPOS DA INDÚSTRIA E DOS MERCADOS		RESEARCH FOR DESIGN		DESIGN INDUSTRIAL
RAÚL JOSÉ RIBEIRO DE MATOS CUNCA	CULTURA DO HABITAR NO DOMÍNIO DO ESPAÇO DOMÉSTICO E CRUZA AS INOVAÇÕES TÉCNICAS COM AS CONDIÇÕES SOCIAIS	RESEARCH INTO DESIGN			CULTURA DO HABITAR
VÍTOR MANUEL TEIXEIRA MANAÇAS	ANTECEDENTES E PERCURSOS DO DESIGN		RESEARCH FOR DESIGN		HISTÓRIA DO DESIGN
PAULO JORGE MARTINS PARRA	DESIGN SIMBIÓTICO, CENTRA-SE NAS ÁREAS DA CULTURA PROJECTUAL, DA BIOLOGIA E DA TECNOLOGIA	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN SIMBIÓTICO
ISABEL MARIA DÂMASO RODRIGUES	TERRITÓRIO DE INTERAÇÃO ENTRE DESENHO E DESIGN NO ÂMBITO DO DESIGN DE EQUIPAMENTO		RESEARCH FOR DESIGN		DESIGN DE EQUIPAMENTO
VICTOR MANUEL MARINHO DE ALMEIDA	A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DESIGN PORTUGUÊS ENTRE 1959 E 1974		RESEARCH FOR DESIGN		HISTÓRIA DO DESIGN
PAULO JORGE ALCOBIA SIMÕES	METODOLOGIAS PROJETOVAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE DIAGRAMAS COM O OBJETIVO DE FAVORECER MELHORES PROCESSOS DIDÁTICOS	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE DIAGRAMAS
SOFIA LEAL RODRIGUES	A PREPONDERÂNCIA DO DESENHO – MATRIZ DE TODAS AS ARTES – NO DESENVOLVIMENTO DE UM PENSAMENTO EM DESIGN.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN GRÁFICO
CÂNDIDA TERESA PAIS RUIVO PIRES	ESTE ESTUDO DEBRUÇA-SE EXCLUSIVAMENTE SOBRE UMA SÉRIE DA REVISTA PANORAMA, NA PERSPECTIVA DE ENTENDER O MODO DE CONJUGAÇÃO DOS SEUS CONTEÚDOS EDITORIAIS		RESEARCH FOR DESIGN		DESIGN GRÁFICO

APÊNDICE 15



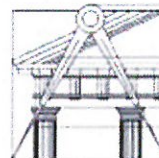
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIÉNTIFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
ANA MARGARIDA DE BASTOS AMBRÓSIO PESSOA FRAGOSO	FORMAS E EXPRESSÕES DA COMUNICAÇÃO VISUAL EM PORTUGAL - CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA CULTURA VISUAL DO SÉCULO XX, ATRAVÉS DAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
ANA CRISTINA BOLOTA VALÉRIO DO COUTO	EXPERIÊNCIA VISUAL DO VESTUÁRIO: IMPLICAÇÕES NEUROLÓGICAS NA CONCEPTUALIZAÇÃO DOS AFECTOS.	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
ANA MARGARIDA PIRES FERNANDES	NOVOS MATERIAIS E TÉCNICAS APLICADAS AO BORDADO DE CASTELO BRANCO NO DESIGN TÊXTIL E DE VESTUÁRIO	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
ANA PAULA JESUS LOPES GASPAR	A PROVOCAÇÃO DOS SENTIDOS NO CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL 1989-2009	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
ANTÓNIO CARLOS CAMILO CORREIA DE LACERDA	DESIGN E GESTÃO DA IDENTIDADE, MARCAS GRÁFICAS E IMAGEM INSTITUCIONAL	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
BARTOLOMEU ADALBERTO FIGUEIREDO PAIVA	DESIGN E URBANIDADE CUMPLICIDADES DO PROGRAMA POLIS	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
CARLA MARIA D'ABREU LOBO FERREIRA	NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESIGN PARA O DESENVOLVIMENTO DE REVESTIMENTOS CERÁMICOS: O AZULEJO COMO CASO DE ESTUDO	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
CARLOS MIGUEL LOPES ROSA	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO PICTOGRÁFICA O UNIVERSO DOS PICTOGRAMAS: MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE DESIGN PARA OBTENÇÃO DE COERÊNCIA FORMAL.	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA

APÊNDICE 15 a)

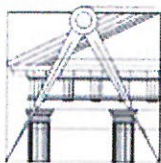
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FAUTL a) - NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIENTÍFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIENTÍFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
DANIEL RAPOSO MARTINS	LA LETRA COMO SIGNO DE IDENTIDAD VISUAL CORPORATIVA CODIFICACIÓN Y DESCODIFICACIÓN VISUAL DEL SISTEMA DE IDENTIDAD	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
FERNANDO MIGUEL DOS REIS MARQUES DOS SANTOS	CRISTAL VALÊNCIAS DO DESPERDÍCIO PARA O DESIGN ABORDAGEM À RECICLAGEM DE PRÉ-CONSUMO DE CRISTAL	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO SILVA	A EXPOSIÇÃO COMO OBJECTO DE INVESTIGAÇÃO   EXPERIMENTAÇÃO. NOVAS ABORDAGENS MUSEOGRÁFICAS PARA COMUNICAÇÃO DE MODA	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
GIANNI MONTAGNA	O VESTUÁRIO INTELIGENTE COMO FERRAMENTA PARA O DESIGN DA PERFORMANCE DESPORTIVA	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
GRAÇA MARIA DE ROVISCO GARCIA PEDROSO MALAGUERRA NUNES	O MOBILIÁRIO PORTUGUÊS DE PRODUÇÃO EM SÉRIE DO TERCEIRO QUARTEL DO SEC XX (1951 A 1974)	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
INÊS DA SILVA ARAÚJO SIMÕES	CONTRIBUTIONS FOR A NEW BODY REPRESENTATION PARADIGM IN PATTERN DESIGN. GENERATION OF BASIC PATTERNS AFTER THE MOBILE BODY	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
JOÃO ARANDA BRANDÃO	UMA GRAMÁTICA DO MOVIMENTO VARIÁVEIS ESTRUTURAIS PARA UMA EXPRESSÃO DO MOVIMENTO NA COMUNICAÇÃO GRÁFICA	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
JOÃO COTTINELLI TELMO PARDAL MONTEIRO	PARA O PROJECTO GLOBAL - NOVE DÉCADAS DE OBRA, ARTE, DESIGN E TÉCNICA NA ARQUITECTURA DO ATELIER PARDAL MONTEIRO	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
JOÃO VASCO MATOS NEVES	SISTEMA DE SIGNOS PARA INFORMAÇÃO TURÍSTICA: METODOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS SINALÉTICOS	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA
JOSÉ MANUEL ANDRADE VICENTE	CONTRIBUTOS PARA UMA METODOLOGIA DE DESIGN SUSTENTÁVEL APLICADA À INDÚSTRIA DO MOBILIÁRIO: O CASO PORTUGUÊS	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_FACULDADE DE ARQUITECTURA

APÊNDICE 15 b)



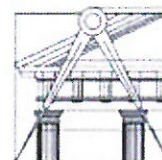
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL b)- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIÉNTIFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
JOSÉ MIGUEL GAGO DA SILVA	A ICONOGRAFIA MUSICAL COMO PAUTA RÍTMICA DE MONTAGEM	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
JOSÉ RUI DE CARVALHO MENDES MARCELINO	DESIGN DE PRODUTO: GESTÃO DO PROCESSO, DAS COMPETÊNCIAS E DA CULTURA EM ESTÚDIO DE DESIGN.	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
LUÍS MIGUEL RODRIGUES LIBERAL ALEGRE SILVA	A (IN)VISIBILIDADE DOS OBJECTOS — DESIGN, ARTE, APROPRIAÇÃO, AUTORIA E CIRCULAÇÃO NA ERA DA INFORMAÇÃO	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
MARCO ANTÓNIO NEVES DA SILVA	DESIGN GRÁFICO E O UTILIZADOR ESTRATÉGIAS DE INTERACTIVIDADE E PARTICIPAÇÃO NOS OBJECTOS IMPRESSOS	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
MARGARIDA MARIA DE OLIVEIRA ALLEN GAMITO	COR NO MOBILIÁRIO URBANO UM FACTOR DE INCLUSIVIDADE, ORIENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
MARIA CRISTINA DE SOUSA ARAÚJO PINHEIRO	COMUNICAÇÃO VISUAL E DESIGN INCLUSIVO - COR, LEGIBILIDADE E VISÃO ENVOLHECIDA	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
MARIA DA GRAÇA SARREIRA PENA CARVALHO	O MANUAL ESCOLAR COMO OBJECTO DE DESIGN	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
MARIA HELOÍSA DE BARROS BOBELA MOTA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE	O TRAJE FEMININO E A MODA ATRAVÉS DA PINTURA. A BURGUESIA DO REALISMO À BELLE ÉPOQUE	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
PAULO CARLOS ROCHA COSTA	O DESIGN DA COSTUMIZAÇÃO DAS CADEIRAS DE RODAS	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
PAULO JORGE MALDONADO CARVALHO ARAÚJO	INOVAÇÃO, DESIGN ET CETERA	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
PEDRO PAULO EUGÉNIO DE OLIVEIRA	A IDENTIDADE DIFUSA DOS MATERIAIS METÁLICOS. CONTRIBUTOS PARA UM ENSINO HOLÍSTICO SOBRE MATERIAIS EM CURSOS SUPERIORES DE DESIGN	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA
RITA ASSOREIRA ALMENDRA	DECISION MAKING IN THE CONCEPTUAL PHASE OF DESIGN PROCESSES: A DESCRIPTIVE STUDY CONTRIBUTING FOR THE STRATEGIC ADEQUACY AND OVERALL QUALITY OF DESIGN OUTCOMES	ARTES	UTL_UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	FA_ FACULDADE DE ARQUITECTURA

APÊNDICE 16

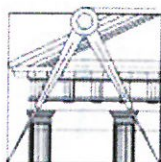
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FAUTL - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
ANA MARGARIDA DE BASTOS AMBRÓSIO PESSOA FRAGOSO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2008	DESIGN	
ANA CRISTINA BOLOTA VALÉRIO DO COUTO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
ANA MARGARIDA PIRES FERNANDES	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
ANA PAULA JESUS LOPES GASPAR	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012		
ANTÓNIO CARLOS CAMILO CORREIA DE LACERDA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
BARTOLOMEU ADALBERTO FIGUEIREDO PAIVA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
CARLA MARIA D'ABREU LOBO FERREIRA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
CARLOS MIGUEL LOPES ROSA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
DANIEL RAPOSO MARTINS	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
FERNANDO MIGUEL DOS REIS MARQUES DOS SANTOS	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO SILVA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
GIANNI MONTAGNA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
GRAÇA MARIA DE ROVISCO GARCIA PEDROSO MALAGUERRA NUNES	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
INÊS DA SILVA ARAÚJO SIMÕES	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	

APÊNDICE 16 a)

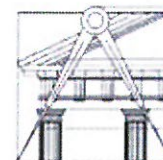


**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL a) - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
JOÃO ARANDA BRANDÃO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
JOÃO COTTINELLI TELMO PARDAL MONTEIRO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
JOÃO VASCO MATOS NEVES	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
JOSÉ MANUEL ANDRADE VICENTE	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
JOSÉ MIGUEL GAGO DA SILVA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
JOSÉ RUI DE CARVALHO MENDES MARCELINO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
LUÍS MIGUEL RODRIGUES LIBERAL ALEGRE SILVA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
MARCO ANTÓNIO NEVES DA SILVA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
MARGARIDA MARIA DE OLIVEIRA ALLEN GAMITO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
MARIA CRISTINA DE SOUSA ARAÚJO PINHEIRO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
MARIA DA GRAÇA SARREIRA PENA CARVALHO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2010	DESIGN	
MARIA HELOÍSA DE BARROS BOBELA MOTA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
PAULO CARLOS ROCHA COSTA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
PAULO JORGE MALDONADO CARVALHO ARAÚJO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
PEDRO PAULO EUGÉNIO DE OLIVEIRA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
RITA ASSOREIRA ALMENDRA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2010	DESIGN	

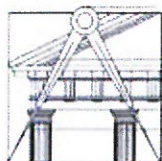
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FAUTL \_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
ANA MARGARIDA DE BASTOS AMBRÓSIO PESSOA FRAGOSO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	JOSÉ PEDRO ROQUE GAMEIRO MARTINS BARATA	COMUNICAÇÃO VISUAL, CULTURA VISUAL, DESIGN, IDENTIDADE CULTURAL, PORTUGAL, SÉCULO XX.	APOIO FINANCEIRO DA FCT NO ÂMBITO DO POCI 2010 - FORMAR E QUALIFICAR
ANA CRISTINA BOLOTA VALÉRIO DO COUTO	MARIA JOÃO DE CARVALHO DURÃO DOS SANTOS	MANUEL PAIS CLEMENTE	VISÃO, PERCEPÇÃO, PROCESSO NEUROLÓGICO, CATEGORIZAÇÃO, RECONHECIMENTO DE OBJECTOS, AFECTO, EMOÇÃO, SENTIMENTO, DESIGN, VESTUÁRIO.	
ANA MARGARIDA PIRES FERNANDES	MANUELA CRISTINA PAULO CARVALHO DE ALMEIDA FIGUEIREDO	ISABEL CRISTINA AGUIAR DE SOUSA E SILVA GOUVEIA	DESIGN; TÊXTIL; VESTUÁRIO; BORDADO DE CASTELO BRANCO; NÃO-TECIDO; TECNOLOGIAS; INOVAÇÃO.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
ANA PAULA JESUS LOPES GASPAR	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	CRISTINA DE SOUSA AZEVEDO TAVARES	ARTE CONTEMPORÂNEA, CARTAZ, DESIGN EMOCIONAL, EMOÇÕES, SENTIDOS	PROTEC
ANTÓNIO CARLOS CAMILO CORREIA DE LACERDA	EDUARDO HERRERA FERNÁNDEZ	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	DESIGN DE COMUNICAÇÃO, IDENTIDADE INSTITUCIONAL, MARCAS GRÁFICAS, IMAGEM INSTITUCIONAL, PROGRAMAS DE DESIGN E GESTÃO DA IDENTIDADE E IMAGEM INSTITUCIONAL.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
BARTOLOMEU ADALBERTO FIGUEIREDO PAIVA	RUI BARREIROS DUARTE	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	DESIGN, CIDADE, SOCIEDADE, PATRIMÓNIO, ESPAÇO PÚBLICO, CIDADANIA, IDENTIDADE CULTURAL, AMBIENTE, PROGRAMA POLIS, URBANIDADE.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
CARLA MARIA D'ABREU LOBO FERREIRA	MARIA JOÃO DE CARVALHO DURÃO DOS SANTOS	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	AZULEJO, REVESTIMENTOS CERÁMICOS, COR, PROCESSO DE DESIGN, FACTOR HUMANO, PERCEPÇÃO, MATÉRIA, SUPERFÍCIE, ESPAÇO URBANO	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
CARLOS MIGUEL LOPES ROSA	JOÃO PAULO DO ROSÁRIO MARTINS	JOSÉ FRANCISCO DA MOTA SAMPAIO BRANDÃO	DESIGN DE PICTOGRAMAS, COERÊNCIA FORMAL, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PROJECTO, SINTAXE E SEMÂNTICA EM DESIGN GRÁFICO	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
DANIEL RAPOSO MARTINS	EDUARDO HERRERA FERNÁNDEZ	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA JOAN COSTA SOLÀ-SEGALÉS	LETRA   TIPOGRAFÍA   LOGOTIPO   IDENTIDAD VISUAL CORPORATIVA   DENOTACIÓN   CONNOTACIÓN   CODIFICACIÓN   DECODIFICACIÓN	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

APÊNDICE 17 a)



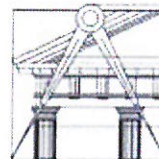
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL a) \_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
FERNANDO MIGUEL DOS REIS MARQUES DOS SANTOS	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	RUI PAULO FRAZÃO	ECODESIGN, TECNOLOGIAS DO VIDRO, EXPERIMENTAÇÃO, VALORIZAR O DESPERDÍCIO, RECICLAGEM PRÉ-CONSUMO	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO SILVA	MARIA GOMES CALADO	JOÃO PAULO DO ROSÁRIO MARTINS	MODA   CULTURA VISUAL   MUSEOLOGIA   CURADORIA   EXPERIMENTAÇÃO   DESIGN EXPOSITIVO	
GIANNI MONTAGNA	HÉLDER MANUEL TEIXEIRA DE CARVALHO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA MANUELA CRISTINA P. CARVALHO ALMEIDA FIGUEIREDO	DESIGN DE VESTUÁRIO; VESTUÁRIO TECNOLÓGICO; VESTUÁRIO INTELIGENTE; TÊXTEIS DE ALTA PERFORMANCE; TÊXTEIS TECNOLÓGICOS; PERFORMANCE DESPORTIVA.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
GRAÇA MARIA DE ROVISCO GARCIA PEDROSO MALAGUERRA NUNES	JOÃO PAULO DO ROSÁRIO MARTINS	JORGE MANUEL FAVA SPENCER	MOBILIÁRIO, PORTUGAL, PROCESSO PRODUTIVO, PRODUÇÃO EM SÉRIE, SÉCULO XX, SISTEMÁTICA DO MOBILIÁRIO, SOCIEDADE.	
INÊS DA SILVA ARAÚJO SIMÕES	LUÍS ANTÓNIO DOS SANTOS ROMÃO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	DESIGN DE MOLDES, MOLDES BASECORPO MÓVEL, CORPO ESTÁTICO, PARADIGMA, PARADOXO, LINEAMENTO, REPRESENTAÇÃO VISUAL, TÉCNICAS PROCESSUAIS QUALITATIVAS, ABORDAGENS PRAGMÁTICAS	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
JOÃO ARANDA BRANDÃO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	LUÍS FILIPE DE OLIVEIRA	DESIGN DE COMUNICAÇÃO, PERCEÇÃO DO MOVIMENTO, LEGIBILIDADE, SEMÂNTICA DO MOVIMENTO, ANIMAÇÃO DIGITAL.	
JOÃO COTTINELLI TELMO PARDAL MONTEIRO	ANTÓNIO JOSÉ MORAIS	MARIA HELENA SOUTO NUNES		
JOÃO VASCO MATOS NEVES	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	JOAN COSTA SOLA SEGALÊS	SISTEMAS DE SIGNOS, SINALIZAÇÃO, SINALÉTICA, PICTOGRAMAS, INFORMAÇÃO TURÍSTICA, WAYFINDING.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
JOSÉ MANUEL ANDRADE VICENTE	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	RUI PAULO FRAZÃO	DESIGN SUSTENTÁVEL; FERRAMENTAS DE DESIGN; MOBILIÁRIO EM MADEIRA; CRITÉRIOS AMBIENTAIS E SOCIAIS; PERSPECTIVA DE CICLO DE VIDA.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

APÊNDICE 17 b)

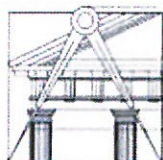
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



**FAU TL b) NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.**

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
JOSÉ MIGUEL GAGO DA SILVA	EDUARDO HERRERA FERNÁNDEZ	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA		FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
JOSÉ RUI DE CARVALHO MENDES MARCELINO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	HENRI CHRISTIAANS	DESIGN DE PRODUTO, GESTÃO DO PROCESSO DE DESIGN, COMPETÊNCIAS PARA O DESIGN, CULTURA ORGANIZACIONAL, DESIGN STUDIO	
LUÍS MIGUEL RODRIGUES LIBERAL ALEGRE SILVA	MARIA JOÃO DE CARVALHO DURÃO DOS SANTOS	JOSÉ A. BRAGANÇA DE MIRANDA	DESIGN, ARTE, IMAGEM, OBJECTO, CÓPIA, APROPRIAÇÃO, PROPRIEDADE, COPYRIGHT	
MARCO ANTÓNIO NEVES DA SILVA	JOÃO PAULO DO ROSÁRIO MARTINS	JOSÉ FRANCISCO DA MOTA SAMPAIO BRANDÃO	DESIGN GRÁFICO; INTERACTIVIDADE; PARTICIPAÇÃO; OBJECTOS IMPRESSOS; OBJECTOS DIGITAIS; UTILIZADOR; INOVAÇÃO	
MARGARIDA MARIA DE OLIVEIRA ALLEN GAMITO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA		COR, MOBILIÁRIO URBANO, PLANEAMENTO CROMÁTICO, METODOLOGIA, ORIENTAÇÃO, IDENTIFICAÇÃO, INCLUSIVIDADE	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
MARIA CRISTINA DE SOUSA ARAÚJO PINHEIRO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA		COMUNICAÇÃO VISUAL, COR, VISÃO ENVELHECIDA, LEGIBILIDADE, DESIGN INCLUSIVO	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
MARIA DA GRAÇA SARREIRA PENA CARVALHO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA		AValiação, DESIGN DE COMUNICAÇÃO, MANUAL ESCOLAR, 2º CICLO ENSINO BÁSICO, PORTUGAL	
MARIA HELOÍSA DE BARROS BOBELA MOTA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE	MARIA MARQUES CALADO DE ALBUQUERQUE GOMES		PINTURA, DESIGN DE MODA, TRAJE, BURGUESIA, SOCIEDADE	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
PAULO CARLOS ROCHA COSTA	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	CARLOS MANUEL DE ALMEIDA FIGUEIREDO	DESIGN INCLUSIVO, EMOÇÃO, FUNÇÃO, COSTUMIZAÇÃO	PROTEC
PAULO JORGE MALDONADO CARVALHO ARAÚJO	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA		INOVAÇÃO, DESIGN, INTELIGÊNCIA COLABORATIVA EM REDE, INSPIRAÇÃO, INSPÆDIA	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
PEDRO PAULO EUGÉNIO DE OLIVEIRA	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA		MATERIAL, METAL, INOVADOR, SIMBOLISMO, ARQUÉTIPO, IDENTIDADE, ENSINO.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
RITA ASSOREIRA ALMENDRA	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA	HENRI CHRISTIAANS JOSÉ PINTO DUARTE	PROCESSO DE PROJECTO, EXPERIÊNCIAS DE PROJECTO, TOMADA DE DECISÃO EM PROJECTO, FASE CONCEPTUAL DE PROJECTO; INVESTIGAÇÃO MISTA	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

APÊNDICE 18



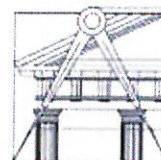
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL\_NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
ANA MARGARIDA DE BASTOS AMBRÓSIO PESSOA FRAGOSO	DESIGNER DE COMUNICAÇÃO NO DEPARTAMENTO DE CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA.	CIAUD	FEMININO	DESIGN	COMUNICAÇÃO EDUCACIONAL MULTIMÉDIA
ANA CRISTINA BOLOTA VALÉRIO DO COUTO	PROFESSOR UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	FEMININO	ECONOMIA	
ANA MARGARIDA PIRES FERNANDES	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO - ESCOLA SUPERIOR DE ARTES APLICADAS DE CASTELO BRANCO	CIAUD	FEMININO	PROFESSORES DO 2.º CICLO ENS. BÁSICO, VAR. DE EDUCAÇÃO VISUAL E TECNOLÓGICA	DESIGN E MARKETING
ANA PAULA JESUS LOPES GASPAR	INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO		FEMININO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	HISTÓRIA DA ARTE
ANTÓNIO CARLOS CAMILO CORREIA DE LACERDA	PROFESSOR UNIVERSIDADE DO ALGARVE - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO DE FARO	CIAUD	MASCULINO	DESIGN, RAMO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
BARTOLOMEU ADALBERTO FIGUEIREDO PAIVA	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE COIMBRA	CIAUD	MASCULINO	ARQUITETURA	SUPERVISÃO
CARLA MARIA D'ABREU LOBO FERREIRA	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA - ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN DAS CALDAS DA RAINHA	CIAUD	FEMININO	DESIGN DE EQUIPAMENTO	COR NA ARQUITETURA
CARLOS MIGUEL LOPES ROSA	PROFESSOR NA ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN	CIAUD	MASCULINO	DESIGN	
DANIEL RAPOSO MARTINS	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO - ESCOLA SUPERIOR DE ARTES APLICADAS DE CASTELO BRANCO	CIAUD	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO E TÉCNICAS GRÁFICAS	DESIGN, MATERIAIS E GESTÃO DO PRODUTO
FERNANDO MIGUEL DOS REIS MARQUES DOS SANTOS	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS	CIAUD	MASCULINO	DESIGN	MUSEOLOGIA
FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO SILVA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA		MASCULINO		
GIANNI MONTAGNA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	MASCULINO	DESIGN TÊXTIL E DO VESTUÁRIO	

APÊNDICE 18 a)

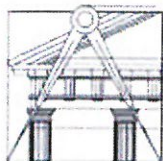
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FAUTL a)\_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
GRAÇA MARIA DE ROVISCO GARCIA PEDROSO MALAGUERRA NUNES	PROFESSOR NA ESCOLA SUPERIOR DE ARTES DECORATIVAS NO ENSINO SUPERIOR PARTICULAR E COOPERATIVO POLITÉCNICO	CIAUD	FEMININO	PERITOS EM ARTE - MOBILIÁRIO	MUSEOLOGIA E PATRIMÓNIO
INÊS DA SILVA ARAÚJO SIMÕES	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	FEMININO	ARTES PLÁSTICAS - PINTURA	DESIGN
JOÃO ARANDA BRANDÃO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	
JOÃO COTTINELLI TELMO PARDAL MONTEIRO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA		MASCULINO	ARQUITETURA	
JOÃO VASCO MATOS NEVES	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO - ESCOLA SUPERIOR DE ARTES APLICADAS DE CASTELO BRANCO	CIAUD	MASCULINO	TECNOLOGIA E ARTES GRÁFICAS	DESIGN, MATERIAIS E GESTÃO DO PRODUTO
JOSÉ MANUEL ANDRADE VICENTE	PROFESSOR NA ESCOLA SUPERIOR GALLAECIA	CIAUD	MASCULINO	ARQUITECTURA DE DESIGN	
JOSÉ MIGUEL GAGO DA SILVA	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO - ESCOLA SUPERIOR DE ARTES APLICADAS DE CASTELO BRANCO	CIAUD	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO E TÉCNICAS GRÁFICAS	MULTIMÉDIA EM EDUCAÇÃO
JOSÉ RUI DE CARVALHO MENDES MARCELINO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA DESIGNER NA ALMA DESIGN	CIAUD	MASCULINO	ENGENHARIA MECÂNICA	
LUÍS MIGUEL RODRIGUES LIBERAL ALEGRE SILVA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS		MASCULINO	PINTURA	DESIGN
MARCO ANTÓNIO NEVES DA SILVA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	
MARGARIDA MARIA DE OLIVEIRA ALLEN GAMITO	PROFESSOR NA ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN	CIAUD	FEMININO	DESIGN	COR NA ARQUITECTURA
MARIA CRISTINA DE SOUSA ARAÚJO PINHEIRO	PROFESSOR NA ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN	CIAUD	FEMININO	DESIGN	COR NA ARQUITECTURA
MARIA DA GRAÇA SARREIRA PENA CARVALHO	PROFESSOR NA INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA	CIAUD	FEMININO	ARTES PLÁSTICAS - PINTURA	CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

APÊNDICE 18 b)



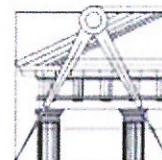
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL b)\_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
MARIA HELOÍSA DE BARROS BOBELA MOTA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	FEMININO	HISTÓRIA	DESIGN
PAULO CARLOS ROCHA COSTA	PROFESSOR NA INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO		MASCULINO	ENGENHARIA MECÂNICA - PRODUÇÃO	ENGENHARIA MECÂNICA
PAULO JORGE MALDONADO CARVALHO ARAÚJO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	MASCULINO	ARQUITECTURA	DESENHO INDUSTRIAL DE EQUIPAMENTO E PRODUTOS
PEDRO PAULO EUGÉNIO DE OLIVEIRA	PROFESSOR NO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS	CIAUD	MASCULINO	DESIGN DE EQUIPAMENTO	DESIGN
RITA ASSOREIRA ALMENDRA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA - FACULDADE DE ARQUITETURA	CIAUD	FEMININO	ARQUITECTURA DE DESIGN	ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO DE EMPRESAS

APÊNDICE 19

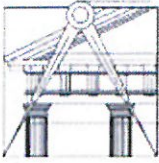
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FAUTL\_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
ANA MARGARIDA DE BASTOS AMBRÓSIO PESSOA FRAGOSO	LINHAS DE FORÇA DA EVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO VISUAL EM PORTUGAL	RESEARCH INTO DESIGN			COMUNICAÇÃO VISUAL
ANA CRISTINA BOLOTA VALÉRIO DO COUTO	PERCEÇÃO DE COMO A EXPERIÊNCIA VISUAL COM O VESTUÁRIO SE TRANSFORMA EM ALGO BIOLÓGICO EM MATÉRIA INTERNA AO CORPO E DE QUE MANEIRA ESSA TRANSFORMAÇÃO RESULTA NO QUE MANIFESTAMOS OU SENTIMOS SOBRE O OBJETO.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE MODA
ANA MARGARIDA PIRES FERNANDES	OBTENÇÃO DE NOVAS SUPERFÍCIES TÊXTEIS, PARTINDO DA RECICLAGEM DA MATÉRIA-PRIMA (NO CASO DESPERDÍCIOS DO CASULO DE SEDA) ATÉ À PRODUÇÃO A UMA ESCALA PILOTO DE SUPORTES TÊXTEIS NÃO-TECIDOS (NO CASO MANTOS AGULHETADOS), TESTADOS POR UM GRUPO DE FOCO ESPECIALIZADO, COM VISTA À SUA APLICAÇÃO POSTERIOR NO BORDADO DE CASTELO BRANCO.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN TÊXTIL
ANA PAULA JESUS LOPES GASPAR	INVESTIGAR O IMPACTO RELATIVAMENTE À PROVOCAÇÃO DOS SENTIDOS NO CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL NO RECEPTOR, QUAIS OS MECANISMOS QUE DESPERTAM NO INDIVÍDUO UMA REACÇÃO EMOCIONAL E ABORDAR AS ÁREAS DO CÉREBRO QUE FORAM PROVOCADAS POR ESTÍMULOS SENSORIAIS E QUAIS OS SENTIDOS ESTIMULADOS.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN EMOTIONAL
ANTÓNIO CARLOS CAMILO CORREIA DE LACERDA	ESTUDO DA TEMÁTICA DA IDENTIFICAÇÃO INSTITUCIONAL, CENTRADO NO ESTUDO DA IDENTIDADE, DO DESIGN E GESTÃO DAS MARCAS GRÁFICAS E DA IMAGEM INSTITUCIONAL.			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN E GESTÃO DAS MARCAS GRÁFICAS
BARTOLOMEU ADALBERTO FIGUEIREDO PAIVA	(RE)CONHECIMENTO E COMPREENSÃO APROFUNDADOS DA PARTICIPAÇÃO DISCIPLINAR DO DESIGN NA QUALIFICAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE CONTEXTOS PATRIMONIAIS E CULTURAIS DE CIDADES PORTUGUESAS	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN E URBANIDADE
CARLA MARIA D'ABREU LOBO FERREIRA	NOVAS ESTRATÉGIAS DE DESIGN PARA O DESENVOLVIMENTO DE REVESTIMENTOS CERÂMICOS: O AZULEJO COMO CASO DE ESTUDO			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN DE REVESTIMENTOS CERÂMICOS,
CARLOS MIGUEL LOPES ROSA	SISTEMATIZAR MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE DESIGN PARA SE OBTER COERÊNCIA FORMAL INTRA E INTER-FIGURA EM SISTEMAS PICTOGRÁFICOS	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE PICTOGRAMAS
DANIEL RAPOSO MARTINS	PROCESO DE CODIFICACIÓN Y DECODIFICACIÓN DE LOS SIGNOS TIPOGRÁFICOS EN EL ÁMBITO DE LOS PROYECTOS DE IDENTIDAD VISUAL CORPORATIVA Y DE IDENTIFICAR SUS CONNOTACIONES DE BASE.	RESEARCH INTO DESIGN			SIGNOS TIPOGRÁFICOS

APÊNDICE 19 a)



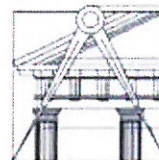
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL a)\_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
FERNANDO MIGUEL DOS REIS MARQUES DOS SANTOS	PROCESSOS DE PRODUÇÃO ATRAVÉS DE UM ENFOQUE NO ECODSIGN, NA TENTATIVA DE ENCONTRAR PERCURSOS PARA A VALORIZAÇÃO DE UM RESÍDUO DE PRODUÇÃO, O CASCO DE CRISTAL.			RESEARCH THROUGH DESIGN	ECODESIGN
FRANCISCO MÁRIO RIBEIRO SILVA	DESIGN DE MODA COMO FENÓMENO DE CONSUMO, NORTEADOS PELO OBJECTIVO DE ENCONTRAR SOLUÇÕES CRIATIVAS PARA OPTIMIZAR O ENTENDIMENTO DO PAPEL DA MODA E DO VESTUÁRIO NA SOCIEDADE, A SUA RELAÇÃO COM OS COMPORTAMENTOS INDIVIDUAIS E SOCIAIS	RESEARCH INTO DESIGN			CURADORIA E DESIGN EXPOSITIVO
GIANNI MONTAGNA	O DESIGN DE VESTUÁRIO QUE PODE SER UTILIZADO NO TREINO DA NATAÇÃO DE ALTA COMPETIÇÃO, PARA QUE SEJA POSSÍVEL O AUMENTO DA PERFORMANCE DESPORTIVA			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN DE VESTUÁRIO
GRAÇA MARIA DE ROVISCO GARCIA PEDROSO MALAGUERRA NUNES	ESTUDO DO MOBILIÁRIO PORTUGUÊS DE PRODUÇÃO EM SÉRIE DO TERCEIRO QUARTEL DO SEC XX (1951 A 1974). PROCURA DE UM MÉTODO MAIS ADEQUADO ÀS NOVAS FUNCIONALIDADES, À EVOLUÇÃO CONSTRUTIVA ENTRETANTO CONSEGUIDA E AOS NOVOS MODOS DE CONCEPÇÃO FORMAL QUE, CONSTITUINDO RESPOSTA A EXIGÊNCIAS CULTURAIS DIFERENTES, UMAS E OUTRA DITARAM.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE MOBILIÁRIO
INÊS DA SILVA ARAÚJO SIMÕES	TRADUZIR A DEFORMAÇÃO DO CORPO NUM CONJUNTO DE MOLDES BÁSICOS - PLANEADOS NO TAMANHO STANDARD 38 PARA A CONSTRUÇÃO DE VESTUÁRIO GENÉRICO DE MULHER MANUFACTURADO COM TECIDOS SEM TEXTURIZAÇÃO			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN DE MOLDES/ VESTUÁRIO
JOÃO ARANDA BRANDÃO	O MOVIMENTO E A TIPOGRAFIA DIGITAL. CONSIDERANDO A FALTA DE UMA EPISTEMOLOGIA QUE ASSOCIE O DESIGN DE COMUNICAÇÃO ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E A OUTROS DOMÍNIOS COMPLEMENTARES E SALIENTANDO A NECESSIDADE DE UMA ABORDAGEM CIENTÍFICA AO ESTUDO DOS ELEMENTOS QUE ESTRUTURAM O GRAISMO NA COMUNICAÇÃO EM MOVIMENTO, O PRINCIPAL OBJECTIVO DESTES TRABALHOS CONSISTE NO ESTABELECIMENTO DE UMA GRAMÁTICA FUNCIONAL APLICADA AO DESIGN DE COMUNICAÇÃO.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE COMUNICAÇÃO/TIPOGRAFIA DIGITAL
JOÃO COTTINELLI TELMO PARDAL MONTEIRO					DESIGN E TÉCNICA
JOÃO VASCO MATOS NEVES	METODOLOGIAS APLICADAS À CONCEÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS DE SIGNOS PARA INFORMAÇÃO TURÍSTICA.	RESEARCH INTO DESIGN			SISTEMAS DE SIGNOS PARA INFORMAÇÃO TURÍSTICA.
JOSÉ MANUEL ANDRADE VICENTE	CONTRIBUIR PARA A MUDANÇA DE PARADIGMA PARA UM SISTEMA DE PRODUÇÃO E CONSUMO SUSTENTÁVEL ATRAVÉS DA ATIVIDADE DO DESIGN,	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN SUSTENTÁVEL

APÊNDICE 19 b)

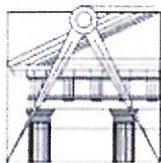
**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**



FAUTL b)\_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
JOSÉ MIGUEL GAGO DA SILVA	CONCEPÇÃO DE MÓDULOS DE ENSINO APRENDIZAGEM, SOBRE A TEMÁTICA DA IMAGEM EM MOVIMENTO E DO DESENVOLVIMENTO DE FERRAMENTAS AUXILIARES DE ANOTAÇÃO ENTRE O SOM E A IMAGEM	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN MULTIMÉDIA/SOM E IMAGEM
JOSÉ RUI DE CARVALHO MENDES MARCELINO	PROCESSO DE TRABALHO QUE PERMITA ÀS EMPRESAS E DESIGNERS ORIENTAR E MONITORIZAR O PROCESSO DE DESIGN DE NOVOS PRODUTOS PARA QUE ESTES POSSAM CUMPRIR DA MELHOR FORMA OS REQUISITOS DO PROJECTO, DOS CLIENTES E DO MERCADO	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE PRODUTO
LUÍS MIGUEL RODRIGUES LIBERAL ALEGRE SILVA	BASEANDO-SE NA MANEIRA COMO AS TECNOLOGIAS DA REPRODUÇÃO E, NOS NOSSOS DIAS, AS TECNOLOGIAS DIGITAIS AFETAM O DESIGN E, EM CONTRAGOLPE, TENDEM A AFETAR A SOCIEDADE.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN/TECNOLOGIAS DIGITAIS
MARCO ANTÓNIO NEVES DA SILVA	ANALISAR QUAL A RELAÇÃO QUE PODERÁ EXISTIR ENTRE AS ESTRATÉGIAS PROJETUAIS E COMUNICATIVAS USADAS EM DESIGN GRÁFICO E AS POSSIBILIDADES DE INTERATIVIDADE, PRESENTES NO AMBIENTE DIGITAL E QUE PODEM PERMITIR A COMPLEMENTARIDADE DO OBJETO IMPRESSO POR PARTE DO UTILIZADOR.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN GRÁFICO / INTERACTIVIDADE NO AMBIENTE DIGITAL
MARGARIDA MARIA DE OLIVEIRA ALLEN GAMITO	SISTEMA DE PLANEAMENTO CROMÁTICO QUE ALIASSE A ORIENTAÇÃO DENTRO DA CIDADE, A IDENTIFICAÇÃO DAS SUAS DIFERENTES ZONAS E PROMOVESSE A INCLUSIVIDADE DOS SEUS HABITANTES. ESSE PLANEAMENTO CROMÁTICO DEVERIA SER APLICADO AO MOBILIÁRIO URBANO.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN URBANO/COR
MARIA CRISTINA DE SOUSA ARAÚJO PINHEIRO	DETERMINAR SE HÁ PRINCÍPIOS ESPECÍFICOS A APLICAR AO DESIGN DE COMUNICAÇÃO VISUAL, PARA PROPORCIONAR UMA CORRETA LEGIBILIDADE DAS MENSAGENS IMPRESSAS, DE MODO A SEREM FACILMENTE LIDAS E PERBEÇADAS POR TODOS OS INDIVÍDUOS.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE COMUNICAÇÃO VISUAL / DESIGN INCLUSIVO
MARIA DA GRAÇA SARREIRA PENA CARVALHO	AVALIAR QUALITATIVAMENTE A FORMA COMUNICACIONAL DOS MANUAIS ESCOLARES DO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO E CONCEBER UM CONJUNTO DE PRINCÍPIOS GERAIS DE DESIGN COMUNICACIONAL PARA OS MESMOS, FORAM OS OBJECTIVOS DESTE ESTUDO	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE COMUNICAÇÃO
MARIA HELOÍSA DE BARROS BOBELA MOTA FIGUEIREDO ALBUQUERQUE	O TRAJE E A MODA DA BURGUESIA FEMININA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, ESTUDADOS ATRAVÉS DA PINTURA. PRETENDE-SE INVESTIGAR SOBRE O TRAJE FEMININO E A MODA ATRAVÉS DA PINTURA - DO REALISMO À BELLE ÉPOQUE.	RESEARCH INTO DESIGN			TRAJE FEMININO E A MODA

APÊNDICE 19 c)



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA ATÉ AO FINAL DE 2012**

FAUTL c)\_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
PAULO CARLOS ROCHA COSTA	UM ESTUDO CONCEPTUAL, FUNCIONAL DA CADEIRA DE RODAS POR UTILIZADORES PODE-NOS FACILITAR A SUA PERCEÇÃO FUNCIONAL, MAS É NECESSÁRIO UMA ABORDAGEM EMOCIONAL DO OBJETO PARA UMA COMPREENSÃO MAIS COMPLETA NA SUA GLOBALIDADE EXPRESSIVA.			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN INCLUSIVO
PAULO JORGE MALDONADO CARVALHO ARAÚJO	CONTRIBUTO PARA FAVORECER E OPERACIONALIZAR A IDEACÃO EM PROCESSOS DE INOVAÇÃO E DESIGN			RESEARCH THROUGH DESIGN	ESTUDOS DE DESIGN
PEDRO PAULO EUGÉNIO DE OLIVEIRA	ESTUDO DOS MATERIAIS METÁLICOS INOVADORES E A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO É FEITA ATRAVÉS DE UM ENFOQUE NA PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE CURSOS SUPERIORES DE DESIGN EM PORTUGAL, PROCURANDO ANALISAR O MODO COMO GEREM A ACTUAL COMPLEXIDADE MATERIAL.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE PRODUTO
RITA ASSOREIRA ALMENDRA	PROCESSOS DE PROJECTO E MAIS ESPECIFICAMENTE SOBRE A FORMA COMO A TOMADA DE DECISÃO PODE INFLUENCIAR OS RESULTADOS DESTES EM TERMOS DA SUA ADEQUAÇÃO ESTRATÉGICA E QUALIDADE GLOBAL.	RESEARCH INTO DESIGN			PROCESSOS DE DESIGN

APÊNDICE 20

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012**



**FBAUP- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA**

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIÉNTIFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
JOÃO ADRIANO FERNANDES RANGEL	A IMAGEM DOCUMENTAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA CULTURAL FUTURA	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
EDUARDO FILIPE VALENTE CUNHA DA SILVA AIRES	A ESTRUTURA GRÁFICA DAS PRIMEIRAS PÁGINAS DOS JORNAIS O COMÉRCIO DO PORTO, O PRIMEIRO DE JANEIRO E O JORNAL DE NOTÍCIAS ENTRE O INÍCIO DA PUBLICAÇÃO E FINAL DO SÉCULO XX	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
RUI JORGE LEAL FERREIRA MENDONÇA DA FONSECA	O CARTAZ EM PORTUGAL PÓS - UM ESTUDO CENTRADO NOS AUTORES E NO CURSO DE DESIGN DAS BEIRAS ARTES DO PORTO	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
ARMINDO GIL MAIA E SILVA	ESTRATÉGIAS DE DESIGN GRÁFICO PARA A CONSTRUÇÃO DA LEGIBILIDADE NA INICIAÇÃO À LEITURA - A CARTILHA MATERNAL DE JOÃO DE DEUS: UM CASO PARTICULAR DE PENSAMENTO GRÁFICO	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
EMÍLIA MARIA MOREIRA CARNEIRO DIAS DA COSTA	A VISUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO COMO UM MÉTODO E UM PROCESSO PRÓPRIOS DO PENSAMENTO EM DESIGN	ARTES	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
MÁRIO ABEL DOS SANTOS MOURA	O BIG BOOK : UMA ARQUEOLOGIA DO AUTOR NO DESIGN GRÁFICO	ARTES	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
LUÍSA MARIA LOPES RIBAS	THE NATURE OF SOUND-IMAGE RELATIONS IN DIGITAL INTERACTIVE SYSTEMS	ARTES	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
JOSÉ MIGUEL SANTOS ARAÚJO CARVALHAIS FONSECA	TOWARDS A MODEL FOR ARTIFICIAL AESTHETICS, CONTRIBUTIONS TO THE STUDY OF CREATIVE PRACTICES IN PROCEDURAL AND COMPUTATIONAL SYSTEMS	ARTES	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES
BRUNO SÉRGIO GONÇALVES GIESTEIRA	INTERACTION DESIGN IN AUDITORY USER INTERFACES. NEUROPHYSIOLOGICAL APPROACH LEADING TO VISUAL AND AUDITORY STIMULI CORRELATIONS.	ARTES	UP_UNIVERSIDADE DO PORTO	FBA - FACULDADE DE BELAS-ARTES

APÊNDICE 21



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012**

FBAUP- - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
JOÃO ADRIANO FERNANDES RANGEL	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	ÁUDIO-VISUAIS E PRODUÇÃO DOS MEDIA	213	PORTUGAL	2009	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	DESIGN DA IMAGEM
EDUARDO FILIPE VALENTE CUNHA DA SILVA AIRES	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	ÁUDIO-VISUAIS E PRODUÇÃO DOS MEDIA	213	PORTUGAL	2006	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	
RUI JORGE LEAL FERREIRA MENDONÇA DA FONSECA	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	ÁUDIO-VISUAIS E PRODUÇÃO DOS MEDIA	213	PORTUGAL	2008	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	
ARMINDO GIL MAIA E SILVA	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	ÁUDIO-VISUAIS E PRODUÇÃO DOS MEDIA	213	PORTUGAL	2008	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	
EMÍLIA MARIA MOREIRA CARNEIRO DIAS DA COSTA	ARTE E DESIGN	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2011		
MÁRIO ABEL DOS SANTOS MOURA	ARTE E DESIGN	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2011		
LUÍSA MARIA LOPES RIBAS	ARTE E DESIGN	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2011		
JOSÉ MIGUEL SANTOS ARAÚJO CARVALHAIS FONSECA	ARTE E DESIGN	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2010		
BRUNO SÉRGIO GONÇALVES GIESTEIRA	ARTE E DESIGN	BELAS-ARTES	211	PORTUGAL	2011		

APÊNDICE 22

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012**



FBAUP- \_NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
JOÃO ADRIANO FERNANDES RANGEL	HEITOR MANUEL PEREIRA PINTO DA CUNHA AVELO	ARTUR PIMENTA ALVES		
EDUARDO FILIPE VALENTE CUNHA DA SILVA AIRES	MARIA BEATRIZ GENTIL PENHA FERREIRA			
RUI JORGE LEAL FERREIRA MENDONÇA DA FONSECA	ANTÓNIO MODESTO DA CONCEIÇÃO NUNES			
ARMINDO GIL MAIA E SILVA	ANTÓNIO MODESTO DA CONCEIÇÃO NUNES			
EMÍLIA MARIA MOREIRA CARNEIRO DIAS DA COSTA	ANTÓNIO MODESTO DA CONCEIÇÃO NUNES	EDUARDO AIRES	DESIGN, VISUALIZAÇÃO, INFORMAÇÃO, AUTORIA, PROCESSO	
MÁRIO ABEL DOS SANTOS MOURA	FERNANDO JOSÉ PEREIRA			
LUÍSA MARIA LOPES RIBAS	HEITOR MANUEL PEREIRA PINTO DA CUNHA AVELO	EMÍLIO MANUEL TÁVORA VILAR	RELAÇÕES ENTRE SOM E IMAGEM, AUDIOVISUALIDADE, ARTE, DESIGN, DIGITAL, INTERACÇÃO	
JOSÉ MIGUEL SANTOS ARAÚJO CARVALHAI FONSECA	HEITOR MANUEL PEREIRA PINTO DA CUNHA AVELO	FERNANDO JORGE PENOUSAL MARTINS MACHADO	ALGORÍTMICO, ARTE, DESIGN, DIGITAL, ERGODICO, GENERATIVE, MEDIA, PROCEDIMENTAL	
BRUNO SÉRGIO GONÇALVES GIESTEIRA	DIAMANTINO RUI DA SILVA FREITAS			FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

APÊNDICE 23



TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012

FBAUP- \_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
JOÃO ADRIANO FERNANDES RANGEL	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	
EDUARDO FILIPE VALENTE CUNHA DA SILVA AIRES	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	
RUI JORGE LEAL FERREIRA MENDONÇA DA FONSECA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	
ARMINDO GIL MAIA E SILVA	INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO - ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO	ID+	MASCULINO	ARQUITECTURA	DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA
EMÍLIA MARIA MOREIRA CARNEIRO DIAS DA COSTA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	FEMININO	DESIGN	ARTE MULTIMÉDIA
MÁRIO ABEL DOS SANTOS MOURA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES		MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	ARTE MULTIMÉDIA
LUÍSA MARIA LOPES RIBAS	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE LISBOA - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	FEMININO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	ARTE MULTIMÉDIA
JOSÉ MIGUEL SANTOS ARAÚJO CARVALHAIS FONSECA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	
BRUNO SÉRGIO GONÇALVES GIESTEIRA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO PORTO - FACULDADE DE BELAS-ARTES	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO	DESIGN, MATERIAIS E GESTÃO DO PRODUTO

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO ATÉ AO FINAL DE 2012**



FBAUP- \_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
JOÃO ADRIANO FERNANDES RANGEL	PROPOSIÇÕES OU PARADIGMAS QUE CONFIGURAM UMA MEMÓRIA CULTURAL FUTURA APOIADA NA PRODUÇÃO DOCUMENTAL E OTIMIZADA PELAS PLATAFORMAS DIGITAIS QUE SE APRESENTAM COMO ALTERNATIVAS AOS MÉDIAS TRADICIONAIS, TAIS COMO A TELEVISÃO E OS JORNAIS.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DA IMAGEM DOCUMENTAL
EDUARDO FILIPE VALENTE CUNHA DA SILVA AIRES	ANALISAR GRAFICAMENTE, AS MACROESTRUTURAS PATENTES NAS PRIMEIRAS PÁGINAS DOS TRÊS JORNAIS DIÁRIOS PORTUENSES QUE COMEÇARAM A SER PUBLICADOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX E ATRAVESSARAM TODO O SÉCULO XX: O COMÉRCIO DO PORTO, O PRIMEIRO DE JANEIRO E JORNAL DE NOTÍCIAS.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN EDITORIAL
RUI JORGE LEAL FERREIRA MENDONÇA DA FONSECA	A PRODUÇÃO CARTAZÍSTICA DOS AUTORES RELACIONADOS COM CURSO DE DESIGN DAS BELAS-ARTES DO PORTO (ACTUAL FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO), DESDE O SEU SURGIMENTO (APÓS A REVOLUÇÃO DE 25 DE ABRIL DE 1974) ATÉ AOS NOSSOS DIAS.	RESEARCH INTO DESIGN			CARTAZ / DESIGN DE COMUNICAÇÃO
ARMINDO GIL MAIA E SILVA	DEMONSTRAR, QUE O DESENHO DO MÉTODO DE JOÃO DE DEUS DEPENDERA CLARAMENTE DA CONSCIÊNCIA DA FORTE INTERDEPENDÊNCIA DAS CARACTERÍSTICAS TIPOGRÁFICAS DA ESCRITA NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E, POR OUTRO, QUE JAMAIS TERIA SIDO POSSÍVEL À CARTILHA SERVIR FIELMENTE O MÉTODO SE O DESENHO DAS SUAS PÁGINAS NÃO TIVESSE SIDO A CONSEQUÊNCIA DE UM ELABORADO PENSAMENTO GRÁFICO.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN GRÁFICO
EMÍLIA MARIA MOREIRA CARNEIRO DIAS DA COSTA	O PAPEL DO DESIGN DE INFORMAÇÃO NO DOMÍNIO ESPECÍFICO DA VISUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO.	R RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE INFORMAÇÃO
MÁRIO ABEL DOS SANTOS MOURA	COMPREENDER O PAPEL QUE A AUTORIA DESEMPENHA DENTRO DA ÁREA DISCIPLINAR DO DESIGN GRÁFICO, DA SUA HISTÓRIA, DA SUA CRÍTICA E DA SUA PRÁTICA.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN GRÁFICO/AUTORIA
LUÍSA MARIA LOPES RIBAS	ESTE TRABALHO PROCURA CONTRIBUIR PARA A COMPREENSÃO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA DAS RELAÇÕES ENTRE SOM E IMAGEM EM SISTEMAS DIGITAIS INTERACTIVOS.	RESEARCH INTO DESIGN			SOM E IMAGEM/SISTEMAS DIGITAIS INTERACTIVOS
JOSÉ MIGUEL SANTOS ARAÚJO CARVALHAIS FONSECA	ESTE TRABALHO PROPÕE O DESENVOLVIMENTO DE UM MODELO ANALÍTICO E DA TERMINOLOGIA A ELE ASSOCIADA PARA O ESTUDO DE ARTEFACTOS ESTÉTICOS COMPUTACIONAIS.	RESEARCH INTO DESIGN			ARTEFACTOS ESTÉTICOS COMPUTACIONAIS
BRUNO SÉRGIO GONÇALVES GIESTEIRA	THIS RESEARCH MANUSCRIPT LEADS TO A DOCTORAL DEGREE IN DESIGN AND HAS THREE DISTINCT YET COMPLEMENTARY SCIENTIFIC MILESTONES IN ORDER TO BETTER GUIDE THE DESIGNER WHEN DEVELOPING A PROJECT OF AUDITORY INTERFACES, ITS EFFECTIVENESS, EFFICIENCY AND ACCESSIBILITY ON DISPLAY DEVICES.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE INTERAÇÃO EM INTERFACES

APÊNDICE 25



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**

UA- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIÉNTIFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
JOANA MARIA FERREIRA PACHECO QUENTAL	A ILUSTRAÇÃO ENQUANTO PROCESSO E PENSAMENTO. AUTORIA E INTERPRETAÇÃO	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
CARLA MARIA CADETE VIEIRA RAMOS DE MELO	O DESIGN DOS JORNAIS DIÁRIOS E GENERALISTAS PORTUGUESES	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
MARIA INÊS DE CASTRO MARTINS SECCA RUIVO	DESIGN PARA O FUTURO. O INDIVÍDUO ENTRE O ARTIFÍCIO E A NATUREZA. DESIGN BIÓNICO, DESIGN NATURAL, BIODESIGN E DESIGN SIMBIÓTICO	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA MOTA	"PARA ALÉM DA VISIBILIDADE E DA MONUMENTALIDADE: IMAGENS FOTOGRÁFICAS NO ESPAÇO PÚBLICO. UM ESTUDO PARA DOIS CASOS: TERREIRO DO PAÇO - LISBOA; TIMES SQUARE - NOVA IORQUE"	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA	REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO NA SINALÉTICA	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
ROSA MARIA PINHO DE OLIVEIRA	PINTAR COM LUZ. HOLOGRAFIA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
KATJA CHRISTINA TSCHIMMEL	SAPIENS E DEMENS NO PENSAMENTO CRIATIVO DO DESIGN	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
FRANCISCO MARIA MENDES DE SEICA PROVIDÊNCIA SANTARÉM	POETA, OU AQUELE QUE FAZ A POÉTICA COMO INOVAÇÃO EM DESIGN	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
GRAÇA MARIA ALVES DOS SANTOS MAGALHÃES	A FRÁGIL TOTALIDADE. O SIGNIFICADO DO DESENHO NO PROJECTO DE DESIGN. POÉTICA E TÉCNICA: ESTUDO DE DESENHOS PORTUGUESES REALIZADOS A PARTIR DA 2ª METADE DO SÉC. XX	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	

APÊNDICE 25 a)

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA  
UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**



UA- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIÉNTIFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
ANNE ANICET RÜTHSCHLING	COLAGENS TÊXTEIS: EM BUSCA DE UM DESIGN SUSTENTÁVEL	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
ERMANN0 APARO	A CULTURA CERÂMICA NO DESIGN DA JOALHARIA PORTUGUESA	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
LUÍS NUNO COELHO DIAS	DO DESIGN DE INTERACÇÃO AO DESIGN DA EXPERIÊNCIA TECNOLÓGICAMENTE (I)MEDIADA	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
ÁLVARO JOSÉ BARBOSA DE SOUSA	MARCAS PORTUGUESAS: UMA METODOLOGIA PARA A AFIRMAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS SEUS IMPACTOS.	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
MARIA HELENA FERREIRA BRAGA BARBOSA	UMA HISTÓRIA DO DESIGN DO CARTAZ PORTUGUÊS DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XX	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
LILIANA CRISTINA MARQUES SOARES E APARO	O DESIGNER COMO INTÉRPRETE DE CENÁRIOS DE EQUIPAMENTOS	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
PEDRO MIGUEL BARATA DE SOUSA RAMALHETE	METODOLOGIA DE SELEÇÃO DE MATERIAIS EM DESIGN: BASE DE DADOS NACIONAL	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	
RAQUEL JOÃO FIALHO ANTUNES	PRÁTICAS DE GESTÃO DO DESIGN PARA O SUBSETOR NACIONAL DE CERÂMICA UTILITÁRIA E DECORATIVA	ARTES	UAV_UNIVERSIDADE DE AVEIRO	

APÊNDICE 26



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**

UA - - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
JOANA MARIA FERREIRA PACHECO QUENTAL	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2009	DESIGN	
CARLA MARIA CADETE VIEIRA RAMOS DE MELO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2009	DESIGN	
MARIA INÊS DE CASTRO MARTINS SECCA RUIVO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2008	DESIGN	
JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA MOTA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2002	DESIGN	
JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2005	DESIGN	
ROSA MARIA PINHO DE OLIVEIRA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2001	DESIGN	
KATJA CHRISTINA TSCHIMMEL	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2010	DESIGN	
FRANCISCO MARIA MENDES DE SEICA PROVIDÊNCIA SANTARÉM	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
GRAÇA MARIA ALVES DOS SANTOS MAGALHÃES	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
ANNE ANICET RÜTHSCHILING	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
ERMANN0 APARO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2010	DESIGN	

APÊNDICE 26 a)

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**



UA- - NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
LUÍS NUNO COELHO DIAS	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
ÁLVARO JOSÉ BARBOSA DE SOUSA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
MARIA HELENA FERREIRA BRAGA BARBOSA	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2011	DESIGN	
LILIANA CRISTINA MARQUES SOARES E APARO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
PEDRO MIGUEL BARATA DE SOUSA RAMALHETE	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	
RAQUEL JOÃO FIALHO ANTUNES	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2012	DESIGN	

APÊNDICE 27



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**

UA \_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
JOANA MARIA FERREIRA PACHECO QUENTAL	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	ANTÓNIO MODESTO DA CONCEIÇÃO NUNES	ILUSTRAÇÃO, DESIGN, EXPRESSÃO, AUTORIA	PRODEP NO ÂMBITO DO III QUADRO COMUNITÁRIO DE APOIO
CARLA MARIA CADETE VIEIRA RAMOS DE MELO	RICARDO JORGE PINTO	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	DESIGN DOS JORNAIS DIÁRIOS GENERALISTAS NACIONAIS. IMAGEM GRÁFICA. ANÁLISE DO DESIGN GRÁFICO. TEXTO E IMAGEM. REDESIGN.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
MARIA INÊS DE CASTRO MARTINS SECCA RUIVO	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	FERNANDO DE CARVALHO RODRIGUES	DESIGN INDUSTRIAL. DESIGN BIÓNICO. DESIGN NATURAL. BIODESIGN. DESIGN SIMBIÓTICO. ARTIFÍCIO. NATUREZA. INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA CONCEPÇÃO. ECOBIO-INOVAÇÃO	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA MOTA	JOÃO CARLOS VASSALO SANTOS CABRAL	WOLFGANG JUNG		FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
		JAMES S. ACKERMAN, ARTHUR KINGSLEY PORTER		
JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA	MARIA DA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA LOPES			
ROSA MARIA PINHO DE OLIVEIRA	JOÃO DE LEMOS PINTO			PRODEP NO ÂMBITO DO III QUADRO COMUNITÁRIO DE APOIO
	JOAQUIM MANUEL MACHADO			
	LUÍS MIGUEL BERNARDO			
KÁTJA CHRISTINA TSCHIMMEL	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	BERNHARD E. BÜRDEK	DESIGN, CRIATIVIDADE, PENSAMENTO CRIATIVO, PROCESSOS DE DESIGN, METODOLOGIA PROJECTUAL, HEURÍSTICA SISTEMÁTICA, ENSINO DO DESIGN, DIDÁCTICA CONSTRUTIVISTA DO DESIGN, METACOGNIÇÃO.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
FRANCISCO MARIA MENDES DE SEICA PROVIDÊNCIA SANTARÉM	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	ANNA MARIA CALVERA I SAGUÉ		
GRAÇA MARIA ALVES DOS SANTOS MAGALHÃES	FEDERICO BRUNETTI	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	DESENHO, DESIGN, ARQUITECTURA, IMAGEM, REPRESENTAÇÃO, HISTÓRIA, IMAGINAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO, AUTORIA, TECNOLOGIA, PROGRAMA.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
ANNE ANICET RÜTHSCHILING	JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA	ANA CRISTINA DA LUZ BROEGA	COLAGEM TÊXTIL, DESIGN DE MODA, SUSTENTABILIDADE	

APÊNDICE 28



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**

UA\_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
JOANA MARIA FERREIRA PACHECO QUENTAL	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	FEMININO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	ARTE MULTIMÉDIA
CARLA MARIA CADETE VIEIRA RAMOS DE MELO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE LUSÓFONA DO PORTO		FEMININO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	
MARIA INÊS DE CASTRO MARTINS SECCA RUIVO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA - ESCOLA DE ARTES		FEMININO	DESIGN	
JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA MOTA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	MASCULINO	ARTES PLÁSTICAS - PINTURA	BELAS ARTES
JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	MASCULINO	ARTES PLÁSTICAS - PINTURA	FINE ART AND THEATRE
ROSA MARIA PINHO DE OLIVEIRA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	FEMININO	PINTURA	PINTURA
KATJA CHRISTINA TSCHIMMEL	PROFESSOR NA ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E DESIGN		FEMININO	DESIGN	
FRANCISCO MARIA MENDES DE SEICA PROVIDÊNCIA SANTARÉM	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	
GRAÇA MARIA ALVES DOS SANTOS MAGALHÃES	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	FEMININO	ARTES PLÁSTICAS - PINTURA	PRINT MAKING
ANNE ANICET RÜTHSCHILING	PROFESSOR NO CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS, BRASIL		FEMININO	TECNÓLOGO EM MODA E ESTILO	DESIGN E MARKETING DO VESTUÁRIO
ERMANNÓ APARO	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO		MASCULINO	ARQUITETURA	DESIGN
LUÍS NUNO COELHO DIAS	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	MASCULINO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	ARTE MULTIMÉDIA
ÁLVARO JOSÉ BARBOSA DE SOUSA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	MASCULINO	EDUCAÇÃO VISUAL	ARTE MULTIMÉDIA

APÊNDICE 27 a)

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**



UA \_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
ERMANNNO APARO	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO		CULTURA CERÂMICA. JOALHARIA. CULTURA DO FAZER. CULTURA DO PROJECTO. MODULARIDADE. ARQUÉTIPO. TIPOLOGIA. VALOR SEMÂNTICO. VALOR SIMBÓLICO. SISTEMA DE PRODUTO. DESIGN ESTRATÉGICO.	FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
LUÍS NUNO COELHO DIAS	VASCO AFONSO DA SILVA BRANCO		DESIGN GLOBAL, DESIGN DE INTERAÇÃO, DESIGN DA EXPERIÊNCIA, TEORIA DO FLUXO, EXPERIÊNCIA (I)MEDIADA, FENOMENOLOGIA, FILOSOFIA DA AÇÃO EM DESIGN (DA EXPERIÊNCIA), DESIGN CENTRADO-NO-SER	PRODEP NO ÂMBITO DO III QUADRO COMUNITÁRIO DE APOIO
ÁLVARO JOSÉ BARBOSA DE SOUSA	MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA LOPES	JOAN COSTA SOLÀ-SEGALÉS	MARCA, DESIGN, METODOLOGIA, AVALIAÇÃO, COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL	
MARIA HELENA FERREIRA BRAGA BARBOSA	VASCO AFONSO DA SILVA BRANCO	ANNA MARIA CALVERA I SAGUÉ	DESIGN, HISTÓRIA, CARTAZ PORTUGUÊS	
LILIANA CRISTINA MARQUES SOARES E APARO	MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA POMBO	DANTE DONEGANI	DESIGN, HISTÓRIA DO DESIGN, HISTÓRIA DA ARQUITECTURA, URBANISMO, EDIFÍCIOS - FACHADAS, EQUIPAMENTOS URBANOS	
PEDRO MIGUEL BARATA DE SOUSA RAMALHETE	ANA MARIA OLIVEIRA E ROCHA SENOS			
RAQUEL JOÃO FIALHO ANTUNES	ANA MARIA OLIVEIRA E ROCHA SENOS;	JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA MOTA		

APÊNDICE 28 a)

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA  
UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**



UA\_ NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
MARIA HELENA FERREIRA BRAGA BARBOSA	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO	ID+	FEMININO	DESIGN DE COMUNICAÇÃO (ARTE GRÁFICA)	ARTE MULTIMÉDIA
LILIANA CRISTINA MARQUES SOARES E APARO	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE VIANA DO CASTELO - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO	ID+	FEMININO	ARQUITECTURA DE DESIGN	MANAGEMENT DEVELOPMENT
PEDRO MIGUEL BARATA DE SOUSA RAMALHETE		CICECO/UA	MASCULINO		
RAQUEL JOÃO FIALHO ANTUNES	PROFESSOR NO INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO	ID+	FEMININO	DESIGN, RAMO DE TECNOLOGIAS PARA A CERÂMICA	

APÊNDICE 29



TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012

UA \_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
JOANA MARIA FERREIRA PACHECO QUINTAL	TEM-SE COMO OBJECTIVO DESTA TESE, REFLECTIR SOBRE A ILUSTRAÇÃO FICCIONAL ENQUANTO CONSTRUÇÃO DE UM AUTOR NA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO DE UM OUTRO, QUERENDO, DESTA MODO, CONTRIBUIR PARA A AFIRMAÇÃO DO QUE É HOJE A ILUSTRAÇÃO.	RESEARCH INTO DESIGN			ILUSTRAÇÃO
CARLA MARIA CADETE VIEIRA RAMOS DE MELO	ESTUDO COMPARATIVO DE IMAGEM GRÁFICA QUE VISA ANALISAR O ESTADO ACTUAL DO DESIGN GRÁFICO DOS JORNAIS DIÁRIOS NACIONAIS DE CARIZ GENERALISTA - <i>PÚBLICO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, JORNAL DE NOTÍCIAS, CORREIO DA MANHÃ E 24 HORAS.</i>			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN DOS JORNAIS DIÁRIOS GENERALISTAS NACIONAIS
MARIA INÊS DE CASTRO MARTINS SECCA RUIVO	O DESIGN INDUSTRIAL ENQUANTO MEDIADOR INCONTORNÁVEL DESSA RELAÇÃO, OS CONCEITOS DE DESIGN BIÓNICO, DE DESIGN NATURAL, DE BIODESIGN E DE DESIGN SIMBIÓTICO, ASSIM COMO AS METODOLOGIAS A SI INERENTES, ASSUMEM-SE COMO PROTAGONISTAS DO ESTUDO DESENVOLVIDO.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN INDUSTRIAL /ECOBIO-INOVAÇÃO
JOÃO ANTÓNIO DE ALMEIDA MOTA	ESTA TESE PRETENDE DEBATER A QUESTÃO DE REAVER A TRADIÇÃO DO USO DE IMAGENS DE GRANDES DIMENSÕES PARA OS ESPAÇOS ARQUITECTÓNICOS CONTEMPORÂNEOS.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE IMAGENS DE GRANDES DIMENSÕES NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORANEO
JOSÉ PEDRO BARBOSA GONÇALVES DE BESSA	O PRESENTE ESTUDO PROPÕE-SE REFLECTIR SOBRE O MODO COMO A PICTOGRAFIA UTILIZADA NA MODERNA SINALÉTICA, LONGE DE CONSTITUIR UMA ESPÉCIE DE "LINGUAGEM UNIVERSAL", INTUITIVA E DE RECONHECIMENTO IMEDIATO, ANTES APRESENTA, PELO CONTRÁRIO, ENQUANTO FORMA DE COMUNICAÇÃO, ALGUMAS IMPORTANTES LIMITAÇÕES.	RESEARCH INTO DESIGN			PICTOGRAFIA SINALÉTICA
ROSA MARIA PINHO DE OLIVEIRA	ESTE TRABALHO, NA ÁREA DA HOLOGRAFIA APLICADA ÀS ARTES PLÁSTICAS, FOI MOTIVADO PELO DESEJO DE USAR E EXPLORAR NOVAS TECNOLOGIAS E NOVOS MATERIAIS COMO SUPORTE E MEIO DE EXPRESSÃO, PRINCIPALMENTE ENQUANTO OBJECTO DE PESQUISA DE NOVAS CONCEPÇÕES VISUAIS E PLÁSTICAS, DE NOVOS VOCABULÁRIOS EXPRESSIVOS.	RESEARCH INTO DESIGN			HOLOGRAFIA APLICADA ÀS ARTES PLÁSTICAS
KATJA CHRISTINA TSCHIMMEL	ESTUDO DO PENSAMENTO CRIATIVO DO DESIGNER E DOS ASPECTOS QUE LHE SÃO ADJACENTES E ESTÁ ESTRUTURADA EM TRÊS PARTES: PENSAMENTO CRIATIVO, PENSAMENTO CRIATIVO NO DESIGN E PENSAMENTO CRIATIVO NO ENSINO DO DESIGN.	RESEARCH INTO DESIGN			PENSAMENTO CRIATIVO NO DESIGN

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**



UA \_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
FRANCISCO MARIA MENDES DE SEICA PROVIDÊNCIA SANTARÉM	A OBRA DESENVOLVIDA DECORRE DE UM CONTÍNUO PROCESSO DE REFLEXÃO SOBRE A PRÓPRIA PRÁTICA, ENTENDE O CANDIDATO OPORTUNA A APRESENTAÇÃO DE UM CONJUNTO DE TEXTOS REALIZADOS NO MESMO PERÍODO E QUE CONFORMARÃO ASSIM, UMA <i>COSMOLOGIA TEÓRICA</i> PRÓPRIA, SOBRE A HISTÓRIA E TEORIA DO DESIGN QUE CONTRIBUIRÁ PARA O MELHOR ESCLARECIMENTO EM CONTEXTO, DAS INTENÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS DESSA OBRA.			RESEARCH THROUGH DESIGN	POÉTICA COMO INOVAÇÃO EM DESIGN
GRAÇA MARIA ALVES DOS SANTOS MAGALHÃES	A PRESENTE INVESTIGAÇÃO PROCURA CONTRIBUIR PARA O ESTUDO E DESENVOLVIMENTO DA DISCIPLINA DE DESIGN PARTINDO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PRÁTICA DO DESENHO NO ÂMBITO DO PROJECTO. A ESCOLHA DOS OBJECTOS DE ESTUDO – DESENHOS DE PROJECTO DE DESIGNERS E ARQUITECTOS NACIONAIS – PROCURA VALIDAR A CLASSIFICAÇÃO DO PROJECTO ATRAVÉS DA ANÁLISE DOS DESENHOS DOS AUTORES.		RESEARCH FOR DESIGN		DESENHO NO PROJETO DE DESIGN
ANNE ANICET RÜTHSCHILING	É OBJETIVO DESTA TRABALHO A CRIAÇÃO DE PRODUTOS DE DESIGN DE MODA E DECORAÇÃO E SUA VERIFICAÇÃO ENQUANTO DESIGN SUSTENTÁVEL. NESTE CONTEXTO, ENQUADRA-SE ESTE TRABALHO QUE VISA DESENVOLVER PRODUTOS DE MODA E DECORAÇÃO REALIZADOS COM A TÉCNICA DA COLAGEM TÊXTIL, RESULTANDO ASSIM, EM PRODUTOS INOVADORES, ÚNICOS, INTEMPORAIS E COM DESIGN.			RESEARCH THROUGH DESIGN	DESIGN DE MODA /COLAGEM TÊXTIL
ERMANNNO APARO	ESTE TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO TEM COMO OBJECTIVO CONTRIBUIR PARA O APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS VOCACIONADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE NOVOS PRODUTOS, SUPORTADO PELO ENCONTRO ENTRE DUAS CULTURAS DO FAZER, A CERÂMICA E A JOALHARIA, E ORIENTADO PELA CULTURA DO PROJECTO, O DESIGN.			RESEARCH THROUGH DESIGN	A CULTURA CERÂMICA NO DESIGN DA JOALHARIA PORTUGUESA
LUÍS NUNO COELHO DIAS	PARTINDO DA IDEIA DE 'DESIGN GLOBAL' E TENDO COMO PANO DE FUNDO A EMERGÊNCIA E CONSOLIDAÇÃO DE NOVOS PARADIGMAS DE INTERAÇÃO BASEADOS NUMA RELAÇÃO MAIS DIRETA ENTRE O CORPO E OS CONTEÚDOS DIGITAIS, A PRESENTE TESE ABORDA A QUESTÃO DA (RE)QUALIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA TECNOLÓGICAMENTE MEDIADA DO PONTO DE VISTA DO DESIGN, DESIGNADAMENTE DO DESIGN DE INTERAÇÃO E DO DESIGN DA EXPERIÊNCIA.	RESEARCH INTO DESIGN			DESIGN DE INTERAÇÃO / DESIGN DA EXPERIÊNCIA.
ÁLVARO JOSÉ BARBOSA DE SOUSA	A TESE QUE SE APRESENTA TEM POR FINALIDADE ELABORAR UMA METODOLOGIA PARA A AFIRMAÇÃO E AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA MARCA, NO SENTIDO DE CONHECER AS ORIENTAÇÕES DE QUEM MELHOR SABE LIDAR COM A MARCA - O PÚBLICO-ALVO. E, INTEGRAR TODA A INFORMAÇÃO NO PROCESSO DECISÃO QUE O DESIGNER PROTAGONIZA.	RESEARCH INTO DESIGN			AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA MARCA

APÊNDICE 29 b)



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO ATÉ AO FINAL DE 2012**

UA \_ NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
MARIA HELENA FERREIRA BRAGA BARBOSA	CONSTATADA QUE FOI UMA LACUNA NA ÁREA DA HISTÓRIA DO DESIGN GRÁFICO PORTUGUÊS, A NECESSIDADE DESTE ESTUDO SURTIU NATURALMENTE NO SENTIDO, SE NÃO DE A COLMATAR PELO MENOS DE A DIMINUIR. CONSEQUENTEMENTE, REALIZOU-SE A INVESTIGAÇÃO DESDE O SÉC. XVII AO SÉC. XX.	RESEARCH INTO DESIGN			HISTÓRIA DO DESIGN DO CARTAZ PORTUGUÊS
LILIANA CRISTINA MARQUES SOARES E APARO	ESTA DISSERTAÇÃO PRETENDE CONTRIBUIR PARA A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, VALIDANDO A INTERPRETAÇÃO COMO MÉTODO EM DESIGN APLICADA A META-PROJECTOS DE CENÁRIOS DE EQUIPAMENTOS NO SÉCULO XXI. A ANÁLISE E A AVALIAÇÃO DOS DOIS CONCEITOS - INTERPRETAÇÃO E CENÁRIO - COMO REFLEXO DA MANEIRA DE PENSAR DA CONTEMPORANEIDADE SÃO A BASE PARA A ESTRUTURAÇÃO DE UM META-PROJECTO APLICADO NA EPIDERMIS DA CIDADE, SUSTENTADO PELA METODOLOGIA PROJECTUAL DA HERMENÊUTICA E PELA COMPETÊNCIA DA SEMIÓTICA.	RESEARCH INTO DESIGN			META-PROJECTOS DE CENÁRIOS DE EQUIPAMENTOS NO SÉCULO XXI.
PEDRO MIGUEL BARATA DE SOUSA RAMALHETE					MATERIAIS EM DESIGN
RAQUEL JOÃO FIALHO ANTUNES	O CAMPO DE ANÁLISE DO ESTUDO COMPREENDE O SUBSETOR DE CERÂMICA UTILITÁRIA E DECORATIVA (CUD) NACIONAL. NESSE CONTEXTO, O ESTUDO ANALISA O PAPEL ATUAL DO DESIGNER E PROPÕE NOVAS ESTRATÉGIAS DE GESTÃO DO DESIGN, COMO FERRAMENTAS ESTRATÉGICAS POTENCIADORAS DE INOVAÇÃO E DE VALOR ACRESCENTADO, PARA O PRODUTO E PARA O DESENVOLVIMENTO DA EMPRESA.	RESEARCH INTO DESIGN			GESTÃO DO DESIGN / SUBSETOR DE CERÂMICA UTILITÁRIA E DECORATIVA

APÊNDICE 30

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012**



UL- NOME, TÍTULO DA TESE, DOMÍNIO CIÉNTIFICO, INSTITUIÇÃO PORTUGUESA E UNIDADE ORGÂNICA

NOME	TÍTULO DE TESE	DOMÍNIO CIÉNTIFICO (DGEEC)	INSTITUIÇÃO PORTUGUESA	UNIDADE ORGÂNICA
RICARDO NUNO DE PAULO MARTINS CAMPOS LOUÇÃO	A COR, LINGUAGEM DE CÓDIGO GRÁFICO E MULTIMÉDIA	ARTES	UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA - ULL	

APÊNDICE 31

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012**



UL\_ NOME, CURSO DE DOUTORAMENTO, CÓDIGO ÁREA CNAEF, REALIZADO EM, ANO DO GRAU (EM PORTUGAL), RAMO, E ESPECIALIDADE.

NOME	CURSO DE DOUTORAMENTO	ÁREA CNAEF	CÓDIGO ÁREA CNAEF	REALIZADO EM	ANO DO GRAU (EM PORTUGAL)	RAMO	ESPECIALIDADE
RICARDO NUNO DE PAULO MARTINS CAMPOS LOUÇÃO	DESIGN	DESIGN	214	PORTUGAL	2010	DESIGN	

APÊNDICE 32

**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012**



UL\_ NOME, ORIENTADOR, CO-ORIENTADOR, PALAVRAS-CHAVE, APOIOS.

NOME	ORIENTADOR	CO-ORIENTADOR	PALAVRAS-CHAVE	APOIOS
RICARDO NUNO DE PAULO MARTINS CAMPOS LOUÇÃO	CRISTINA MARIA DOS SANTOS NUNES PIRES CAMELO GOMES			

APÊNDICE 33



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012**

UL \_NOME, ATIVIDADE, CENTRO DE INVESTIGAÇÃO, SEXO, LICENCIATURA, MESTRADO.

NOME	ATIVIDADE	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO	SEXO	LICENCIATURA	MESTRADO
RICARDO NUNO DE PAULO MARTINS CAMPOS LOUÇÃO	PROFESSOR NA UNIVERSIDADE LUSÍADA	CITAD	MASCULINO	DESIGN, RAMO DE DESIGN INDUSTRIAL	

APÊNDICE 34



**TESES DE DOUTORAMENTO EM DESIGN REALIZADAS NA UNIVERSIDADE LUSÍADA ATÉ AO FINAL DE 2012**

UL \_NOME, TEMA, RESEARCH INTO DESIGN, RESEARCH FOR DESIGN, RESEARCH THROUGH DESIGN, ÁREA.

NOME	TEMA	RESEARCH INTO DESIGN (INVESTIGAÇÃO SOBRE DESIGN)	RESEARCH FOR DESIGN (INVESTIGAÇÃO PARA DESIGN)	RESEARCH THROUGH DESIGN (INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DESIGN)	ÁREA
RICARDO NUNO DE PAULO MARTINS CAMPOS LOUÇÃO	A COR, LINGUAGEM DE CÓDIGO GRÁFICO E MULTIMÉDIA				COR, CÓDIGO GRÁFICO E MULTIMÉDIA

## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DA SECÇÃO DE DESIGN DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO CIEBA

CIEBA- RESPONSÁVEL DA SECÇÃO DE DESIGN PROFESSOR DOUTOR RAÚL CUNCA



### 1. [O PORQUÊ DE UMA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN]

#### 1.1 O QUE SE PRETENDE DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUE APLICABILIDADE?

RC- Só para fazer algumas ressalvas em relação à unidade. Nós no nosso Centro, optámos por uma estratégia, podemos chamar-lhe assim, que foi o não criar centros de investigação nas áreas. Temos um centro de investigação que se chama CIEBA, de artes, no geral e temos unidades, em cada uma das áreas, que muitas das vezes não correspondem às áreas científicas que temos.

A nossa unidade de design engloba e aglutina o design de equipamento e de comunicação. Temos, por exemplo, outras unidades que não têm a ver sequer com as áreas científicas, como por exemplo, uma unidade que está dedicada à medalhística. Portanto a lógica das nossas unidades não tem a ver propriamente com a lógica dos nossos ciclos de estudo, tem a ver, às vezes, com algumas especialidades que, pela sua dimensão, obrigaram a ter uma unidade de investigação ou aglutinam unidades como é o caso do design.

## 1.2. EM PORTUGAL, ONDE SE REALIZA A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

RC- Eu sobre isso tenho uma opinião muito pessoal. Eu acho que, não só a investigação, mas a profissão, nas suas várias vertentes, devia ser centrada nas universidades. Eu considero mesmo as questões relacionadas com o domínio da profissão, com as ordens, com a avaliação da profissão, com a avaliação da investigação, devia ser centrada nas universidades, porque são as unidades que têm, de certa forma, uma maior dimensão profissional, científica, pedagógica, para poderem avaliar e para poderem suportar e dinamizar as áreas. Portanto, nós temos aqui umas visões que são um bocadinho mais políticas do que propriamente científicas e eu acredito que as universidades deviam de agregar todos estes conjuntos, porque isto depois obriga a uma estrutura mais complexa.

Antes não havia universidades, foram estas que sempre vieram legitimar a profissão. Se nós pensarmos, por exemplo, num cursos de design, em Portugal, e no Design em Portugal, claro que a atividade de design, em Portugal, não começou quando começaram os cursos superiores de design. Começou, sobretudo nos ateliers e da formação que essas pessoas que trabalhavam nos ateliers tinham daquilo que se passava fora de Portugal.

A profissão do design foi legitimada pela formação, quando começaram a existir as formações superiores. Foi o IADE que iniciou essa formação, não reconhecida, aliás, o IADE teve um problema para reconhecer esses primeiros cursos, acho que até aos anos 90 ainda tinha esse problema por resolver. Depois vem o nosso curso, em 74, reconhecido pelo Ministério da Educação, não sendo licenciatura, na altura, enquanto ensino superior, e foi essa altura que também legitimou uma série de coisas, também relacionadas com profissão.

Esta minha visão, que é também o cariz e a estrutura desta minha escola, eu não divido muito a investigação da profissão. Eu acho que a profissão necessita de investigação e a investigação necessita da profissão e concebo sempre a ideia da profissão, enquanto conteúdo

pedagógico e científico, sobretudo ao nível de um primeiro e segundo ciclo. Nós temos que ensinar.

Os nossos cursos, aqui, têm esta raiz epistemológica, e nós nunca nos vocacionamos só para a investigação, até porque em 74 não havia investigação em design, ou havia investigação ligada à profissão, mas ainda não havia métodos de investigação, não havia a sua difusão sobretudo.

Possivelmente, se nós agora avaliarmos aquilo que se fazia em 74 nos anos 60, havia já investigação. Portanto, na nossa matriz, digamos assim, tem muito esta relação com a profissão, com ensinar pessoas a ser designers, com isto, que é uma forma muito simples, não é ensinar a ser, nós hoje em dia já não ensinamos a ser designers, porque nem todos podem ser designers, aliás nem devem ser, porque o designer, hoje em dia, tem uma série de atividades.

Ainda estamos a falar da profissão e da investigação. Estamos a falar das duas coisas ao mesmo tempo, que têm uma série de atividades que são fundamentais para o design, para a dinâmica do design, gestão do design, o métodos de design. Não acabaríamos aqui de falar de profissões que são, que convergem para o design, e portanto eu não divido muito essas duas coisas.

A ideia de que a investigação é uma coisa que está fora do design, eu acho que a profissão e o design são coisas e a nossa matriz é um bocadinho isso. Nós temos aqui uma matriz que é aquilo que é identitário, desde o início, da nossa formação.

## 1.2 QUANDO COMEÇOU E COMO FOI SENDO CONFIGURADA ESTRATEGICAMENTE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS?

RC- Bem, dentro desta perspetiva que eu acabei de falar, dentro daquilo que é o design em Portugal e aquilo que possivelmente ainda não está materializado, enquanto investigação. Possivelmente essa investigação é feita por outros sobre o trabalho desses que foram os pioneiros. Eu penso que nós temos uma primeira geração de designers, curiosamente nenhum deles é formado em design, uns são autodidatas, outros têm formação na área das artes, portanto que é uma geração que trabalha ali

entre os anos 60 e 70 e alguns até antes dos anos 50, sendo esse o início, não sei se é da investigação, mas é pelo menos o início daquilo que é o trabalho, com alguma consciência, do que é que é o design, e o trabalho muito dirigido para o projeto, não com essa consequência da investigação.

A investigação é uma coisa recente, é uma coisa que se aponta, para os anos 90, a partir, da investigação do ponto de vista de um terceiro nível, de um terceiro ciclo de estudos e de uma investigação com um alto nível de qualidade, mas eu não consigo fazer a distinção entre uma coisa e outra, ou tenho alguma dificuldade. O que é facto é que as teses de design surgem na década de 90, penso eu, as primeiras.

### 1.3 QUE INFRAESTRUTURAS SÃO NECESSÁRIAS PARA REALIZAR A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

RC- Relativamente ao que eu conheço e eu posso ser um bocadinho crítico porque fiz investigação fora de Portugal. Eu fiz o meu mestrado, fora de Portugal, nas escolas emblemáticas de design, a primeira escola de estudos pós-graduados, em design, que era a *Domus Academy*. Nós estamos um bocadinho ainda distantes de um modelo que será um modelo mais profícuo, em termos de investigação, portanto nós não temos aquela tradição dos engenheiros que têm os seus laboratórios e que anda tudo a estudar para temas muito específicos, também porque o design, não tem esse modelo, mas nós não temos essa estrutura. Pode haver escolas que tenham mais estrutura ou menos, mas do ponto de vista científico, do ponto de vista do que são as áreas e o que é a investigação, nós não temos ainda investigadores associados, ou doutorandos a trabalhar em grandes investigações de orientadores. Nós temos aqui uma divisão sempre de trabalho do orientador e trabalho do orientando, porque também, possivelmente, tem a ver com a natureza. Há aqui um fenómeno que é preciso perceber, e por isso é que eu não faço uma distinção muito grande entre profissão e investigação, que é esta questão da profissão, é uma questão solitária. Nós, os designers estamos muito habituados à autoria, a trabalhar enquanto autores, e

isso acontece não só cá, acontece no mundo do design, nós conseguimos identificar uma coisa dos irmãos Burdek ou uma coisa do Jasper Morrison, até falámos em nomes. A investigação, possivelmente associada a isso também tem nomes, não tem esse modelo da engenharia, ou das químicas, biológicas, das físicas, etc, que têm equipas a trabalhar. Há aqui uma dimensão que é um bocadinho diferente.

## 2. [MISSÃO OBJETIVOS/PENSAMENTO ESTRATÉGICO]

### 2.1 QUAL A MISSÃO E OBJETIVOS DEFINIDOS PARA A UNIDADE? QUE VISÃO DA DISCIPLINA E DA INVESTIGAÇÃO SUSTENTA A ATIVIDADE? COMO SE ORGANIZA A UNIDADE

RC- Nós baseamo-nos muito sempre na ação da profissão, a investigação que fazemos, aliás, até organizamos muito, em termos de ciclos de estudos, esse modelo. Nós temos uns ciclos de estudo, por exemplo, ao nível do segundo ciclo de estudos, nós trabalhamos diretamente com empresas nacionais e não só, que nos põem problemas em parceria, que nos põem problemas de projeto e de investigação para desenvolver e, portanto, temos aqui uma parceria em que temos quase um ensaio real do que é o mundo de trabalho, porque aqui temos uma componente de investigação e temos tempo e temos uma quantidade, aí talvez trabalhemos um bocadinho mais à semelhança do que os engenheiros fazem, trabalhamos em equipas, equipas que são constituídas por designers e por professores e equipas que também que são constituídas por designers que já estão no 2º ciclo de estudos, portanto, essa aproximação nós temos sempre, por isso é que a nossa matriz é muito esta, profissão\investigação, investigação\profissão.

### 3. [QUE ORGANIZAÇÃO/QUE PROJETOS/QUE GRUPOS/QUE LINHAS]

#### 3.1 QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO DESSE CENTRO? QUE PROJECTOS

RC- Nós temos projetos que são projetos da unidade, por exemplo, fazemos bianualmente um evento que se chama *Os Encontros de Design de Lisboa*, que são uns encontros que têm essa denominação, em que é um projeto da unidade, é um projeto que congrega os esforços do design de comunicação e do design de equipamento, em fazer um congresso em que vários protagonistas, do design, participam e que se produz material crítico antes e como conclusivo em relação ao congresso, portanto temos esse que é o nosso grande evento. Depois temos eventos parcelares que podem ser interessantes e que, muitas vezes, cruzam várias secções. Isso é capaz de ser uma coisa que no nosso centro de investigação se distingue em relação aos outros.

Agora para lhe dar um exemplo recente. Nós há pouco tempo fizemos um evento, que comemora os 500 anos da relação entre Portugal e a China. E o que é que se fez? Como nós temos este modelo de centro, que tem várias secções, escolheu-se uma das secções, que neste caso é a secção que se chama Francisco de Holanda, que é uma secção dedicada às ciências da arte, fez dois eventos. Fez um congresso sobre estas questões das relações entre Portugal e a China que tinha conferencistas portugueses e conferencistas chineses, e fez uma exposição que englobou três exposições divididas em três momentos diferentes. Uma que está agora a decorrer, uma que decorre em Maio e outra que decorre em Junho, que tem trabalhos transdisciplinares, em relação às várias áreas

Por exemplo convidaram, na escultura, Pedro Cabrita Reis, mas temos igualmente pessoas da cerâmica, pessoas da pintura, pessoas do design de comunicação. Tem aqui um objeto meu, de design de equipamento, tem uma outra investigadora que é também de design de equipamento que, neste momento, está a concluir o seu mestrado. Portanto, muitas vezes existem também atividades e ações que são transdisciplinares

dentro do centro. Portanto, podem partir de um centro, de uma secção do centro. Nós chamamos secção que não é um nome que eu gosto muito, pois preferia núcleo, que senão é muito militar, é muito tropa. Muitas das vezes há estes projetos que são transdisciplinares e o centro enquanto centro, reflete um bocadinho o que é que é esta substância das belas artes. Nisso nós podemos ser um bocadinho clássicos, mas realmente temos estes projetos e os projetos dos investigadores de design.

O grande projeto é esse e depois temos as linhas de investigação que produzem artefactos, por exemplo, esse cartaz, é um projeto desenvolvido com a Vista Alegre. Estamos a falar de uma empresa que chegou produto, isto são produtos que são linhas de investigação também, no domínio do design cerâmico, do design de interiores, que a secção tem. Depois há as linhas de investigação que têm a ver com as teses do design português, sendo várias as linhas de investigação.

As nossas grandes áreas são três, isto talvez seja importante, que é o design de produto, os estudos de design, o design urbano e o design de interiores, são as nossas áreas. São as nossas grandes áreas, os nossos grandes chapéus, à exceção dos estudos em design, ligados também muito áquilo que é o fazer em design. Este modelo, que nós temos de centro, que eu não sei se haverá algum centro de investigação, na Europa, que tenha este modelo de cruzar unidades que vão desde a medalhística, aos estudos artísticos, que é este do Francisco de Holanda, à pintura, à escultura, esse já mais comum, ao design, ao património. Nós temos uma matriz que já ultrapassa a própria matriz das belas artes, porque foi evoluindo para matrizes que são distintas. Portanto fazemos uso também dessa dinâmica, aliás foi este modelo que escolhemos: não fazer centro, aliás fizemos um processo ao contrário, é importante talvez dizer isto, a secção de medalhística era um centro de investigação, o centro de investigação da cerâmica e do vidro, que é outro que temos, era um centro de investigação que com esta nova orgânica tornaram-se secções para termos um centro maior, um chapéu maior, que é o CIEBA. Até são anteriores à existência do CIEBA, ainda não havia FCT e nós já tínhamos esses centros. Mas nós até de certa

forma ultrapassamos própria denominação de belas artes porque, hoje em dia, temos um leque de secção tão grande, e fazemos cruzamentos como este exemplo que são vários, potenciando realmente as sinergias que existem aqui. E depois também cada secção tem as suas atividades. Relativamente às publicações, nós editamos muito, não sei se outros centros editam muito se não. Agora temos um acordo com a Amazon para venda online, porque começamos a ter muita coisa e começámos a ter muito interesse, sobretudo dos países lusófonos, na investigação que fazemos e começámos a deparar que as pessoas tinham muita dificuldade em ter acesso, sobretudo no Brasil às coisas que fazemos. Eu às vezes recebia emails a pedirem-me o meu livro porque estavam a fazer uma investigação, dentro da área, e sabiam da sua existência, possivelmente por internet e nós tínhamos que enviar. Eu acho que seria interessante, para o seu trabalho, saber o número de publicações porque isso é também uma forma de avaliar o centro.

### 3.2 COMO SÃO DEFINIDAS AS APOSTAS PRIORITÁRIAS EM PROJETOS, TÓPICOS OU LINHAS DE INVESTIGAÇÃO?

RC- Geralmente isso é discutido sempre numa reunião do centro de investigação, não da secção, do centro de investigação, pois são propostas que nós fazemos com alguma periodicidade, não muita, mas com aquela que é possível e que são propostas anuais. Essas linhas de investigação vão variando, não anualmente, mas vão variando com alguma periodicidade.

## 4. [A RELAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO E A PROFISSÃO]

### 4.1 EXISTE UMA DISSOCIAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, E A PROFISSÃO DO DESIGN? QUAL A SUA EXPRESSÃO NO TECIDO ECONÓMICO?

RC- Essa já está respondida, essa é a nossa matriz, acho que é aquilo que nos distingue dos outros todos.

## 5. [A RELAÇÃO COM OS TECIDOS INDUSTRIAL E INSTITUCIONAL]

### 5.1 QUEM SÃO OS "STAKEHOLDERS" DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN EM PORTUGAL?

RC- É talvez uma pergunta difícil de responder. Eu acho que não existem propriamente. Nós temos um conjunto de temáticas e geralmente quando falamos desta questão, da investigação em design é muito comum dizermos que está muita coisa por fazer. Eu acho que já não está tanta coisa assim por fazer. Já traçámos algum caminho, mas nós temos grandes áreas em que podemos investigar, como é evidente, uma delas será uma das que é mais evidente que é o design português, possivelmente há muita coisa para fazer e tem surgido também muita coisa.

Há muitas teses de design que têm surgido, sobre o design português, mas há também alguma matriz identitária que tem a ver com o design em Portugal e que tem a ver com os produtos que são eminentemente portugueses, como por exemplo, a cortiça, a madeira. Portanto nós temos aí também, do ponto de vista tecnológico, algumas matérias, alguns assuntos, que podiam ser áreas de trabalho com muita profundidade e que estão a ser.

Tenho feito muitas arguições de teses de doutoramento e realmente as teses espelham isso que estou a dizer. Eu acho que nós desse caminho, do caminho da investigação que se está a fazer em doutoramento, estamos no bom caminho, mesmo que elas tenham matrizes diferentes e identidades diferentes, que é bom que assim seja, porque senão não haveria esta necessidade de haver estas diferenças, eu acho que elas estão-se a gerir no sentido do que é importante serem geridas.

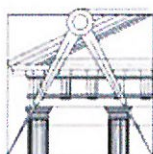
## 6. [AS REDES (NACIONAL E INTERNACIONAL)]

### 6.1 DADA A CRIAÇÃO RECENTE DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO LIGADAS A ESTA DISCIPLINA, GOSTARIA DE SABER SE A ATIVIDADE NESTA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO SEGUE ALGUMA INFLUÊNCIA DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO INTERNACIONAIS?

RC- Segue, seguramente seguirá nos projetos que desenvolve. Isso é evidente. Nós não estamos numa bolha de vidro em que não somos contagiados pelo mundo. É impossível. Mas por outro lado nós temos uma matriz muito pessoal que é aquilo que eu venho a falar, até o facto de termos estes projetos transdisciplinares do centro, possivelmente faz com que nós possamos cruzar estes vários projetos de várias áreas.

## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DE CENTROS DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN CIAUD

CIAUD PROFESSOR DOUTOR FERNANDO MOREIRA DA SILVA



### 1. [O PORQUÊ DE UMA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN]

#### 1.1 O QUE SE PRETENDE DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUE APLICABILIDADE?

FMS- Por um lado é necessário quando se faz investigação, uma das primeiras premissas, é a definição das linhas, das áreas dos temas de investigação, porque o design, sendo uma palavra bastante lata, alberga em si várias potencialidades, vários caminhos, logo acho que é extremamente importante: primeiro definir as linhas, os temas, as áreas, pois isso é que nos vais dar a especialidade.

Há centros que poderão ser mais especializados nestas do que noutras áreas.

Por outro lado é importante definir as ligações que existem à sociedade civil, à indústria, às empresas, por outro a interdisciplinaridade dentro do Centro e fora do Centro e depois estabelecer redes. Estabelecer precisamente pontos com os outros Centros para começar efetivamente a ter um maior contributo para o conhecimento, mas haver sempre uma grande aplicabilidade. Eu acho que isso, hoje em dia, é uma tônica em termos dos Centros de Investigação mundiais.

## 1.2 EM PORTUGAL, ONDE SE REALIZA A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

FMS - A investigação, em design, está fundamentalmente situada nos Centros de Investigação e nas instituições de ensino superior. Nas instituições de ensino superior devido ao vazio que se criou com os mestrados de Bolonha, a investigação tem alguns primórdios, ou tem algumas primeiras aproximações, que ainda é possível fazer-se, ao nível do mestrado, mas pouco, visto que o mestrado passou a ser a especialização das licenciaturas, logo o espaço que temos para investigação é diminuto e depois sim, ela faz-se realmente ao nível do 3º ciclo dos cursos de doutoramento.

Também foi muito importante a criação dos cursos de doutoramento. Porque os cursos de doutoramento vêm alavancar um novo ânimo e criar realmente um espaço de debate, de reflexão, de disseminação, de conhecimento, etc. visto que até então os doutoramentos não eram feitos por cursos, eram relações que existiam do investigador com a sua orientação e pouco mais. Às vezes com uma comunicação em Congresso, ou com um artigo, mas mesmo assim pouco porque a ideia, antes de Bolonha e da existência dos cursos, era muito de fechar este conhecimento, ou seja, só o tornar comunicável após a sua defesa enquanto que a ideia, hoje em dia, é exatamente outra, é a de podermos estender. Por isso eu poderia resumir, em primeiro lugar, Centros de Investigação, em segundo lugar nas universidades.

Existem também algumas empresas, sobretudo grandes empresas ou grandes grupos, onde efetivamente há a preocupação de haver investigação. Há lugar à investigação, e não me refiro apenas a áreas como todos conhecemos das químicas, das físicas, ou das medicinas, etc., refiro-me, nomeadamente, ao próprio design. Há grandes empresas em que essa componente está já dentro da pele, mas são poucas.

MJF- ESTA QUESTÃO QUE LHE VOU COLOCAR ESTÁ FORA DA MINHA GRELHA, MAS TEM SIDO PERTINENTE NAS OUTRAS ENTREVISTAS, PORTANTO VOU COLOCÁ-LA NO SENTIDO DE PERCEBER SE A INVESTIGAÇÃO QUE SE FAZ EM ATELIER PODERÁ SER CONSIDERADA INVESTIGAÇÃO, DESDE QUE TENHA UMA REFLEXÃO SOBRE AQUILO QUE É FEITO, OU CONSIDERA QUE NÃO É INVESTIGAÇÃO?

FMS - Começa a existir essa reflexão, mas essa reflexão só existe por dois motivos: um porque muitas pessoas, donos desses ateliers, ou porque estão envolvidos nesses ateliers, são profissionais ligados ao ensino e então começaram a fazer tal como levam as transposições das práticas profissionais do projeto, etc., as incorporam no ensino, a mesma coisa acontece ao contrário, ou seja muito do que se faz no ensino também começa, por vezes, a refletir-se e a ser incorporado nas práticas do atelier e então, ou por essa via, ou porque entretanto se doutoraram e todo o processo de investigação, para eles foi de tal maneira importante que ele vai mesmo marcá-los e alterar os processos profissionais e aí sim, nesses casos, e há o caso de vários.

Eu dou-lhe o caso, por exemplo, do Rui Marcelino, o dono da ALMA DESIGN, em que ele fez exatamente isso. Durante o seu doutoramento ele fez uma investigação, sobretudo ao nível dos processos, quis entender os processos, as metodologias que existiam em termos profissionais, se existia ou não reflexão sobre esses projetos e depois incorporou isso e, hoje em dia, na ALMA DESIGN quando se termina um projeto, há uma paragem para todos refletirem, não só sobre os resultados, mas sobre os processos, e tentarem melhorar esses mesmos processos que nós sabemos que, se melhorando os processos, efetivamente os resultados vão refletir esse melhoramento e também serão melhores.

### 1.3 QUANDO COMEÇOU E COMO FOI SENDO CONFIGURADA ESTRATEGICAMENTE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS?

FMS- Em termos de Faculdade de Arquitetura poderemos considerar que tivemos a sorte de ter um grande mestre que está na origem disto tudo que foi o Prof. Daciano da Costa. O Prof. Daciano da Costa, o velho mestre Daciano da Costa, tinha uma ideia e fazia parte daqueles que achavam que deveria existir a universidade das artes. Dentro dessa Universidade das artes ele esteve ligado à António Arroio, esteve ligado aos primeiros cursos que houve ligados a estas questões do design, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Mais tarde começa a tentar que isto passasse para a Escola de Belas Artes, com imensos problemas e pós 25 de Abril, o design torna-se uma realidade e começa então. Ele próprio está envolvido no IADE, ele próprio tinha como uma grande ideia que este design a montante da arquitetura pudesse existir na ligação à arquitetura e urbanismo, na Faculdade de Arquitetura.

Ele é o pai, ele é o motor de todo este processo. Naturalmente e ainda sobre a sua égide, em 2001, é desenhado um curso de mestrado, o primeiro curso de mestrado na Faculdade de Arquitetura e na altura era o único que estava em funcionamento, tinha havido um outro curso de mestrado na Universidade do Porto, na Faculdade de Engenharia, e este era aquele que voltava a existir como possível reflexão e investigação, na área de mestrado. E foi lançado exatamente aqui na Faculdade de Arquitetura, em 2001, e estiveram na origem, estive eu estive o Prof. Daciano da Costa e estive o Prof. José Pedro Martins Barata que também foi, para além de homem muito ligado a todas estas questões, o presidente do Centro Português de Design, por isso fomos três pessoas que estivemos um pouco na origem com outros que colaboraram, nomeadamente o Prof. João Paulo Martins, o Prof. Jorge Spencer, o Prof. José Neves e também as contribuições do Prof. José Brandão, do Prof. Eduardo Afonso Dias e de vários outros, mas realmente este mestrado ainda foi lançado por ele. Na continuação desse mestrado, então já sob a minha égide, eu proponho e sou, se assim se pode dizer, o pai do primeiro curso doutoramento em design, no país, visto que até então havia doutoramentos ligados ao design, ou em design, mas não sob

curso. Como curso é o primeiro que é lançado então em 2005 e na sequência de tudo isto, a investigação vai-se consolidando

#### 1.4 QUE INFRAESTRUTURAS SÃO NECESSÁRIAS PARA REALIZAR A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

FMS- Tal como há pouco referi, o primeiro passo eu acho que é definirmos as perícias, ou seja, aquilo que costuma ser as experties, ou seja, quais são as grandes especialidades? Não podemos ser especialistas em tudo e estas especialidades têm a ver com as pessoas que vão formar estes grupos de investigação. E de acordo com esses grupos de investigação, então nós podemos definir linhas. De acordo com essas linhas, se eu tiver uma linha, por exemplo, ligada com a virtual reality, isto é realidade virtual, automaticamente eu vou necessitar, não posso nunca desenvolver projetos de investigação, nesta área, se eu não tiver software, se eu não tiver equipamentos, se eu não tiver espaços, se eu não tiver um sem número, inclusive de pessoas, técnicos que saibam trabalhar com isto.

A mesma coisa com, se eu tiver uma investigação aplicada ao nível do produto se eu não conseguir chegar à prototipização e ficar apenas nos modelos funcionais, eu não vou conseguir, digamos, ir até ao fim da minha própria investigação, por isso, de acordo com as áreas, os temas, as linhas de investigação, é possível nós então definirmos quais as necessidades. Claro que comum a tudo isto é necessário haver reflexão, haver troca de impressões, cada vez mais a partilha, criarem-se grupos de investigação que possam trocar impressões entre si. Haver plataformas de disseminação de resultados em que as pessoas, de várias partes, possam aceder a essa informação também para a sua investigação e que não tenhamos sempre que andar a ir ao princípio ou ir sempre às mesmas fontes. Às vezes sem sabermos que já houve pessoas que já investigaram para mestrado ou para doutoramento, noutras universidades, nacionais ou estrangeiras. Também urge, cada vez mas, existir uma plataforma ao nível dos nossos Centros de

Investigação, das nossas universidades da área, para podermos efetivamente contribuir e colocarmos lá a investigação que seja acessível a todos. Isso aí acho que é extremamente importante.

## 2 [MISSÃO OBJETIVOS/PENSAMENTO ESTRATÉGICO]

### 2.1 QUAL A MISSÃO E OBJETIVOS DEFINIDOS PARA A UNIDADE? QUE VISÃO DA DISCIPLINA E DA INVESTIGAÇÃO SUSTENTA A ATIVIDADE? COMO SE ORGANIZA A UNIDADE

FMS - A unidade é o CIAUD, é o Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, por isso nós temos a transversalidade das áreas e das escalas da própria Faculdade. Desde a escala macro urbana, passando pela arquitetura, até à escala do design e sendo efetivamente um Centro de Investigação que cobre todas estas escalas, não só de per si, cada uma delas, mas transversalmente, cruzando-as até em muitos projetos, por isso estamos organizados em núcleos, logo o núcleo de arquitetura, o de urbanismo e o de design, focando essencialmente, na parte do design, o núcleo de design que tem três linhas mestras que são as mesmas de investigação, quer para o Centro, quer para o 3º Ciclo, quer para os mestrados, etc., que são os três grandes que são: design de produto, design de moda e design de comunicação. Dentro deles eles abrem-se então em variadíssimas linhas e temas, nomeadamente o de comunicação, abre-se em gráfica e design de interação e depois os transversais, como sendo as questões da sustentabilidade, do eco-design, as questões do design participativo, do design inclusivo, da cor e luz, da computação, por isso são linhas transversais a todas estas grandes linhas principais. Por isso é natural que uma pessoa, por exemplo, que esteja a desenvolver uma investigação centrada no equipamento ou em design de mobiliário, por exemplo, de cozinhas, mas que está preocupada com a utilização da madeira e como é que é utilizada e se há desperdício ou não há desperdícios e como e fazer o chamado zero waste. Por isso se conseguimos ou não utilizar ou reutilizar todos os desperdícios, todas as partes, depois dos cortes.

Como é que se reutilizam essas peças? As questões da sustentabilidade. Como é que eles são fabricados? Aonde é que se destinam? Com que pessoas? Com que mão de obra é utilizada? E por aí adiante. E aí podemos dizer: então estamos a cruzar isto com questões do eco-design, estamos a cruzar isto com questões da sustentabilidade, mas se por outro lado tivermos grandes preocupações em pensar nas atividades que se desenvolvem centradas no ser humano, estamos aí então com chamado design de interação, com as questões da ergonomia, com as questões dos fatores humanos e por aí adiante. Logo estas são realmente as questões e cada vez mais é necessário ter a noção desta teia enorme e da interdisciplinaridade que é necessária em áreas como a do design, que são extremamente ricas.

### 3 [QUE ORGANIZAÇÃO/QUE PROJETOS/QUE GRUPOS/QUE LINHAS]

#### 3.1 QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO DESSE CENTRO? QUE PROJECTOS

FMS- Em termos de projetos temos muitos. Temos variadíssimos projetos, como digo, alocados às principais linhas, mas também eles próprios ligando a um sem número de linhas transversais, o que é muito interessante que de repente, por exemplo, ainda há pouco falei na questão da sustentabilidade. Eu posso-me aperceber, em termos do Centro de Investigação, que temos projetos que tocam a sustentabilidade, ao nível do urbanismo, ao nível da arquitetura, ao nível do design de comunicação, ao nível do design de produto, ao nível do design de moda e por aí adiante. E se calhar então vamos ter que começar a refletir, não apenas dentro das linhas principais, dizer isto são tudo projetos de comunicação, de design de comunicação.

Temos a investigação em tipografia temos aquela em design editorial, mas para além disso se calhar há algo que nós temos que começar a discutir, em termos de sustentabilidade, vendo os apports que podem dar as diferentes escalas e de repente alguém da escala urbana perceber que há um colega que está a investigar ao nível do design de

comunicação e da sustentabilidade, em todos os suportes, sobretudo suportes analógicos de impressão, em suportes físicos. Quais são as preocupações que existem mundialmente? Que existem nacionalmente? Se existem orientações. E de repente a pessoa começa a perceber que é interessante: afinal isto não é uma questão do urbano, não é uma questão da escola de arquitetura, toca também esta questão, mas depois toca também a do equipamento e do produto e do industrial e de repente toca também as questões da moda e os desperdícios dos têxteis. E de repente dizemos assim que interessante, se calhar vamos ter outra forma de organizar, não é só pelas grandes linhas de investigação, mas pelas transversalidades e porque não, pôr estas pessoas todas a falarem das suas diferentes escalas de investigação, dos seus diferentes tópicos a trocar impressões numa coisa que é comum que é a sua grande preocupação e se calhar isto vai-nos dar outra universalidade, outra visão mais holística até da problemática, por exemplo, centrada na sustentabilidade. Por isso há várias possibilidades de criar esta teia, não há apenas uma linha, há várias possibilidades.

### 3.2 COMO SÃO DEFINIDAS AS APOSTAS PRIORITÁRIAS EM PROJETOS, TÓPICOS OU LINHAS DE INVESTIGAÇÃO?

FMS- Não existem prioridades, elas surgem naturalmente e são motivadas ou pelos investigadores que trazem e mostram a necessidade, a pertinência, a atualidade dos seus tópicos investigativos, ou porque a sociedade, as empresas, a indústria vêm junto da universidade e pede para se resolverem determinados problemas que eles não conseguem resolver sozinhos e dizem: ali está o pensamento que cruza interdisciplinarmente áreas que vão desde as ciências sociais, desde as escalas da sociologia à antropologia, da economia e da gestão e de repente cruza com o designer e eles dizem: esta interdisciplinaridade que só a universidade tem e os centros de investigação, é isso que nos interessa. Então vêm junto de nós a pedir para também resolvermos. Por isso neste momento agora, por exemplo, tivemos um grande desafio da parte da Câmara Municipal de Lisboa que

está preparar o plano para 2014/2020, para fundos comunitários em que fez um repto às Universidades de Lisboa, que estão sediadas em Lisboa, de que maneira é que podemos interagir com o município e então, por exemplo, eu sou o porta-voz ou o responsável da ligação com a Câmara de Lisboa em tudo o que tem a ver com mobilidade, acessibilidades, etc. e isto pode ser um novo trajeto para visitar a cidade, que é o caso, por exemplo, do projeto da Luísa Costa. Pode ser a bicicleta, a *energy*, em que vamos tentar com um acumulador de energia dada pelo movimento que a própria pessoa gera. Por isso a energia que nós temos, ao pedalar, pode ser transformada num acumulador que pode servir para carregarmos o nosso telefone, o nosso MP3 e por aí adiante.

Temos as questões da Margarida, na questão do equipamento. Houve vários projetos e, também incorporei, por exemplo, o *track tile*, que tem a ver com os pavimentos táteis que está a ser investigado com a universidade de Suffolk, em Inglaterra, e no *surface*. Trouxe este projeto também para cruzar com o nosso centro de investigação e com a edilidade. A mesma coisa com o *go far* que é o tentarmos perceber como é que podemos ultrapassar as barreiras, as inúmeras barreiras, para que os idosos possam efetivamente sair de casa. Daí o *go far*, ou seja, poderem sair. E são estas motivações que nos levam a definir novos campos, novas áreas e necessidades inclusive de investigação.

## 4 [A RELAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO E A PROFISSÃO]

### 4.1 EXISTE UMA DISSOCIAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, E A PROFISSÃO DO DESIGN? QUAL A SUA EXPRESSÃO NO TECIDO ECONÓMICO?

FMS - O que eu sinto é que, por um lado, até Bolonha, poucas eram as universidades, poucas eram as formações de designers que estavam muito preocupadas com o que é que a profissão exigia. Havia uma necessidade, muitos eram profissionais, sabiam o que é que o mercado estava a exigir, nem sempre isto era atualizado sentia-se: não nós é que sabemos o que é que eles têm que aprender, os profissionais saíam das

escolas, das universidades sempre com um ponto de interrogação. Afinal sequer não é bem isto sou um teórico, falta-me a questão prática ou nunca abordei estes conceitos.

Bolonha obrigou-nos a refletir e talvez a criar uma certa humildade e uma aproximação, daí eu dizer que há aproximação, neste momento, entre ensino e investigação e a sociedade civil onde podemos concentrar a parte do tecido empresarial e da indústria que formam um triângulo e esse triângulo para nós podermos crescer todos é importante que nós nos ouçamos, que possamos trocar impressões entre estes três vértices. Se não nós não conseguimos avançar.

## 5. [A RELAÇÃO COM OS TECIDOS INDUSTRIAL E INSTITUCIONAL]

### 5.1 QUEM SÃO OS “STAKEHOLDERS” DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN EM PORTUGAL?

FMS- São todos aqueles que estão a fazer investigação de ponta, em Portugal. Esses para mim é que são os Stakeholders, são aqueles que podem a seguir criar inclusive, *startups* em novas empresas, por isso essa parte do empreendedorismo começa a ser uma realidade. São aqueles que levam, como há pouco eu referi, como o Rui Marcelino, que levou a sua investigação e a incorporou na sua empresa e logo aí contaminou, contagiou todos os seus colaboradores que passam a ver que há uma outra realidade de trabalhar. São todos aqueles que estão nos Centros de Investigação, por isso todos os que têm um projeto de investigação válido, neste momento são esses precisamente é que são os stakeholders.

## 6. [AS REDES (NACIONAL E INTERNACIONAL)]

### 6.1 DADA A CRIAÇÃO RECENTE DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO LIGADAS A ESTA DISCIPLINA, GOSTARIA DE SABER SE A ATIVIDADE NESTA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO SEGUE ALGUMA INFLUÊNCIA DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO INTERNACIONAIS?

FMS- Sim. Existe uma preocupação constante em perceber o que é que os nossos pares estão a fazer. Quer em termos das grandes linhas de investigação de outras universidades, quer dos Centros de Investigação,

há sempre uma grande preocupação. Penso que ainda estamos longe. Primeiro há que nos aproximarmos e cruzar mais com outros Centros de Investigação e outras Universidades, quer a nível da Europa, quer a nível dos chamados países terceiros, nomeadamente a Índia, a China, o Japão a Coreia do Sul, Vietname, a Indonésia, mas por outro lado também o Brasil as Américas do Sul e do Norte. Eu acho que ainda há muito a fazer a esse nível.

As redes que começam a existir parecem quase feudos que eu acho que deveriam ser muito mais democratizadas, deveríamos arranjar modo, tal como hoje em dia a internet é algo que nós já quase nem questionamos, quando e como é que isso começou todos tiramos partido dela, não importa se efetivamente sou uma pessoa que tenho muito ou pouco conhecimento se sou um grande *expert* e sei como aceder à informação. Eu penso que as redes do conhecimento podem ter até vários *layers* alguns que são especificamente só para as pessoas que sabem muito sobre aquela matéria, mas deveríamos trabalhar, cada vez, mais em formar essas redes porque estamos a dar os primeiros passos, mas ainda estamos muito aquém. Em termos nacionais eu acho que o primeiro passo, independentemente de irmos vendo o que está a acontecer, acho que deveríamos replicar, refletir e tentar, em termos nacionais, sermos um exemplo em termos da constituição dessas redes.

## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DE CENTROS DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN ID+ -UA

ID+ - UA PROFESSOR DOUTOR VASCO BRANCO



### 1. [O PORQUÊ DE UMA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN]

#### 1.2 O QUE SE PRETENDE DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUE APLICABILIDADE?

VB- Numa primeira instância a investigação em design tem sido fruto do apoio e do resultado das investigações particulares, de cada um dos investigadores que ali estão e que visam, no essencial, cumprir os seus percursos doutorais para obtenção de grau, na medida em que, maioritariamente, ou quase exclusivamente, são académicos, isso no sentido pragmático do termo. No sentido da missão, do próprio ID+, nós definimos dois objetivos concretos: o primeiro é a valorização simbólica dos artefactos portugueses, isso quer dizer que nós detetamos um défice objetivo a esse nível, toda agente sabe que a marca Portugal não é uma marca, digamos que por si só valha, em termos dos mercados internacionais e que qualifique os nossos produtos. Havia dados, na altura da fundação do ID+, que hoje se alteraram no sentido positivo, que apontavam para que seria necessária uma intervenção de fundo que qualificasse, do ponto de vista simbólico, os nossos artefactos para eles poderem ter maior sucesso a nível dos mercados internacionais e junto dos tecidos societários portugueses e tecidos societários industriais etc., portanto havia essa dimensão que era importante e

outra dimensão que era importante que era qualificação da própria disciplina em termos nacionais. A disciplina e a investigação em design não eram conhecidas, não eram reconhecidas enquanto tal, o design começava a ser um termo da moda, mas continuava a ser e, se calhar ainda continua a ser, uma disciplina mal entendida, confundida com outras, portanto, parecia-nos importante contribuir também para os esclarecimentos junto da população portuguesa de que era a disciplina, daquilo que se faz, quer do ponto de vista da atividade, quer do ponto de vista da investigação na própria disciplina. Por outro lado achamos que há algum desligamento nomeadamente com o "desaparecimento" do CPD dos profissionais daquilo que pode ser a atividade académica subjacente à mesma disciplina.

#### 1.2 EM PORTUGAL, ONDE SE REALIZA A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

VB- Claramente nas universidades, não tenho o mínimo de dúvida que, vamos lá ver, isso prende-se também com uma dimensão de pensamento sobre o que é isso da investigação em design. Eu diria que há muita investigação, no meu ponto de vista, que pode e em alguns casos é realizada nos próprios escritórios, nos próprios gabinetes de design que o fazem. Há muita investigação subjacente a projeto e que alimenta projeto e que eu considero que seja investigação isto não é uma opinião partilhada pela generalidade da comunidade académica, mas eu diria que no sentido mais académico do termo ela faz-se na academia claramente, que se traduz em pappers e nesse tipo de resultados tipicamente creditados pela FCT. Por outro lado uma investigação pertinente para a disciplina, ou uma investigação no sentido de projeto, acho que, em muitos escritórios que existem em Portuga, se faz investigação que pode ter a maior pertinência, nomeadamente se continuada em ambiente académico e isto mantendo sempre os olhos académicos a olhar para a coisa.

### 1.3 QUANDO COMEÇOU E COMO FOI SENDO CONFIGURADA ESTRATEGICAMENTE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS?

VB- Globalmente, estamos a falar só da investigação em design. A investigação em design foi sempre colada à academia. O primeiro registo que eu me lembro de um artigo sobre design já atuante e pragmático, no sentido de influenciar ou configurar aquilo que pode ser o papel da academia, talvez seja um artigo do Nuno Portas que aparece num livro do CPD que é a antologia do design português, apesar de não me estar a recordar, exatamente, do título do livro, mas que era uma coletânea que o Centro Português de Design edita. Eu diria que é marcante no sentido de se passar de uma atividade que se fio desenvolvendo e consolidando nomeadamente a sul, porque no norte e por não haver tanta obra pública como em Lisboa não havia tempo para os arquitetos, no sul não havia tempo para os arquitetos se dedicarem a tudo e portanto libertou espaço para a atividade se afirmar enquanto tal, digamos para mim a primeira geração digamos do Daciano, do Sena etc. e do ponto de vista da investigação académica, propriamente dita, ela afirma-se tipicamente em termos académicos e de certa forma tardia porque como o design é incubado nas Escolas Superiores de Belas Artes quer de Lisboa quer do Porto, primeiro em Lisboa e no IADE a centralidade na dimensão prática da profissão sempre foi essencial e a dimensão de reflexão sobre a própria atividade digamos assim, mais uma vez estamos a falar no sentido académico, essa reflexão foi preterida em função da formação essencial, virada para a profissão. De qualquer modo diria que a investigação como nós a entendemos, do lado académico, foi sempre centrada na academia e continua a ser centrada na academia.

#### 1.4 QUE INFRAESTRUTURAS SÃO NECESSÁRIAS PARA REALIZAR A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

VB- Eu acho que as infraestruturas não são extraordinariamente pesadas. O design, e isto, é também uma maneira pessoal de ler a coisa, centra-se muito numa atividade de pensamento, numa atividade de meta-projeto, ou seja de reflexão sobre aquilo que se passa. Hoje em dia a extensão do próprio conceito de design fez com que houvesse um alargamento a outras formas de refletir e de pensar a disciplina, quero dizer com isto o quê? Quero dizer que hoje não se pode falar nas configurações da atividade em termos de sectores industriais ou sectores de serviços, mais sectores industriais, o gráfico, o têxtil, a moda, o industrial, o produto, etc. esse conjunto de configurações hoje convive com novos desafios que foram sendo abraçados pelo design nomeadamente os serviços, a inovação social, a problemática transversal da sustentabilidade e tudo isto se interliga com aquilo que são os desenvolvimentos comuns, mas objetivamente para desenvolver a investigação em design, digamos que o conjunto de meios não ultrapassa, até determinado ponto, aquilo que é um escritório de design, digamos meia dúzia de computadores, o que é preciso é gente inteligente e gente preparada a pensar e refletir sobre a disciplina e depois pode haver um conjunto de novos equipamentos desafiantes, nomeadamente ligados a tecnologias e que permitam estudar coisas como os FABLAB e coisas desse género que são novas dimensões que se calhar só quando se usam e se praticam é que se pode refletir sobre qual é o impacto real que elas têm na própria disciplina. Portanto digamos que sendo eu um adepto de que o design é uma disciplina de desenho, a investigação em design não é muito exigente, do ponto de vista de recursos ou de laboratórios estranhos cheio de exigências muito fortes em termos tecnológicos.

## 2. [MISSÃO OBJETIVOS/PENSAMENTO ESTRATÉGICO]

### 2.1 QUAL A MISSÃO E OBJETIVOS DEFINIDOS PARA A UNIDADE? QUE VISÃO DA DISCIPLINA E DA INVESTIGAÇÃO SUSTENTA A ATIVIDADE? COMO SE ORGANIZA A UNIDADE

VB- O nosso objetivo específico, nesta primeira fase, e atenção que nós estamos, quanto a mim, a fechar um primeiro ciclo da unidade de investigação e, portanto, eu vou falar sobre isso. A missão prende-se com a questão central que, para nós, é o facto de ser uma unidade de investigação que se situa onde se situa e que leva duas universidades, isto é fundamental. Ela congrega, como entidades de acolhimento da unidade, em primeira instância a universidade de Aveiro com o departamento de comunicação e arte e a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Congrega fundamentalmente investigadores destes dois polos e também tem o apoio institucional. Ou tinha o apoio institucional do Centro Português de Design, não tanto no sentido de receber investigadores ou de acolher grupos de investigação, mas mais no sentido de ser um apoiante à investigação desenvolvida e à divulgação de investigação desenvolvida e a sua missão centrava-se, como eu disse, no desenvolvimento de uma atividade de investigação centrada. Eu diria que são dois objetivos centrais que eu já referi e que trespassam essa missão. No fundo desenvolver a investigação, em torno da disciplina e em torno dos tópicos que a disciplina suscita nos mais variados domínios. Centrado assim, em dois objetivos: um diminuição de défice simbólico dos artefactos portugueses, dois diminuição da invisibilidade, portanto tornar mais visível e mais compreendida a atividade de design e a investigação em design junto dos tecidos social, industrial, empresarial e institucional portugueses. Portanto nós achamos que há, quer um défice simbólico nos artefactos, quer uma compreensão ou incompreensão ou uma compreensão errada daquilo que são os desígnios da atividade de design por muito dos tecidos

social, económico, etc. portugueses e portanto esses seriam os dois grandes objetivos.

**MJF- NO SEGUIMENTO. COMO É QUE SE ORGANIZA A UNIDADE?**

VB- Nós quando fizemos a propositura da unidade, como eu digo, nós temos dois polos desde logo um aqui na Faculdade de Belas artes da Universidade do Porto e outro no departamento de comunicação e arte da Universidade de Aveiro e nós fizemos esta candidatura em 2007, fomos avaliados em Fevereiro de 2008 por um painel internacional e tivemos o nosso primeiro financiamento em 2009. Quando fizemos a candidatura nós definimos um conjunto de seis áreas de investigação, seis grande linhas que de certa maneira congregavam o conjunto de esforços que estavam a ser desenvolvidos nos vários projetos individuais ou mais grupais de investigação que agrupavam toda a gente dentro do ID+ e que eram desde tópicos tipicamente centrados na atividade de design, como algo que nós chamava-mos de design da experiência e significado dos artefactos, portanto uma coisa algo ligada à própria dimensão projetual ou no investimento grande na relação entre os locais e a sua cultura local e a promoção dessa cultura e a sua visibilidade internacional ou, digamos, a questão por exemplo, ao nível do grupo de Aveiro, sempre foi muito central, que foi a questão da museologia e da museografia do design e, portanto, a questão daquilo que a gente vai eleger para memória futura, mas também temos áreas como, por exemplo, a investigação pela arte e desenho e inovação, desenho como uma espécie de área de investigação fundamental como se o desenho se comportasse, e nós achamos que sim, como a matemática, no âmbito da disciplina e a arte pela sua dimensão de questionamento social e pelas intersecções que cada vez mais ganha com o design. Portanto, nós tínhamos este conjunto de linhas de investigação que inicialmente se poderiam ter convertido em grupos mas que depois nem houve oportunidade interna para transformarem em grupos oficialmente reconhecidos nem houve por parte do FCT possibilidade de o reconhecer enquanto tal, portanto nunca houve um momento onde nós pudéssemos formalizar essa partição em grupos,

digamos que a organização do ID+ é uma organização em torno deste grandes objetivos científicos, em torno destas grandes linhas de investigação, mas do ponto de vista formal ela nunca aconteceu, penso que a próxima fase será essa da partição do ID+ em grupos, até porque isso também permite diluir a responsabilidade da direção, pelas direções desses grupos.

### 3. [QUE ORGANIZAÇÃO/QUE PROJETOS/QUE GRUPOS/QUE LINHAS]

#### 3.1 QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO DESSE CENTRO? QUE PROJECTOS

VB- Os projetos são muito diversos. Mais uma vez digo que a maior parte dos projetos que decorrem, são projetos quase individualizados que podem depois ser agrupados e decorrem da relação muito íntima entre uma unidade de investigação e o seu suporte ao doutoramento e diríamos que isto de ser suporte de um programa doutoral é desde logo um projeto fundamental. A investigação em design formalizada não é, nós começamos em 2009, portanto uma coisa com tradição tem fragilidades organizacionais como já disse e, portanto, eu diria que para já, nós nunca nos apresentámos aos potenciais candidatos aos nossos doutoramentos como uma investigação enquadrada por grupos e a dizer nós vamos abrir um doutoramento com x vagas para esta área científica, para aquela área científica e para aquela área científica. O que nós fazemos, em sede dos editais, é apresentar as áreas em que nós consideramos dentro daquelas que eu apresentei, que gostaríamos de investigar e de investir naquela edição doutoral e tentar, depois na seleção dos candidatos, ver aqueles que mais se aproximam, com os seus próprios projetos, daquilo que são esses desígnios. Portanto quando se diz "que projetos" esta questão é fundamental que é nós temos um projeto que é um programa doutoral que nos trás para dentro um conjunto de projetos que são relativamente dispersos ma correlacionados com aquelas linhas de investigação, ponto um.

Fechando este ponto e passando para algo mais formalizado. Que projetos? Nós tivemos projetos que sempre acarinhámos um, como eu já disse, museologia e museografia de design, nós achamos que a museologia e a museografia, do design português, está de uma forma sistemática e organizada por fazer, achamos que, normalmente, tudo quanto é história do design português e até a história do design, segue um conjunto de parâmetros muito ligado a outras disciplinas como a história, a antropologia, a sociologia, etc. e parece não incluir uma perspectiva de design, portanto, essa perspectiva do design, metida com a própria história do design português e cruzada com isso que deu origem a um conceito que definimos e apresentámos à FCT como *reverse design*, fez com que tivéssemos a nossa primeira candidatura a um projeto de investigação aprovada: Portanto vamos ter, e isto é recente, um projeto a iniciar, ainda este ano, que se chama Centro de Interpretação do Design Português e que se prende com o que eu disse. Outro projeto, que diria fundamental, foi a nossa ligação à iniciativa da Câmara Municipal de Paredes com uma coisa que se chamou *art on chairs* e que tinha a ver com a promoção da indústria de mobiliário, do concelho de Paredes, e que nós participámos juntamente com a ESAD, com a Sete Pés. Portanto uma parceria alargada no sentido de promover o conhecimento e a introdução da disciplina, nas empresas, ou a apreensão da importância da disciplina, pelas empresas daquele território, por um lado, por outro lado, para dar visibilidade à capacidade produtiva instalada, naquela região que, no âmbito do mobiliário é notável, ou seja fez-se ali, digamos, um triângulo, quanto a mim, virtuoso, entre as empresas, academia e o poder local no sentido de promover a indústria local, a capacidade instalada de produção, mas também, na sua relação com o próprio design, como eu afirmei, há pouco, ter uma valorização simbólica dos seus produtos e portanto gerar mais-valias e sucesso comercial a partir daí.

### 3.2. COMO SÃO DEFINIDAS AS APOSTAS PRIORITÁRIAS EM PROJETOS, TÓPICOS OU LINHAS DE INVESTIGAÇÃO?

VB- Isso não é ainda uma coisa completamente sistematizada, eu diria que isso tem muito a ver com aquilo que são o peso de uma determinada área, num determinado momento, no quadro de investigação da própria unidade de investigação. Digamos que a nossa orientação é sempre promover as iniciativas que valorizam o conjunto de áreas estratégicas que nós definimos, à priori, portanto, todo o conjunto de projetos que vão nesse sentido e lhe dão mais peso, nós acarinhamos. Agora esta dualidade entre projetos de investigação clássicos, com financiamentos pelo edifício de investigação, ou nacionais europeus, versus as colaborações com empresas ou entidades institucionais, para uma equipa pequena, são, digamos, em cada momento, valorizados por aquilo que nos parecer mais promissor. E o que é isso de mais promissor? Mais promissor, no sentido de que nos permitem um conjunto de financiamentos e recursos que permitem ter mais gente a trabalhar e, naqueles que nos permitem também pensar que, em termos dos resultados científicos, no sentido da sua abrangência, da sua generalização e internacionalização, nos parecem mais fortes.

## 4. [A RELAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO E A PROFISSÃO]

### 4.1 EXISTE UMA DISSOCIAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, E A PROFISSÃO DO DESIGN? QUAL A SUA EXPRESSÃO NO TECIDO ECONÓMICO?

VB- Essa é uma grande questão. Eu acho que há uma falta de estudos objetivos sobre isso. Isso era uma questão que tem que ser estudada. Não há nenhuma evidência científica daquilo que fazemos nos Centros de Investigação, que tenha um impacto direto na atividade profissional. Mas dá-me ideia que nem aqui nem em qualquer parte do mundo, portanto, não há, e eu gostava, por acaso, de conhecer estudos que ao nível de outros países nos dessem uma evidência e as evidências normalmente são numéricas, são estatísticas. Estamos a falar de

evidências numéricas, estatísticas, algo que possa demonstrar, perante os definidores de políticas públicas, de que isto vale a pena. Outra coisa é a certeza que eu tenho para mim, de que a investigação em design e essa prática continuada, prepara esses agentes, do ponto de vista da sua leitura disciplinar. Prepara-os e qualifica-os de uma sobremaneira e isso vai notar-se, quanto a mim, na sua qualidade como formadores, porque a maior parte da gente que faz investigação está ligada ao edifício da formação em design em Portugal. Isto é verdade e alguns profissionais que nos dizem que também, este conjunto de estudos, de alguma maneira, qualificaram a sua prática. Digamos que, uma prática de serviço, como poderá existir noutras áreas, como nomeadamente nas engenharias que é direto, ou seja, os profissionais recorrerem aos centros de investigação para verem um assunto qualquer estudado. Eu penso que isso ainda não acontece e, portanto, pode haver aí algum desligamento.

## **5. [A RELAÇÃO COM OS TECIDOS INDUSTRIAL E INSTITUCIONAL]**

### **5.1 QUEM SÃO OS “STAKEHOLDERS” DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN EM PORTUGAL?**

VB- Os stakeholders da investigação em design em Portugal são os académicos. São fundamentalmente os docentes, quer ligados à área do politécnico, quer à área da universidade, que precisam de se qualificar, por um lado fundamentalmente dos protagonistas mais diretos. Depois obviamente as universidades e as outras instituições de ensino superior que vêm os seus docentes mais qualificados e mais produtivos, do ponto de vista científico, que hoje são nomeadamente, do ponto de vista das publicações, etc., indicadores fundamentais daquilo que é o desempenho, não só das pessoas, mas das instituições.

## 6. [AS REDES (NACIONAL E INTERNACIONAL)]

6.1 DADA A CRIAÇÃO RECENTE DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO LIGADAS A ESTA DISCIPLINA, GOSTARIA DE SABER SE A ATIVIDADE NESTA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO SEGUE ALGUMA INFLUÊNCIA DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO INTERNACIONAIS?

VB- Eu diria que sim, quer nacionais, quer internacionais. Eu sou doutorado em engenharia e durante muitos anos fui investigador do INESP do Porto. Há um historial metodológico de como se fazia investigação, nessa unidade de investigação, que eu trouxe para esta área em Aveiro. Há quem diga que nós, em Aveiro, temos alguma dimensão fundacional, na própria investigação em design. O Eduardo Corte Real costumava dizer isso. E se temos, uma das razões prende-se também porque eu, sendo engenheiro, venho de uma escola onde a ideia de investigação está instalada e, portanto, escrever pappers, fazer investigação, no dia-a-dia, era uma coisa que fazia parte da minha missão. Eu era docente, no politécnico, nem sequer era docente numa universidade, e portanto, dizia-se que na altura a investigação, num politécnico, não eram bem assim. Havia alguns que mantinham uma ligação, neste caso, à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e que ia-mos fazendo no INESC, neste caso, na parte de eletrotecnia, investigação e portanto, eu aprendo muito aí e levo isso, mas por exemplo a minha colega Teresa Franqueira, que faz o doutoramento no politécnico de Milão, trás para dentro da unidade de investigação toda essa escola de 3 anos que ela esteve imersa naquilo que era a abordagem à investigação e à relação com a sociedade, e que era promovida pelo INDAQ, ou seja, a unidade de investigação do politécnico de Milão. Por outro lado, o Heitor Alvelos, vem do Royal College of Arts trás também uma outra cultura associada ao desenvolvimento de investigação lá, portanto quer, dizer intuitivamente ou logicamente, cada um de nós trouxe a sua experiência para dentro das unidades de investigação.

## ENTREVISTA AO RESPONSÁVEL DE CENTROS DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN ID+ -FBAUP

ID+ - FBAUP PROFESSOR DOUTOR HEITOR ALVELOS



### 1. [O PORQUÊ DE UMA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN]

#### 1.1 O QUE SE PRETENDE DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUE APLICABILIDADE?

HA- A investigação em design é uma área recente, a capacitação científica do design tem pouco mais de duas décadas, em termos de reconhecimento internacional e de implementação. Tendo isto em conta é preciso termos realmente a consciência de que estamos na infância dessa mesma implementação, num horizonte macroscópico enquanto disciplina científica. Portanto, antes de mais, eu penso que é prioritário que, efetivamente a investigação em design seja legitimada cientificamente, ou seja, segundo os parâmetros científicos que regem outras áreas, mas é claro, também de extrema importância e mais ainda nos dias que correm é que a investigação em design seja capaz de produzir uma transferência de conhecimento o mais eficaz possível, para contextos concretos de desenvolvimento, quer ele ocorra a nível empresarial, industrial, cultural, em termos de cidadania.

## 1.2 EM PORTUGAL, ONDE SE REALIZA A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

HA- Formalmente podemos obviamente, desde logo, apontar para uma série de cursos que têm vindo a surgir, em particular estes cursos de doutoramento sediados no Porto e em Aveiro em parceria com um plano curricular equivalente e um intercâmbio de docentes assegurado. Obviamente aí nos situamos, mas é evidente que esse interesse também tem vindo a surgir em muitos outros contextos, a nível nacional. Mas é importante considerarmos também que a investigação está intrínseca à própria prática do design, enquanto profissão. Portanto temos que ter essa consciência. Eu não digo que essa prática do design, enquanto profissão, possa e deva ser legitimada cientificamente segundo os mesmos mecanismos académicos. Eu penso que não, acho que a investigação científica tem o seu próprio universo de operação, mas há claramente uma dimensão que tem que ver com a problematização do mundo da comunicação, da cultura, dos artefactos que está, logo à partida, presente na própria profissão do design e que é análoga, complementar e contributiva para o universo científico que o design pretende estabelecer.

## 1.3 QUANDO COMEÇOU E COMO FOI SENDO CONFIGURADA ESTRATEGICAMENTE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS?

HA- Estas coisas são sempre muito mais fluídas do que parece, ou seja, a investigação em design não surge por decreto, portanto é muito difícil chegarmos aqui e dizer, aos tantos do tal criou-se isto ou aquilo. Se calhar até podemos dizer isso na medida em que os cursos são aprovados pela A3ES, mas essa se calhar é a parte menos interessante na medida em que trata apenas de formalizar e balizar, em termos narrativos também, algo que é muito mais fluído. O que eu posso dizer é que fui o primeiro português a doutorar-me em design. Isto aconteceu vai fazer em Junho 10 anos, portanto é uma história recente. É também a história, de alguma forma, da emancipação do design relativamente ao universo das artes, no seu todo, ou seja, é a consciência de que,

enquanto universo de conhecimento, o design terá uma palavra e uma possibilidade de autonomia que provavelmente não possuía anteriormente, ou pelo menos de uma forma tão declarada e tão explícita e tão legível. A partir daí há agentes, que todos conhecemos, nomeadamente os diretores dos vários cursos que estão em funcionamento, neste momento.

O próprio projeto do ID+ surgiu essencialmente de conversas informais entre mim e o Vasco Branco em que reconhecemos ambos, obviamente, que o contexto português e em particular, o norte de Portugal, eram demasiados específicos para estarem a ser espartilhados em termos de massa crítica e matéria pensante e portanto achámos que só podíamos trabalhar, no sentido de uma convergência da massa crítica de Aveiro e do Porto. Mas lá está tudo isto surgiu em conversas entre estas pessoas e não outras, poderiam ter sido outras, foram estas.

Até que ponto é que interessa, realmente, também entrar nesse tipo de narrativa já muito circunstancial. Se calhar, neste contexto, não é muito aquilo que se procura. Portanto o que eu diria essencialmente é que esta disciplina, enquanto área científica, tem-se vindo a implementar e a legitimar, em termos científicos, através destes processos doutorais de há dois anos para cá e que assistimos, no último par de anos, ao emergir de uma segunda geração em que há já uma série de gente que passa a obter o seu grau de doutor já por mão desta primeira leva de doutorados. Portanto eu, o Vasco, etc. Acho que vão ser uns anos interessantes, os que vêm por aí porque vamos assistir à transição desta geração que, de alguma forma, liderou este fundar da disciplina, enquanto área científica, para uma nova geração que já vive nesse meio, já se formou nesse meio, ainda de forma crescente e gradualmente visível, mas que ainda assim não teve que abrir o caminho a partir do nada. Acho que isso vai ser interessante e é gente que obviamente terá as suas ideias e as suas lógicas de implementação. Vamos ver o que aí vem. Acho que vão ser uns anos interessantes mais ainda também porque esta relação com o universo fora do design, acho que está, neste momento, também a ter muita legibilidade e muita possibilidade de intervenção. O doutoramento em design, por parte da Universidade do

Porto, acabou de apresentar uma candidatura à FCT, que foi bem-sucedida. Tivemos uma excelente classificação de 9 em 10, numa parceria, obviamente com a Universidade de Aveiro, com o ID+ e com o UPTEC, com Parque Tecnológico da Universidade do Porto, que é incubador de empresas, que apareceu na candidatura à FCT como entidade coproponente. Portanto o próprio painel internacional de avaliadores que avaliou a nossa candidatura e nos deu uma excelente classificação e nos atribuiu as dez bolsas anuais, por edição, reconheceu, no próprio relatório, que fez da avaliação que uma parte absolutamente central para o sucesso da nossa candidatura tinha que ver precisamente com esta articulação com o Parque Tecnológico e com a incubadora. Portanto isto está a ser lido, está a ser percebido, ao mais alto nível.

#### 1.4 QUE INFRAESTRUTURAS SÃO NECESSÁRIAS PARA REALIZAR A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?

HA- Eu diria que essencialmente o que é preciso são relações humanas. Eu costumo utilizar uma palavra que é uma palavra que nem sempre é muito compreendida, mas que para mim diz realmente aquilo que precisa de ser dito: é preciso promiscuidade. O que é que eu quero dizer com isto? Que as pessoas têm que começar a olhar para locais para onde se calhar normalmente não olhariam, têm que prestar-se a conviver com determinados setores profissionais, cívicos, culturais que também não são necessariamente aqueles em que se movimentam normalmente e é, através precisamente deste tipo de convivências inusitadas ou supostamente inusitadas, que eu penso que podemos dar um grande salto quântico. A ideia do doutoramento em design passar a funcionar fisicamente no espaço do UPTEC. O Parque de Ciência e Tecnologia tem a ver precisamente com isso. Parece-me mais do que montar uma infraestrutura, a nível de equipamentos ou de determinado tipo de sistemas de circulação, ou o que quer que seja, é preciso essencialmente é conviver diariamente com aqueles que são os nossos potenciais parceiros. Portanto o essencial, aliás que nós estamos a fazer

aqui no Porto, neste momento, é precisamente apostar muito nesta ideia de que precisamos de pôr os estudantes de doutoramento num espaço onde possam viver durante o dia e ao viverem nesse espaço estão no quotidiano a cultivar relações e cumplicidades com estas empresas que aqui estão sediadas.

## 2. [MISSÃO OBJETIVOS/PENSAMENTO ESTRATÉGICO]

### 2.1 QUAL A MISSÃO E OBJETIVOS DEFINIDOS PARA A UNIDADE? QUE VISÃO DA DISCIPLINA E DA INVESTIGAÇÃO SUSTENTA A ATIVIDADE? COMO SE ORGANIZA A UNIDADE

HA- O ID+ foi fundado no pressuposto de que Portugal, e em particular a região norte, precisam de ter uma visibilidade e legibilidade acrescida, em termos das suas mais-valias. Reconhecemos que há muito capital humano, competências e obra feita que, no entanto, em termos da sua legibilidade exterior adota fortemente referências que nos são completamente extemporâneas. Caso clássico da Fly London, que é mesmo o caso clássico deste tipo de enunciações, mas que não é o único, longe disso. E portanto o ID+ foi fundado no pressuposto de que a investigação e desenvolvimento podem trabalhar em setores patrimoniais, portanto tem a ver com a própria existência de marcas associadas à indústria da região norte de Portugal que desapareceram, que regressam, em que termos, que mais-valias é que podem conter, que outras marcas também poderão surgir, de que maneira é que todo este território, que é um território de capital industrial, patrimonial, pode efetivamente ser insuflado com uma nova vida que lhe permita impor-se em termos narrativos, em termos mesmo, económicos.

A questão da viabilidade económica, nos dias que correm, é fundamental. Portanto o ID+ surge nesse pressuposto de que há trabalho a fazer que tem que ver com a revisitação e a recapacitação desta região norte de Portugal, e do país no seu todo, no sentido de uma reinvenção em termos narrativos, em termos económicos e em termos da sua legibilidade. À volta disso depois gira muita coisa incluindo uma

ideia, que para mim é fundamental e tem sido essa aliás a minha área de investigação prioritária, que é a questão do envolvimento dos cidadãos nesse processo. Eu sou um grande defensor, sempre fui, nem sempre bem recebido por isso, da ideia de que o design não é uma atividade especializada é uma atividade intrinsecamente humana. Somos todos criativos, temos todos capacidade, vontade de comunicar e temos todos, de uma forma mais ou menos sofisticada, também vocação estética, a partir daí, obviamente, é que podemos sistematizar esse tipo de práticas e tornarmo-nos profissionais, mas isso não impede que cada cidadão, no meu entender, seja, até certo ponto, um designer efetivo. E portanto este trabalho, a nível da cidadania, da capacitação dos cidadãos para que eles próprios sejam capazes de contribuir para uma dimensão criativa do seu quotidiano, para mim é indispensável, também para o trabalho que temos vindo a desenvolver no ID+.

### **3. [QUE ORGANIZAÇÃO/QUE PROJETOS/QUE GRUPOS/QUE LINHAS]**

#### **3.1 QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO DESSE CENTRO? QUE PROJECTOS**

HA- Tem a ver com a questão das heranças culturais, patrimoniais. Há muita produção cultural que está entregue a si mesma que é preciso recuperar, sistematizar, projetar, que é a questão dos observatórios e dos museus, imagem documental, marcas, histórias de vida, por aí fora. A sua associação eventual, ou autonomia, relativamente à questão dos novos media, é uma outra linha importantíssima. Tenho, por exemplo um doutorando, o Jorge Pereira, que está a trabalhar com a Câmara de Paredes, no sentido de agregação de património semântico associado à indústria do mobiliário, numa plataforma online. Portanto a questão dos interfaces é também fundamental. Depois temos esta ideia da cidadania, participação, a questão do envolvimento social. Temos a relação com a indústria, obviamente também, e a partir daí, eu diria, um campo mais experimental onde equacionam as práticas de vanguarda artísticas, de desenho. O desenho também como linguagem que

enforma o próprio desenvolvimento do pensamento. Portanto essencialmente são estas áreas, as áreas que temos definido.

### 3.2 COMO SÃO DEFINIDAS AS APOSTAS PRIORITÁRIAS EM PROJETOS, TÓPICOS OU LINHAS DE INVESTIGAÇÃO?

Isto tem muito a ver com o papel de liderança, ou seja, alguém que dirige um Centro de Investigação, naturalmente implementa, antes de mais, a sua leitura de uma determinada situação. Portanto coube-me a mim e ao Vasco desenharmos estas áreas. Eu devo dizer, de qualquer forma, que são áreas que se transformam e são evolutivas e eu próprio tenho insistido bastante que, no próximo ano, mais tardar, nós temos que fazer uma revisão deste mapa que traçámos originalmente. As coisas transformam-se. Eu estou aqui a olhar precisamente para aquilo que é a nossa declaração, em termos da próxima edição do doutoramento em design, que está agora aberta. As candidaturas estão abertas neste momento e a questão dos novos modelos de autoria, a questão da produção em massa customizada, por exemplo, a questão da produção para nichos que contradiz imenso aquela ideia determinista que existia, há não tanto tempo assim, que íamos todos estar a conceber a mesma coisa, quando no fundo se revela o contrário. A questão de uma espécie de distopia em que estamos metidos e aquilo que o design tem a dizer sobre isso. Como é que o design e a investigação em design se posicionam perante esta solução de catástrofes que também têm vindo a acontecer? E se há realmente um espaço também para desenvolver face ao universo da catástrofe? São tudo questões que precisam de ser legitimadas e pensadas, portanto muito para a frente eu vou estar a propor isto em termos de uma incorporação efetiva no que é o mapa de investigação em ID+, sendo que, de qualquer maneira todos estas questões que eu referi já estão, neste momento, enunciadas no site do doutoramento como preocupações para serem abordadas já, em termos do próprio doutoramento.

#### 4. [A RELAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO E A PROFISSÃO]

##### 4.1 EXISTE UMA DISSOCIAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, E A PROFISSÃO DO DESIGN? QUAL A SUA EXPRESSÃO NO TECIDO ECONÓMICO?

HA - Acho que não existe dissociação nenhuma, agora a profissão leva umas boas décadas de adianto e portanto está, de alguma forma, já cristalizada numa leitura exterior em relação à qual agora a investigação em design também tem que também tem que se posicionar. Acho que são coisas diferentes como disse há pouco. São complementares, é evidente, mas é capaz de ser necessário resolver aí alguns estigmas, na medida em que persistem determinados paradigmas, quer fora do design, quer dentro do próprio design, segundo o qual nós temos basicamente é que fazer. Portanto chega-nos determinado tipo de contexto sobre o qual produzimos e nós produzimos. Ao lado disto, no entanto, acho que há experiências muito encorajadoras, cito o caso da Transformadora que, sendo uma empresa de design, digamos que tradicional, basicamente a satisfazer determinado tipo de encomendas, dá um salto quântico de há uns anos para cá e transforma-se numa empresa de consultoria. Eles continuam a desenhar coisas, continuam a produzir projetos de design, mas recuam em termos do seu próprio envolvimento, até ao ponto da própria definição de parâmetros da raiz, conceptuais, estratégicos, acompanham os clientes de raiz, em termos da própria formulação do problema ao qual é preciso dar resposta. Eu acho que é muito por aí que vai o caminho. Continuo a dizer, e isto se calhar não é validável academicamente, mas porque é que não é validável academicamente? Basicamente porque não está a comunicar-se nesses termos. Porque a partir do momento em que se comunicasse nesses termos, eu penso que era perfeitamente legítimo que o fosse.

## 5. [A RELAÇÃO COM OS TECIDOS INDUSTRIAL E INSTITUCIONAL]

### 5.1 QUEM SÃO OS "STAKEHOLDERS" DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN EM PORTUGAL?

HA- Acho que neste momento, pelo que me foi concedido pela FCT, acho que tenho qualquer coisa nas mãos que é importante. Redigi uma proposta de financiamento à FCT que foi aprovada com uma excelente classificação. Portanto é um enorme voto de confiança que me foi dado e consequentemente à equipa. Parece mal dizer isto, mas acho que é verdade. Quero dizer, não havia este reconhecimento da FCT que é um enorme aval de um trabalho que temos vindo a fazer durante esta década foi isso, antes de mais, que nos satisfaz. Houve a compreensão, por parte deste painel internacional, de que há aqui qualquer coisa importante a ser feita.

Agora voltando à ideia dos stakeholders, nada disto faz sentido se não houver vontade de um trabalho em rede, ou seja, se isto fosse usado para começarmos a criar aqui determinado tipo de redutos (eu é que mando aqui) se de alguma forma implantássemos esse modelo, rapidamente acho que perdíamos aqui esta mais-valia que nos foi concedida pela FCT. Portanto a primeira coisa que temos que fazer, perante este reconhecimento, é tornar este reconhecimento o mais inclusivo possível. Quem quiser vir trabalhar connosco tem as portas abertas, ou seja, aquilo que eu dizia há pouco, quem entra nesta sala faz parte. É uma filosofia de trabalho não é só uma simpatia e queremos manter esse espírito, a todo o custo.

## 6. [AS REDES (NACIONAL E INTERNACIONAL)]

### 6.1 DADA A CRIAÇÃO RECENTE DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO LIGADAS A ESTA DISCIPLINA, GOSTARIA DE SABER SE A ATIVIDADE NESTA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO SEGUE ALGUMA INFLUÊNCIA DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO INTERNACIONAIS?

HA- Claro que sim, mas eu não lhe chamaria tanto influência como lhe chamaria mais a questão de estabelecermos aqui uma rede de contacto mútuo, ou seja, eu trabalho desde a altura do meu doutoramento, em particular com o Royal College of Art , em Londres, com a *Richmond College*, também em Londres, embora seja uma escola americana, com o

programa Austin Portugal, do qual sou codiretor, com a European Academy of Design por mão da Rachel Cooper, com a Brighton University pela mão de Bruce Brown, portanto há aqui uma rede de intervenientes relativamente aos quais nós não somos ninguém dos subsidiários, somos parceiros. Eu acho que em Portugal temos muito aquela ideia de que só podemos, de alguma forma, impor-nos a partir do momento em que importamos determinado tipo de validação, e acho que o nosso trabalho tem vindo a ser importante também porque recusa esse modelo. Nós não temos que nos colocar numa situação na qual sofremos a influência de. Trabalhamos de igual para igual com uma rede de parceiros internacional, que nos inspira e que nós inspiramos, e esse sentimento de reciprocidade é de extrema importância. É também por isso que eu penso que esta candidatura foi bem sucedida porque ela não cometeu o eventual equívoco de se definir como uma espécie de versão periférica de qualquer coisa que está a acontecer lá fora. Não nós arriscámos, na própria candidatura, lançámos uma série de desafios que são claramente terreno por desbravar, mesmo a nível internacional. Esta ideia do design para a catástrofe, não vem de lado nenhum, vem daqui e portanto é esse trabalhar em rede com outros contextos e outros centros que é também, simultaneamente, aquilo que eu acho que é o que mais precioso temos em mãos e mais uma vez se regressa àquela questão. Porque é este Centro e não outros? Bom no caso de Austin por determinação governamental. Foi o anterior governo, em particular Ministro Mariano Gago e o Secretário de Estado Manuel Heitor que basicamente pegaram na Universidade do Texas, em Austin, na Nova de Lisboa e na Universidade do Porto e disseram entendam-se. Todos os restantes exemplos, que eu referi, o Royal College of Art, em Londres a *Richmond College*, o Politécnico de Milão, que não referi, a European Academy of Design e por aí fora, acontecem por via das pessoas concretas. Voltamos àquela questão de que o que se constrói, em última instância, tem a ver com as pessoas concretas, com os indivíduos, com cumplicidade, com empatia, tem sido muito por aí. É esse o segredo. As coisas é assim que se constroem

## ENTREVISTA AO COORDENADOR DA LINHA DE INVESTIGAÇÃO EM CULTURA MATERIAL E CIÊNCIAS DO DESIGN, UNIDCOM

UNIDCOM PROFESSOR DOUTOR EDUARDO CÔRTE-REAL



### 1. [O PORQUÊ DE UMA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN]

#### 1.1 O QUE SE PRETENDE DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUE APLICABILIDADE?

ECR - A aplicabilidade de qualquer processo de design que, embora não implique investigação, passa a implicar investigação. Portanto a aplicabilidade é toda a dimensão do design, ao nível da investigação em design.

Uma unidade de investigação, em design, visa, em primeira instância, legitimar a presença do design, na universidade. Essa é a sua primeira instância, a segunda instância tem a ver com o desenvolvimento, sempre constante, de conhecimento, que vai alimentar depois o ensino e a profissão dos designers.

A aplicabilidade, a que respondi primeiro, tem a ver com toda a aplicabilidade que existe para o design só que reforçada pela investigação.

## **1.2 EM PORTUGAL, ONDE SE REALIZA A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?**

**ECR** - Que eu conheça, realiza-se nos Centros de Investigação, nas Universidades e nos Institutos Politécnicos em que, dum forma ordenada, ou menos ordenada, existem pessoas a fazer o doutoramento ou a preparar projetos de investigação, nas unidades de investigação. Acredito que, nalgumas empresas de topo, de ponta, tenham gabinetes de investigação e desenvolvimento onde se realiza investigação muitíssimo aplicada, ou clínica mesmo.

### ***MJF\_ RELATIVAMENTE À INVESTIGAÇÃO FEITA NUM ATELIER, CONSIDERA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?***

**ECR** - Considero, só que nós temos que separar aqui aquilo que é investigação que é reconhecida pelos pares, a investigação com carácter científico ou académico e que tem os seus meios de produção, de divulgação e de validação, da investigação que se realiza corretamente. Não quer dizer que uma seja melhor do que a outra, mas acho que têm fins diferentes. Até porque, muita da investigação que se realiza nesses ateliers, deve ser secreta e muita da investigação que se realiza, nas universidades deve ser comunicável, disseminada e validada pelos pares.

### **1.3 QUANDO COMEÇOU E COMO FOI SENDO CONFIGURADA ESTRATEGICAMENTE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN? QUEM FORAM OS PROTAGONISTAS?**

**ECR** - Essa deu-me um pouco que pensar e das duas uma, ou nós voltamos mesmo atrás e pegamos na geração que é anterior à minha e começamos a dizer que eles são pioneiros e que se preocupavam com ler, validar questões , etc. ou dizemos não: a investigação tem as suas regras, tem aquelas regras muito claras metodológicas, tem a validação pelos pares e tem a disseminação e a publicação.

Portanto, em consequência, se pegarmos só nessa eu acho que o primeiro contacto que eu tive com investigação, em design, foi o

trabalho do Paulo Parra de Doutoramento. Depois há outro marco que é a realização da Conferência Internacional da EAD, European Academy of Design, em Abril de 2001, organizada pela Universidade de Aveiro, outro marco, em 2002, que é o primeiro projeto , em arquitetura e urbanismo, mas é um projeto de design. E em 2003, a UNIDCOM é reconhecida, em estudos artísticos, e como unidade de investigação específica de design já existia uma unidade de investigação da Universidade de Aveiro, mas estava em Ciências da Comunicação e, portanto, era sempre muito mal avaliada em Ciências da Comunicação. Estes acho que são aqueles que dão mesmo o lançamento e depois, a partir daí, acho que o marco, sem dúvida ,é a realização da Conferência de Design Research Society, em 2006, em que de facto a comunidade mundial da investigação em design, porque como deve saber, há uma certa rivalidade e entre a EAD e a DRS, por tanto aí fechou-se o ciclo da grande comunidade de investigação académica em design.

E há sempre uma coisa que eu não me posso esquecer e que nós tendemos a esquecer que tem a ver com a Experimenta, com a primeira Experimenta, em 99, com aquela grande depressão, mas vieram cá pessoas muito importantes, através do Marco Sousa Santos, vieram cá pessoas já muito consolidadas na investigação em design.

Portanto, em conclusão, para trás eu confesso que teria que ir investigar e acho que é importante que alguém faça a história da investigação em design para aí para trás. De facto a investigação em design é uma coisa deste milénio. E não tanto do outro.

#### **1.4 QUE INFRAESTRUTURAS SÃO NECESSÁRIAS PARA REALIZAR A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN?**

**ECR** - Boa biblioteca em design e nós, acho que temos a melhor de Lisboa, acessos às bases de dados com as revistas importantes.

Os obras de referência nós temos que as ter acessíveis, é imperdoável não conhecer aqueles grandes compêndios e obras de referência. Depois o acesso às revistas que, através de uma série de plataformas, que se pode ter acesso às revistas aos jornais e elas são mais ou menos

60 importantes. Razoavelmente importantes. A Universidade de Swinburne fez um elenco.

Depois, obviamente, são precisos espaços e depois a coisa torna-se muito específica consoante o tipo de investigação que estamos a fazer. E então é óbvio que se for uma investigação muito aplicada vamos ter que ter suportes digitais de oficinas, etc. Estas são as questões fundamentais, que é o acesso ao conhecimento e a possibilidade de processar o que é novo conhecimento.

## 2. [MISSÃO OBJETIVOS/PENSAMENTO ESTRATÉGICO]

### 2.1 QUAL A MISSÃO E OBJETIVOS DEFINIDOS PARA A UNIDADE? QUE VISÃO DA DISCIPLINA E DA INVESTIGAÇÃO SUSTENTA A ATIVIDADE? COMO SE ORGANIZA A UNIDADE

**ECR** - Nós organizamo-nos através dos estatutos que tem um Conselho Científico, que tem um Presidente. Temos linhas de investigação e temos uma Direção que tem um Diretor Executivo que dirige também, porque os laboratórios, no IADE, devem, em 50 %, estar ao serviço da investigação e que reúne com os responsáveis dos laboratórios. Portanto isso trata da gestão corrente e dessa questão do tempo de laboratório e também das questões do financiamento, pedidos de pagamento, pagar coisas, etc.

O Conselho Científico valida todos os pedidos que são feitos para financiamento. Temos três linhas de investigação e essas três linhas de investigação têm diferentes dimensões.

Tudo isto é a estrutura, mas depois, em qualquer parte, o que funciona são as individualidades. Cada um trabalha mais ou menos por si e depois reúne-se com os outros consoante existem mesmo, de facto, projetos a funcionar.

No que diz respeito à visão estratégica, vou andar doze anos atrás. E porque é que nós decidimos criar esta unidade de investigação? Porque na altura o IADE tinha dois cursos superiores, era uma escola universitária independente, mas era uma escola universitária e nós

definimos, como eixos prioritários, crescer verticalmente, ou seja, nos três ciclos, e disseminarmos horizontalmente, sobretudo no segundo ciclo, e conseguir estrategicamente que, progressivamente, os nossos alunos não pagassem, o que é muito estranho, mas o objetivo era conseguir atrair bolsas, através de projetos, em que os nossos alunos pudessem estar envolvidos e não tivessem que pagar propinas. Portanto havia esse aspecto muito estratégico de funcionar, eu diria como uma universidade ou um instituto anglo-saxónico ou americano, que embora fosse privado, os alunos ou as famílias dos alunos, não tivessem que pagar. E depois é essa verticalização do conhecimento, ou seja, ter alguém a produzir conhecimento e esse conhecimento poder baixar e assim conseguirmos avançar muito rapidamente na disciplina, o que tem acontecido, se calhar não tão rapidamente como nós quereríamos porque há muitas outras coisas, no conhecimento, que avançam mais rápido ainda, mas basicamente era essa a estratégia.

Recentemente há uma coisa, quase meta-estratégica, que tem a ver com a sobreposição de uma economia de finanças que substituiu uma economia de produção e deu este triste resultado. Portanto há aqui uma questão meta-estratégica que é refazer uma economia de produção introduzindo-lhe novas ideias, novos processos, novos objetivos. É curioso que no princípio havia assim uma espécie de *bus words* que eram sustentabilidade, isso em 2000, e outra que tinha a ver com recuperar a tradição, refazer a tradição, introduzir o design nesta lógica de sustentabilidade e, na atual situação de crise, isso ficou um bocado parado. Por causa desta questão da urgência de não deixar morrer na Europa uma economia de produção e tentar vencer a economia de casino, financeira, que nos trouxe a esta situação.

### 3. [QUE ORGANIZAÇÃO/QUE PROJETOS/QUE GRUPOS/QUE LINHAS]

#### 3.1 QUAIS AS PRINCIPAIS LINHAS DE INVESTIGAÇÃO DESSE CENTRO? QUE PROJECTOS

ECR - Nós temos três linhas de investigação que são: Ciências do Design, Teoria e História da Cultura Material e Marketing e Comunicação. Neste momento projetos formalizados, temos um financiado pela FCT, nesta área da Teoria e História da Cultura Material, sobre o INII, e as primeiras políticas de design, ainda durante o Estado Novo.

Estamos a desenvolver um projeto de história, que estuda esta relação entre a ditadura e os resistentes envolvidos na criação do primeiro núcleo de design do Instituto Nacional de Investigação Industrial, fundamentalmente da década de 50 ao princípio da década de 70. Este está financiado pela FCT.

Depois temos um projeto que se chama Ideas Revolution que é trabalhado por dois colegas nossos que estão ambos a fazer o doutoramento e que se tem expandido. Começou por, sobretudo se envolver com as questões regionais e agora com as questões empresariais. Ele envolve com o design, design participatório, também questões de design thinking, e fazem intervenções em empresas bastantes grandes, mas começou por fazer intervenção, que se diria de branding regional. Estes são assim os dois grandes projetos.

Depois há muitos pequeninos projetos que chegam até ao IADE e que se podem resolver, ou muito diretamente com professores e alunos, ou quando são mais demorados, importantes, complexos, envolvem a investigação e a participação de investigadores.

O nosso programa doutoral é o espelho das áreas dos grupos de investigação e se calhar quando chegarmos ao programa doutoral seremos mais claros.

### 3.2 *COMO SÃO DEFINIDAS AS APOSTAS PRIORITÁRIAS EM PROJETOS, TÓPICOS OU LINHAS DE INVESTIGAÇÃO?*

Duma forma de maioria darwinista, eles vão surgindo e uns têm pernas para anda. Aparecem aqui muitas pessoas como uma ideia para um projeto, não nesta fase, mas já houve fases mais ricas, nesse aspeto. As pessoas dizem que estavam a pensar fazer isto ou aquilo, mas o assunto entretanto morre, mas é muito darwinista, vão surgindo, não há nenhuma direção. Eu julgo que, agora com o programa doutoral que foi autorizado há pouco tempo, as coisas se vão focalizar mais.

## 4. [A RELAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO E A PROFISSÃO]

### 4.1 EXISTE UMA DISSOCIAÇÃO ENTRE A INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, E A PROFISSÃO DO DESIGN? QUAL A SUA EXPRESSÃO NO TECIDO ECONÓMICO?

**ECR** - Não tenho estudos sobre isso, mas o que me parece é que, embora os investigadores estudem a profissão, e eu estudei bastante intensamente, a profissão não se interessa muito por aquilo que os investigadores fazem. E a progressão do conhecimento só pode entrar na cadeia alimentar da profissão, digamos assim, pelos estudantes. Ela entra na cadeia alimentar quando os estudantes já vêm fornecidos, tanto com as capacidades de investigação, como com os conhecimentos que são resultados da investigação.

A vida profissional é demasiado voraz para que uma pessoa possa estar a ler artigos científicos, especialmente, mesmo a ler livros que não sejam aqueles que especificamente são necessários, naquele conjunto de tomadas de decisão, que podem constituir um projeto, mas eu acho que, progressivamente e à medida que as universidades forem consolidando os seus espólios ou thesaurus, os profissionais vão, de certeza, estar a querer saber o que é que lá se passa, mas o meio principal pelo qual se consegue projetar o resultado da investigação, na vida profissional, é formando os alunos, que possam vir para as instituições num período, que é um período juvenil e que possam vir

um pouco mais tarde realizar o seu mestrado e ainda um pouco mais tarde para realizar o seu doutoramento.

## 5. [A RELAÇÃO COM OS TECIDOS INDUSTRIAL E INSTITUCIONAL]

### 5.1 QUEM SÃO OS "STAKEHOLDERS" DA INVESTIGAÇÃO EM DESIGN EM PORTUGAL?

**ECR** - Bom há uma espécie de stakeholders fantasmas que seriam as empresas e esses são fantasmas. Eles de vez em quando aparecem e têm aparecido muito cá no IADE, nas situações de crise, mas esses deviam ser obviamente as empresas, o principal seria para eles o resultado da investigação.

São os Centros de Investigação, associados às Universidades, são as Universidades e os Politécnicos. Acho que o que se tem verificado, nos últimos anos, é que a investigação em design e, sobretudo os doutoramentos em design, estão muito limitados à necessidade da formação daquilo que são considerados os docentes do Ensino Superior e técnico-universitário, ou aqueles que têm esse desejo de vir a ser professores universitários, ou no politécnico. Isso não é um bom destino, porque vai terminar e a coisa vai fechar. Tem que haver um outro destino e aí é que o stakeholder invisível se nós o conseguirmos envolver, ou seja as empresas, pode ter um papel determinante. Acho que estrategicamente, como é óbvio, nós temos que pensar doutoramentos que não sejam para a pessoa lecionar.

*MJF\_ MAS A MAIORIA DOS DOUTORAMENTOS QUE ANALISEI, SÃO DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR, QUE ESTÃO POR REGRA ALOCADOS A UM CENTRO DE INVESTIGAÇÃO.*

**ECR** - Há que perceber que, quando essa geração estiver toda doutorada, como é que vamos convencer as pessoas que o doutoramento é um grau importante. Um dos caminhos é o fortalecimento daquilo que os Centros de Investigação podem fazer, o outro caminho é trazer o stakeholder invisível, que são as empresas,

aquelas que já têm uma cultura suficiente para entender que um processo de investigação em design aplicado àquilo que elas querem fazer. Outra coisa como já acontece na engenharia, é os Centros de Investigação gerarem, eles próprios, empresas e haver pessoas, três amigos doutorandos, que se conhecem e dali saem. As pessoas perceberem que estão lá fora, que tiveram uma experiência profissional aqui e acolá e que um bom sítio para ir gerar uma ideia, pode ser voltar à universidade, tomar contacto com outras metodologias mais novas, criar conhecimento e criar a tal centelha que lhe vai criar uma coisa nova.

## 6. [AS REDES (NACIONAL E INTERNACIONAL)]

### 6.1 DADA A CRIAÇÃO RECENTE DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO LIGADAS A ESTA DISCIPLINA, GOSTARIA DE SABER SE A ATIVIDADE NESTA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO SEGUE ALGUMA INFLUÊNCIA DAS UNIDADES DE INVESTIGAÇÃO INTERNACIONAIS?

**ECR** - Internacionalmente as coisas não se organizam em unidades de investigação. Organizam-se numa maneira ligeiramente diferente, mas eu diria que nós somos muitíssimo internacionalizados. Temos umas redes muito grandes de relações internacionais, portanto aquilo que está a ser feito e temos uma vantagem muito grande, é que as pessoas vêm cá, ou melhor, nós já fizemos por isso, ou seja, organizamos de dois em dois anos uma conferência internacional e tenho impressão que somos os mais regulares nisso. Desde 2003, bianualmente, e no caso da DRS sobrepos-se porque se realiza uma grande conferência em anos pares. Portanto nós realizámos 3 conferências em 3 anos consecutivos. Isto implica termos tomado contacto com quase mil personalidades, doutorandos, doutorados, orientadores, coordenadores de grupos de investigação e julgo que é muitíssimo permeável essa influência internacional.



---

## **ANEXOS**

---



ANEXO 1

**PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO EM DESIGN DA FAUTL**

**1º ANO\_ 1º e 2º SEMESTRES**

1.º ano 1.º semestre						
C.F. ADMEN 1.º						
Unidades curriculares	Agrupamento	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Créditos	Observações
			Total	Presencial		
Metodologias de Investigação	D, A, L, CSI	Semestral	280	1P, 42	10	Obrigatória (Avaliação de trabalhos)
Crítica do Objeto	HTALD	Semestral	420	1P, 63	15	Obrigatória (Avaliação de trabalhos)
Práticas Profissionais	D	Semestral	140	1P, 21	5	Obrigatória (Avaliação de trabalhos)
<b>Total</b>			<b>840</b>	<b>126</b>	<b>30</b>	

1.º ano 2.º semestre						
C.F. ADMEN 2.º						
Unidades curriculares	Agrupamento	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Créditos	Observações
			Total	Presencial		
Projetos de Design	D, TALD	Semestral	280	1P, 42	8 + 8 + 10	Obrigatória (Avaliação de trabalhos)
Unidades Curriculares Optativas	D, A, L, CSI, TALD, HTALD, DCV	Semestral	280	1P, 42	10	Obrigatória (Avaliação de trabalhos)
Seminário de Projeto de Tese	D	Semestral	280	21S + 21OT = 42	10	Obrigatória (Avaliação de trabalhos, Apresentação do Projeto de Tese)
<b>Total</b>			<b>840</b>	<b>126</b>	<b>30</b>	

**2º ANO\_ 1º e 2º SEMESTRES**

2.º ano 1.º semestre						
C.F. ADMEN 3.º						
Unidades curriculares	Agrupamento	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Créditos	Observações
			Total	Presencial		
Laboratório I (Estatuto individual de investigação, 1.º Relatório Semestral, Seminário Temático I)	D	Semestral	840	21 S + 21 OT = 42	30	Obrigatória (Avaliação de trabalhos, Relatório Semestral e Fórum de Solução da Investigação)
<b>Total</b>			<b>840</b>	<b>42</b>	<b>30</b>	

2.º ano 2.º semestre						
C.F. ADMEN 4.º						
Unidades curriculares	Agrupamento	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Créditos	Observações
			Total	Presencial		
Laboratório II (Estatuto individual de investigação, 2.º Relatório Semestral, Seminário Temático II)	D	Semestral	840	21 S + 21 OT = 42	30	Obrigatória (Avaliação de trabalhos, Relatório Semestral e Fórum de Solução da Investigação)
<b>Total</b>			<b>840</b>	<b>42</b>	<b>30</b>	

### 3º ANO\_ 1º e 2º SEMESTRES

3.º ano 1.º semestre						
Cursos curriculares	Ano curricular	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Creditos	Observações
			Total	Conteúdo		
Laboratório III (Estreio individual de investigação, 1.º Relatório Semestral, Seminário Temático III)	D	Semestral	840	21 S + 21 OT = 42	30	Obrigatória (Avaliação de trabalho, Relatório Semestral e Prova de Avaliação da Investigação)
<b>Total</b>			<b>840</b>	<b>42</b>	<b>30</b>	

3.º ano 2.º semestre						
Cursos curriculares	Ano curricular	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Creditos	Observações
			Total	Conteúdo		
Dissertação	D	Semestral	840	21 OT	30	Obrigatória (Incluído em Trabalho e Defesa pública da Dissertação)
<b>Total</b>			<b>840</b>	<b>21</b>	<b>30</b>	

ANEXO 2

**PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO EM DESIGN  
DA UA + FBAUP**

<b>1º ANO › 1º SEMESTRE</b>	<b>ECTS</b>
Metodologias de Investigação	6
Seminários em Design I	8
Fenomenologia do Design	10
Opção I	6
Design e Inovação Para os Sectores Tradicionais da Indústria Portuguesa	0
Gestão da Investigação	0
<b>1º ANO › 2º SEMESTRE</b>	<b>ECTS</b>
Seminários em Design II	8
Preparação do Projeto de Tese	16
Opção II	6

<b>2º ANO › 1º SEMESTRE</b>	<b>ECTS</b>
Oficina de Escrita Científica	6

<b>2º ANO › ANUAL</b>	<b>ECTS</b>
Seminário de Investigação em Design I	12
Tese	42

<b>3º ANO › ANUAL</b>	<b>ECTS</b>
Seminário de Investigação em Design II	12
Tese	48

ANEXO 3

**PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO  
DOUTORAMENTO DA FBAUL**

**1º ANO\_ 1º SEMESTRE**

**1º ANO / 1º SEMESTRE**

UNIDADES CURRICULARES	ÁREA CIENTÍFICA	TIPO	TEMPO DE TRABALHO (HORAS)		CRÉDITOS	OBSERVAÇÕES
			TOTAL	CONTACTO		
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Seminário Belas-Artes I	BA	Semestral	420	TP 100 + OT 70	15	Obrigatório
Seminário de Especialidades I *	BA-ESP	Semestral	420	(TP) ou (T) 80 + OT 90	15	Obrigatório

\*Opcional: o Conselho Científico da FBAUL divulgará anualmente o elenco de seminários optativos das especialidades. Os 15 créditos são atribuídos a uma especialidade escolhida.

**1º ANO\_ 2º SEMESTRE**

**1º ANO / 2º SEMESTRE**

UNIDADES CURRICULARES	ÁREA CIENTÍFICA	TIPO	TEMPO DE TRABALHO (HORAS)		CRÉDITOS	OBSERVAÇÕES
			TOTAL	CONTACTO		
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Seminário Belas-Artes II	BA	Semestral	280	TP 80 + OT 70	10	Obrigatório
Seminário de Especialidades II *	BA-ESP	Semestral	280	(TP) ou (T) 80 + OT 70	10	Obrigatório
Seminário de Investigação Orientada **	BA	Semestral	280	TP 70 + P 80	10	Obrigatório

\*Seminário de Especialidades I e II: o Conselho Científico da FBAUL divulgará anualmente o elenco das especialidades.

\*\*O Seminário de Investigação Orientada depende da especialidade de doutoramento que o aluno venha a seguir.

**Legendas: TP - Teórico-Prático; P - Prático; OT - Orientação Tutorial; T - Teórico**

**2º ANO\_1º e 2º SEMESTRES**

**2º ANO - 1º E 2º SEMESTRES**

UNIDADES CURRICULARES	ÁREA CIENTÍFICA	TIPO	TEMPO DE TRABALHO (HORAS)		CRÉDITOS	OBSERVAÇÕES
			TOTAL	CONTACTO		
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Seminário de Orientação I	BA-ESP	Semestral	840	OT 80	30	
Seminário de Orientação II	BA-ESP	Semestral	840	OT 80	30	

**3º ANO\_1º e 2º SEMESTRES**

**3º ANO - 1º E 2º SEMESTRES**

UNIDADES CURRICULARES	ÁREA CIENTÍFICA	TIPO	TEMPO DE TRABALHO (HORAS)		CRÉDITOS	OBSERVAÇÕES
			TOTAL	CONTACTO		
(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
Tese	BA-ESP	Anual	1680	OT 80	60	

ANEXO 4

**PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO  
DOUTORAMENTO DA UL**

Plano de estudos						
Unidade curricular	Área científica	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		ECTS	Obs.
			Total	Contacto		
Seminário e metodologias e técnicas de investigação	Ciências sociais	1º semestre	400	30 (5)	15	
Seminário de epistemologia do design	Teoria e história	1º semestre	400	30 (5)	15	
Seminário sobre fenomenologia do design	Tecnologias	2º semestre	400	30 (5)	15	
Seminário de direção de investigação (Plano e relatório de investigação)	Design	2º semestre	400	10 (0,7)	15	
<b>Total</b>			<b>1600</b>	<b>90 (5) + 10 (0,7)</b>	<b>60</b>	

ANEXO 5

**PLANO DE ESTUDOS DO CURSO DE DOUTORAMENTO  
DOUTORAMENTO DO IADE**

**1º ANO\_1º SEMESTRE**

1º Ano/1º Semestre						
QUADRO N.º 2						
Unidade curricular	Área científica	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Créditos	Observações
			Total	Contacto		
Seminário de Apresentação	HIC	T	19	5,5	2,5	
Seminário da Linha de Investigação em Teoria e História da Cultura Material	HIC	T	19	5,5	2,5	
Seminário da Linha de Investigação em Ciências e Tecnologias do Design	PR	T	19	5,5	2,5	
Seminário da Linha de Investigação em Marketing e Comunicação	MPJ	T	19	5,5	2,5	

Unidade curricular	Área científica	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		Créditos	Observações
			Total	Contacto		
Escrita Académica em Inglês	MPJ	S	274	10 (3)	9	
Seminários de Trabalho de Investigação	HIC	T	340	5 (3)	15	
<b>Total</b>			<b>614</b>	<b>50</b>	<b>30</b>	

**Notas**

(1) Indicando a sigla constante do item 9 do formulário  
 (2) T - Triangular, S - Semestral, A - Anual  
 (3) Número de horas de contacto (T - Teórica, TP - Técnico-prática, S - Seminars, CT - Orientação tutorial)

### 1º ANO\_2º SEMESTRE

**1º Ano 2º Semestre**  
**QUADRO N.º 3**

Unidades curriculares	Ano curricular	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		C. créditos	Observações	
			Teóricas	Práticas			
Seminário Internacional	IIIIC	T	38	5	5		
Seminários de Investigação em Design	IIIIC	T	39	6	1,5		
Inserção em Grupo de Investigação	PR	S	312	017	30		
Dissertação - Investigação e Projeto	PR	T	390	1,5	021	25	
<b>Total</b>			<b>780</b>	<b>30</b>	<b>30</b>		

### 2º ANO\_3º e 4º SEMESTRES

**2º Ano 3º e 4º Semestres**  
**QUADRO N.º 4**

Unidades curriculares	Ano curricular	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		C. créditos	Observações
			Teóricas	Práticas		
Trabalho em Grupo de Investigação	PR	A	780	027	30	
Dissertação - Investigação e Dissertação	PR	A	780	027	30	
<b>Total</b>			<b>1560</b>	<b>60</b>	<b>60</b>	

### 2º ANO\_3º e 4º SEMESTRES

**1º Ano 5º Semestre**  
**QUADRO N.º 5**

Unidades curriculares	Ano curricular	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		C. créditos	Observações
			Teóricas	Práticas		
Investigação Aplicada	PR	S	390	021	15	
Dissertação - Artigo em Publicação	PR	S	390	021	15	
<b>Total</b>			<b>780</b>	<b>40</b>	<b>30</b>	

### 3º ANO\_6º SEMESTRE

**1º Ano 6º Semestre**  
**QUADRO N.º 6**

Unidades curriculares	Ano curricular	Tipo	Tempo de trabalho (horas)		C. créditos	Observações
			Teóricas	Práticas		
Dissertação - Elaboração do Documento	PR	S	780	027	30	
<b>Total</b>			<b>780</b>	<b>40</b>	<b>30</b>	

**Notas**

(1) Indicando a nota constante do item 9 de formulário  
(2) T - Trimestral, S - Semestral, A - Anual

## ANEXO 6



## Relatório preliminar da CAE

## Novo ciclo de estudos | Caracterização do pedido

## Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto

## Relatório da CAE - Novo Ciclo de Estudos

<b>1. Instrução do pedido</b>	
1.1. Deliberações dos órgãos que legal e estatutariamente devem ser ouvidos no processo de criação do ciclo de estudos.	Existem e satisfazem completamente as condições legais
1.2. Docente responsável pela coordenação da implementação do ciclo de estudos.	Foi indicado e tem o perfil adequado
<b>2. Condições de acesso e ingresso, estrutura curricular e plano de estudos.</b>	
2.1. Condições de acesso e ingresso.	Existem, são adequadas e cumprem os requisitos legais
2.2. Estrutura Curricular e Plano de Estudos.	Existe e satisfaz as condições legais
2.3. Evidências que fundamentam as classificações de cumprimento assinaladas.	Os documentos apresentados são elucidativos.
<b>3. Descrição e fundamentação do ciclo de estudos</b>	
<b>3.1. Dos objectivos do ciclo de estudos</b>	
3.1.1. Foram formulados objectivos para o ciclo de estudos.	Sim
3.1.2. Foram definidas competências a desenvolver pelos estudantes.	Sim
3.1.3. Os objectivos definidos são coerentes com a missão e a estratégia da instituição.	Sim
3.1.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
3.1.5. Pontos Fortes.	A parceria inerente à actual proposta. A FBAUL e a UA são instituições de ensino superior de mérito reconhecido a nível nacional na área do Design, com competências demonstradas ao nível pedagógico e científico favoráveis à boa implementação do ciclo de estudos.
3.1.6. Recomendações de melhoria.	Não aplicável
<b>3.2. Da adequação ao Projecto Educativo, Científico e Cultural da Instituição</b>	
3.2.1. A instituição definiu um projecto educativo, científico e cultural próprio.	Sim
3.2.2. Os objectivos definidos para o ciclo de estudos são compatíveis com o projecto educativo, científico e cultural da instituição.	Sim
3.2.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
3.2.4. Pontos Fortes.	Os objectivos do ciclo de estudos estão alinhados com os objectivos da instituição, nomeadamente no que respeita ao vector da promoção de parcerias com outras instituições de ensino superior e investigação científica que potenciem a qualidade da proposta formativa oferecida pela entidade.
3.2.5. Recomendações de melhoria.	Não aplicável

<b>3.3. Da organização do ciclo de estudos</b>	
3.3.1. Os conteúdos programáticos de cada unidade curricular são coerentes com os respectivos objectivos.	Em parte
3.3.2. As metodologias de ensino (avaliação incluída) de cada unidade curricular são coerentes com os respectivos objectivos.	Em parte
3.3.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	<p>As respostas às questões 3.3.5 e 3.3.6 são sempre iguais, não sendo estabelecida qualquer diferença entre "Conteúdos programáticos" e "Demonstração da coerência dos conteúdos programáticos com os objectivos da unidade curricular". O mesmo acontece nas respostas aos itens 3.3.7 e 3.3.8 não sendo nunca enunciada a diferença entre "Metodologias de ensino" e "Demonstração da coerência das metodologias de ensino com os objectivos da unidade curricular".</p> <p>Para além desse facto, as unidades curriculares "Seminários em Design I" e "Seminários em Design II" apresentam exactamente os mesmos conteúdos programáticos. O mesmo problema verifica-se também nas unidades curriculares "Seminários de Investigação em Design I" e "Seminários de Investigação em Design II".</p>
3.3.4. Pontos Fortes.	A inclusão no Ciclo de Estudos de conteúdos programáticos dedicados a estudos fenomenológicos em Design.
3.3.5. Recomendações de melhoria.	Maior objectividade nos pontos anteriormente referidos.
<b>4. Recursos docentes</b>	
4.1. O corpo docente cumpre os requisitos legais.	Sim
4.2. Existe um procedimento de avaliação do desempenho do pessoal docente, de forma a garantir a necessária competência científica e pedagógica e a sua actualização.	Sim
4.3. A maioria dos docentes tem ligação estável à instituição por um período superior a três anos. A instituição mostra uma boa dinâmica de formação do seu pessoal docente.	Sim
4.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
4.5. Pontos fortes.	O corpo docente é amplamente qualificado na área científica do Design assim como nas áreas científicas adjacentes ao Design.
4.6. Recomendações de melhoria.	Não aplicável.
<b>5. Descrição e fundamentação de outros recursos humanos e materiais</b>	
5.1. O ciclo de estudos dispõe de outros recursos humanos indispensáveis ao seu bom funcionamento.	Sim
5.2. O ciclo de estudos dispõe das instalações físicas (espaços lectivos, bibliotecas, laboratórios, salas de computadores, etc.) necessárias ao cumprimento dos objectivos.	Sim
5.3. O ciclo de estudos dispõe dos equipamentos didácticos e científicos e dos materiais necessários ao cumprimento dos objectivos.	Sim

5.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
5.5. Pontos fortes.	A existência de espaços físicos dedicados ao cumprimento de especificidades programáticas é de importância crucial para o bom desenrolar deste ciclo de estudos.
5.6. Recomendações de melhoria.	Não aplicável
<b>6. Actividades de formação e investigação</b>	
6.1. Existe(m) Centro(s) de Investigação reconhecido(s) e com boa avaliação, na área científica do ciclo de estudos.	Sim
6.2. Existem publicações científicas da unidade orgânica, na área predominante do ciclo de estudos, em revistas internacionais com revisão por pares nos últimos três anos.	Sim
6.3. Existem actividades científicas, tecnológicas, culturais e artísticas desenvolvidas na área do ciclo de estudos e integradas em projectos e/ou parcerias nacionais e internacionais.	Sim
6.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
6.5. Pontos fortes.	Existem três entidades promotoras de actividades da investigação com forte ligação a este ciclo de estudos.
6.6. Recomendações de melhoria.	Não aplicavel
<b>7. Actividades de prestação de desenvolvimento profissional de alto nível</b>	
7.1. A oferta destas actividades corresponde às necessidades do mercado e à missão e objectivos da instituição.	Em parte
7.2. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
7.3. Pontos fortes.	Relação privilegiada das entidades de ensino FBAUP e UA com o Centro Português do Design.
7.4. Recomendações de melhoria.	Reforço de iniciativas próprias, promotoras de actividade de desenvolvimento tecnológico, prestação de serviços à comunidade e formação avançada.
<b>8. Enquadramento na rede do ensino superior público</b>	
8.1. Os estudos apresentados (com base em dados do MTSS) mostram empregabilidade dos formados por este ciclo de estudos.	Sim
8.2. Os dados de acesso (DGES) mostram o potencial do ciclo de estudos para atrair estudantes.	Não aplicável
8.3. O novo ciclo de estudos será oferecido em colaboração com outras instituições na região de influência da instituição.	Sim
8.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
8.5. Pontos fortes.	O Ciclo de Estudos constituir uma parceria entre duas das mais fortes entidades de ensino nacionais na área do Design, considerando a Região Norte e Centro do país.
8.6. Recomendações de melhoria.	N/A

<b>9. Fundamentação do número total de créditos ECTS do novo ciclo de estudos</b>	
9.1. A atribuição do número total de unidades de crédito e a duração do ciclo de estudos estão justificadas de forma convincente.	Sim
9.2. Existe uma metodologia para o cálculo dos créditos ECTS das unidades curriculares.	Sim
9.3. Existe evidência de que a determinação das unidades de créditos foi feita após consulta aos docentes e estudantes.	Sim
9.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
9.5. Pontos fortes.	N/A
9.6. Recomendações de melhoria.	Não aplicável
<b>10. Comparação com ciclos de estudos de referência no Espaço Europeu de Ensino Superior</b>	
10.1. O ciclo de estudos tem duração e estrutura semelhantes a ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Sim
10.2. O ciclo de estudos tem objectivos e confere competências análogas às de outros ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Sim
10.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os documentos apresentados são elucidativos.
10.4. Pontos fortes.	À semelhança de outros casos internacionais, o ciclo de estudos aqui apresentado assenta num pressuposto pedagógico que avalisa a seu favor: uma abordagem personalizada a cada aluno com uma forte incidência em conteúdos promotores do desenvolvimento metodológico e da reflexão teórica numa perspectiva tendencialmente autónoma
10.5. Recomendações de melhoria.	Não aplicável
<b>11. Estágios e períodos de formação em serviço</b>	
11.1. Existem locais de estágio e/ou formação em serviço.	Não aplicável
11.2. São indicados recursos próprios da instituição para acompanhar os seus estudantes no período de estágio e/ou formação em serviço.	Não aplicável
11.3. Existem mecanismos para assegurar a qualidade dos estágios e períodos de formação em serviço dos estudantes.	Não aplicável
11.4. São indicados orientadores cooperantes do estágio ou formação em serviço, em número e qualificações adequadas (para ciclos de estudos de formação de professores).	Não aplicável
11.5. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Não são previstos estágios.
11.6. Pontos fortes.	Não aplicável
11.7. Recomendações de melhoria.	Não aplicável

12. Conclusões	
12.1. Recomendação final.	O ciclo de estudos deve ser acreditado
12.2. Fundamentação da recomendação:	<p>O ciclo de estudos conta com a participação de doze docentes doutorados, dos quais nove na área do Design. Desses, quatro são da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto representando</p> <p>46% do total de doutores na área científica predominante do ciclo de estudos: três a 100% e um a 60%. 95% do total de docentes do ciclo de estudos têm um vínculo estável com as entidades parceiras suas promotoras. As actividades de investigação científica na área do Design são comprovadas pelos projectos e publicações do centro de investigação a que os docentes do ciclo de estudos são vinculados. Consideram-se devidamente enquadrados os recursos humanos e materiais afectos ao ciclo de estudos. Cumprindo-se os requisitos para a acreditação do ciclo de estudos, recomenda-se contudo a revisão do estabelecido no ponto 3.3, de acordo com a fundamentação da Comissão de Avaliação.</p>



Relatório preliminar da CAE  
 Novo ciclo de estudos | Caracterização do pedido  
 Universidade de Aveiro  
 Relatório da CAE - Novo Ciclo de Estudos

<b>1. Instrução do pedido</b>	
1.1. Pedido do órgão legal e estatutariamente competente.	Existe e satisfaz as condições legais
1.2. Deliberações dos órgãos que legal e estatutariamente devem ser auscultados.	Existem e satisfazem completamente as condições legais
1.3. Docente responsável pela coordenação do ciclo de estudos.	Foi indicado e tem o perfil adequado
<b>2. Estrutura curricular e plano de estudos.</b>	
2. Estrutura curricular e plano de estudos.	Existe e satisfaz as condições legais
<b>3. Descrição e fundamentação do ciclo de estudos</b>	
<b>3.1. Dos objectivos do ciclo de estudos</b>	
3.1.1. Foram formulados objectivos para o ciclo de estudos.	Sim
3.1.2. Foram definidas competências a desenvolver pelos estudantes.	Sim
3.1.3. Os objectivos definidos são coerentes com a missão e a estratégia da instituição.	Sim
3.1.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Tal como se afirma, o ensino na área do Design faz parte dos objectivos da Universidade de Aveiro, onde já é assegurado nos ciclos anteriores, possibilitando agora a sua sequência lógica da aquisição de conhecimento e investigação.
3.1.5. Pontos Fortes.	A formação muito dirigida e específica em Design.
3.1.6. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.
<b>3.2. Da adequação ao Projecto Educativo, Científico e Cultural da Instituição</b>	
3.2.1. A instituição definiu um projecto educativo, científico e cultural próprio.	Sim
3.2.2. Os objectivos definidos para o ciclo de estudos são compatíveis com o projecto educativo, científico e cultural da instituição.	Sim
3.2.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os argumentos estão claramente expressos no formulário apresentado pela instituição, correspondendo inequivocamente a uma prática que vem sendo confirmada pela sua experiência no ensino de Design no país, patente nos ciclos anteriores e na investigação desenvolvida e publicada através do seu centro de investigação, bem como de doutoramentos concluídos antes do modelo de Bolonha.
3.2.4. Pontos Fortes.	A experiência já demonstrada, as estruturas existentes e já testadas.
3.2.5. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.

<b>3.3. Da organização do ciclo de estudos</b>	
3.3.1. Os conteúdos programáticos de cada unidade curricular são coerentes com os respectivos objectivos.	Sim
3.3.2. As metodologias de ensino (avaliação incluída) de cada unidade curricular são coerentes com os respectivos objectivos.	Sim
3.3.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Tendo sido definido previamente um conjunto de objectivos muito centrados na capacidade de investigação autónoma, de teorização e conceptualização, é pertinente a prioridade conferida ao apoio metodológico e científico à pesquisa conducente à dissertação, em detrimento de um acréscimo formativo em unidades curriculares com possível maior amplitude de conteúdos, a qual parece ser remetida para o complemento com unidades opcionais, de novo responsabilizadoras de um percurso individual.
3.3.4. Pontos Fortes.	A maleabilidade de conteúdos nas unidades curriculares, com elevada margem para a adaptação ao percurso individual de pesquisa.
3.3.5. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.
<b>4. Recursos docentes</b>	
4.1. O corpo docente cumpre os requisitos legais.	Sim
4.2. Existe um procedimento de avaliação do desempenho do pessoal docente, de forma a garantir a necessária competência científica e pedagógica e a sua actualização.	Sim
4.3. A maioria dos docentes tem ligação estável à instituição por um período superior a três anos. A instituição mostra uma boa dinâmica de formação do seu pessoal docente.	Sim
4.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	<p>O corpo docente é claramente satisfatório, já que, dos 17 docentes listados, 14 detém a graduação exigida e, destes, há 10 cujo doutoramento foi realizado em especialidades de Design, axiais neste curso, o que significa uma percentagem ainda invulgar no país, na área em questão.</p> <p>No entanto, deve observar-se que, nas fichas dos docentes provenientes da Faculdade de Belas Artes do Porto, é indicado, certamente por lapso, um vínculo a 100% a este curso de Aveiro, o que é impossível à face da lei; daí decorre que a relação entre docentes a tempo integral (9) e parcial (8) cumpre à risca o exigido.</p>
4.5. Pontos fortes.	O elevado número de doutorados especificamente em Design, bem como o recurso a especialistas de grande prestígio na área.
4.6. Recomendações de melhoria.	Correcção realista do regime de ligação à instituição nas fichas de docentes da FBAUP.

<b>5. Descrição e fundamentação de outros recursos humanos e materiais</b>	
5.1. O ciclo de estudos dispõe de outros recursos humanos indispensáveis ao seu bom funcionamento.	Sim

5.2. O ciclo de estudos dispõe das instalações físicas (espaços lectivos, bibliotecas, laboratórios, salas de computadores, etc.) necessárias ao cumprimento dos objectivos.	Sim
5.3. O ciclo de estudos dispõe dos equipamentos didácticos e científicos e dos materiais necessários ao cumprimento dos objectivos.	Sim
5.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	A instituição possui um passado e uma experiência indiscutíveis na formação específica em questão, com antecedentes que implicam espaços e recursos que estão identificados e reconhecidos, e a colaboração de docentes da FBAUP vem reforçar este contexto de fiabilidade.
5.5. Pontos fortes.	A experiência reconhecida no sector, acrescida pela colaboração de docentes qualificados da FBAUP.
5.6. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.

<b>6. Actividades de formação e investigação</b>	
6.1. Existe(m) Centro(s) de Investigação reconhecido(s) e com boa avaliação, na área científica do ciclo de estudos.	Sim
6.2. Existem publicações científicas da unidade orgânica, na área predominante do ciclo de estudos, em revistas internacionais com revisão por pares nos últimos três anos.	Sim
6.3. Existem actividades científicas, tecnológicas, culturais e artísticas desenvolvidas na área do ciclo de estudos e integradas em projectos e/ou parcerias nacionais e internacionais.	Sim
6.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	É possível confirmar a dinâmica das actividades de investigação, descritas na existência do centro de investigação sediado na Universidade de Aveiro, e que é já referência nacional na área de Design – o Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, que foi avaliado pela FCT com Muito Bom.
6.5. Pontos fortes.	O dinamismo e experiência específica do Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura, que pode albergar e potenciar a investigação inerente ao curso apresentado de modo muito particular
6.6. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.

<b>7. Actividades de prestação de desenvolvimento profissional de alto nível</b>	
7.1. A oferta destas actividades corresponde às necessidades do mercado e à missão e objectivos da instituição.	Sim
7.2. Estas actividades são propostas a preços determinados de forma transparente e não induzem condições de concorrência desleal.	Em parte
7.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Não há elementos oficiais expressivos do amplo sector envolvido para que possa fazer-se uma apreciação rigorosa a esse nível, devendo fazer-se fé na possibilidade disso se verificar com algum equilíbrio, por boa gestão e inserção da instituição.
7.4. Pontos fortes.	Sem comentários.
7.5. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.

<b>8. Enquadramento na rede do ensino superior público</b>	
8.1. Os estudos apresentados (com base em dados do MTSS) mostram empregabilidade dos formados por este ciclo de estudos.	Em parte
8.2. Os dados de acesso (DGES) mostram o potencial do ciclo de estudos para atrair estudantes.	Sim
8.3. O novo ciclo de estudos será oferecido em colaboração com outras instituições na região de influência da instituição.	Sim
8.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	O curso insere-se numa área científica em que a procura dos estudantes tem ultrapassado de modo confortável a oferta de cursos; já no que se refere à empregabilidade dos futuros doutorados, os dados existentes e a situação do país não permitem quaisquer certezas a esse nível, o que não significa que deva haver uma inibição das actividades de formação e investigação.
8.5. Pontos fortes.	A colaboração entre docentes de duas instituições de referência (Universidade de Aveiro e na leccionação de um curso comum irá possivelmente constituir uma distinção na região do Norte do país.
8.6. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.

<b>9. Enquadramento financeiro de horizonte plurianual</b>	
9.1. O estudo de viabilidade financeira apresentado pela instituição mostra que esta poderá dispor de recursos financeiros que garantem a oferta sustentada do ciclo de estudos com bons padrões de funcionamento.	Em parte
9.2. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	São apresentados valores globais, sem particularizar rendimentos ou despesas específicas deste curso do 3º ciclo, o que é correcto na generalidade por relacionar a gestão financeira dos cursos de vários ciclos que, de facto, partilham recursos. Contudo, ao não serem mais discriminados valores parciais e específicos, perde-se alguma credibilidade do estudo apresentado, principalmente quando há uma aposta tão nítida em docentes qualificados exteriores.
9.3. Existe evidência de que a determinação das unidades de créditos foi feita após consulta aos docentes e estudantes.	Sem comentários.
9.4. Recomendações para melhoria.	Realizar futuramente uma estimativa mais detalhada do horizonte financeiro, calculando despesas efectivamente analíticas relativas ao grau de partilha e especificidade deste curso.
<b>10. Fundamentação do número de ECTS por unidade curricular.</b>	
10.1. A distribuição do número de unidades de crédito atribuídas por unidade curricular está genericamente justificada de forma convincente.	Sim
10.2. Existe evidência de que a determinação das unidades de créditos foi feita após consulta aos docentes e estudantes.	Sim
10.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	São referidos inquéritos e questionários a estudantes e docentes dos cursos mais recentes visando a elaboração de estimativas realistas.
10.4. Pontos fortes.	Sem comentários.
10.5. Recomendações de melhoria.	Sem recomendações.

<b>11. Fundamentação do número total de ECTS e da duração do novo ciclo de estudos</b>	
11.1. A atribuição do número total de unidades de crédito ao ciclo de estudos e a fixação da sua duração estão justificadas de maneira convincente.	Sim
11.2. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Está em conformidade com a generalidade dos programas doutorais europeus.
11.3. Pontos fortes.	Sem comentários.
11.4. Recomendações para melhoria.	Sem recomendações.
<b>12. Comparação com ciclos de estudos de referência no Espaço Europeu</b>	
12.1. O ciclo de estudos tem duração e estrutura semelhantes a ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Em parte
12.2. O ciclo de estudos tem objectivos e confere competências análogas às de outros ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Sim

12.2. O ciclo de estudos tem objectivos e confere competências análogas às de outros ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Sim
12.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Há um espectro lato de diferenças significativas nas estruturas de cursos que podem ser considerados similares no país e na Europa e, nesse contexto, o projecto actual integra-se com saudável equilíbrio entre afinidades e apostas diferenciadoras, compreensíveis, de resto, no nosso meio concreto
12.4. Pontos fortes.	Sem comentários.
12.5. Recomendações para melhoria.	Sem recomendações.
<b>13. Outras informações – períodos de formação em serviço</b>	
13.1. Existem locais de estágio ou formação em serviço.	Não
13.2. Indicação dos recursos próprios da instituição para acompanhar os seus estudantes na formação em serviço.	Não aplicável
13.3. Existem mecanismos para assegurar a qualidade da formação em serviço dos estudantes.	Não aplicável
13.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Não são fornecidos elementos.
13.5. Pontos fortes.	Sem comentários.
13.6. Recomendações para melhoria.	Sem recomendações.
<b>14. Conclusões</b>	
14.1. Recomendação final.	O ciclo de estudos deve ser acreditado
14.2. Fundamentação da recomendação:	São facultadas pela instituição as garantias desejáveis e exigidas por lei para a acreditação preliminar.



Relatório preliminar da CAE  
 Novo ciclo de estudos | Caracterização do pedido  
 Instituto de Artes Visuais Design e Marketing  
 Relatório da CAE - Novo Ciclo de Estudos

<b>1. Instrução do pedido</b>	
1.1. Deliberações dos órgãos que legal e estatutariamente devem ser ouvidos no processo de criação do ciclo de estudos.	Existem e satisfazem completamente as condições legais
1.2. Docente responsável pela coordenação da implementação do ciclo de estudos.	Foi indicado e tem o perfil adequado
<b>2. Condições de acesso e ingresso, estrutura curricular e plano de estudos.</b>	
2.1. Condições de acesso e ingresso.	Existem, são adequadas e cumprem os requisitos legais
2.2. Estrutura Curricular e Plano de Estudos.	Existe e satisfaz as condições legais
2.3. Evidências que fundamentam as classificações de cumprimento assinaladas.	<p>As condições de acesso referem-se a detentores do grau de Mestre em áreas Design e outras áreas artísticas. Está prevista a potencial frequência de disciplinas específicas para candidatos de outras áreas. Sugere-se que esta estratégia seja igualmente adoptada para candidatos das áreas do Marketing e Publicidade.</p> <p>A estrutura e o plano de estudos do curso cumprem com os 180 ECTS exigíveis, divididos no tempo de acordo com os preceitos legais e a área científica de projecto/Design ocupa 82,5% dos ECTS distribuídos ao longo do curso.</p>
<b>3. Descrição e fundamentação do ciclo de estudos</b>	
<b>3.1. Dos objectivos do ciclo de estudos</b>	
3.1.1. Foram formulados objectivos para o ciclo de estudos.	Sim
3.1.2. Foram definidas competências a desenvolver pelos estudantes.	Sim
3.1.3. Os objectivos definidos são coerentes com a missão e a estratégia da instituição.	Sim
3.1.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	<p>O objectivo de formar investigadores para a inovação em formas projectuais de alta complexidade é compaginável com o grau em causa.</p> <p>As competências a desenvolver são as exigíveis, nomeadamente no que diz respeito aos enfoques metodológicos, ao espírito crítico, às capacidades comunicativas e à relação com a avaliação por pares a nível internacional.</p> <p>O IADE é uma escola com larga tradição de oferta formativa na área do Design e este 3º ciclo completa a sua oferta formativa.</p>

3.1.5. Pontos Fortes.	Os pontos fortes correspondem às evidências enumeradas atrás.
3.1.6. Recomendações de melhoria.	Nas competências a desenvolver pelos estudantes seria interessante ver reforçada a ideia de autonomia no âmbito da realização de investigação. Não é clara a abordagem ao Design como "conceito central que aglutina a cultura visual, a publicidade e o marketing como a chave de transformação nas actividades produtivas numa sociedade criativa" (citado do texto). Há contornos metodológicos, projectuais e até éticos que podem afastar o Design das outras disciplinas enumeradas.
<b>3.2. Da adequação ao Projecto Educativo, Científico e Cultural da Instituição</b>	
3.2.1. A instituição definiu um projecto educativo, científico e cultural próprio.	Sim
3.2.2. Os objectivos definidos para o ciclo de estudos são compatíveis com o projecto educativo, científico e cultural da instituição.	Sim
3.2.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	A definição do projecto educativo revela uma interessante integração da multiculturalidade, da herança cultural portuguesa e de valores humanistas e éticos que são cada vez mais pertinentes na contemporaneidade. A relação entre o projecto educativo e o ciclo de estudos está bem objectivada e é coerente.
3.2.4. Pontos Fortes.	Os pontos fortes correspondem às evidências enumeradas atrás. Pode ainda somar-se a referência à concretização da "auto-suficiência em termos profissionais, académicos pela busca do conhecimento e constante actualização através da investigação científica." (retirado da candidatura), que como já se referiu deveria ter sido enunciado na descrição das competências.
3.2.5. Recomendações de melhoria.	NA
<b>3.3. Da organização do ciclo de estudos</b>	
3.3.1. Os conteúdos programáticos de cada unidade curricular são coerentes com os respectivos objectivos.	Sim
3.3.2. As metodologias de ensino (avaliação incluída) de cada unidade curricular são coerentes com os respectivos objectivos.	Sim
3.3.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	O fluxo de tópicos teóricos parece bem correlacionado, numa primeira instância, com o desenvolvimento da preparação de um plano de tese e, posteriormente, com a sua realização. As metodologias são adequadas. A inclusão de uma disciplina de escrita científica em inglês prepara os alunos para uma das centralidades da avaliação realizada através da escrita de artigos para submissão a revistas científicas e/ou a conferências com arbitragem. A avaliação do plano de tese é assegurada por um júri que inclui um elemento exterior à escola.

3.3.4. Pontos Fortes.	A integração dos estudantes nos grupos da Unidade de Investigação que suporta cientificamente este doutoramento, constitui um ponto forte.
3.3.5. Recomendações de melhoria.	O docente responsável pela coordenação do Ciclo de Estudos acumula oito unidades curriculares como docente responsável entre as treze disciplinas do Doutoramento. Recomenda-se que essa responsabilidade seja distribuída por outros docentes do programa doutoral.
<b>4. Recursos docentes</b>	
4.1. O corpo docente cumpre os requisitos legais.	Sim
4.2. Existe um procedimento de avaliação do desempenho do pessoal docente, de forma a garantir a necessária competência científica e pedagógica e a sua actualização.	Sim
4.3. A maioria dos docentes tem ligação estável à instituição por um período superior a três anos. A instituição mostra uma boa dinâmica de formação do seu pessoal docente.	Sim
4.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	<p>A resposta da instituição indica que 52,8% dos docentes estão em tempo integral por um período superior a 3 anos o que cumpre o preceito adoptado para se considerar um corpo docente próprio e estável.</p> <p>Na contabilização feita por análise das fichas curriculares (área do grau/publicações/ensino) pudemos constatar uma distribuição de docentes pelas áreas científicas que em termos de DETI se aproxima aos seguintes valores:</p> <p>Projecto/Design: 9</p> <p>História, Teoria e Crítica: 11</p> <p>Marketing, Publicidade e Gestão: 6,2</p> <p>Até ao momento a avaliação dos docentes é assegurada por um inquérito aos alunos em cada ano lectivo. A actualização é garantida pela participação da maioria dos docentes na UI (UNIDCOM/IADE) que realiza conferências e seminários com nível científico reconhecido.</p>
4.5. Pontos fortes.	A participação da maioria dos docentes numa UI avaliada com Muito Bom por um painel de avaliadores internacionais, convocado pela FCT.
4.6. Recomendações de melhoria.	Incremento de doutorados na área específica de Design, a qual se sabe ainda não dispor de uma grande oferta a este nível.
<b>5. Descrição e fundamentação de outros recursos humanos e materiais</b>	
5.1. O ciclo de estudos dispõe de outros recursos humanos indispensáveis ao seu bom funcionamento.	Sim
5.2. O ciclo de estudos dispõe das instalações físicas (espaços lectivos, bibliotecas, laboratórios, salas de computadores, etc.) necessárias ao cumprimento dos objectivos.	Sim

5.3. O ciclo de estudos dispõe dos equipamentos didácticos e científicos e dos materiais necessários mprimento dos objectivos.	Sim
5.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Os técnicos, os espaços, os equipamentos e a biblioteca parecem adequados ao desenvolvimento deste ciclo de estudos.
5.5. Pontos fortes.	Disponibilidade de oficinas de prototipagem rápida.
5.6. Recomendações de melhoria.	N/A
<b>6. Actividades de formação e investigação</b>	
6.1. Existe(m) Centro(s) de Investigação reconhecido(s) e com boa avaliação, na área científica do ciclo de estudos.	Sim
6.2. Existem publicações científicas da unidade orgânica, na área predominante do ciclo de estudos, em revistas internacionais com revisão por pares nos últimos três anos.	Sim
6.3. Existem actividades científicas, tecnológicas, culturais e artísticas desenvolvidas na área do ciclo de estudos e integradas em projectos e/ou parcerias nacionais e internacionais.	Sim
6.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	A existência da UNIDCOM – UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN E COMUNICAÇÃO, avaliada em 2009 com "Very Good" pela FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do Programa de Financiamento Plurianual de Unidades de I&D, Unidade [0711] - Estudos Artísticos. Foram publicados 18 artigos em revistas internacionais com arbitragem científica o que, nesta área é um número interessante. É referida a participação em projectos de investigação financiados por entidades externas e já foi referida uma actividade profícua de organização de eventos científicos de qualidade assinalável.
6.5. Pontos fortes.	N/A
6.6. Recomendações de melhoria.	N/A
<b>7. Actividades de prestação de desenvolvimento profissional de alto nível</b>	
7.1. A oferta destas actividades corresponde às necessidades do mercado e à missão e objectivos da instituição.	Em parte
7.2. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Disponibilização de cursos de extensão constituídos por quaisquer unidades curriculares. O IADE organiza anualmente uma Semana Internacional, dando também a conhecer os trabalhos dos alunos. Organização de cerca de 60 seminários e workshops, com individualidades de referência. Os alunos participam através da Agência Escola com sucesso em inúmeros concursos.
7.3. Pontos fortes.	N/A
7.4. Recomendações de melhoria.	O nível da prestação de serviços junto dos tecidos económicos e social, nomeadamente junto de empresas e instituições não é referido. Deveria ser reforçada esta vertente.
<b>8. Enquadramento na rede do ensino superior público</b>	

8.1. Os estudos apresentados (com base em dados do MTSS) mostram empregabilidade dos formados por este ciclo de estudos.	Não aplicável
8.2. Os dados de acesso (DGES) mostram o potencial do ciclo de estudos para atrair estudantes.	Não aplicável
8.3. O novo ciclo de estudos será oferecido em colaboração com outras instituições na região de influência da instituição.	Não aplicável
8.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Trata-se de ensino superior privado.
8.5. Pontos fortes.	N/A
8.6. Recomendações de melhoria.	N/A
<b>9. Fundamentação do número total de créditos ECTS do novo ciclo de estudos</b>	
9.1. A atribuição do número total de unidades de crédito e a duração do ciclo de estudos estão justificadas de forma convincente.	Sim
9.2. Existe uma metodologia para o cálculo dos créditos ECTS das unidades curriculares.	Sim
9.3. Existe evidência de que a determinação das unidades de créditos foi feita após consulta aos docentes e estudantes.	Em parte
9.4. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Não é referido a consulta aos alunos de outros ciclos de estudo dentro da mesma área de conhecimento, no entanto a metodologia descrita foi pensada para os vários ciclos.
9.5. Pontos fortes.	N/A
9.6. Recomendações de melhoria.	Consultar os alunos sobre esta matéria.
<b>10. Comparação com ciclos de estudos de referência no Espaço Europeu de Ensino Superior</b>	
10.1. O ciclo de estudos tem duração e estrutura semelhantes a ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Sim
10.2. O ciclo de estudos tem objectivos e confere competências análogas às de outros ciclos de estudos de instituições de referência do Espaço Europeu de Ensino Superior.	Sim
10.3. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	Conhecimento da comissão sobre as estruturas de alguns doutoramentos internacionais.
10.4. Pontos fortes.	Os cursos consultados são de referência em termos internacionais.
10.5. Recomendações de melhoria.	N/A
<b>11. Estágios e períodos de formação em serviço</b>	
11.1. Existem locais de estágio e/ou formação em serviço.	Não aplicável
11.2. São indicados recursos próprios da instituição para acompanhar os seus estudantes no período de estágio e/ou formação em serviço.	Não aplicável
11.3. Existem mecanismos para assegurar a qualidade dos estágios e períodos de formação em serviço dos estudantes.	Não aplicável
11.4. São indicados orientadores cooperantes do estágio ou formação em serviço, em número e qualificações adequadas (para ciclos de estudos de formação de professores).	Não aplicável
11.5. Evidências que fundamentem a classificação de cumprimento assinalada.	N/A

11.6. Pontos fortes.	N/A
11.7. Recomendações de melhoria.	N/A
<b>12. Conclusões</b>	
12.1. Recomendação final.	O ciclo de estudos deve ser acreditado
12.2. Fundamentação da recomendação:	<p>O IADE é uma instituição credível no âmbito do ensino em Design com largos anos de experiência.</p> <p>Este doutoramento está ancorado numa Unidade de Investigação, avaliada com Muito Bom por um painel de avaliadores internacionais, com uma actividade reconhecida ao nível da produção e divulgação científicas.</p> <p>A estrutura e o plano de curso estão bem elaborados e o corpo docente é qualificado e suficiente para o desenvolvimento do curso.</p> <p>Os recursos materiais associados parecem ser suficientes para assegurar um correcto funcionamento deste ciclo de estudos.</p>

ANEXO 9

DOMÍNIO CIENTÍFICO DAS ARTES

Home / Sobre de Cadres / Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

### Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

Nome: \_\_\_\_\_

Título de Tese: \_\_\_\_\_

Domínio Científico: **ARTES**

Ramo: \_\_\_\_\_

Especialidade: \_\_\_\_\_

Doutoramento:

- Portugal
- Estrangeiro
  - Equivalência
  - Instituto Universitário Europeu de Florença
  - Reconhecimento de habilitações
  - Registo do grau de doutor

Ano do Grau em Portugal: \_\_\_\_\_

Estabelecimento: **Portugués**

Unidade Orgânica: \_\_\_\_\_

País Estrangeiro: \_\_\_\_\_

Pesquisar

ANEXO 10

DOMÍNIO CIENTÍFICO DAS ARTES-RESULTADO

Nome	Título da Tese	Domínio Científico	Unidade Orgânica	Ano
ALBERTO DE OLIVEIRA	ARQUITECTURA DA CIDADE, URBTE E FORMA URBANA	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1996
ANGÉLICA DE OLIVEIRA	POUR UNE FORMATION PLURIAUTE EN EXPRESSION DRAMATIQUE CREATION D'UNE PROGRAMME MIXTE DE THEATRE EDUCATION	ARTES		1998
ANTONIO CARLOS MENDES	LA CONSTRUCTION DELLO SPERALE DEGLI INVOLUENTI A FIRENZE	ARTES		1971
ANTONIO DA SILVA	EM PLACA PUBLICA EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE DE ÉVORA	1994
ANTONIO DE OLIVEIRA	VEZINTIG LIEBTAGES EN POR TUISCHISCHER	ARTES	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	1979
ANTONIO DE OLIVEIRA	CONSERVATION OF AN HISTORIC URBAN ESSTRE - A STUDY OF DOWNTOWN HONOLULU LISBON ARTES	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1985
ANTONIO DE OLIVEIRA	POUR L'ANALYSE E CONTRADICTION - TRADITION DESSENTISTA	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1990
ANTONIO DE OLIVEIRA	DRUITE LISBO (1560-1640) - STUDIES ZUM URSIN UND SCHWUPF DES PORTUGIESENEN HOMPHONISIN	ARTES	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	1994
ANTONIO DE OLIVEIRA	ARTE MONASTICA EM LISBOA - SOMBRAS E PERLOKOR - DAS ORIGENS A 1757	ARTES	UNIVERSIDADE DE COIMBRA	1991
ANTONIO DE OLIVEIRA	PROJECTO CLASSICO EM ARQUITECTURA	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1992
ANTONIO DE OLIVEIRA	AL MUSIKAL - ARABISYAN - A LA BLOIR OF URBAN MUSIC IN LISBO (1627-1877)	ARTES	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	1984
ANTONIO DE OLIVEIRA	DRISA IN PORTUGAL IN THE EIGHTEENTH CENTURY (1708 - 1783)	ARTES	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	1988
ANTONIO DE OLIVEIRA	D IN THIR DOMESTIC - REFLEXES SOBRE AS MENTALIDADES DE ESPAÑOL	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1993
ANTONIO DE OLIVEIRA	IBRIAN BOLLEKALIS AND CITY CON'ZR ARBAE - BARCELONA, MADRID AND LISBON IN LATE 19TH AND EARLY 20TH CENTURES	ARTES	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	2008
ANTONIO DE OLIVEIRA	LA FOLKLOKIN TENSILKATA EN LOS ALBORES DEL SIGLO XX - SU INFLUENCIA EN LOS MEJORES FORMAS DE VIVIR Y TRABAJAR - HACIA UNA NUEVA ARQUITECTURA	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1997

472 rows (15 por página) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 ...

ANEXO 11

DOMÍNIO CIENTÍFICO DAS ARTES - RAMO EM DESIGN

Nome: [ ] Título de Tese: [ ]

Domínio Científico: **ARTES**

Ramo: **DESIGN**

Especialidade: [ ]

Doutoramento:  Portugal  Estrangeiro

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Instituto Universitário de Lisboa

Universidade Nova de Lisboa

Registo do grau de doutor

Ano do Grau em Portugal: [ ]

Estabelecimento Português: [ ]

Unidade Orgânica: [ ]

País Estrangeiro: [ ]

Procurar

ANEXO 12

DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - RAMO EM DESIGN - RESULTADO

Nome: [ ] Título de Tese: [ ] Domínio Científico: [ ]

**Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal**

Nome	Título de Tese	Domínio Científico	Unidade Orgânica	Ano de Definição
ALVES, ANA MARIA	PNAP E O MÚLTIPLO: HABILIDADES E CRIAÇÃO ARTÍSTICA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2002
ALVES, ANA MARIA	PARA ALÉM DA VISIBILIDADE E DA MONUMENTALIDADE: IMAGENS FOTOGRÁFICAS NO ESPAÇO PÚBLICO. UM ESTUDO PARA DOIS CASOS: TERREIRO DO PAÇO - LISBOA, TIMES SQUARE - NOVA YORK	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2002
ALVES, ANA MARIA	REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO NA SINALETICA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2002
ALVES, ANA MARIA	FORMAS E EXPRESSÕES DA COMUNICAÇÃO VISUAL EM PORTUGAL - CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA CULTURA VISUAL DO SÉCULO XX - ATRAVÉS DAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	2008
ALVES, ANA MARIA	A EXTRAÇÃO ENLANTO PROCESSO E PENSAMENTO: AUTORIA E INTERPRETAÇÃO	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2010
ALVES, ANA MARIA	O DESIGN DOS JORNAL DIÁRIOS E GENERALISTAS PORTUGUESES	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2009
ALVES, ANA MARIA	DESIGN PARA O FUTURO: O ENCONTRO ENTRE O ARTÍSTICO E A NATUREZA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2009
ALVES, ANA MARIA	SAPORI E OMIEM NO PENSAIMENTO ORBITARIO DO DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2010
ALVES, ANA MARIA	A CULTURA CERÁMICA NO DESIGN DA JORNALIA PORTUGUESA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2010
ALVES, ANA MARIA	O MANUAL ESCOLAR COMO OBJECTO DE DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	2010
ALVES, ANA MARIA	DESIGN MAKING IN THE CONCEPTUAL PHASE OF DESIGN PROCESSES: A DESCRIPTIVE STUDY CONTRIBUTING TO THE STRATEGIC ADEQUACY AND OVERALL QUALITY OF THE DESIGN OUTCOMES	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	2010
ALVES, ANA MARIA	A COR, LIGAZÃO DE CÓDIGO GRÁFICO E MULTIMÉDIA	ARTES	UNIVERSIDADE LISBOA	2010

## ANEXO 13

### DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - ESPECIALIDADE EM DESIGN

Inicio / Bases de Dados / Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

#### Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

Nome

Título de Tese

Domínio Científico: **ARTES**

Nome

Especialidade: **design**

Doutoramento:  Doméstico

Estrangeiro

Equivalência

Instituto Universitário Europeu de Florença

Reconhecimento de habilitações

Registo do grau de doutor

Ano do Grau em Portugal

Estabelecimento Português

Unidade Orgânica

País Estrangeiro

Pesquisar

## ANEXO 14

### DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES E ESPECIALIDADE EM DESIGN\_ RESULTADO

Inicio / Bases de Dados / Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

#### Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

Nome	Título da Tese	Domínio Científico	Estabelecimento	Ano
ALVES, ANDRÉ CARLOS	CONTRIBUÇÕES PARA O ESTILO DA PRÁTICA DO DESIGN INDUSTRIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE 2004 DE LISBOA	2004
ALVES, ANDRÉ CARLOS	TERRITÓRIOS HÍBRIDOS DA CULTURA DO HABITAR	ARTES	UNIVERSIDADE 2004 DE LISBOA	2004
ALVES, ANDRÉ CARLOS	PESQUISAS DO DESIGN EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE 2000 DE LISBOA	2000
ALVES, ANDRÉ CARLOS	DESIGN SÍMBIOTICO: CULTURA PROJETUAL, SISTEMAS BIOLÓGICOS E SISTEMAS TECNOLÓGICOS	ARTES	UNIVERSIDADE 2008 DE LISBOA	2008
ALVES, ANDRÉ CARLOS	ENTREGAS DE DESENHO NO PROJETO DE DESIGN: UM ESTUDO SOBRE O USO DO DESENHO COMO RECURSO INSTRUMENTAL E GRÁFICO AO SERVIÇO DO PENSAMENTO VISUAL DO DESIGNER DE EQUIPAMENTO	ARTES	UNIVERSIDADE 2008 DE LISBOA	2008
ALVES, ANDRÉ CARLOS	O DESENHO DA ESCRITA E A VOZ DA LETRA	ARTES	UNIVERSIDADE 2009 DE LISBOA	2009
ALVES, ANDRÉ CARLOS	DESIGN NA AVALIAÇÃO SUSTENTÁVEL DE RECURSOS DA AGRICULTURA: UMA ANÁLISE DA CADAIA DE VALOR DOS ÓLEOS ESSENCIAIS	ARTES	UNIVERSIDADE 2008 DE LISBOA	2008

7 (das)

ANEXO 15

DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - TÍTULO DA TESE EM DESIGN

Índice / Base de Dados / Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

### Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

Nome

Título da Tese: design

Domínio Científico: ARTES

Ramo

Especialidade

Doutoramento

- Portugal
- Estrangeiro
- Equivalência
- Instituto Universitário Europeu de Florença
- Reconhecimento de habilitações
- Registo do grau de doutor

Ano do Grau em Portugal

Estabelecimento Português: ---

Unidade Orgânica: ---

País Estrangeiro: ---

Pesquisar

ANEXO 16

DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES - TÍTULO DA TESE EM DESIGN\_ RESULTADO

Índice / Base de Dados / Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

### Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

Nome	Título da Tese	Domínio Científico	Estabelecimento	Ano
ALVES, ANA LUÍSA	INTERACTIVITY IN HOUSING DESIGN - AN APPROACH FOR A MOORE	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1993
ALVES, ANA LUÍSA	CONTRIBUÇÕES PARA O ESTUDO DA PRÁTICA DO DESIGN INDUSTRIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	1994
ALVES, ANA LUÍSA	O TIPOGRÁFICO NA CONTEMPORANEIDADE DO DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2006
ALVES, ANA LUÍSA	RECURSOS DO DESIGN EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2008
ALVES, ANA LUÍSA	DESIGN SIMBIÓTICO: CULTURA PROJETUAL, SISTEMAS BIOLÓGICOS E SISTEMAS TECNOLÓGICOS	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2012
ALVES, ANA LUÍSA	ESTRATÉGIAS DE DESIGN NO PROJETO DE DESIGN: UM ESTUDO SOBRE O USO DO DESENHO COMO RECURSO INSTRUMENTAL E CRIATIVO AO SERVIÇO DO PENSAMENTO VISUAL DO DESIGNER DE EQUIPAMENTO	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2014
ALVES, ANA LUÍSA	O DESIGN DOS JORNAL DIÁRIOS E GENEALISTAS PORTUGUESES	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2014
ALVES, ANA LUÍSA	DESIGN PARA O FUTURO: O INCRÍDULO ENTRE O ARTÍFICIO E A NATUREZA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2018
ALVES, ANA LUÍSA	SEMIÓTIKA KODRACKEJ AND THE DEVELOPMENT OF MODERN GRAPHIC DESIGN IN PORTUGAL	ARTES		2018
ALVES, ANA LUÍSA	SAPERE E DEMENS NO PENSAMENTO CRIATIVO DO DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2018
ALVES, ANA LUÍSA	A CULTURA CRIATIVA NO DESIGN DA PORTUGALIA PORTUGUESA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2018
ALVES, ANA LUÍSA	O MANUAL ESCOLAR COMO OBJETO DE DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	2018
ALVES, ANA LUÍSA	DESIGN MAKING IN THE CONCEPTUAL PHASE OF DESIGN PROCESSES: A DESCRIPTIVE STUDY CONTRIBUTING TO THE STRATEGIC ADEQUACY AND OVERALL QUALITY OF THE DESIGN OUTCOMES	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	2022
ALVES, ANA LUÍSA	DESIGN NA VALORIZAÇÃO SUSTENTÁVEL DE RECURSOS DA AGROBIOVERSIDADE: UMA ANÁLISE DA CADENA DE VALOR DOS QUEJÓN E SÊNEGAS	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2023
ALVES, ANA LUÍSA	TRINCA AS ENALÓGUE - A GROUNDING THEORY FOR INTERDISCIPLINARY COLLABORATION	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	2023

ANEXO 17

**DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - RAMO E ESPECIALIDADE EM DESIGN**

Nome

Título de Tese

Domínio Científico

Ramo **design**

Especialidade **design**

Disciplinamento

- Portugal
- Estrangeiro
- Equivalência
- Instituto Universitário Europeu de Florença
- Reconhecimento de habilitação
- Registo do grau de doutor

Ano do Grau em Portugal

Estabelecimento Português

Unidade Orgânica

País Estrangeiro

Procurar

ANEXO 18

**DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - RAMO EM DESIGN**

Nome	Título da tese	Domínio Científico	Unidade Orgânica	Ano
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	PSYCHICISM: THE NECESSARY AND CRUCIAL ASPECTS	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	PARA ALÉM DA VISIBILIDADE E DA MONUMENTALIDADE: IMAGENS FOTOGRAFICAS NO ESPACO PUBLICO - UM ESTUDO PARA DOIS CASOS - TERREIRO DO RAO - LIBRERIA TIMES SQUARE - NOVA IORQUE	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO NA SINALÉTICA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	A EVOLUÇÃO GRÁFICA DAS PRIMEIRAS PAGINAS DOS JORNALIS (COMÉRCIO) DO PORTO: O PRIMEIRO DE JANEIRO E O JORNAL DE NOTÍCIAS ENTRE O INÍCIO DA PUBLICAÇÃO E FINAL DO SÉCULO XX	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO PORTO	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	O CARTAZ EM PORTUGAL: PER - UM ESTUDO EM TRÁFEGO, NON-AUTORES E NO CURSO DE DESIGN DAS BEIRAS ARTES DO PORTO	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO PORTO	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	ESTRATÉGIAS DE DESIGN GRÁFICO PARA A CONSTRUÇÃO DA LEGIBILIDADE NA INICIAÇÃO À LITURIA A CAPTURA MATERIAL DE JESUS DE DEUS: UM CASO PARTICULAR DE PENSAMENTO GRÁFICO	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO PORTO	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	FORMAS E EXPRESSÕES DA FORMATAÇÃO VISUAL EM PORTUGAL - O ENTREVISTADO PARA O ESTUDO DA LECTURA VISUAL DO SÉCULO XX A TRÁVÉS DAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	A ILUSTRACÃO ENQUANTO PROCESSO E PENSAMENTO: AUTORIA E INTERPRETAÇÃO	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	O DESIGN DOS JORNALIS CHABOS E GENERALISTAS PORTUGUESES	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	DESIGN PARA O FUTURO: O DILEMA ENTRE O ANTIQUO E A NATUREZA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	A IMAGEM DOCUMENTAL NA CONSTRUÇÃO DA UMA MEMÓRIA CULTURAL FUTURA	CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DO PORTO	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	SARINEN E DENNIS NO PENSAMENTO CHABOS DO DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	A CULTURA CERÁMICA NO DESIGN EM JORNALISMO PORTUGUESA	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	O MANUAL ESCOLAR COM O OBJETO DE DESIGN	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	DECISION MAKING IN THE CONCEPTUAL PHASE OF DESIGN PROCESSES: A DESCRIPTIVE STUDY CONTRIBUTING TO THE STRATEGIC ACCURACY AND OVERALL QUALITY OF THE DESIGN OUTCOMES	ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	20
ALVES, ANA PAULA DA SILVA	A COLAÇÃO EM FÓRMO GRÁFICO E MULTIMÉDIA - ARTES	UNIVERSIDADE DE AVEIRO	2010	

ANEXO 19

DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - ESPECIALIDADE EM DESIGN

TÍTULO	TÍTULO EM PORTUGUÊS	DEPARTAMENTO	UNIVERSIDADE	ANO
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	ORIENTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE EMPRESAS INDUSTIAIS: APLICAÇÃO AO CASO DO SETOR TÊXTIL E VESTUÁRIO EM REGIÃO DO SUDOESTE	ENGENHARIA	UNIVERSIDADE DOS MATÉRIAS DO MINHO	1996
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	A EXCELÊNCIA NA INDUSTRIA VERTICAL DE MAQUINA PORTUGUESA	ENGENHARIA	UNIVERSIDADE DOS MATÉRIAS DO MINHO	1997
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DA PRÁTICA DO DESIGN INDUSTRIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2004
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	TERRITÓRIOS HÍBRIDOS DA CULTURA DO HABITAR	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2004
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	RELEVÂNCIA DO DESIGN EM PORTUGAL	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2006
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	DESIGN SIMBÓLICO: CULTURA PROJETUAL, SISTEMAS BIOLÓGICOS E SISTEMAS TECNOLÓGICOS	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2008
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	ESTRATÉGIAS DE DESIGN NO PROJETO DE DESIGN: UM ESTUDO SOBRE O USO DO DESIGN (COMO RECURSO INSTRUMENTAL E LINGUAGEM) AO SERVIÇO DO PLANEJAMENTO VISUAL DO DESIGNER DE EQUIPAMENTO	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2014
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	OPTIMIZAÇÃO DO DESIGN TOTAL DE MÁQUINAS MULTIFUNÇÕES PARA UTILIZAÇÃO EM VESTUÁRIO DESPORTIVO	ENGENHARIA	UNIVERSIDADE DOS MATÉRIAS DO MINHO	2004
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	A MARCA CORPORATIVA: PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ESTRUTURA DE IDENTIDADE DA MARCA E SEU IMPACTO NO DESEMPENHO DA EMPRESA	ENGENHARIA	UNIVERSIDADE DOS MATÉRIAS DO MINHO	2014
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	COMUNICAÇÃO INTEGRADA DE COLEÇÕES DE PROJETOS DE MODA	ENGENHARIA	UNIVERSIDADE DOS MATÉRIAS DO MINHO	2008
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	O DESIGN DA ESCRITA E A VOZ DA LETRA	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2004
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	DESIGN DE ESTRUTURAS DE MÁQUINAS MULTIFUNÇÕES - OPTIMIZAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA DE LÍQUIDOS	ENGENHARIA	UNIVERSIDADE DOS MATÉRIAS DO MINHO	2006
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	DESIGN NA FALSOLOGIA: SUSTENTABILIDADE, RECURSOS DA AGRICULTURA BASEADA EM ANÁLISE DA TAMBORA DE VALORES DOS ÓLEOS ESSENCIAIS	ARTES	UNIVERSIDADE DE LISBOA	2014

ANEXO 20

DOMÍNIO CIENTÍFICO, NÃO ESTABELECIDO - TÍTULO EM DESIGN

TÍTULO	TÍTULO EM PORTUGUÊS	DEPARTAMENTO	UNIVERSIDADE	ANO
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	THE DESIGN OF A FUZZY LOGIC SYSTEM FOR CONTROL OF AN UNMANNED AIRCRAFT	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE DE ALGARVE	1996
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	THE DESIGN AND PERFORMANCE OF A MODULAR CNC SYSTEM	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE DE LISBOA	1976
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	INFORMATION AND INDUSTRIAL MODERNIZATION DESIGN FOR INFORMATION SYSTEMS IN THE ELECTRIC AND ELECTRONIC INDUSTRIES IN PORTUGAL	ECONOMIA E GESTÃO	UNIVERSIDADE DE ALGARVE	1994
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	THE DESIGN OF INCENTIVE SCHEMES IN GAUGE THEORY	ECONOMIA E GESTÃO	UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA	1993
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	THREE DIMENSIONAL DESIGN OF TURBO MACHINERY	ENGENHARIA MECÂNICA	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1987
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	THE INTUITIVE DESIGN SYSTEM: INTERACÇÃO INTERUTIVA COM SISTEMAS CAD 3D	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE DO PORTO	1997
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	INTERACTIVITY IN HOUSING DESIGN - AN APPROACH FOR A MODEL	ARTES	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1992
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	SOCIALLY OPTIMAL DESIGN OF WASTEWATER TREATMENT PLANTS	ENGENHARIA DO AMBIENTE	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	1983
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	CHARACTERIZATION OF MOSS TRANSISTOR MISMATCH FOR ANALOG DESIGN	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE DO ALGARVE	1979
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	DESIGN SENSITIVITY ANALYSIS AND OPTIMIZATION ON NONLINEAR STRUCTURES - A UNIFIED APPROACH	ENGENHARIA MECÂNICA	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1988
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	ANÁLISE DE ALGUNS PROCESSOS DO CICLO DO ADIUTO EM ADEUS PORTUGUESES DESIGNADAMENTE ATRAVÉS DO MARCADOR 134	AGRICULTURA, SILVICULTURA E PESCA	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1946
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	DESIGN AND SIMULATION OF METROPOLITAN AREA NETWORKS	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE DO PORTO	1988
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	SIMULATION MODEL FOR THE DESIGN OF ALLIUMAL CANALS	ENGENHARIA CIVIL	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1961
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	MICRO PROCESSOR - BASED DESIGN OF BIOMEDICAL INSTRUMENTATION: A STUDY OF ITS APPLICATION IN CLINICAL CYSTOMETRY	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA	1982
PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA	A DESIGN ENVIRONMENT FOR SWITCHED CAPACITOR NOISE SHAPING A/D CONVERTERS	ENGENHARIA ELECTROTECNICA, ELECTRONICA E INFORMÁTICA	UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA	1993

155 rows (15 por página) 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

## ANEXO 21

### EXEMPLO DE UMA TESE DE DOMÍNIO CIENTÍFICO, ARTES E RAMO DESIGN

Inicio / Sobre de Dados / Doutoramentos Realizados em Portugal / Resultados

#### Doutoramentos realizados ou reconhecidos em Portugal

Nome	JOSÉ PEDRO BARBOSA CONÇALVES DE BESSA
Sexo	M
Ano de nascimento	1963
País de Nacionalidade	PORTUGAL
Título da Tese	REPRESENTAÇÕES DO MASCULINO E DO FEMININO NA SINALÉTICA
Domínio Científico	ARTES
Ramo	DESIGN
Especialidade	---
Nome do(s) Orientador(es)	MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA LOPES, CHERYL BUCKLEY
Nome do(s) Co-orientador(es)	---
Doutoramento	REALIZADO EM PORTUGAL
Instituição Portuguesa	UNIVERSIDADE DE AVEIRO
Unidade Orgânica	UNIVERSIDADE DE AVEIRO
Ano do Grau em Portugal	2005
Universidade Estrangeira	---
Ano do Grau no Estrangeiro	---
Grau Estrangeiro	---
País Estrangeiro	---
Observações	---



## UNIDADES DE I&amp;D DA FCT | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS

UNIDADES FCT	ÁREA CIENTÍFICA	COORDENADOR CIENTÍFICO	INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	SÍTIO NA INTERNET	INVESTIGADORES	GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007
Artistic Studies Research Centre	Estudos Artísticos	Hugo Martins Gonçalves Ferrão	Faculdade de Belas-Artes - Universidade de Lisboa	<a href="http://www.fba.ul.pt">http://www.fba.ul.pt</a>	Investigadores doutorados: 27 Investigadores doutorados integrados: 20	Artistic Anatomy Volte Face – Contemporary Medal Cyberart New Media Sciences of Art and Heritage «Francisco de Holanda»	Good
Centro de Estudos Arnaldo Araújo (CEAA)	Estudos Artísticos	Maria Helena Teixeira Maia	Escola Superior Artística do Porto	<a href="http://www.esapp.pt">http://www.esapp.pt</a>	Investigadores doutorados: 15 Investigadores doutorados integrados: 9	Theory, Criticism and History of Architecture Theory, Criticism, History and Practices of Contemporary Arte	Good
Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo	Estudos Artísticos	Manuel Pinheiro Fernandes Sá	Faculdade de Arquitectura - Universidade do Porto	<a href="http://sigarra.up.pt/faup/unidades_geral.visualizar?p_unidade=50">http://sigarra.up.pt/faup/unidades_geral.visualizar?p_unidade=50</a>	Investigadores doutorados: 17 Investigadores doutorados integrados: 17	Urbanização Difusa no Noroeste Peninsular Explosão Urbana no Sul da Europa Tipos Arquitectónicos em Portugal As Vias da Água Arquitectura e Modos de Habitar Centre for Spatial Communication and Representation (CCRE)	Very Good
Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista - Professor Caldeira Cabral	Estudos Artísticos	Maria Manuela Cordes Cabêdo Sanches Raposo Magalhães	Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa	<a href="http://www.isa.utl.pt/ceap/">http://www.isa.utl.pt/ceap/</a>	Investigadores doutorados: 12 Investigadores doutorados integrados: 3	Cultural Landscape Planning and Management Urban Eco-Design Environmental Landscape Planning and Management	Very Good

**UNIDADES DE I&D DA FCT | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS**
**(continuação)**

UNIDADES FCT	ÁREA CIENTÍFICA	COORDENADOR CIENTÍFICO	INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	SÍTIO NA INTERNET	INVESTIGADORES	GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007
Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical	Estudos Artísticos	Manuel Pedro Ramalho Ferreira	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa	<a href="http://www.fcs.h.unl.pt/cesem">http://www.fcs.h.unl.pt/cesem</a>	Investigadores doutorados: 34 Investigadores doutorados integrados: 20	Historical Musicology Contemporary Music Philosophy and Psychology of Music	Very Good
Centro de Estudos de Teatro	Estudos Artísticos	Maria João Monteiro Brilhante	Instituição Executante: Fundação da Universidade de Lisboa	<a href="http://www.fl.ul.pt/centros_invest/teatro/pagina/centro-estudos-teatro.htm">http://www.fl.ul.pt/centros_invest/teatro/pagina/centro-estudos-teatro.htm</a>	Investigadores doutorados: 11 Investigadores doutorados integrados: 11	CET	Excellent
Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA)	Estudos Artísticos	Christine Mathilde Thérèse Zurbach	Universidade de Évora	<a href="http://www.cha.uevora.pt/">http://www.cha.uevora.pt/</a>	Investigadores doutorados: 22 Investigadores doutorados integrados: 20	Contributions for the History of theatre in Portugal Architecture Visual Arts Landscape Aesthetics Currents of Luso-Brazilian Art Sources for the Study of the History of Music in Portugal	Very Good
Centro de Investigação em Arquitectura Urbanismo e Design	Estudos Artísticos	Jorge Filipe Ganhão da Cruz Pinto	Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa	<a href="http://www.fau.utl.pt/~ciaud">http://www.fau.utl.pt/~ciaud</a>	Investigadores doutorados: 55 Investigadores doutorados integrados: 29	Núcleo de Investigação em Arquitectura Núcleo de Investigação em Urbanismo Núcleo de Investigação em Design	Excellent
Centro de Investigação em Artes e Comunicação - CIAC	Estudos Artísticos	António Manuel da Costa Guedes Branco	Universidade do Algarve	<a href="https://si-web.ualg.pt/index.php">https://si-web.ualg.pt/index.php</a>	Investigadores doutorados: 16 Investigadores doutorados integrados: 13	Film Studies, Visual Arts and Communication - Sources, Forms of Expression, Techniques Theatre and Performance Studies - Sources, Forms of Expression, Techniques	Excellent

## UNIDADES DE I&D DA FCT | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS

(continuação)

UNIDADES FCT	ÁREA CIENTÍFICA	COORDENADOR CIENTÍFICO	INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	SÍTIO NA INTERNET	INVESTIGADORES	GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007
Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes	Estudos Artísticos	Manuel Joaquim Pinho Moreira de Azevedo	Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa	<a href="http://artes.ucp.pt/citar/">http://artes.ucp.pt/citar/</a>	Investigadores doutorados: 18 Investigadores doutorados integrados: 14	Digital Arts and Musical Creation	Very Good
						Music Studies	
						Theory of arts, conservation and restoration, decorative arts	
						Centro de Investigação em Ciências e Tecnologias das Artes	
Centro de Investigação em Território, Arquitectura e Design	Estudos Artísticos	Alberto Cruz Reaes Pinto	Universidade Lusíada de Lisboa	<a href="http://cidad.ulusiada.pt">http://cidad.ulusiada.pt</a>	Investigadores doutorados: 46 Investigadores doutorados integrados: 31	Tecnologias da Arquitectura	Very Good
						Arquitectura e Urbanismo	
						Território, Cidade e Design	
						Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo	
ID+ (Instituto de Investigação em Design, Media e Cultura)	Estudos Artísticos	Vasco Afonso da Silva Branco	Universidade de Aveiro	<a href="http://idmais.org/">http://idmais.org/</a>	Investigadores doutorados: 24 Investigadores doutorados integrados: 13	id+	Very Good

**UNIDADES DE I&D DA FCT | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS (continuação)**

UNIDADES FCT	ÁREA CIENTÍFICA	COORDENADOR CIENTÍFICO	INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	SÍTIO NA INTERNET	INVESTIGADORES	GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007
Instituto de Etnomusicologia	Estudos Artísticos	Salwa El-Shawan Castelo-Branco	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidad e Nova de Lisboa	<a href="http://www.fcs.h.unl.pt/inet/">http://www.fcs.h.unl.pt/inet/</a>	Investigadores doutorados: 27 Investigadores doutorados integrados: 18	Ethnomusicology and Popular Music Studies/ Etnomusicologia e estudos em música popular Cultural Studies on Western Art Music /Estudos Culturais em Música Erudita Ocidental Ethnocoerology and cultural Studies on Dance/ Etnocoerologia e Estudos Culturais em Dança Creation, Theory and Music Technologies /Criação, Teoria e Tecnologias da Música/ Performance Studies/ Estudos em Performance	Very Good
Instituto de História da Arte	Estudos Artísticos	Manuel Justino Pinheiro Maciel	Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidad e Nova de Lisboa	<a href="http://www.fcs.h.unl.pt/invest/unidade.asp">http://www.fcs.h.unl.pt/invest/unidade.asp</a>	Investigadores doutorados: 26 Investigadores doutorados integrados: 18	Contemporary Art Studies Plastic Arts And Experimentalism Theory And History Of The Architecture In Portugal (19 And 20th Centuries) Monographs About Portuguese Creators Architecture And Visual Arts Museum Studies: Art Museums And Collections	Very Good

**UNIDADES DE I&D DA FCT | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS ARTÍSTICOS**
**(continuação)**

UNIDADES FCT	ÁREA CIENTÍFICA	COORDENADOR CIENTÍFICO	INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	SÍTIO NA INTERNET	INVESTIGADORES	GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007
Unidade de Investigação em Design e Comunicação - UNIDCOM/IADE	Estudos Artísticos	Fernando Antonio de Oliveira Carvalho Rodrigues	Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing	<a href="http://www.iade.pt/default.aspx?SqlPage=content&amp;CpContentId=286004&amp;OrderNr=87113">http://www.iade.pt/default.aspx?SqlPage=content&amp;CpContentId=286004&amp;OrderNr=87113</a>	Investigadores doutorados: 15 Investigadores doutorados integrados: 14	Marketing and Communication	Very Good
						Material Culture and Sciences of Design	
Unidade de Investigação em Música e Musicologia - UnIMeM	Estudos Artísticos	Benôit Gibson	Universidade de Évora	<a href="http://www.ensino.uevora.pt/mus/">http://www.ensino.uevora.pt/mus/</a>	Investigadores doutorados: 16 Investigadores doutorados integrados: 16	PAMM - Portugaliae Antiquae Musicae Monumenta: Edição crítica de repertório do património musical português (Critical editing of repertoire from the Portuguese musical heritage)	Good
						CiTeM - Criação, Interpretação e Teoria da Música Contemporânea (Creation, performance and theory of contemporary music)	
						Materiais para o Ensino Vocacional da Música (Supporting materials for the teaching and learning of music)	
						SiMP - Studies in Music Performance (Estudos em Performance Musical)	
Vidro e Cerâmica para as Artes	Estudos Artísticos	António de Campos Pires de Matos	Fundação da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Universidade Nova de Lisboa	<a href="http://www.pvidro.org/VICARTE.htm">http://www.pvidro.org/VICARTE.htm</a>	Investigadores doutorados: 8 Investigadores doutorados integrados: 6	Glass Science in Art, Conservation and Archaeology	Very Good

## ANEXO 23

UNIDADES DE I&D DA FCT | FICHA DE REGISTO | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS  
ARTÍSTICOS | RESULTADOS DA AVALIAÇÃO 2007

### **CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E DE ESTUDOS EM BELAS- ARTES (CIEBA)- FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**

#### **1. INFORMAÇÕES GERAIS**

<b>1.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A UNIDADE</b>	
<b>NOME DA UNIDADE FCT</b>	ARTISTIC STUDIES RESEARCH CENTRE
<b>ÁREA CIENTÍFICA</b>	ESTUDOS ARTÍSTICOS
<b>COORDENADOR CIENTÍFICO</b>	HUGO MARTINS GONÇALVES FERRÃO
<b>INSTITUIÇÃO EXECUTANTE</b>	FACULDADE DE BELAS-ARTES - UNIVERSIDADE DE LISBOA
<b>SÍTIO NA INTERNET</b>	<a href="http://www.fba.ul.pt">http://www.fba.ul.pt</a>
<b>INVESTIGADORES</b>	INVESTIGADORES DOUTORADOS: 27 INVESTIGADORES DOUTORADOS INTEGRADOS: 20
<b>GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO</b>	ARTISTIC ANATOMY VOLTE FACE – CONTEMPORARY MEDAL CYBERART NEW MEDIA SCIENCES OF ART AND HERITAGE «FRANCISCO DE HOLANDA»
<b>RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007</b>	GOOD

#### **1.2 COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO SOBRE A UNIDADE**

O Centro de Pesquisa de Estudos Artísticos do Instituto de Belas-Artes da Universidade de Lisboa é um caso emblemático para entender a relação entre arte e investigação científica.

De acordo com outras experiências anteriores e avaliações internacionais, o painel pensa que não há nenhuma diferença específica entre a investigação científica (estritamente dizendo) e investigação artística. A investigação artística expressa-se dessa maneira quando

define o quadro de referência teórica e crítica (ao qual o acto artístico também pertence) e quando reflecte acerca do processo do acto, às vezes até mesmo sem ter em consideração os resultados.

As considerações sobre o processo e sobre o motivo pelo qual é permitida uma comparação com a reflexão teórica mais profunda e que permitem iniciar a partir de um resultado específico para generalizar e estabelecer uma relação com o estado da arte a nível internacional. A unidade (que acaba de ser fundada) está numa fase de transição destinada a trabalhar num processo de investigação específica que pode ser aplicada às suas próprias actividades artísticas.

A unidade é composta por 5 grupos: dois deles estão mais próximos da reflexão teórica (Anatomia Artística e Ciências da Arte e Património «Francisco de Holanda»), enquanto as outras estão mais orientadas para a produção artística e aplicada. Além disso, a maior parte da unidade produz resultados que são funcionais para as actividades externas: disseminação de conteúdos multimédia, apoio às actividades médicas, intervenções de museologia, etc

O centro apresenta duas velocidades diferentes que precisam de planeamento, iniciativas estratégicas e metodológicas para tornar homogéneos os trabalhos de investigação e fornecer consistência, visibilidade consistência crítica e originalidade no trabalho realizado. É altamente recomendável definir critérios e fronteiras da investigação artística, referindo-se às áreas internacionais em que esta dimensão tinha sido explorada e codificada (por exemplo em França e nos Estados Unidos, de acordo com os ramos de aplicação). Isto deve ser feito de forma a colocar o grupo de uma forma reconhecível e reconhecida a nível internacional. A abrangência dos conteúdos apresentados à FCT é ampla e genérica e pede um foco mais forte.

Os contactos e as relações internacionais do grupo são bons, mesmo que muitas vezes sejam limitados a países latinos. A maior abertura em contexto internacional para língua inglesa é esperada (também pelas actividades de investigação de alunos de doutoramento). A participação em exposições deve ser definida no contexto de acordo com as reflexões anteriores: como e quanto essa participação pode estar ligada a

considerações teóricas e críticas sobre o acto artístico. A divulgação dos resultados é vasta (mesmo que seja limitada ao contexto nacional) e como consequência, deve ser apoiada para alcançar uma maior difusão a nível internacional.

As iniciativas de publicação e congressos são interessantes e devem ser apoiadas, dando-lhes a maior visibilidade internacional possível.

A Anatomia Artística é uma realidade única no contexto nacional e, consequentemente, deve ser fortemente apoiada. Além disso, também as relações com as realidades que estão fora do mundo artístico devem ser apoiadas, em particular pela medicina e ergonomia. As Ciências da Arte e Património «Francisco de Holanda» são um bom grupo com uma boa liderança, que está activo em particular em museologia e na documentação do património artístico local. As relações mantidas com outras instituições são interessantes e devem ser apoiadas e os resultados do grupo devem ser relatados.

No Novo Grupo Media as considerações sobre muitos produtos do grupo devem ser valorizadas. A experiência do grupo (conseguida no CITEN, patrocinada pela Fundação Gulbenkian) é boa e oferece um potencial interessante. O grupo Cyber Art apresenta-se com linhas de investigação articuladas e nem todas elas estão ligadas ao mesmo tema. É altamente recomendável criar uma base teórica e terminológica, a fim de reorganizar as linhas de investigação e dar mais identidade ao grupo. A Volte Face Medal joga com o tema da Medalha Artística, dando uma atenção especial ao aspecto técnico-executivo, além de focar a inovação tipológica. O tema pode ter a sua própria visibilidade (também a nível internacional) e precisa de um esforço de reflexão a partir de um ponto de vista teórico e crítico e recomenda-se singularizá-lo a fim de proporcionar maior dignidade científica ao próprio objecto.

O grupo é grande e bem motivado. Muitos jovens investigadores estão presentes e estão ocupados com investigações de mestrado e doutoramento. As instalações e equipamentos são os do Instituto de hospedagem. Seria melhor para dar maior visibilidade à unidade utilizar as suas próprias instalações e equipamentos. O objectivo é

reforçar a identidade do grupo e não referir apenas as actividades didácticas dentro do CIEBA.

### 1.3 COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO

#### SOBRE OS GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO

#### ANATOMIA ARTÍSTICA

O grupo de investigação em Anatomia Artística é composto por seis doutorandos e dois não doutorados.

O seu campo de investigação, apesar de antiga tradição académica, é de grande interesse especialmente para se estender à área cultural e áreas de projecto ligadas a diferentes disciplinas. Na verdade, à parte daqueles aspectos estritamente ligados às técnicas de representação, as investigações conduzidas oferecem meios de investigação úteis para ilustração médica, modelagem do corpo humano em contextos médicos, antropometria e estudos ergonómicos. O grupo também tem participado activamente, organizado *workshops* e conferências e editado publicações científicas.

Os aspectos mais técnicos de seus trabalhos estão relacionados com a tradição das ciências cognitivas e da percepção, embora em conexão com a expressão artística para ciências biológicas e guias de aplicações de computadores.

As investigações têm o apoio operacional de outras instituições, entre as quais o Departamento de Anatomia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e do Encontro Português Anual de Ergoftalmologia. Tais colaborações continuam limitadas a uma área nacional, embora tenham resultado no registo de uma patente e num contrato para investigação. No entanto, a partir do ponto de vista geográfico e histórico, este campo de investigação está muito longe e deve merecer um olhar mais vasto com uma análise mais adequada do "estado da arte".

As publicações (apenas duas das quais apareceram em revistas da especialidade) revelam algumas deficiências e são todas de Isabella Ritto, a investigadora principal do grupo.

## CYBERART

O grupo de investigação Ciberarte é composto por oito investigadores doutorados e dez investigadores não doutorados. O alvo parece ser a conjugação entre as artes tradicionais e os mais avançados dispositivos tecnológicos: Hipermedia, Realidade Virtual e Hipertexto.

Iniciado em 2005, o grupo visa a dimensão da "imagotechnic", para ser mais preciso na elaboração de conteúdos artísticos na Cibercultura.

Até agora muitas investigações diversificadas e teses de doutoramento foram concluídas. Algo surpreendente é que quase todos eles dizem respeito a argumentos ligados à história da arte (especialmente Portuguesa) ou a teorias ligadas à arte e artesanato (com referências a desenhos didácticos).

A especificidade das metas de investigação está desfocada e não alinhada na direcção traçada em nome do grupo: os novos meios de comunicação e informação vêm-nos como possíveis novos suportes para a criatividade artística.

Todas as publicações estão sem revisão por especialistas e estão publicadas pelos editores locais, entre eles parece destacar-se a revista on-line em construção "Imago Mundi", mas parece mais uma base de dados que um campo de testes para arte na web (como um exemplo, o site não é dinâmico, evitando interacções).

Com tal campo de investigação, é recomendado focar a atenção no alvo mais directo, a fim de evitar a sensação de direcções autónomas e não sistémicas.

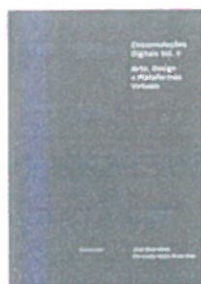
Os temas dos trabalhos deverão ajustar-se à proposta geral da Imago Mundi, ou seja, deverão estar relacionados com a arte em qualquer das suas formas. De particular interesse nesta etapa da revista são: Cibercultura; Ciberespaço; Ciberarte; Hipertexto, Realidade Virtual; Arte Urbana; Pensamento Plástico; Iconografia; Iconologia; e Simbolismo.

<http://areas.fba.ul.pt/imagomundi/revista/normaspublicacao.htm>

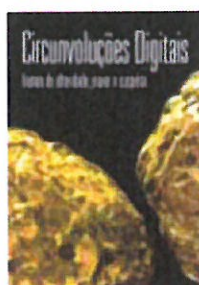
PUBLICAÇÕES | CIBERARTE



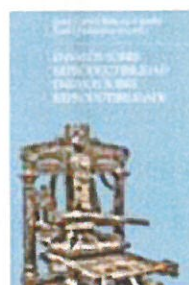
1\_NOVOS ESTATUTOS ONTO LÓGICOS DA IMAGEM\_2011



2\_CIRCUNVOLUÇÕES DIGITAIS VOL. II: ARTE, DESIGN E PLATAFORMAS VIRTUAIS, 2010



3\_CIRCUNVOLUÇÕES DIGITAIS: FORMAS DE ALTERIDADE, PRAZER E SUSPEITA, 2009



4\_ENSAIOS SOBRE REPRODUTIBILIDADE, 2008

NEW MEDIA

Este Grupo revela graves problemas conceituais e metodológicos que implicam obstáculos decisivos face aos objectivos e à gama de preocupações que tem como o seu próprio enunciado no desempenho feito durante a visita ao local, bem como no relatório escrito.

Confrontando as metas e expectativas do Grupo, principalmente dirigidas à constituição de "uma acção articulada de investigação com instituições públicas e privadas, a fim de estabelecer uma rede na qual a possibilidade de trabalho comum de reflexão e produção de bens culturais na área de multimédia seja possível ", é dificilmente concebível como este grupo irá ser bem sucedido na realização da tarefa reivindicada, sobretudo quando atesta que a sua base está, em

termos gerais, profundamente enraizada em áreas bastante atomizadas do conhecimento que estejam presentes" na génese do CIEBA ", como, por exemplo, a Anatomia e Centro de Investigação e Ilustração Científica, O Centro de Investigação em Cyberart, Ciências da Arte e Património – Centro de Investigação Francisco de Holanda, e o Volte-Face - Centro de Investigação da Medalha Contemporânea". Como poderíamos esperar que uma gama tão heterogénea de repertórios caberia numa experiência comum experiência interdisciplinar e transdisciplinar de investigação?

Vale a pena mencionar a impressão vívida pelos investigadores seniores e juniores pertencentes ao Grupo New Media transmitida para este painel, de estar em desacordo com uma divisão no seu horizonte de investigação, uma divisão que projecta em diferentes níveis e antagónicos, de um lado, quadros conceptuais e instrumentos metodológicos de investigação, e, no outro, a possibilidade de processar esses mesmos quadros conceituais e metodológicos por sistemas digitais de produção de conhecimento. Este conflito tende a levar o Grupo como um todo a comportar-se como sub-grupos nómadas, pondo assim em diferentes (e incomunicáveis) campos os investigadores mais interessados em áreas bem consolidadas de conhecimento e aqueles directamente envolvidos com o desenvolvimento da tecnologia de média digital.

Não obstante a constelação de problemas apontados no painel em relação ao Grupo New Media, há méritos individuais e habilidades entre os investigadores que trabalham neste grupo. Desta forma, é recomendável traçar um novo plano de investigação para ser elaborado pelo Grupo, que terá em conta a experiência já recolhida pelas investigações liderada pelo CIEBA desde os seus primeiros tempos até agora, assim como as novas questões levantadas pela cultura contemporânea, com o seu corolário de novos modos de pensar e tornando o conhecimento disponível.

## CIÊNCIAS DA ARTE E PATRIMÓNIO «FRANCISCO DE HOLANDA»

O grupo de investigação de Ciências da Arte e do Património é constituído por nove doutorandos e sete professores investigadores. O grupo construiu um plano de investigação bem construído, como se pode depreender dos objectivos gerais definidos que incluem uma série de actividades multi-facetadas. Na verdade, elas estendem-se desde a organização de cursos universitários (Doutoramento e Tratado de Bolonha), até ao desenvolvimento de investigações, publicações, organização de conferências, colaboração com museus e de intercâmbio cultural e ainda com outros centros internacionais.

A dimensão teórica do grupo estende-se a essas disciplinas humanistas que desenvolveram conexões indirectas com as teorias de arte, tais como psicologia, sociologia e antropologia. Isso é simplesmente a consequência lógica de um sólido e bem focado layout, embora ainda não tenha sido até ao momento plenamente representado nas publicações, apresentado ou previsto numa esfera nacional e tudo feito pelo Investigador Principal. Entre estes a revista "Arte Teoria", destaca-se como um laboratório teórico de um bom nível.

São encontrados relatórios internacionais em conexão com participações do Professor Fernando Pereira em congressos e conferências.

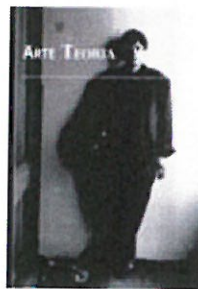
### PUBLICAÇÕES | REVISTA ARTETEORIA

Desde 2000 que o Mestrado em Teorias da Arte publica uma revista, ArteTeoria, dirigida pelo Prof. Catedrático José Fernandes Pereira, com carácter universitário e reflectindo a investigação que os vários colaboradores vão realizando.

A colaboração não se restringe aos alunos do Mestrado nem aos seus docentes mas esteve sempre aberta à colaboração de docentes e alunos de outras instituições universitárias.

Assim podemos registar a colaboração de alunos e docentes da FBAUL, da Faculdade de Arquitectura da U. Técnica de Lisboa, da Faculdade de

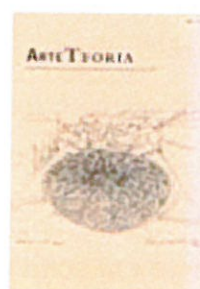
Arquitectura da U. do Porto, da Faculdade de Letras de Lisboa (Departamento de Filosofia), da Faculdade de Ciências Sociais e Humana (Departamento de História da Arte) da U. Nova de Lisboa, da Universidade de Évora, do ISCTE, da Universidade de Roma, do IADE, da Escola Superior de Artes do Porto, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Biblioteca Nacional, do Museu do Chiado, do Museu do Azulejo, além de investigadores não vinculados a qualquer instituição.



ARTE TEORIA 12/13,  
ANO DE 2010



ARTE TEORIA 11,  
ANO DE 2008



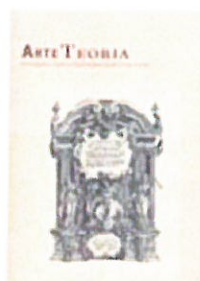
ARTE TEORIA 10,  
ANO DE 2007



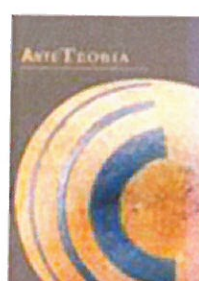
ARTE TEORIA 9, ANO  
DE 2007



ARTE TEORIA 8, ANO  
DE 2006



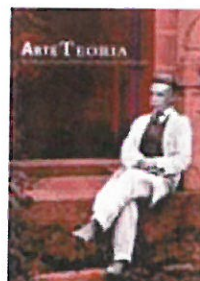
ARTE TEORIA 7, ANO  
DE 2005



ARTE TEORIA 6, ANO  
DE 2005



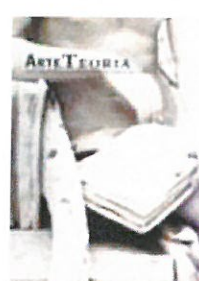
ARTE TEORIA 5, ANO  
DE 2004



ARTE TEORIA 4, ANO  
DE 2003



ARTE TEORIA 3, ANO  
DE 2002



ARTE TEORIA 2, ANO  
DE 2001



ARTE TEORIA 1, ANO  
DE 2000

## PUBLICAÇÕES | AS ARTES VISUAIS E AS OUTRAS ARTES

Os livros de Actas de Ciências da Arte congregam os textos das conferências organizadas anualmente na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa pelo antigo 15º Grupo (Ciências e Teorias da Arte), projecto posteriormente integrado no Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes, secção Ciências da Arte e do Património – Francisco de Holanda. As conferências desenrolam-se em função de um tema previamente definido e a sua relação com diversas modalidades e mundivisões artísticas, convidando especialistas de campos como a estética, a teoria e a história da arte, e ainda das diferentes áreas artísticas. Tendo como centro as artes plásticas, visto ser a partir da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa que se organiza o evento, procura desenvolver em seu torno uma aglutinação de vários campos da arte e da cultura. Este princípio serve o título da colecção a que chamamos *As Artes Visuais e as Outras Artes*.



1-AS PRIMEIRAS VANGUARDAS, VOLUME 1 ANO DE 2007



2-ARTE E NATUREZA, VOLUME 4 ANO DE 2009



3-ARTE E EROS, VOLUME 3 ANO DE 2009



4-ARTE E ABSTRAÇÃO VOLUME 2 ANO DE 2008

## PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO | ESCULTURA CERÂMICA

O projecto de investigação escultura cerâmica está a ser desenvolvido na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e tem por objectivo ser um pólo pluridisciplinar, reunir e sistematizar

informações, dinamizar actividades de divulgação exposição e formação no universo da escultura cerâmica.

Este projecto fundamenta os seus objectivos relativamente à escultura cerâmica no contacto com diversas áreas de conhecimento e campos de acção. Este facto levou a que o seu programa integrasse actividades cujo tema central não passa, em alguns casos estritamente pela escultura e pela cerâmica, mas pelo cruzamento, de temas, matérias ou territórios.

Estes poderão relacionar-se com questões do património, da apropriação de processos industriais, ou questões relacionadas com a experiência do espaço natural, urbano, rural e estruturação do espaço público.

Pretende-se contextualizar a escultura cerâmica em vários universos onde cumpre diferentes funções e incorpora diferentes conceitos.

#### **VOLTE FACE - MEDALHA CONTEMPORÂNEA**

Volte Face – o grupo de investigação Medalha Contemporânea é constituído pelo Investigador Principal (doutorado), mais outro investigador (não doutorado). O campo da investigação mostra a tentativa interessante para dar à produção da medalha (no sentido amplo) uma dimensão artística mais ampla do que a ideia comum de "medalha". É como um microcosmo e dentro dele pode praticar qualquer tipo de escultura ou baixo-relevo, com qualquer técnica e qualquer material.

O grupo de investigação, apesar da sua pequenez, desde há muito tempo participa com os seus relatórios de simpósio internacional em todo o mundo, mesmo todas as publicações pertencendo ao contexto Português. A organização de conferências sobre o tema da medalha parece ser uma actividade muito vital.

O campo de investigação está focado apenas num tema e que carece de ser alvo de estudo à parte para além de desenvolver técnicas de trabalho e soluções, documentos de cobrança biográficos e bibliográficos, princípios de organização e história.

Seria um alargamento desejável do campo de investigação, para a dimensão de "artefacto comunicativo" da medalha, que se refere a um

contexto mais sistémico (como um exemplo para o campo comemorativo ou de atribuição de valor), apoiado por estratégias de comunicação socialmente mais úteis.

#### 1.4 COMENTÁRIOS DA UNIDADE

Sem comentários

## 2. ESTRUTURA E CONSTITUIÇÃO DA UNIDADE

### 2.1 NÚCLEOS DE ESTUDO OU GRUPOS DE INVESTIÇÃO DA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

NUCLEOS DE ESTUDO	RESPONSÁVEL
ARTISTIC ANATOMY	ISABEL MARIA DINIS CORREIA RITTO
VOLTE FACE - CONTEMPORARY MEDAL	RESPONSÁVEL: <i>JOÃO JORGE DUARTE</i>
CYBERART	HUGO MARTINS GONÇALVES FERRÃO
NEW MEDIA	SÍLVIA LAMI TAVARES CHICÓ
SCIENCES OF ART AND HERITAGE «FRANCISCO DE HOLANDA»	MARIA JOÃO ORTIGÃO

**CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITECTURA URBANISMO E  
DESIGN - (CIAUD) - FACULDADE DE ARQUITETURA DA  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA****1. INFORMAÇÕES GERAIS**

<b>1.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A UNIDADE</b>	
NOME DA UNIDADE FCT	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITECTURA URBANISMO E DESIGN - (CIAUD)
ÁREA CIENTÍFICA	ESTUDOS ARTÍSTICOS
COORDENADOR CIENTÍFICO	JORGE FILIPE GANHÃO DA CRUZ PINTO
INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	FACULDADE DE ARQUITECTURA- UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
SÍTIO NA INTERNET	<a href="http://www.fa.utl.pt/~ciaud">http://www.fa.utl.pt/~ciaud</a>
INVESTIGADORES	INVESTIGADORES DOUTORADOS: 55 INVESTIGADORES DOUTORADOS INTEGRADOS: 29
GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITECTURA NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM URBANISMO
RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007	EXCELLENT

**1.2 COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO****SOBRE A UNIDADE**

O CIAUD foi formado em Maio de 2006 com o objetivo de organizar as áreas de investigação que tinham sido realizadas por investigadores e grupos na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. A unidade organizou a investigação em três ramos homogéneos a Arquitetura, o Planeamento Urbano e o Design. O centro era constituído por um Conselho Científico de especialistas internacionais que cooperava com o diretor da unidade para definir as estratégias e políticas de investigação. A definição de métodos para promover a formação de experiências no exterior e a construção de uma rede com realidades semelhantes a nível internacional, eram alguns dos objetivos desta unidade.

A investigação concentrava-se no projeto como um campo de experimentação e aplicação. As considerações sobre o processo podem preparar contribuições teóricas que podem ser generalizadas e difundidas a nível internacional. De acordo com o processo de Bolonha, a integração entre investigação, profissão e didática deve ser estimulada. Tal como para a didática, percebemos o bom nível de envolvimento dos jovens estudantes e alunos que estão a conseguir alcançar o doutoramento. A abordagem da pesquisa é multidisciplinar e é alimentada com contactos, com realidades externas e com as autoridades locais.

Nos diversos grupos existem níveis diferentes de foco sobre as linhas de publicação vinculadas com a investigação. A estratégia da Unidade de Planeamento da Cidade parece ser a melhor estruturada considerando a estratégia das unidades de Arquitectura e Design é "mais suave". Nestes dois coexistem diferentes linhas de pesquisa: é um aspecto compreensível dado que o centro é relativamente jovem. A apresentação das actividades de investigação desenvolvidas é impressionante em número e qualidade. No entanto, seria útil que as linhas de investigação viessem a incidir sobre as características específicas do território, no contexto da Universidade contexto (já que é uma Universidade Técnica), nas linhas mais promissoras de publicação (num nível local e internacional). Isso seria útil tanto para o spin-off científico como para o potencial vinculado ao contexto produtivo e à instituição local.

Também é conveniente que o grupo aumente a quantidade de trabalhos publicados em inglês para abrir para o contexto internacional, não só para os países do Mediterrâneo. As relações científicas e académicas com esta última área são claras e bem estruturadas. Em qualquer caso a produção científica, a produção de publicações (com avaliações próprias), a organização de conferências e congressos mostram a pro-actividade e a excelência do centro e também o seu potencial na disseminação dos resultados.

As facilidades que a Faculdade coloca à disposição do centro são apreciáveis e irão incentivar o desenvolvimento de linhas de

investigação previstas. A procura de outros fundos destinados a instalações e equipamentos está ligada com o planeamento linhas de publicação que serão capazes de aumentar o valor de CIAUD como um centro internacional de excelência nos campos de que ele trata.

### **1.3 COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO**

#### **SOBRE OS GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO**

#### **NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITECTURA**

O grupo de pesquisa focado na Arquitectura dentro do Centro de Investigação em Arquitectura Urbanismo e Design beneficia de uma forte estrutura de trabalho criada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em Maio de 2006 para incentivar a interacção entre as diferentes áreas científicas da Faculdade e apoiar os seus projectos de pesquisa com recursos e gestão geral, desenvolvimento de sinergias que podem contribuir para impulsionar seus resultados. O CIAUD é o resultado de uma estratégia de investigação colectiva estruturado com o objectivo de coordenar a investigação ao nível do corpo docente e promover actividades que possam envolver seus membros junto com outros investigadores estrangeiros em torno de temas e interesses comuns.

Um indicador claro deste esforço colectivo e a forte abordagem internacional desta estratégia de investigação são os Seminários Internacionais sobre Arquitectura e a política de promoção de parcerias com outras universidades, agendados regularmente para supervisão de trabalhos de pós-graduação e desenvolvimento.

O Grupo de Investigação que trabalha em Arquitectura atingiu massa crítica suficiente para realizar as suas pesquisas. Isso é demonstrado pelo número significativo de Teses de Mestrado e de Doutoramento concluídas, pelo seu regime regular e consistente de eventos (seminários e conferências) organizado com uma abordagem multidisciplinar e também pela sua produção em termos de publicações.

Existe uma política clara de publicações com as linhas editoriais implementadas, "Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa" e "Artitextos", e o plano actual para criar um regime de revisão pelos pares deve ser apoiado e encorajado para ser totalmente preenchido. No entanto, também seria aconselhável para tirar proveito dos links com instituições estrangeiras para promover publicações no exterior e ainda usar a língua inglesa como um meio para divulgação internacional.

### **NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN**

O grupo de pesquisa "Núcleo de Investigação em Design" existe desde 2002 e conta com mais de 50 professores de investigação (entre os quais quinze são candidatos a PhD). O seu campo de investigação pode ser agrupado em três grandes áreas: Design de Produto, Design de Comunicação e Design de Moda. A investigação teórica e aplicada é a base para os cursos de Doutoramento e Mestrado, realizados entre 2002 e 2008, foi principalmente centrada na usabilidade eficaz dos produtos, na acessibilidade e no Design Inclusivo. Estes objectivos estão relacionados com a existência de métodos de concepção e orientações, bem como para os seus testes em situações reais de estudo. Para além da atenção colocada sobre o produto, os investigadores estão preocupados com as suas aplicações eficazes para serviços, especialmente em ambientes institucionais. Os resultados são todos de grande interesse e de excelente nível.

O grupo tem produzido consistentes e variadas publicações sobre os diferentes temas mencionados, e muitos deles tiveram uma circulação internacional (jornais, edições proceedings).

A lista de teses de Doutoramento e Mestrado mostram também uma vasta gama de investigação, com uma atenção constante na experimentação e no encontro de questões inovadoras. Este grupo é bastante activo na organização de conferências e tem um contrato para

a investigação. Também mantêm contactos internacionais com importantes instituições europeias.

Os resultados obtidos e o plano para futuras investigações mostram uma gama animada e bem orientada de objectivos a concretizar-se no campo do design, que exigem um forte compromisso científico.

### **NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM URBANISMO**

O Professor João Carlos Vassalo Santos Cabral tem demonstrado por meio de investigações desenvolvidas e em conversa com o painel, a excelente dominação sobre assuntos relativos ao Urbanismo. O grupo vem investigando questões de extrema relevância para o campo num contexto internacional. As questões desta investigação apontadas pelo grupo são colocadas de forma que a produção teórica seja pertinente para um debate internacional e não apenas para o universo de Portugal. Isto significa que o grupo tem um foco em problemas concretos da realidade portuguesa, mas é capaz de teorizar habilmente ao ponto de ampliar o debate para uma contribuição no campo do urbanismo para além das fronteiras europeias. O movimento para a exteriorização da investigação e no futuro para uma possível internacionalização está sendo feito. O Professor João Cabral mantém boas relações teóricas com o Professor Nuno Portas da Universidade do Porto. Se por um lado a exteriorização da investigação depende ainda de movimentos individuais, por outro lado, acredita-se que o grupo é maduro e bastante articulado para progredir em acções internacionais mais eficazes e eficientes. O grupo é servido por uma boa infra-estrutura, principalmente dos laboratórios e das bibliotecas, e as instalações da Universidade, como um todo, são excelentes.

#### 1.4 COMENTÁRIOS DA UNIDADE

A avaliação realizada no CIAUD, produzida pelo comité internacional coordenado pelo Professor Arquitecto Francesco Zurlo, foi de grande precisão na observação e apreciação crítica da actividade científica do CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura Urbanismo e Design). A metodologia e os critérios utilizados na análise e avaliação de todos e cada um dos três grupos de investigação (Arquitectura, Urbanismo e Design), são de objectividade científica e permitem-nos identificar aspectos relevantes e definir novos caminhos construtivos para continuar a desenvolver cada uma destas actividades dos grupos. O CIAUD considera este relatório de grande pertinência e um incentivo essencial para a sua actividade científica, presente e futura.

## 2. ESTRUTURA E CONSTITUIÇÃO DA UNIDADE

2.1 NÚCLEOS DE ESTUDO OU GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO DA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO	
NÚCLEOS DE ESTUDO	RESPONSÁVEL
NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM ARQUITECTURA	RUI BARREIROS DUARTE
NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN	FERNANDO JOSÉ CARNEIRO MOREIRA DA SILVA
NÚCLEO DE INVESTIGAÇÃO EM URBANISMO	JOAO CARLOS VASSALO SANTOS CABRAL

**CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM TERRITÓRIO, ARQUITECTURA E  
DESIGN (CITAD), UNIVERSIDADE LUSÍADA****1. INFORMAÇÕES GERAIS**

<b>1.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A UNIDADE</b>	
NOME DA UNIDADE FCT	CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM TERRITÓRIO, ARQUITECTURA E DESIGN (CITAD),
ÁREA CIENTÍFICA	ESTUDOS ARTÍSTICOS
COORDENADOR CIENTÍFICO	ALBERTO CRUZ REAES PINTO
INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA
SÍTIO NA INTERNET	<a href="http://www.lis.ulusiada.pt/universidade/investigacao/citad/citad/apresentacao.aspx">http://www.lis.ulusiada.pt/universidade/investigacao/citad/citad/apresentacao.aspx</a>
INVESTIGADORES	INVESTIGADORES: 163 INVESTIGADORES DOUTORADOS COLABORADORES: 17 INVESTIGADORES DOUTORADOS INTEGRADOS: 40 MESTRES: 53 LICENCIADOS: 53
GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	TECNOLOGIAS DA ARQUITECTURA ARQUITECTURA E URBANISMO TERRITÓRIO, CIDADE E DESIGN TEORIA, HISTÓRIA E PENSAMENTO INTERDISCIPLINAR
RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007	<i>VERY GOOD</i>

**a. COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO****SOBRE A UNIDADE**

O CITAD foi fundado em 2005 e orienta diferentes linhas de investigação que suportam especialmente a didáctica da Universidade Lusíada de Lisboa. A unidade é composta por quatro grupos que lidam com a arquitectura, design e território. Os grupos de investigação são formados por investigadores de doutoramento e outros investigadores

não exclusivos (alguns deles também trabalham para outras unidades de investigação que tratam de temas semelhantes).

O grupo de arquitectura e planeamento urbano tem uma relação forte com a didáctica e com programas de doutoramento e avalia a eficácia da sua própria investigação de acordo com a qualidade dos resultados obtidos pelos estudantes e alunos de doutoramento. Não existe nenhuma produção teórica destinada a considerar os resultados obtidos e a comparar os resultados gerais às investigações internacionais (sobre os mesmos temas).

O grupo de Arquitectura e Tecnologia é o maior em termos de pessoas e tem linhas de pesquisa diferentes e algumas delas são vinculados à área de sustentabilidade ambiental (pesquisa sobre as características de energia dos edifícios). Nesta área pode tornar-se um ponto de referência para concentrar as actividades de investigação deste grupo e tornar o trabalho realizado reconhecível.

O grupo de Território, Cidade e Design tem áreas de investigação que diferem em objecto de estudo, objectivos e métodos. A impressão é a de que a área é muito vaga, sem um foco específico e com muitas áreas de sobreposição com outros grupos.

O grupo que trabalha com a Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo está focado na arquitectura do ponto de vista teórico, filosófico e ideológico e como expressão da complexidade do pensamento contemporâneo. No formato online nenhuma informação útil para entender o caminho da investigação foi afirmada, mas um programa de medidas claras para iniciativas futuras emerge do site e da visita.

Durante a reunião, saíram algumas linhas relevantes da investigação para a unidade: o tema do comportamento de energia nos edifícios e nos seus componentes (como uma potencial "resposta" para o ramo da indústria); aspectos relacionados com o design inclusivo; o tema da investigação para uma identidade na arquitectura local; as actividades comuns do projecto para complexas intervenções à escala do território. Estes temas que surgiram com força particular estão presentes no interior de cada grupo e muitas vezes reincidentem em muitos grupos. Na

verdade, há alguma sobreposição parcial entre os grupos e um deles (Território, Cidade e Design) poderia resumir sinteticamente as outras actividades e tendências.

Como consequência, a definição de uma estratégia de investigação correcta é altamente recomendável. Esta estratégia deve ser estruturada em dois pontos: unidades dedicadas a temas específicos, que devem ser limitados de forma definitiva; unidades que devem ocupar com os aspectos do método e de ferramentas de investigação. Outro aspecto fundamental muito competitivo no contexto nacional e internacional é o que se deve concentrar nalgumas casas baseado nos aspectos contextualizados em características específicas e competências da instituição educacional e da sua história.

Além disso, notamos uma escassa atenção para publicações em inglês, vista a disseminação dos resultados da investigação realizada e, também, a falta de uma rede com outras instituições de investigação que lidam com os mesmos temas. As instalações (os meios) que a Lusíada coloca à disposição são bons e verificamos que é sua vontade contribuir para a melhoria e visibilidade do CITAD e das suas actividades.

O potencial expresso pelo grupo mostrará um forte caminho de crescimento para a excelência da escola.

#### **b. COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO**

#### **SOBRE OS GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO**

### **ARQUITECTURA E URBANISMO**

A visita aconteceu com todos os grupos de investigação em conjunto, o que facilitou identificar o poder da unidade e a coerência do grupo como um todo. A unidade organiza-se a ela própria e desenvolve investigação em várias frentes no campo da Arquitectura, Urbanismo e Design. A Universidade tem uma boa estrutura física com uma excelente infra-estrutura de laboratórios e bibliotecas, factor que contribui para o progresso da investigação. Relativamente ao grupo, especificamente,

Arquitectura e Urbanismo, apresentou durante o debate com a Comissão, uma consistente e bem baseada argumentação teórica.

O grupo tem pouco tempo de existência, criado em 2005, o que justifica a redução do número de publicações científicas em revistas de relevância no cenário internacional. Um destaque para o recurso da transdisciplinaridade que é um valor para o grupo e foi demonstrado em conversa com os investigadores. Não é só a transdisciplinaridade um valor, mas o processo de internacionalização também é um dos focos em investigação, no sentido de que desejam contribuir para a demonstração da investigação no domínio da arquitectura e urbanismo. O grupo tem procurado cooperar com outras instituições de investigação para reforçar e melhorar o conhecimento na área. É importante salientar que este movimento de construção no campo da investigação com transdisciplinaridade desenvolveu um problema estrutural. O campo de actuação do grupo de investigação é "Arquitectura e Urbanismo". Arquitectura e Urbanismo é a área do conhecimento.

Isso significa que o campo no progresso teórico do grupo não pode ser maior do que a área do conhecimento, correndo um risco de perder o foco da investigação. Reconhece-se que este problema, em parte, pode ter desenvolvido por um arranjo de início nas investigações que se articulam pela afinidade teórica dos investigadores.

Sugere-se uma reorganização das investigações dos grupos de investigação com o fim de ter uma optimização das investigações e não produzir uma dispersão da mesma temática para diferentes grupos de investigação. Enfim, este movimento não compromete a qualidade das pesquisas individuais, mas é fundamental para a consolidação da unidade como um centro de excelência.

## **TECNOLOGIAS DA ARQUITECTURA**

O grupo de investigação tem 6 investigadores PhD e cerca de 50 outros investigadores (dos quais 5 PH.D pertencentes a outras unidades de

investigação). O coordenador é o Professor Alberto Cruz Reaes Pinto, que é também o coordenador de toda a unidade.

No grupo, há diferentes áreas de investigação que correspondem às áreas pessoais dos investigadores. Algumas destas áreas referem-se aos aspectos tradicionais da tecnologia da arquitectura, outras aos âmbitos mais próximos da cultura tecnológica do projecto.

Entre os temas de pesquisa apresentada:

- instituição e a implementação de um banco de dados relativo aos materiais de arquitectura, recolha e organização em um sistema de produção actual.

- tópicos relacionados com arquitectura sustentável: do estudo do comportamento energético dos edifícios (com o desenvolvimento de testes específicos para verificar o desempenho térmico) para pesquisas em ACV (avaliação do ciclo de vida: abordagem não muito difundida em Portugal), para a avaliação do impacto das escolhas tecnológicas específicas com o uso de produtos dedicados de software;

- pesquisas sobre aspectos de usabilidade de edifícios e espaços antropologizados, de acordo com indicações decorrentes da concepção inclusiva e com especial atenção ao tema da cor;

- investigações sobre o impacto das TIC em operatividade da profissão, bem como, na forma da construção e sobre as possibilidades de inclusão/exclusão de usuários em relação aos tipos de serviço: do teletrabalho para ensino à distância;

- uso de ferramentas e métodos de cultura tecnológica do projecto para apoiar os processos de negociação visando a transformação de contextos ambientais especialmente dedicados.

Os temas considerados, como visto anteriormente, são muito vastos e dão uma identidade sombreada ao grupo.

Além disso, alguns dos temas estão presentes, com outras nuances, nas actividades de outros grupos.

Por esta razão é aconselhável para identificar as prioridades de investigação e estabelecer, de acordo com a coordenação geral, um quadro estratégico claro: áreas de interesse, actores envolvidos,

objectivos e resultados desejáveis, com recursos disponíveis e no período de tempo esperado.

A produtividade é boa mas não relevante ao nível internacional e não muito reconhecível em circuitos científicos acreditados (avaliações com o árbitro). Publicações internacionais indicam algumas áreas de interesse: design inclusivo (com o tema da cor), o papel das TIC na profissão e realização dos artefactos arquitectónicos e urbanos e (muito menos) o tema da sustentabilidade aplicado à indústria da construção civil.

Um tema que parece ser importante para os objectivos do grupo, mas que não surge com tal força considerando a produção científica. A impressão decorrente disso está, de facto, ligada, parcialmente, à experiência internacional e aos contactos que algumas das referências dessas unidades tem amadurecido no contexto internacional (principalmente Anglo saxónico).

Portanto, é recomendável uma maior atenção para a dimensão da publicidade e uma exortação à pesquisa nesses contextos científicos, internacional e em contextos de língua inglesa que caracterizam uma grande parte do debate contemporâneo sobre tópicos tratados.

O grupo é composto por muitas pessoas com currículos heterogéneos. Existem profissionais, investigadores, representantes de organismos e instituições locais. Uma política correcta de investigação pode melhorar tal dimensão heterogénea, agregando investigadores em projectos específicos de investigação, melhorando as suas competências. Usando essa rede é útil também estabelecer uma relação mais forte com os contextos institucionais e produtivos. Algumas das pesquisas, na verdade, podem ser funcionais para melhorar o desempenho competitivo dos sectores ligados à indústria da construção civil e para a produção de componentes, bem como planeamento urbano e de restauração.

A ausência de uma estratégia clara de investigação reflecte a vida jovem do grupo, criado em 2005, mas a variedade de competências e as relações a nível nacional e internacional podem favorecer um crescimento rápido. A actividade prepositiva também tem sido notada

durante a apresentação mais focada em aspectos programáticos do que nos resultados obtidos. Para tais aspectos programáticos, como disse, é necessário um esforço adicional para se ser claro e avaliar hierarquias e prioridades. As instalações estão integradas na estrutura de acolhimento. O objectivo recomendável, a curto prazo, está dando uma visibilidade clara em termos de recursos, espaço e equipamentos ao grupo e à unidade em geral.

### **TEORIA, HISTÓRIA E PENSAMENTO INTERDISCIPLINAR CONTEMPORÂNEO -NORTE-VILA NOVA FAMALICAO**

O grupo de pesquisa Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo é formado por onze candidatos de PhD e quinze não-PhD. Este grupo é orientado principalmente para os aspectos teóricos, filosóficos e ideológicos de arquitectura. Em particular, há uma atenção específica à arquitectura militar do pós Renascimento e à arquitectura filantrópica.

O objectivo é criar bancos de dados de consulta e elaboração dos recursos da arquitectura portuguesa em um sentido teórico e prático. Tal plano encontra apoio e cumprimento em publicações e na organização de reuniões internacionais.

Como pode ser obtida a documentação apresentada, seus vastos programas de investigação serão totalmente desenvolvidos nos próximos anos, especialmente no que diz respeito às teorias em torno do espaço arquitectónico ou arquitectura em si, como a expressão do pensamento dos nossos tempos actuais.

Neste momento os papéis do grupo, todos emitidos nos últimos quatro anos, são praticamente restritos a uma circulação nacional e não terão sido publicados em qualquer Jornal pelos pares. Há também uma consistente falta de iniciativas sobre colaborações internacionais, apesar do facto de que este deve ser um dos principais objectos do grupo.

## TERRITÓRIO, CIDADE E DESIGN

Há um grande esforço do grupo para consolidar a investigação em Portugal. Várias vezes, se tem falado sobre a identidade portuguesa e o compromisso da unidade na construção da excelência na investigação em território português. O grupo tem como uma meta para futuros projectos a promoção de parcerias com instituições nacionais e internacionais de investigação.

Isto demonstra, e foi reforçado durante o painel, a necessidade de alargamento e a contribuição do grupo para o reforço da internacionalização, na verdade, da investigação. Esta contribuição não é limitada para as outras unidades de investigação, mas também tem um interesse o alargamento e a actuação em outros fóruns sociais.

Desejo actuar na construção de planos territoriais, planos urbanos, reabilitação de projectos, etc. O grupo está totalmente comprometido com acções relevantes do contexto histórico actual, no sentido de ter como princípios éticos em investigação, temas como design universal e sustentabilidade ambiental.

As construções em outros fóruns internacionais já estão em andamento por acção quer de investigações individuais, quer por seus contactos pessoais, quer por relações constituídas nos seus doutoramentos noutros países. Embora este movimento seja um passo importante para a internacionalização da investigação, é fundamental que o grupo se apresente internacionalmente como um grupo.

Para tanto, é urgente uma reformulação na estruturação organizacional da unidade. Hoje, os grupos organizam-se por afinidades pela investigação e pesquisas no entanto isso causa problemas de corte do objecto de estudo. Por exemplo: o nome do grupo é "Território, Cidade e Design". Nesta terminologia quase todos os estudos da própria unidade cabem nele. A sugestão é para organizar os grupos por temáticas ou por escala ou, ainda, por outro tipo de organização.

Portanto, independentemente da forma como um reorganiza os grupos, é importante a evidência a contribuição parcial e competência

específica de cada grupo para a unidade como um todo. Isso, no entanto, não é um problema sério porque as investigações individuais são consistentes, mas a um médio prazo pode ser motivo de desagregação teórica da unidade.

## 2. ESTRUTURA E CONSTITUIÇÃO DA UNIDADE

<b>2.1 NÚCLEOS DE ESTUDO OU GRUPOS DE INVESTIÇÃO DA UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO</b>	
<b>NÚCLEOS DE ESTUDO</b>	<b>RESPONSÁVEL</b>
TECNOLOGIAS DA ARQUITECTURA	ALBERTO CRUZ REAES PINTO
ARQUITECTURA E URBANISMO	JOAQUIM JOSÉ FERRÃO DE OLIVEIRA BRAZINHA
TERRITÓRIO, CIDADE E DESIGN	MARIA DO NASCIMENTO XAVIER DIOGO
TEORIA, HISTÓRIA E PENSAMENTO INTERDISCIPLINAR CONTEMPORÂNEO	HORÁCIO MANUEL PEREIRA BONIFÁCIO

**UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN E COMUNICAÇÃO -  
UNIDCOM/IADE DO INSTITUTO DE ARTES VISUAIS, DESIGN E  
MARKETING****1. INFORMAÇÕES GERAIS**

<b>1.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A UNIDADE</b>	
NOME DA UNIDADE FCT	UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN E COMUNICAÇÃO - UNIDCOM/IADE
ÁREA CIENTÍFICA	ESTUDOS ARTÍSTICOS
COORDENADOR CIENTÍFICO	FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA CARVALHO RODRIGUES
INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	INSTITUTO DE ARTES VISUAIS, DESIGN E MARKETING
SÍTIO NA INTERNET	<a href="http://www.iade.pt/default.aspx?SqlPage=content&amp;CpContentId=286004&amp;OrderNr=87113">http://www.iade.pt/default.aspx?SqlPage=content&amp;CpContentId=286004&amp;OrderNr=87113</a>
INVESTIGADORES	INVESTIGADORES: 47 INVESTIGADORES DOUTORADOS: 15 INVESTIGADORES DOUTORADOS INTEGRADOS: 14
GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	MARKETING AND COMMUNICATION MATERIAL CULTURE AND SCIENCES OF DESIGN
RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007	VERY GOOD

**a. COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO****SOBRE A UNIDADE**

A unidade de investigação foi fundada em 2000 no IADE, Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing, activa desde 1969.

As actividades de investigação são largas: da história da arte e arquitectura, à história do design, marketing e investigação em design. Diversos métodos e abordagens de investigação vivem juntos: o histórico e crítico histórico, bem como o projecto aplicado aos âmbitos

específicos. Estas diferentes áreas de interesse correspondem às áreas didácticas das escolas hspedesagem.

É compreensível o papel didáctico de continuidade com os âmbitos didácticos, mas o que falta é uma estratégia e uma organização clara do trabalho de investigação, uma identidade do grupo que permita definir de forma unívoca que "procura" de investigação (história e críticos de arte? Ergonomia? Estética? Design de serviços? Só para citar alguns deles) a unidade tem de tratar principalmente.

Em perspectivas futuras, no entanto, uma maior abordagem ao design orientado e seus campos aplicativos estão expressas.

Em especial, o objectivo que define a unidade está conduzindo a investigação na direcção do design e conhecimento cultural para o desenvolvimento. Este é um tema particularmente importante com um potencial spin-off sobre as partes interessadas e as instituições locais, através do reforço da actividade da unidade e a relação com o seu contexto. Além disso, tal foco permite identificar a cultura local e o local precisa de desenvolvimento, dicas e indicações que podem conotar de forma original e circunscrita a abordagem de investigação da unidade. Para este efeito, é recomendável identificar contextos internacionais orientados para analisar os mesmos temas.

O tema, além disso, permite uma relação funcional com actores e instituições locais, activando a unidade não só ao nível da investigação básica (resultados generalizáveis), mas também a nível da investigação aplicada (intervenção directa em contexto) e reflexão sobre resultados específicos obtidos.

O grupo de investigação em marketing e comunicação vai quebrar. O objectivo que se define é tático: concluir uma investigação instituída nos últimos anos. No entanto, é oportuno que o património do conhecimento amadurecido neste âmbito não se disperse. Em particular, os temas de marketing e comunicação podem ser funcionais para o tema de referência (design e conhecimento cultural) ou abertura para temas de design estratégico e de concepção de gestão.

O grupo de Cultura Material e Ciências de Design é muito grande e está activo em diferentes campos de investigação. Ele carece de uma

estratégia clara de investigação e objectivos específicos. É recomendável para identificar as modalidades organizativas e científicas para dar mais coerência ao grupo e suas linhas de investigação (métodos e objectivos em parte já apontados para o futuro).

A unidade implementou significativamente os seus próprios contactos internacionais, favorecendo intercâmbios e colaborações com centros importantes de investigação norte americanos e europeus (em especial para as disciplinas de design). Além disso, criou relações com a associação Cumulus e com o Design Research Society e com especialistas internacionais, que dão crédito às intenções da unidade. O endereço internacional é funcional para os objectivos manifestados.

ORGANIZAÇÃO E PREPARAÇÃO DE:	
a) CONFERÊNCIAS	
	<p><b>DESIGN AND CC: SOS!</b> design and commercial communications: seek optimal synergies</p> <p>ESMP/IADE - Escola Superior de Marketing e Publicidade UNIDCOM/IADE - Unidade de Investigação em Comunicação e Design</p> <p>Lisboa, 1 a 3 Novembro 2007</p>
	<p><b>WONDERGROUND</b> Design Research Society International Conference 2006</p> <p>DRS - Design Research Society ESD/IADE - Escola Superior de Design UNIDCOM/IADE - Unidade de Investigação em Comunicação e Design</p> <p>Lisboa, 1 a 4 Novembro 2006</p>

### **PRIDE AND PREDESIGN**

the cultural heritage and the sciences of design



CUMULUS - European Association of Universities and Colleges of Art, Design and Media  
ESD/IADE - Escola Superior de Design  
UNIDCOM/IADE - Unidade de Investigação em Comunicação e Design

Lisboa, 26 a 29 Maio 2005

### **SENSES AND SENSIBILITY IN TECHNOLOGY**

linking tradition to innovation through design



ESD/IADE - Escola Superior de Design  
UNIDCOM/IADE - Unidade de Investigação em Comunicação e Design

Lisboa, 25 a 26 Setembro 2003

As instalações são relativamente eficazes. No entanto, é evidente que estão conectadas com a sua função didáctica predominante. É importante dar maior visibilidade à unidade através da identificação de instalações dedicadas, áreas e equipamentos (bibliotecas especializadas em particular) principalmente dedicados à actividade de investigação. A unidade tem manifestado a intenção de activar um programa de doutoramento de investigação sobre temas relativos ao conhecimento cultural e design. Muitos investigadores realizam o seu doutoramento e outras actividades de investigação noutros centros. A presença de um doutoramento e a visibilidade de um centro podem melhorar a formação dos investigadores e dos objectivos de coerência e qualidade dos resultados da investigação.

A produtividade internacional está crescendo (em especial na área do design, história da arquitectura e marketing). É oportuno encorajar jovens investigadores para escrever em inglês em revistas com pares internacionais.

Vale a pena ressaltar a iniciativa de uma revista internacional on-line pelos pares cegos. É recomendável uma maior propagação da revisão, um foco em temas específicos de contexto, a possibilidade de envolver mais autores internacionais sobre dados temas.

A unidade tem organizado importantes conferências internacionais de programação.

Tem uma boa capacidade para a captura de recursos públicos e privados para projectos específicos. Alguns destes projectos são particularmente interessantes e com potencial spin-off em termos aplicativos.

a. **COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO**  
**SOBRE OS GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO**

### **MARKETING E COMUNICAÇÃO**

O grupo de investigação dedicado ao marketing e design, está basicamente anexado a um tema de investigação: o Projecto PDCT/GES/70167/2006: termina em Dezembro de 2010, "Entradas de gestão dos relacionamentos da vinculação Business-to-Business com resultados financeiros e objectivos". Por conseguinte, o objectivo está terminando a investigação e a unidade também porque o promotor responsável da unidade, Andrew Lancaster, morreu subitamente no ano passado.

O objectivo da investigação, como o objectivo de unidade (fechando um projecto financiado de investigação), é claro.

A realização de um evento para 2009 é funcional à disseminação dos resultados parciais obtidos.

É desejável que a gestão e o comité consultivo da unidade, para alcançar resultados qualitativos e originais sobre o tema em questão, suportam recursos e motivação.

### **CULTURA MATERIAL E CIÊNCIAS DE DESIGN**

O grupo de investigação é muito grande e é formado por investigadores com diferentes competências disciplinares. O coordenador, Eduardo Alberto Vieira de Meireles Corte Real, tem uma boa preparação e desenvolveu uma boa rede internacional, nomeadamente com outras

realidades científicas e didácticas próximas do design. A direcção do coordenador e a indicação do desenvolvimento indicado nesta área (investigação em design) como o foco estratégico principal e predominante.

Este enfoque é oportuno: o grupo, também pela sua dimensão, tem nele diferentes âmbitos e objectos de investigação (da arquitectura à pintura, do design do produto ao design de comunicação, da ergonomia à estética) e apresenta, além disso, diferentes abordagens da investigação: algumas ligadas aos métodos consolidados (o método de investigação histórica aplicado à arte e arquitectura), outras menos definidas ou de qualquer maneira imputável à concepção da investigação, (que podem estar associados, de modo geral, ao conceito de investigação aplicada).

A recomendação defende precisamente os âmbitos da investigação e as relativas que fazem "UNIDCOM" único e reconhecível em comparação com outros centros de investigação nacionais e internacional. Para este efeito, a sugestão está concentrada nalguns elementos da especificidade local. Em particular, parece útil focar temas relativos a artes (património cultural), cultura material e design.

Design para a melhoria do património cultura, (nas várias expressões apresenta), além de ser tónica de objecto e explorado em diversos âmbitos, é um instrumento útil para o desenvolvimento e a maturação de uma vantagem competitiva para a produção de serviços e bens locais. Este aspecto é relevante também para estar num rico contexto de artes como é Lisboa.

O foco requer uma reorganização do grupo e/ou constituição de outros grupos com identidades específicas, também em relação directa com as áreas didácticas do IADE.

Além disso, diferentes investigadores realizam actividades de investigação noutros contextos (centros de investigação e universidade). Este fenómeno não consente UNIDCOM para assumir autonomia e reconhecimento tanto a nível nacional como internacional. A perspectiva para iniciar um doutoramento de investigação, com foco

em design, pode ser funcional (mesmo que em parte) para resolver este problema na unidade.

Outro problema é relativo à política de investigação. O processo é duplo: por um lado há uma proposta por secção inferior (os investigadores únicos), por outro lado, uma proposta pela parte superior (coordenação). A sugestão é identificar uma estratégia específica de investigação, capaz de dar sentido aos investigadores que decidam entrar na unidade.

Outro aspecto a ser resolvido é a relação entre design de investigação e projecto. Em algumas propostas de projectos profissionais reais foram identificados, mesmo se acompanhados por reflexões de meta-projeto específico. Além disso, este aspecto, à luz do debate internacional, tem de ser bem focado para definir uma direcção capaz de melhorar todos os recursos e a sua especificidade presentes no grupo.

## ANEXO 27

UNIDADES DE I&D DA FCT | FICHA DE REGISTO | ÁREA CIENTÍFICA DE ESTUDOS  
ARTÍSTICOS | RESULTADOS DA AVALIAÇÃO 2007

### ID+ (INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, MEDIA E CULTURA DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

#### 1. INFORMAÇÕES GERAIS

1.1 INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A UNIDADE	
NOME DA UNIDADE FCT	ID+ (INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO EM DESIGN, MEDIA E CULTURA
ÁREA CIENTÍFICA	ESTUDOS ARTÍSTICOS
COORDENADOR CIENTÍFICO	VASCO AFONSO DA SILVA BRANCO
INSTITUIÇÃO EXECUTANTE	UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SÍTIO NA INTERNET	<a href="http://idmais.org/">http://idmais.org/</a>
INVESTIGADORES	INVESTIGADORES: 73 INVESTIGADORES DOUTORADOS: 24 INVESTIGADORES DOUTORADOS INTEGRADOS: 13
GRUPOS DE INVESTIGAÇÃO	ID+
RESULTADO DA AVALIAÇÃO 2007	VERY GOOD

#### a. COMENTÁRIOS DO PAINEL DE AVALIAÇÃO

##### SOBRE A UNIDADE

A unidade de investigação é composta neste momento por apenas um grupo hospedado na Universidade de Aveiro e Universidade do Porto. O grupo é numeroso e agrega investigadores com diversos currículos e conhecimentos. Parece emergir a ideia do grupo como uma rede em território local e internacional para fazer face às procuras específicas de investigação. Um objectivo interessante que tem evidentemente de ser suportado também pela materialidade dos produtos, espaços e iniciativas, a fim de dar consistência ao projecto.

O objectivo do grupo é desenvolver a concepção de investigação em Portugal para sustentar a competitividade da produção local e promover a exportação. As actividades visam sustentar, através de investigação aplicada, o valor simbólico da produção de bens e serviços. A investigação aplicada utiliza diferentes abordagens e contributos: é aconselhável para desenhar uma reflexão teórica adequada que permite inserir tais experiências no debate internacional pela aplicação a casos específicos. A partir da missão do Centro, seria também útil incidir sobre linhas de investigação que permitissem uma melhor definição da identidade da unidade, sua coerência e sua exclusividade/originalidade no panorama nacional e internacional.

Os contactos com realidades internacionais estão activos graças ao trabalho do coordenador geral e do coordenador do grupo. O grupo parece motivado e bem estruturado. A unidade não tem as suas próprias instalações, mas tem comodidades e espaços nas universidades de hospedagem. É aconselhável, no entanto, para dar identidade ao centro também ter comodidades e espaços dedicados.

A investigação aplicada utiliza abordagens e contributos de branding design, design estratégico e design de gestão, bem como do design visando melhorar o património cultural. Tal potencialidade do design aparece numa situação política favorável: desde 2007, o governo português reconheceu o perfil do designer industrial e da FCT e, antes disso, dos cursos de mestrado e doutoramentos em design. No entanto, é aconselhável desenhar uma reflexão teórica adequada que permita inserir tais experiências no debate internacional pela aplicação a casos específicos.

O grupo reúne investigadores de mais âmbitos aplicativos. A tentativa de combinar as linhas de trabalho de vários investigadores é apreciável: seis áreas estratégicas estão na mesma sintonia, a missão da unidade (design como um apoio do território local e abordagem transdisciplinar). Em perspectiva é no entanto desejável que o grupo se divida em áreas mais homogéneas de investigação.

A unidade, apenas na sua composição, pode ser avaliada a partir dos resultados obtidos pelos simples investigadores mais do que avaliar o

seu impacto geral. De facto, contactos com realidades produtivas não estão presentes, nem demonstram a capacidade da unidade para operar através da organização de conferências e eventos. O controlo da coerência do grupo tem de ser verificado, portanto, em novos projectos e na activação das relações com o território e com o contexto científico internacional.

Na situação descrita, é de salientar o crescimento no número de alunos de doutoramento e investigadores.

Na descrição das linhas de investigação, parece emergir uma vocação especial para estudos dos média e algumas novas linhas particulares que têm de ser alimentados e se espalhadas.



